

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

PROFISSÃO PROFESSOR EM COMENIUS

RUBIANA BRASILIO SANTA BÁRBARA

MARINGÁ - PR
2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

PROFISSÃO PROFESSOR EM COMENIUS

Dissertação apresentada por RUBIANA BRASILIO SANTA BÁRBARA, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:
Prof. Dr.: JOÃO LUIZ GASPARIN

MARINGÁ - PR
2010

RUBIANA BRASILIO SANTA BÁRBARA

PROFISSÃO PROFESSOR EM COMENIUS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Luiz Gasparin - UEM

Prof. Dr. Sandino Hoff - TUIUTI - Curitiba-Pr

Prof^a. Dr^a Maria Terezinha Bellanda Galuch - UEM

Maringá, março de 2010.

Dedico este trabalho
aos professores que buscam a perfeição em todos
os tempos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que esteve sempre à frente desta pesquisa, atendendo aos meus pedidos.

Agradeço a todos que contribuíram de diferentes formas para que este trabalho se tornasse possível. Sou imensamente grata à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo indispensável auxílio financeiro para a realização desta pesquisa. De modo particular, agradeço à(s)/ao(s):

- *Professor Doutor João Luiz Gasparin*, por ser o exemplo e modelo de professor, pela dedicada orientação numa fase tão singular como o mestrado. Pela liberdade que propiciou a esta pesquisa, demonstrando sua generosidade e confiança.

- *Professoras Doutoras Maria Terezinha Bellanda Galuch e Nerli Nonato Ribeiro Mori*, exímias profissionais que de maneira tão delicada e séria realizaram preciosas observações e sugestões que contribuíram no exame geral de qualificação.

- *Professor Doutor Sandino Hoff* pelo aceite em participar da Banca Examinadora de Defesa e pela gentileza de ler a pesquisa para a qualificação com toda a atenção, contribuindo significativamente na continuidade deste estudo.

- *Amigas queridas, Amanda Amude e Cíntia Nishimura*, com quem trocava alegrias e angústias nas horas em que o cansaço do trabalho tomava conta. Meu amigo *Alessandro Rocha*, a quem chamo mestre, por me incitar a fazer o mestrado, por me ensinar o caminho e me ajudar a qualquer momento. Minha amiga *Regina*, que rezou por mim. Minha amiga *Eliane Rezende*, pelo seu bom-humor, companheirismo e generosidade.

- *Márcia e Hugo*, da Secretaria do PPE, obrigada por serem tão ágeis, prestativos e simpáticos.

- *Família*: Raquel (avó), Laurinda (tia-avó), Dna. Nércia (bisavó) e Sr. Manoel (bisavô), pois se não fossem vocês, tudo teria sido bem mais difícil.

- *Meu querido esposo*, Eduardo, pessoa amada e querida, por sua paciência, apoio e incentivo.

- *Minhas filhas, Julia e Laura*, amo tanto vocês duas! Digo a vocês que não lhes roubei nenhum tempo, porque quando estudamos é tempo ganho e todo esse trabalho é por nós. Vocês me ensinaram o que é a verdadeira doação. Quero deixar o sentimento de culpa pela minha ausência para bem longe. Por mais sacrifício que tenha sido, quero que saibam que o conhecimento é a verdadeira riqueza. Esse é o maior bem que deixo a vocês duas. Como Comenius afirma, “A educação é a salvação do mundo inteiro”.

- *Minha querida mãe, que amo tanto*, Cida, que na sua simplicidade é o maior exemplo de fortaleza.

Sonhei... no infinito das histórias
Iluminando a memória, me encantei
Brilhou... realidade e fantasia
Como nunca imaginei
Na arte do saber um novo amanhecer
Divina criação, **primeira impressão**
O livro sagrado da vida
Virtude pra eternidade
A leitura estimulando
A mente da humanidade

Eu viajei nessa magia
De alma e coração
Na fonte da sabedoria
Busquei a minha inspiração

Páginas descrevendo pensamentos
Clássicos, ideais e sentimentos
Romances... aventuras
Quanta riqueza na nossa literatura
O faz-de-conta inocente da criança
Ficou guardado na lembrança
Mistérios... suspense... emoção
É o hábito de ler, folheando com prazer
Muita além de uma visão
Mensagens de esperança
Clareando a imaginação

Uma história de amor
Sem ponto final
"Academia do samba" é Salgueiro
No "livro do meu carnaval"

Samba-enredo - Salgueiro 2010

Autor(es): Josemar Manfredini, Brasil do Quintal,
Jassa, Betinho do Ponto e Fernando Magaça
Intérprete: Quinho

SANTA BÁRBARA, Rubiana. PROFISSÃO PROFESSOR EM COMENIUS. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá. Orientador: João Luiz Gasparin. Maringá, 2010.

RESUMO

Essa dissertação tem como objeto de estudo o professor do século XVII nas obras **Didática Magna e Pampaedia** do educador morávio Jan Amos Komenský (Comenius). Por meio de uma pesquisa bibliográfica buscou-se saber que tipo de professor Comenius propunha diante da transição. A nova ciência da natureza, a nova religião, a protestante, e um novo modo de produção, o incipiente capitalismo, foram elementos que repercutiram gradativa e significativamente na educação daquele período. Assim, procurou-se responder à seguinte questão problematizadora levantada para a investigação: Que modelo de professor Comenius apresenta em suas obras - **Didática Magna e Pampaedia** - para o início da Idade Moderna? Frente às mudanças, Comenius propõe um professor que saiba incorporar em sala de aula o que está no mundo, utilizando instrumentos como o manual didático e o método único, o natural. O pedagogo apresenta os princípios na Didática Magna, que são a base para uma perfeita educação. Desses princípios surgem os modelos de professor, em primeiro momento seguindo o exemplo da natureza, em segundo momento imitando a tipografia, símbolo de perfeição, rapidez e uniformidade e, em terceiro momento, o modelo do pandidáscalo, que é a fusão das primeira e segunda fases, que formam o modelo perfeito e universal de professor. Na conclusão da dissertação é destacado que o professor conseguirá atingir a perfeição se seguir as correções que Comenius aponta para cada princípio.

Palavras-chave: Transição para a Idade Moderna. Professor. Método. Manual Didático. Natureza. Tipografia.

SANTA BÁRBARA, Rubiana. TEACHER PROFESSION IN COMENIUS. 173 f. Dissertation (Master's in Education) – Maringá State University. Advisor: João Luiz Gasparin. Maringá, 2010.

ABSTRACT

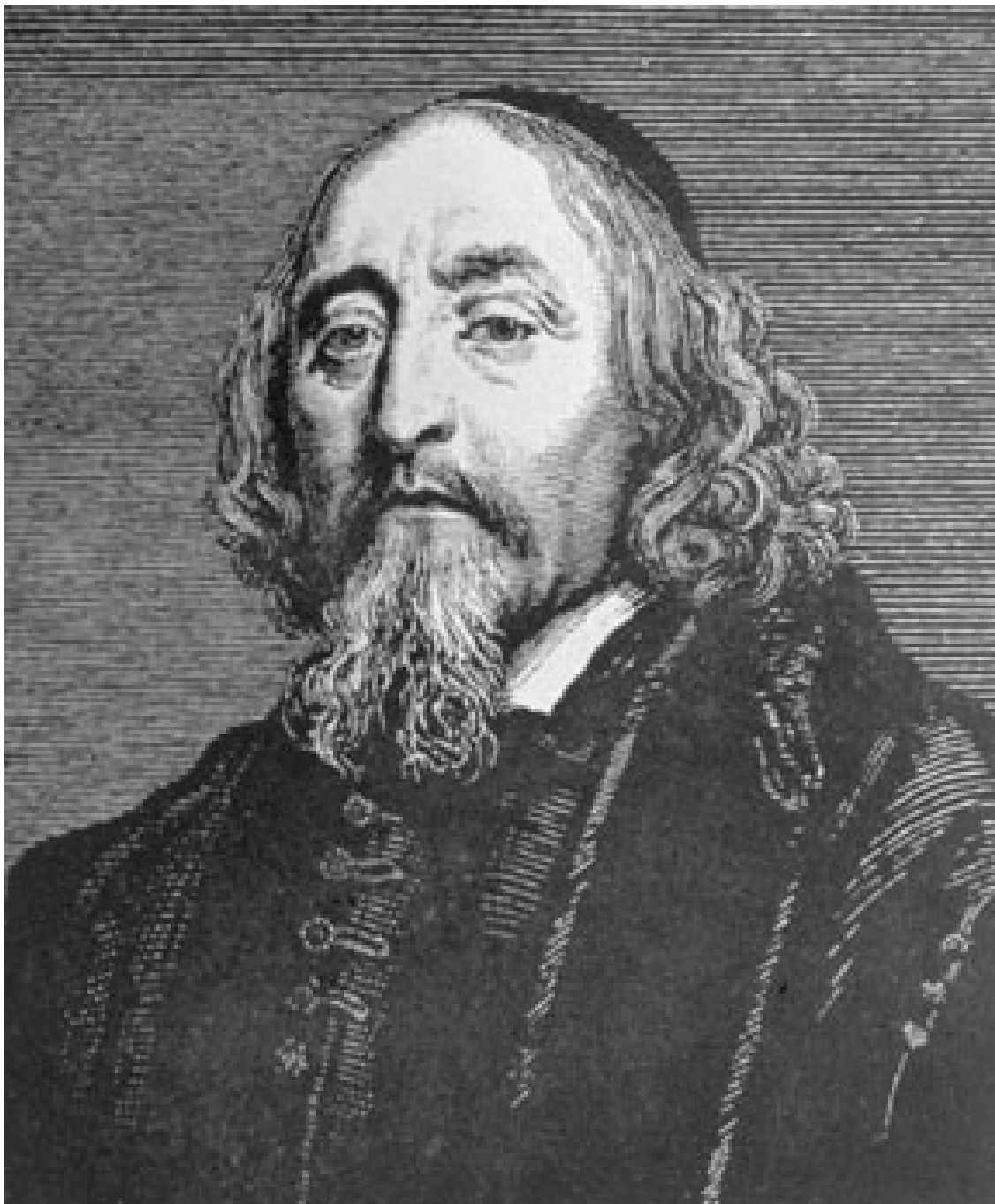
The main goal of this dissertation is to study the teacher of the XVII century based on the works **Magna Didactics** and **Pampaedia** by the Moravian educator Jan Amos Komenský (Comenius). Through a bibliographic research, we aimed to know the type of teacher which was proposed by Comenius in front of the transition. The new nature science, the new religion, protestant, and a new mode of production, the incipient capitalism, were elements that interfered gradually and meaningfully in the education back then. Therefore, we tried to answer the following problematizing question raised for the investigation, that is, What model of teacher does Comenius propose in his works - **Magna Didactics** and **Pampaedia** – for the beginning of the modern age? Given the changes, Comenius propose a teacher who knows how to incorporate in classroom what is in the world, making use of instruments, such as the didactic material and the only method, the natural. The pedagogue presents principles in the Magma Didactics which are the base for a perfect education. The model of teacher arises from these principles, firstly following the nature example, then imitation the typography, symbol of perfection, speed and uniformity, and at last, the pandidascalo model, which is the fusion between the first and second and form the perfect and universal model of teacher. In conclusion, we highlight that the teachers will reach perfection if they follow the corrections made by Comenius for each principle.

Keywords: Transition to Modern Age. Teacher. Method. Didactic Material. Nature. Typography.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Das Justificativas Acadêmicas e Pessoais	13
1.2	Dos Objetivos e da Metodologia	16
2	JAN AMOS KOMENSKÝ - UM OLHAR ATENTO EM SEU TEMPO	19
2.1	A Efervescência do Pensamento	19
2.2	Fé e Ciência	26
2.3	Do Trabalho	37
2.4	Da Transição do Modo de Produção Feudal Para o Capitalista	41
2.5	Indústria Doméstica	43
2.6	Concepção de Tempo e Espaço	45
2.7	A Desordem e a Ordem das Coisas	53
3	A VIDA COMO PROFISSÃO	60
3.1	A Arte Que Imita a Natureza.....	71
4	A ARTE DO MÉTODO E DO MANUAL DIDÁTICO	76
4.1	O Método da Didacografia ou <i>Panmétodo</i>	86
4.2	O Manual Didático	88
5	PRINCÍPIOS EM QUE SE FUNDA A ARTE COMENIANA DE ENSINAR..	92
5.1	Requisitos Gerais Para Ensinar e Aprender	92
5.2	Princípios em Que se Funda a Facilidade de Ensinar e de Aprender	97
5.3	Para Uma Instrução Sólida	101
5.4	Para um Ensino Rápido e Conciso	106
6	O NOVO PROFESSOR: MODELO DE PERFEIÇÃO	111
6.1	Modelos de Professor	111
6.2	Problemas a Serem Enfrentados Pelo Professor	152

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
8	REFERÊNCIAS	171



Jan Amos Komenský (Comenius)

Mensagem

Vãos desejos: os dias passados não voltarão. Nenhum de nós, já entrado em anos, voltará a ser jovem, para poder aprender a levar a vida de modo mais idôneo: só nos resta uma coisa, de uma só coisa somos capazes, que é ajudar nossos pósteros na medida do possível; assim, demonstrando os erros em que nossos preceptores nos lançaram, mostraremos o caminho para evitá-los. E isso poderá ser feito em nome e com orientação do *único que pode enumerar nossos defeitos e corrigir os desvios* (Ecl I, 15) (COMENIUS, 2006, p. 108).

1. INTRODUÇÃO

1.1. Das Justificativas Acadêmicas e Pessoais

O professor, como um personagem eminente no pensamento e nas obras de Comenius, é o tema desta dissertação. O século XVII se caracterizou como um momento histórico de grandes transformações em todos os campos e fazeres humanos. Isso ocorreu também na educação, na instituição escolar e na função do mestre. O fazer docente na visão de Comenius, como fruto das mudanças que estavam ocorrendo na sociedade, é o foco deste trabalho, tendo sempre a prudência como orientadora, pois ela “ é o sol das ações humanas, guia e mestra, medida e regra e norma, início, meio e fim, fundamento e coroa, e, finalmente, tesouro de todas as outras virtudes (COMENIUS, 1971, p. 298).

Não é nossa intenção fazer referência a todas as obras que Comenius produziu, mas apresentar que modelo de professor ele propõe em suas obras pedagógicas fundamentais: *Didática Magna* e *Pampaedia*.

É a partir da nova forma de trabalho que emergia, da nova concepção de ciência, das novas descobertas que Comenius apresentou uma nova educação. O trabalho é um elemento presente em todas as sociedades; e em cada momento tem sua importância que satisfaz às necessidades humanas. Na Idade Média, havia a divisão de atividades: dos servos, do clero e dos nobres. Os servos eram responsáveis por produzir tudo o que a sociedade medieval consumia, como: alimentos, utensílios e armas. O clero estava voltado à teologia e os nobres eram responsáveis pelas guerras.

No Renascimento, o trabalho passou a ter maior importância juntamente com a valorização do homem. Busca-se um novo indivíduo voltado para a autonomia à capacidade de empreender e produzir. Este homem, aos poucos, perde a noção da origem das coisas que produzia, dos instrumentos que utilizava, do todo. O protestantismo corrobora com o comércio como uma possível entrada para o paraíso. Percebemos como tudo se volta ao trabalho em grau e intensidades diferentes do que se via na Idade Média.

Entendemos que o misticismo religioso medieval e a racionalidade científica que permeiam a obra de Comenius são os extremos que convivem lado a lado. Conforme Kulesza (1992, p. 12), é a diferença entre esses dois elementos que fazem com que os intérpretes de Comenius vejam nele ora um continuador do pensamento medieval, ora

alguém que avança para muito além de seu tempo. “Em termos sociopolíticos, não há dúvida de que a obra de Comenius reflete, em muitos momentos, o mundo burguês e as suas formas de ascensão. Mas, em outros, está muito presente a esperança de superação do ideal da burguesia” de uma educação para a promoção do indivíduo.

Frente à divisão do trabalho social ainda incipiente em seu tempo, Comenius afirma a universalidade do trabalho produtivo, seja qual for a esfera da produção. Neste sentido, Comenius não compartilha da falsa consciência disseminada crescentemente pela burguesia, de que a educação seja um instrumento de ascensão social: ele não quer que o camponês vá para a escola para se tornar engenheiro ou médico, mas sim para que se torne um camponês melhor se esta for a sua vocação. Daí o caráter enciclopédico de seu currículo, para que as pessoas possam escolher sua atividade, na qual se aprofundarão sem que, ao mesmo tempo, percam a compreensão das outras (KULESZA, 1992, p. 103).

Suas obras vão além do ideal da burguesia, a educação é a superação que visa regenerar o homem e para isso Comenius chama todo o povo, não somente os jovens, ou somente os filhos das classes mais abastadas, ou somente os homens, ou os dotados de inteligência ávida, mas uma educação para todos. É um basta para uma educação particularizada, individual, o ensino de somente um aluno. O que deve imperar é o coletivo, é o aprender em conjunto, um auxiliando o outro. O ensinar coletivamente emerge do pensamento que permeia o novo modo de produção.

Nas obras estudadas, observamos várias passagens que comprovam esse novo trabalho tomando conta do homem. Comenius entende que deve preparar o homem para que ele seja capaz de ter o conhecimento do todo, de como as coisas são feitas; ele se preocupa com a formação do ser humano.

Se antes o ócio era valorizado como lazer, na passagem da Idade Média para a Moderna o ócio ganha outra conotação, a de produção. Comenius é bem incisivo quanto à produção na escola ao falar de um ensino rápido e conciso, de uma educação voltada para a prática, para que o aluno atue em seu cotidiano, que tudo tenha utilidade, e que até a brincadeira deve ser conduzida para as coisas sérias.

Segundo Kulesza (1992, p. 189), a ideia do trabalho como fonte de riqueza sistematizada pela economia política a partir do século XVIII ainda não é percebida por Comenius. O que ele percebe é que “[...] a preguiça e a ociosidade destroem a vida e as forças do homem, o pecado que Eva cometeu no Paraíso foi pela sua ociosidade. Por isso,

contra a esse mal, temos o remédio que é o suor e o trabalho penoso” (COMENIUS, 1971, p. 70).

A produtividade é medida pelo tempo e este não deixa de ser menos importante no processo educacional que Comenius adota. No trabalho, são utilizadas as horas, os dias e as semanas para aumentar a produtividade. Da mesma forma na educação, Comenius estabelece divisões do tempo organizadamente segundo as idades; para cada etapa uma escola.

A *Didática Magna* apresenta a escola materna, a escola vernácula, a escola latina, a academia. Na *Pampaedia*, Comenius designa escolas para toda a vida: a escola do nascimento, da infância, da puerícia, da adolescência, da juventude, da idade adulta, da velhice e da morte. As atividades escolares também terão a distribuição temporal segundo as horas, os dias, os anos, as estações. Não é permitida a ociosidade. Tudo caminha em prol de uma educação rápida, porém concisa, não superficial.

Ao longo da *Didática Magna* e da *Pampaedia* é possível observar esclarecimentos minuciosos do uso do tempo. O tempo controla a harmonia da educação. A economia do tempo é um elemento fundamental no ordenamento das atuações educacionais. A transmissão do conhecimento será uma atividade com duração definida.

Na condição de pesquisadora e de educadora, justifico esse trabalho pela importância de Comenius ser um clássico da didática, sensível ao momento, e que propõe uma sistematização da educação em função das necessidades de sua época.

Como Kulesza (1992, p. 58) diz: é “como teórico de uma educação para o trabalho que Comenius surge em nossa modernidade”. Portanto, ao professor cabe acompanhar de duas maneiras o novo e ainda incipiente trabalho que surge: primeiro, moldando sua profissão conforme as exigências de um novo sistema e, segundo, formando outros trabalhadores para atender também as expectativas das novas necessidades.

Determinamos, então, ante as preocupações levantadas a respeito da formação do professor, a seguinte questão problematizadora para a investigação: Que modelo de professor Comenius apresenta, em suas obras *Didática Magna* e *Pampaedia*, para o início da Idade Moderna?

Dadas as justificativas pessoais e acadêmicas motivadoras desta pesquisa, cabe agora apresentarmos os objetivos, a metodologia, bem como a forma de apresentação deste trabalho.

1.2. Dos Objetivos e da Metodologia

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre duas obras, *Didatica Magna* e *Pampaedia*, do renomado pensador, pedagogo e reformador social Jan Amos Komenský (1592-1670). Assim, sempre que nos referirmos a este autor, usaremos a forma latina já consagrada de seu nome: Comenius.

O conteúdo objetivado nessa dissertação trata de identificarmos que modelo de professor Comenius propõe no século XVII, época em que a Idade Moderna começa a se expor. Uma nova escola é anunciada por Comenius. Queremos buscar como é esse professor que está diante de novos instrumentos, um novo método, enfim, diante de um ensino universal pelo qual se pretende ensinar Tudo a Todos, Totalmente.

Segundo Comenius (1971, p. 176), para os professores foi dada a incumbência que antes competia somente aos pais: educar seus filhos. Os pais, com a nova situação que o mercado exigia, trabalhavam demasiadamente. O mundo estava num processo acelerado movido pela produção.

Comenius, por meio da obra *Didática Magna*, mostra, entre outras coisas, a responsabilidade dos pais, da escola, do Estado, e os princípios que devem nortear a atitude dos professores. Ele sistematiza como o professor deveria exercer sua profissão; mostra-nos exemplos, fala dos defeitos e apresenta as correções.

A obra *Pampaedia* (Educação Universal) é uma das partes que compõem o livro intitulado *De Rerum Humanarum Emendatione Consultatio Catholica*, composto por outras como: *Panegersia* (*Despertar Universal*), *Panaugia* (*Iluminação Universal*), *Pansofhia* (*Sabedoria Universal*), *Panglottia* (*Língua Universal*), *Panorthosia* (*Reforma Universal*) e *Pannuthesia* (*Exortação Universal*).

Esta obra, a *Pampaedia*, conforme Comenius (1971, p. 12), mostra “[...] a necessidade, a possibilidade e a facilidade de todos os homens serem educados em todas as coisas e totalmente: <<omnes, omnia, omnino>> [...]”. Fala a respeito das escolas universais, dos livros universais e dos professores universais. Apresenta uma educação gradual que respeite as diversas idades.

Uma definição mais precisa para a *Pampaedia*, conforme Comenius (1971, p. 41) “é o caminho aplanado através do qual a luz pansófica se difunde pelas mentes, pelas palavras, e pelas acções dos homens. Ou ainda, é a arte de transplantar a sabedoria nas mentes, nas línguas, nos corações e nas mãos de todos os homens [...]”. Como prática, este

livro traz um capítulo dedicado à profissão e à importância da sua escolha, pois ela deve ser a principal atividade da vida.

Por meio da educação, Comenius quer transformar o estado das coisas humanas. Que o homem seja retamente formado e integralmente educado em todas as coisas que aperfeiçoam a natureza humana. Na *Didática Magna*, Comenius pretende reformar a educação, ao passo que, na *Pampaedia*, pretende, por meio da educação, reformar toda a sociedade humana.

Oferece-nos, na *Pampaedia*, sob a forma de problemas, um autêntico compêndio de metodologia didática, os meios, e os métodos através dos quais o pandidáscalo¹ poderá ensinar a todos todas as coisas totalmente.

Assim, para chegarmos ao que nos propusemos, organizamos nosso trabalho da seguinte maneira: na segunda seção falaremos do momento histórico para situarmos o processo de transição da Idade Média para a Idade Moderna: a fé, a ciência, o trabalho que caminha para o incipiente capitalismo, a concepção de tempo e espaço, a desordem e a ordem das coisas frente à turbulência do momento.

Na terceira seção falaremos do pensamento de Comenius sobre a profissão de modo geral. Ele oferece um capítulo na obra *Pampaedia* sobre a Escola da vida adulta, a respeito da vida como profissão. Posteriormente, trataremos da arte que imita a natureza, para compreendermos os exemplos que o profissional da educação deve seguir.

A quarta seção trata do manual didático e do método. Uma nova designação para a didática é mencionada por Comenius - a didacografia. O novo método deve seguir a elegância, a segurança, a rapidez da arte tipográfica. O manual e o método são instrumentos que tornam possível instruir um maior número de alunos. A criticidade de Comenius em relação à organização, à graduação e ao tempo são constantes em sua obra. O método, o natural, consiste da análise, da síntese e da síncrie.

Na quinta seção apresentaremos os princípios da *Didática Magna*, que apontam os exemplos que o ensino bem como os professores da época deveriam seguir, mas que até o momento não praticavam, cometendo assim as aberrações. São estes princípios que buscamos para compreender o professor de Comenius; eles são a nossa sustentação neste trabalho.

A sexta seção mostrará os modelos de professor que emergem dos três principais modelos: a natureza, a tipografia e o pandidáscalo. Neste momento destacamos as

¹ Professor universal.

correções que os princípios didáticos trazem para as aberrações cometidas pelos professores e pela escola da época e os problemas que os professores devem enfrentar para por em prática as correções apontadas por Comenius.

A sétima seção trata das considerações finais, ressaltando que o professor conseguirá atingir a perfeição se seguir as correções que Comenius aponta para cada princípio.

Conforme Narodowski (2006, p. 21), Comenius, como observador do período, entendeu que as atitudes educativas de sua época eram inadequadas e que “não existia uma metodologia do ensino que levasse em conta o desenvolvimento da Ciência [...]. [...] não existiam livros de texto adequados; não existia, no desenvolvimento dos programas, nada que fosse atraente para as crianças [...]”.

A percepção das necessidades sociais e educacionais daquele momento histórico possibilitou a Comenius escrever as obras *Didática Magna* e *Pampaedia* como uma expressão do novo mundo que estava emergindo e como resposta educacional para as novas gerações.

2. JAN AMOS KOMENSKÝ - UM OLHAR ATENTO A SEU TEMPO

Nosso objetivo, nesta seção, é abordar os aspectos essenciais que compõem a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. O que expomos resulta de estudos de textos: a) do próprio Comenius (1965, 1971, 2006); b) de autores que comentam sua obra e biografia: Gasparin (1992, 1994), Kulesza (1992), Covello (1992), Lopes (2003), Narodowski (2006); c) de textos de autores que auxiliam a compreender o movimento histórico e social do momento: Dobb (1977), Hill (1981), Conte (1984), Green (1984), Lefranc (19--), Woortmann (1997), Le Goff (2005); d) que trata da literatura da época: Rabelais (1961).

A *Didática Magna* e a *Pampaedia* são permeadas pela Religião, pois o fim último é a eternidade. Comenius (2006, p. 43) afirma que “a própria razão nos mostra que uma criatura tão excelsa está destinada a um fim mais excelso que o de todas as outras criaturas: a regozijar-se eternamente na glória e na bem-aventurança mais absoluta junto a Deus, sumidade de todas as perfeições, glórias e bem-aventuranças”.

O período de Comenius está ainda muito ligado à Igreja, a Deus, mas aos poucos daria abertura ao Renascimento, que trazia em seu bojo as ambiguidades, as audácias, os descobrimentos, provocando grandes inquietações. Os Renascentistas estavam focados em negar o passado, o feudal. É como um momento liminar da Era Moderna.

2.1. A Efervescência do Pensamento

Muitas transformações sinalizam o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Todas as capacidades do homem e todos os ramos do saber entram em efervescência com o Renascimento, tanto nas esferas artísticas quanto nas literárias, filosóficas ou científicas. Woortmann (1997, p. 11) expõe que o Renascimento “se inicia em algum momento do século XV e que varia conforme o país e com intensidades diferentes, até se dissolver na modernidade, em outro momento de difícil definição no século XVII, que marca o início de uma profunda transformação na cosmologia ocidental”.

A partir do Renascimento tem-se uma nova humanidade, pois é um período de transição essencial para a ciência moderna quanto aos princípios que governam o mundo, o universo. Dentre os descobrimentos temos os marcos dessa transformação, que são o

descobrimto da América pelo Ocidente e a formulação copernicana da relação entre a Terra e o Sol.

Nesse período de mudança surge a Reforma conduzida por Lutero, que difunde o protestantismo pela Europa. Todo esse movimento de inovações, juntamente com o abalo da Igreja Católica pelo protestantismo, é permeado por dúvidas que perturbam a Europa: “Roma se vê impotente para fazer face às inovações no pensamento” (WOORTMANN, 1997, p. 16).

Segundo Covello (1992, p. 29), a Nação Checa havia se rebelado contra o catolicismo e organizado sua própria igreja com base na doutrina de Huss, isso muito antes da Reforma de Lutero.

Nas bases da Renascença temos o humanismo. Este é composto pelo otimismo, a liberdade, o culto do saber, a imitação dos antigos e o individualismo. Woortmann (1997, p. 16) escreve que “[...] os espíritos abrem-se ao conhecimento humano, ao mesmo tempo que o próprio tempo é humanizado”.

Le Goff (2005, p. 171) escreve sobre o espaço e o tempo da dimensão humana na Idade Medieval. Segundo este autor, o tempo dos homens da Idade Média era imposto por estruturas econômicas e sociais. Ele diz que “a medição do tempo e do espaço é um instrumento de dominação social de excepcional importância”. Obedecia-se ao tempo imposto pelos sinos, trombetas e trompas.

O tempo medieval era o tempo rural, que é um tempo natural, segue o curso da natureza, é caracterizado por paciência, lentidão, imobilismo, resistência à mudança. Media-se o tempo pelo dia e pela noite, pelas estações do ano, entre o frio e o quente, entre a atividade e a ociosidade, entre a vida e a morte. Também existe o tempo senhorial, que é o tempo militar, medido pelo recomeço dos combates e o pagamento das rendas do campo. O tempo religioso é medido pelo ano litúrgico (LE GOFF, 2005, p. 172).

Comenius apresenta, na *Didática Magna*, um dos princípios da natureza, que é aguardar o momento propício, e isso se transfere para a escola, para que o estudo seja disposto conforme a idade dos alunos, pelas horas do dia, pelas estações do ano. Ele apresenta uma escola para cada fase da vida, como a escola da infância, da puerícia, da adolescência, da vida adulta, da velhice e da morte. Explica, por exemplo, que o estudo deve se iniciar pela infância, que é o símbolo da primavera, que as horas matinais são as mais favoráveis aos estudos, porque a manhã corresponde também à primavera, e assim por diante.

Da mesma forma, Le Goff (2005, p. 177) escreve que a dependência dos tempos medievais encontra-se configurada também no mundo dos ofícios. Ele afirma que muitos ofícios tinham ritmo diferente no inverno e no verão. Ele afirma que: “no âmbito da atividade comercial, a navegação mercantil, na qual se viu estar um dos motores da economia medieval, costumava ser interrompida durante o inverno até pelo menos o fim do século 13, quando se difunde o uso da bússola e do leme de cadaste”.

Como exemplo de ofício que segue o ritmo da natureza temos o do jardineiro, que não semeia durante o inverno, nem no verão, mas na primavera “quando o humor começa a difundir-se a partir da raiz e a alimentar as partes mais altas da planta” (COMENIUS, 2006, p. 147).

Le Goff (2005, p. 177) esboça que, ao longo do século XIV, houve a necessidade de determinar com rigor o tempo do trabalho e das operações devido aos “êxitos do movimento urbano, os progressos da burguesia mercantil e dos empregadores”. Assim, um toque de trompa do sentinela marcava o início do dia e em breve um sino do trabalho aparecia nas cidades comerciais. O progresso técnico com base na evolução da ciência “fragmentou o tempo e o deixou descontínuo, permitindo o aparecimento dos relógios do tipo moderno, que mediam o dia em vinte e quatro horas”.

Comenius percebe a mudança que se configura do tempo natural para o tempo social quando divide o dia de 24 horas em oito horas para dormir, oito horas para comer, vestir-se, encontrar os amigos, etc., e outras oito horas para ocupações sérias, no que diz respeito ao estudo e ao trabalho, conforme veremos mais adiante.

O Renascimento cria uma nova visão de vida e permite o desenvolvimento integral do homem no próprio mundo. Gasparin (1992, p. 29) salienta que “o que se sabe é que, à medida que o processo de passagem se concretizava, o homem aumentava sua confiança em si, em suas potencialidades individuais e sociais, contrariamente à anterior confiança plena em Deus, e inaugurava gradativamente uma nova fase de relações entre os homens”.

Comenius (2006, p.14), ainda que preze o desenvolvimento do indivíduo neste mundo para chegar ao fim maior que é a eternidade, compreende esta fase de novos “tempos e costumes” que emergem dos avanços e exigem um novo homem. Ele fala da importância da escola (a escola), citando Cícero: “[...] pois ela diz respeito à salvação comum do gênero humano”. E fala da preocupação com a juventude - “Que dádiva maior e melhor podemos oferecer ao Estado senão educar e cultivar a juventude? Sobretudo em

tempos e costumes tais, nos quais ela avançou tanto que precisa ser freada e controlada a ação de todos: é o que diz Cícero””.

A solução está na forma como a arte das artes formará este homem. Este será o desafio do ensino de Comenius para formar esse indivíduo. Como educar este novo homem que não faz mais relação entre culpa e pecado?

Como formar esse indivíduo que, ao mesmo tempo, precisa estar ligado à fé, mas à ciência também? “[...] O Renascimento encarou a natureza humana como um domínio de possibilidades imensas e sentiu que a religião medieval não dera o devido apreço à liberdade humana e ao destino do homem” (GREEN, 1984, p.27).

A educação nas obras *Didática Magna* e *Pampaedia* valoriza os talentos individuais e busca desenvolver o homem como um ser completo e integrado, com a plena expressão de suas faculdades espirituais, morais e físicas.

Segundo Comenius (1971, p. 204), é preciso aprender muito mais do que aprenderam os antigos. Ele diz:

[...] eles filosofavam em uma só língua, a língua materna; nós temos de aprender muitas. Eles contentaram-se, ou só com a filosofia, ou só com a teologia; diante de nós, Deus abre todos os seus tesouros. Eles tiveram atrás de si poucos séculos, cujas obras deviam conhecer; nós, o curso de todos os séculos, que estão a chegar ao seu fim. Eles puderam gozar geralmente de tempos tranquilos; nós, ao contrário, somos obrigados a viver numa época de tumultuosa actividade.

Diante de tantas coisas que se deve conhecer, experimentar e executar durante toda a sua vida, Comenius exhibe uma aprendizagem a partir dos sentidos. Para além das muitas coisas que devem ser desempenhadas, existem também as variedades de coisas a serem sabidas, e por isso é preciso seguir rapidamente; é o que o novo tempo exige.

Comenius atenta para a necessidade de formar o homem na ciência, na moral e na piedade como preparação para a vida presente, na prática cotidiana com vistas ao fim maior que é a vida eterna.

As produções escritas que permeiam todo o movimento, como a *Didática Magna* e a *Pampaedia*, são verdadeiros manuais de educação. Conforme Comenius (2006, p.3), a *Didática Magna* foi publicada pela primeira vez na *Opera Didactica Omnia* (Amsterdam, 1657). Trata-se da tradução latina, feita por Comenius nos anos de 1632/33-1638, da primitiva *Ceská Didaktika*. Terminou-a em Leszno, de 1628 a 1632, concebendo-a como parte de um conjunto mais vasto de obras, que gostaria de intitular *Ráj Český* (*Paraíso*

boêmio), originalmente concebido como *Ráj Cirkve*, ou seja, *Paradisus Ecclesiae renascentis*. *Ráj Český* deveria compreender uma *Didática geral* e uma *Didática especial*.

Todas as alterações nos temas e títulos de sua coletânea, o retardamento e as hesitações na sua escrita devem ser relacionadas com as variações na situação política, conforme a introdução feita por Marta Fattori:

[...] quando o grande projeto de um *Paraíso da Boêmia e da Igreja*, a ser realizado após a derrota dos absburgos, precisou ser pelo menos momentaneamente abandonado, Comenius decidiu traduzir a *Didática tcheca* para o latim, e, em vista do papel mais amplo que ela viria a assumir, modificou algumas de suas partes, demasiadamente vinculadas à situação política contingente, e deixou de dedicá-la à “nação boêmia”, passando a dedicá-la “a todos os que presidem os assuntos humanos, aos ministros de Estado, aos pastores das Igrejas, aos diretores das escolas, aos pais e aos preceptores dos jovens [...]” (COMENIUS, 2006, p. 4).

Não podemos deixar de mencionar que temos em face de toda essa agitação pensadores que foram precursores do ensino que Comenius prega, como Ratke, Lubin, Helwig, Ritter, Bodin, Glaum, Vogel, Wolfstirn e J. V. Andreae, e foram lembrados na obra *Didática Magna*, e delatam os males tanto das Igrejas quanto dos Estados, bem como das Escolas, aconselhando antídotos “[...] para aqueles e para estas [...]” (COMENIUS, 2006, p.16).

Conforme Covello (1992, p. 21), Comenius tem contato com as ideias pedagógicas de Ratke e Bacon. A obra *O método pedagógico reformado* - Ratke (1571-1635), Comenius lê com entusiasmo devido à instrução sistemática e de observar a necessidade de adequar o método didático à capacidade das crianças. Ratke, por ser poliglota, dava especial atenção ao ensino dos idiomas, propondo métodos novos com o propósito de fornecer aos alunos “um perfeito, bom e fluente conhecimento de qualquer idioma, especialmente o hebraico, o grego e o latim, em menos tempo, que não exceda da metade do que possa ser feito por qualquer outro método comum na Alemanha, e, também, com muito menos sacrifícios”. Tudo para esse influente reformador didático devia ser ensinado sem violência, com base na observação direta e na experiência, adotando-se, em sala de aula, a língua vernácula.

Entrou também em contato com as ideias de Bacon, o maior defensor do método científico e do estudo direto da natureza. Defendia a prática e a observação anteriores às palavras.

Os homens astuciosos - dizia Sir Francis Bacon - condenam os estudos, os simples admiram-nos e os sábios os utilizam, pois não ensinam o uso que eles próprios fazem; mas essa é uma sabedoria independente deles e acima deles, adquirida pela observação. Não leais para contradizer e refutar, nem para crer em tomar por certo, nem para encontrar assunto para conversa e discurso, mas para ponderar e considerar (COVELLO, 1992, p. 21).

Gasparin (1992, p. 11) complementa que “a didática sempre existiu na história dos homens, porque sempre se ensinou e sempre se aprendeu”, porém a arte de ensinar e de aprender foi praticamente ignorada nos séculos passados. “[...] Por isso, no mundo das letras e das escolas sempre se acumularam canseiras e enfado, incertezas e falhas, erros e imperfeições [...]” (COMENIUS, 2006, p. 15).

Em prol da arte de ensinar e de aprender, Comenius (2006, p.13) anuncia a *Didática Magna* para a educação e depois a *Pampaedia* para uma escola universal voltada para a vida em que se deve ensinar tudo a todos, mas não de qualquer maneira, mas de modo certo e fácil.

Para Comenius (1971, p. 50), entre os meios que permitem ao homem alcançar os seus fins, está o próprio homem; este poderá, caso queira, atingir a perfeição, porém deve ser “devidamente informado acerca desses fins”.

Este grande pensador teve seus momentos altos e baixos e nos revela na obra *Didática Magna* que após um pensamento de grande esperança, às vezes se sentia incapaz de realizar uma obra tão imponente. Entretanto, motivado, continuava em busca do intento grandioso de uma empresa grandiosa, desde as suas fundações (COMENIUS, 2006).

Comenius, como teólogo, educador e reformador social, diz chorar as chagas de seu tempo, e entende que deve apresentar os remédios encontrados por ele e por outros, que contribuam para uma nova educação. A *Didática Magna* nasce em resposta a toda efervescência de guerras, religião, transição do modo de produção, primeiramente composta para o povo Boêmio e depois para o mundo “[...] a conselho de homens ilustres, para que, se possível, seja de pública utilidade” (COMENIUS, 2006, p. 17).

Como uma evolução da *Didática Magna*, a qual limitava o período da educação à idade escolar (até aos 24 anos), a obra *Pampaedia* propõe uma educação permanente, em que Comenius pretende reformar toda a sociedade humana, ou seja, defende uma educação contínua. Podemos fazer alusão ao símbolo *Labore et constantia*, que Comenius toma

como um identificador de trabalho contínuo, dando importância à prudência como orientadora do trabalho e da assiduidade (COMENIUS, 1971, p. 19).

Comenius (2006, p. 45) escreve: “Quem aplicar o espírito ao estudo da sabedoria nunca encontrará o fim: quanto mais souber, tanto mais compreenderá que falta muito por saber. Por isso, bem disse Salomão: *os olhos não se fartam de ver nem os ouvidos de ouvir* (Ecl I, 8).

Da mesma forma, Woortmann (1997, p. 35) se utiliza da fala de Nicolau de Cusa, em sua obra *Sobre a douta ignorância*, expressando a impossibilidade do homem alcançar a verdade: “*Quanto mais sábio se torna o homem, mais ele saberá que é ignorante*”. E complementa com a informação de que há a necessidade da comprovação pela ciência além das aparências, das hipóteses, das suposições. Embora utilizando a noção medieval de “hipóteses”, a partir desse princípio ele constrói uma “metafísica da ciência” não muito distante da futura concepção moderna do mundo (e junto com ele, de Deus e do homem)”.

Lentamente os vínculos entre a filosofia natural² e a teologia vão sendo afrouxados. O pensamento científico alcança todos os domínios do saber, inclusive a medicina que, desde a Idade Média, tinha interditado a cirurgia e a dissecação de cadáveres, visto que o corpo humano era tido como sagrado e que a Igreja abominava o sangue.

A filosofia natural do Universo (a ciência da época) satisfazia o pensamento ocidental (se é que é possível falar em Ocidente, com referência àquele tempo). Os quatro elementos da filosofia grega - terra, água, ar e fogo - em escala ascendente de valor, eram as categorias por meio das quais eram pensadas as coisas inanimadas, envolvendo a suposição de que os corpos celestes eram mais móveis (excetuando-se, é claro, as estrelas fixas do céu empíreo) e mais nobres que a Terra (WOORTMANN, 1997, p. 30).

Como a filosofia medieval traz o princípio de que a natureza é governada pela simplicidade, “foi com base nesse princípio que Copérnico atacou o modelo ptolomaico [...]” (WOORTMANN, 1997, p. 31). O homem é tomado pela dúvida suscitada entre fé e ciência e libera seu pensamento, por isso a efervescência de algumas contradições nesse período, é o que vamos expor a seguir.

² Após o Renascimento, a Filosofia Natural assume uma vertente experimentalista baseada em métodos, sob influência de filósofos como Francis Bacon e René Descartes. Estas propostas metodológicas, aliadas ao sucesso de investigadores como Johannes Kepler e Galileu Galilei, estabelecem os alicerces do que seria a Revolução Científica do séc. XVII.

2.2. Fé e Ciência

Na obra *Didática Magna*, no Capítulo I, com o título “O homem é a mais elevada, perfeita e excelsa das criaturas”, Comenius (2006, p. 41), por meio de excertos bíblicos, revela que o homem é a imagem e semelhança de Deus - “de fato, os dizeres que ressoam divinamente nas Escrituras o que significam senão: homem, conheces-me, conheces-te? A mim, fonte de eternidade, de sabedoria, de bem-aventurança; a ti, criatura, imagem minha diletta”.

Mas, que é o homem? Comenius (1971, p. 263), no livro *Pampaedia*, responde a esse questionamento que ele próprio faz: “É a imagem de Deus onipotente, onisciente, santo e eternamente bem-aventurado”. O homem pode tudo, pode saber tudo e infinitamente assim como Deus.

Woortmann (1997, p. 28) revela que “para a física medieval, não só o mundo existia para uso do homem, mas era também plenamente inteligível pelos sentidos e com relação aos usos humanos desse mundo”.

Os objetos, as coisas que existiam nesse mundo oferecido ao homem, podiam ser percebidas por ele por meio dos sentidos. Era assim que o homem concebia as coisas, “[...] o que *parecia* ser diferente era *tido* como diferente: o gelo, a água e o vapor eram considerados substâncias diferentes. O calor e o frio eram substâncias diferentes. Dado que os sentidos distinguem entre coisas leves e pesadas, tratava-se de qualidades distintas” (WOORTMANN, 1997, p. 28, *itálico no original*).

Deus criou o Céu e a Terra e tudo o que existe para compartilhar com o homem. O homem é um ser eterno digno de estar ao lado de Deus. Conforme Comenius, Deus reuniu no homem todas as naturezas: “a essência, a vida, o sentido e a razão”, o que o distingue das outras criaturas.

Como se não bastassem todas as coisas aos pés da criatura-homem, Deus se entregou a ele. Assim, ele diz: “finalmente, para que nada te faltasse, dei-te a mim mesmo em união hipostática, jungindo para a eternidade a minha natureza com a tua” (COMENIUS, 2006, p. 41).

Comenius (1971, p. 81) fala que os sentidos são as portas por meio das quais entra em nós o mundo exterior, com tudo o que ele comporta, e a razão é a porta por meio da qual o homem entra em si mesmo como imagem de Deus, “para encontrar dentro de si números, medidas e pesos, com a ajuda dos quais penetra no âmago das coisas [...]”.

O homem é o ser mais perfeito da natureza, mas precisa ser formado. Comenius (2006, p. 42) entrega essa responsabilidade aos que formam os homens, para que as palavras de Deus não sejam em vão: “que tudo isso não seja esculpido nas portas dos templos, nos frontispícios dos livros, não, em suma, na língua, nos ouvidos, nos olhos de todos os homens, mas em seus corações!”.

A natureza determina o homem, porém com a modernidade o homem encontrará um mundo sem sentido que precisa ser descoberto por meio de “leis universais e em regularidades matematizáveis” (WOORTMANN, 1997, p. 29). A religião permanece, a fé também, porém, agora, o homem tomará as rédeas de Deus; ele buscará a verdade de um mundo mecanizado e que pode ser controlado. “A ciência é como a maçã (ou seria a serpente?) da fabulação bíblica” (WOORTMANN, 1997, p. 30).

As rédeas de um novo mundo inauguravam-se nas mãos da astronomia e da revolução comercial revelada no *Mundus Novus*³; descobria-se a América, iniciava-se uma revolução religiosa e Roma deixa de ser o centro do mundo teológico.

Os exploradores descobriram no “Mundo Novo” a capacidade de converter seus habitantes, que até então eram considerados selvagens canibais. “[...] A humanidade ainda se confundia com cristandade; cristãos potenciais, os ameríndios eram humanos potenciais. À diferença dos séculos posteriores, ainda cabia à teologia, e não à ciência, decidir a distância entre o humano e o animal [...]” (WOORTMANN, 1997, p. 63).

Tanto a religião católica quanto a reformada necessitavam do auxílio da ciência para explicar certas coisas. “[...] Se os ameríndios eram humanos, como chegaram até o novo continente? Como escaparam ao Dilúvio? [...]”. Como explicar diferentes espécies de animais e plantas? O saber tradicional estava abalado; era necessário estudar a fauna, a flora e a população humana; todas essas coisas estavam disponíveis à experiência, ao conhecimento (WOORTMANN, 1997).

Comenius (2006, p.110) mostra a importância do intento de Colombo, uma descoberta de grande relevância para o ramo da ciência, da cultura, do comércio. Da mesma maneira, a educação também pode descobrir outros caminhos, por mais que pareçam impossíveis; com fundações bem firmes, essa “empresa” pode revelar grandes coisas. Comenius diz: “Nenhum rei, com exceção do de Castela, quis prestar a menor atenção ou ajuda à empresa de Colombo, que acreditava na existência de novas ilhas a

³ Carta escrita por Américo Vesúpcio em torno de 1503-1504. Nesta carta descreve a viagem pelo Brasil.

Ocidente [...]. No entanto, foi descoberto um novo mundo, tão vasto que agora nos espanta que se possa ter ficado escondido por tanto tempo [...].”

O mesmo autor continua dizendo que muitos espanhóis invejosos disseram que a descoberta fora por acaso e que Colombo propôs um problema para estes perguntando:

[...] Como um ovo de galinha pode ficar em pé sobre a ponta, sem nenhum suporte? E como todos tentassem em vão, ele o bateu ligeiramente contra a mesa e, quebrando um pouquinho só a ponta, deixou o ovo em pé. Todos riram e gritaram que qualquer um poderia fazer aquilo. “Podeis”, disse ele, “porque vistes que é possível; por que então ninguém, antes de mim, foi capaz? (COMENIUS, 2006, p. 111).

Assim, por mais que pareça uma utopia o ideal educativo que Comenius persegue, conforme Narodowski (2006, p.25), ou seja, o “ideal pansófico” de todos terem que saber tudo, é possível realizar a obra proposta por ele se as metas forem bem delineadas, o método entendido, e os meios e os instrumentos utilizados de forma correta. “A Pedagogia moderna configura-se em torno de certos pontos de chegada, traçados numa perspectiva que demarca estratégias, meios e ações dirigidas a alcançar os objetivos finais [...]”.

O discurso a respeito do intento de Colombo é posto de maneira que o leitor da *Didática* entenda que é possível realizar coisas que nem sequer antes eram pensadas, ou coisas que pareciam ser impossíveis, como a educação que Comenius propõe no decorrer de suas obras. Porém, nós fizemos uma leitura almejando destacar não somente a questão da possibilidade da realização do intento de Comenius para o ensino, mas acima de tudo queremos dar destaque à abordagem e à sensibilidade de Comenius diante da nova descoberta. A menção dele a respeito da descoberta de um “Mundo Novo” também comprova sua preocupação diante de uma formação atenta às novas perspectivas e realidades que o mundo trazia.

Portanto, o ponto de partida do discurso comeniano é de que o homem está apto a receber a educação, ele é educável por natureza. Assim, Comenius (2006) expõe que são três os degraus de preparação para a vida eterna: ser uma criatura racional; uma criatura senhora das criaturas; uma criatura feita à imagem de seu criador e para seu deleite. Ora, um desses três graus é ser uma criatura racional; aqui ele levanta a questão do conhecimento de todas as coisas, um dos primeiros passos que possibilita os outros dois. Ele escreve que ser criatura racional significa ser capaz de indagar, de dar nomes às coisas

e de classificá-las; isto é, conhecer, poder designar e entender todas as coisas do mundo, como é evidente no *Gênese* (II, 19). Ou então, como enumera Salomão (*Sb VII*, 17):

*Saber a constituição do universo e a força dos elementos, o princípio, o fim e o meio dos tempos, a alternância dos solstícios e as mudanças das estações, as transformações anuais e as posições dos astros, as naturezas dos animais e os instintos das feras, os poderes dos espíritos e os pensamentos dos homens, as variedades das plantas e as virtudes das raízes. Numa palavra, todas as coisas, secretas ou patentes etc.; nisto estão inclusos também o conhecimento das técnicas e a arte homilética para que, como diz o *Eclesiástico*, em coisa alguma, pequena ou grande, haja nada de desconhecido (*Ecle V*, 18). Só assim, realmente, poderá conservar o título de animal racional, isto é, se conhecer as razões de todas as coisas (COMENIUS, 2006, p. 54, itálico no original).*

Era necessário conhecer e comprovar, por meio do exercício, todas as coisas; era esse caráter prático que trazia a experimentação que deveria aliar artesãos e intelectuais. Woortmann (1997, p. 72) afirma que “[...] o estudo da eletricidade e do magnetismo, da química e dos fenômenos térmicos [tinha suas] raízes mais nos artesanatos estabelecidos que nas universidades, e [seu] progresso era criticamente dependente da experimentação que os artesãos ajudaram a introduzir [...]”.

Porém, devido à sociedade hierárquica tradicional, mantinha-se durante o século XVI a separação entre intelectuais e artífices, quadro este descrito por Le Goff (2005, p. 255) para a ciência medieval:

Mas se o dinheiro passou cada vez mais a fundamentar as diferenças sociais, a hierarquia social passou cada vez mais a ser definida segundo um outro novo valor: o do trabalho. Com efeito, as classes urbanas conquistaram efetivamente seu lugar por causa da nova força de sua função econômica. Ao ideal senhorial baseado na exploração do trabalho camponês, opuseram seu sistema de valores baseado no trabalho que se fez poderosas. Mas, sendo ela também uma classe de pessoas que se beneficiavam de rendas, a camada superior da nova sociedade urbana impôs uma nova linha de clivagem dos valores sociais, separando o trabalho manual das outras formas de atividade. Isto correspondeu também a uma evolução das classes camponesas, porque uma elite que, por uma curiosa evolução do vocabulário, era chamada na França de “lavradores” - camponeses abastados proprietários de equipamento de atrelagem e de seus instrumentos de trabalho - passa a se opor à massa que tem apenas os braços para viver: os “jornaleiros” e mais precisamente os “trabalhadores braçais”. Nas classes urbanas, a nova divisão isolou os “homens mecânicos”, artesãos e trabalhadores ainda pouco numerosos. Os intelectuais, os universitários, tentados num momento a se definir como trabalhadores, trabalhadores intelectuais lado

a lado com outros ofícios do canteiro urbano, rapidamente juntaram-se à elite de mãos limpas.

Segundo Woortmann (1997, p. 73), com a ética protestante e a valorização do trabalho, essa situação foi revertida a partir do século XVII, mas podemos observar trabalhos, para exemplificar, em favor dos intelectuais como o que o autor Lefranc (19-- , p. 227, grifos meus) traz: um trecho do poema de Ronsard “muito fiel a tradição”, *L’Hymne des Astres* (o Hino dos Astros) “[...] do filósofo em detrimento dos autênticos ofícios [...]”

Sob a terra, um busca o vil metal
De ouro, prata e ferro, mãe de todo o mal,
Que a sábia e mãe Natura jamais queria
Expor, para nosso bem, à luz do dia;
Depois o Alquimista multiplica em vão
O ouro tão alado que lhe sai da mão;
Por ofício, um outro a naveta passeia
Ou da lã grosseira os velos penteia,
Como se de Arachné ele fosse o herdeiro.
Entalhador, Ourives, Gravador, Pedreiro,
Traficante, Lapidário, Retroseiro, em procura
De bens, por entre perigos, na lonjura,
Aos outros dareis ofícios bem melhores,
Não os fareis Alfaiates, Ferradores,
Mas grandes filósofos que, em mental canseira,
Fazem da incerteza a arte verdadeira ...

Percebemos neste poema a teoria valorizada sobre a prática. Limiti (1965), na introdução dos textos comenianos, escreve que não sem razão os representantes da pedagogia do trabalho reconhecerão no grande moravo o precursor deles. Os jogos, as brincadeiras sobre os quais Comenius diversas vezes fala da importância de se ter nas escolas, simulam o trabalho da vida real, assim despertam a atenção do aluno e, ao mesmo tempo, fazem com que seja possível verificar a aptidão do educando e treiná-lo para uma profissão que seja útil para ele mesmo e para a sociedade.

Para Comenius, mesmo ao preparar o aluno para a profissão, é necessário que este tenha uma educação geral, para que saiba falar, se expressar. Também que seja ensinado em todas as escolas, apresentando-lhe primeiro as coisas depois as palavras. Uma indicação de como se deve proceder: da prática à teoria. Comenius é a favor da prática: “aprender fazendo”.

Para notarmos o novo pensamento incipiente a respeito dos trabalhos intelectuais e dos ofícios, Lefranc (19-- , p. 228) traz François Rabelais, que, ao contrário de Ronsard, dá

importância aos trabalhos manuais, e exhibe em seus textos muitos termos artesanais. São artífices e comerciantes que ele apresenta como funções úteis à vida social. O personagem Gargântua é um bom exemplo:

[...] nos dias de chuva, que impediam os exercícios físicos a que Gargantua destinava uma boa parte das suas tardes, este dava uma volta pelas oficinas da capital. Ora ia ver como se passavam os metais à fieira e como se fundiam as peças de artilharia; ora visitava os lapidários, os ourives e os entalhadores de pedrarias; ora os alquimistas e os moedeiros, os tecelões, os fabricantes de veludos, os relojoeiros, os espelheiros, os impressores, os fabricantes de órgãos e de alaúdes, os tintureiros e outras espécies de artífices, aprendendo e atentando no engenho e espírito investivo de cada mester.

O contato que Gargântua devia ter com os diversos tipos de artífices, obreiros, oficiais mecânicos tinha como finalidade seu crescimento, “[...] a fim de enriquecer com termos técnicos que, seguidamente, irão valorizar as suas criações literárias” (LEFRANC, 19-- , p. 229).

Conforme Gasparin (1992, p.68-69), “o menosprezo das atividades dos artesãos, técnicos, mecânicos, camponeses esconde, ou melhor, revela uma bem determinada concepção de trabalho humano e o significado que possuía em relação a este e ao outro mundo”. Comenius, segundo Gasparin, coloca a arte de ensinar ao lado das artes manuais, o que lhe renderia muitas críticas. Os homens cultos, estudiosos devem se aliar à prática, observar as técnicas e as artes, “abandonando sua concepção meramente contemplativa do saber”.

O microscópio, o termômetro, o relógio de pêndulo e o telescópio surgiram todos no século XVII. As experiências práticas substituíram a autoridade como fator decisivo da verdade científica. Assim, quer a rejeição de Galileu do sistema planetário aristotélico, quer a descoberta de Harvey da circulação do sangue, representaram a refutação de ideias que tinham regido durante séculos a atitude do homem para com a vida e rasgaram novos e surpreendentes horizontes à astronomia e à fisiologia.

Conforme Green (1984), as invenções, os trabalhos práticos são importantes para disseminar o conhecimento, como por exemplo a impressão com tipo móvel, inventada por João Gutenberg, de Mogúncia, cerca de 1450. Com essa descoberta, foi possível reproduzir livros que eram fáceis de manusear, excelentemente impressos e relativamente baratos.

Comenius (2006, p. 111) também fala da arte tipográfica e de que ela pareceria impossível aos olhos de quem ainda não a conhecia, assim como parece impossível uma escola reformada de que trata no Capítulo XII. Ele menciona Johan Faust⁴, um dos sócios de Gutenberg, conforme Capítulo XII:

Creio que o mesmo teria acontecido se Johan Faust, inventor da arte tipográfica, tivesse começado a dizer que conhecia um modo de um só homem, em oito dias, produzir mais livros do que habitualmente dez copistas competentes transcreveriam em um ano, que esses livros seriam escritos com grande elegância e que todos os exemplares teriam idêntica forma em tudo, sendo todos corretíssimos, contanto que apenas uma cópia fosse bem corrigida. Quem teria acreditado? A quem não teriam parecido enigmáticas essas palavras? Ou então vã e inútil jactância? Agora até as crianças sabem que era verdade.

No mesmo Capítulo Comenius (2006, p.112) mostra que muitos se surpreenderão com homens que se atreveram a criticar a escola e os métodos até então utilizados e que prometem “[...] algo inusitado e superior a qualquer imaginação”. Novas artes, novas invenções, nova escola, novo método são empreendimentos que causam borburinhos mas que precisam ser levados à prática. Conforme Gasparin (1992, p. 69), “firma-se cada vez mais o conhecimento das mãos, contra o puramente intelectual e livresco”.

Segundo Green (1984), Erasmo também compreendeu que a invenção da imprensa poderia ser utilizada para a difusão dos clássicos, pondo-os ao alcance das pessoas cultas.

O insaciável desejo de saber, tão característico dos estudiosos do Renascimento, e os progressos na observação direta do céu foram dificultados pela desconfiança crescente com que tanto a Igreja Católica como a Protestante olhavam as novas ideias que ameaçavam derrubar as concepções tradicionais do universo.

A começar pelos próprios rituais das igrejas, segundo Woortmann (1997, p. 94), a Reforma é uma “reconstrução do mundo”. Especificamente, a Reforma Luterana representa o acontecimento das heresias nacionais de Huss e Wycliff. A atmosfera em que a Reforma nasceu era permeada de regras e hábitos da Igreja, uma religião imposta caracterizada por rituais.

⁴ GUTENBERG, Johannes (1397-1468) - Impressor alemão que introduziu na Europa a impressão com tipos móveis. Até a década de 1450, os livros eram, na maioria, copiados à mão - um processo lento e laborioso. Contudo, por volta de 1450, Gutenberg começou a imprimir livros numa prensa especialmente fabricada - que permitia uma produção muito mais elevada. A sua primeira obra importante foi uma Bíblia com 1282 páginas - a Bíblia de Gutenberg. No entanto, o invento não enriqueceu Gutenberg, pois este estava em dívida para com um dos seus sócios - o impressor Johan Faust, que ficou com as máquinas de impressão.

Segundo Covello (1992), Comenius, como sacerdote, professor e reitor da Universidade de Praga, se indispôs com a Igreja por defender as ideias de Wyclif e sugerir uma reforma eclesiástica consistente no retorno à vida evangélica. O mesmo autor explica que Huss era a favor da eliminação da hierarquia e a pobreza absoluta para os sacerdotes, condenava o feudalismo e defendia a existência de uma democracia cristã para que todos vivessem em igualdade de direitos e condições.

Wyclif, segundo Lopez (2003), nasceu em torno de 1320 ou 1330. Era um homem culto e se destacava na Universidade de Oxford. Foi contra o papa cobrar impostos na Inglaterra, negou o fundamento bíblico do princípio da transubstanciação⁵. John Wycliff influenciou John Huss, nascido em 1373, e fez com que um espírito nacionalista emergisse.

Quando Huss foi considerado herege, em 1414, no Concílio de Constança, e morto na fogueira, as massas populares da Boêmia se rebelaram. A execução de Huss originou grupos como os Irmãos Morávios de que Comenius foi representante. Os Irmãos Morávios são uma seita, organizada em 1467, que impunha normas “rígidas em doutrina e conduta”. Sua fonte eram as Sagradas Escrituras, a humildade e a profunda piedade. Aos seus membros exigia-se “vida austera, com preces diárias e frequente leitura da Bíblia” (COVELLO, 1992, p. 14).

O envolvimento de Comenius com a seita dos Irmãos Morávios explica a sua extrema religiosidade, que acabou por desenvolver o misticismo identificado com as crenças do povo morávio.

As próprias transformações na esfera teológica contribuíram para permitir a separação entre fé e conhecimento, bem como uma nova percepção de Deus pelo homem e pelo mundo modernos.

Segundo Uberoi (1978, *apud* Woortmann 1997), a visão interna de um Deus invisível e a percepção sensorial de um mundo externo nunca mais se encontrariam no próprio homem. O homem interior e o homem exterior separaram-se, sujeitos a duas autoridades, Deus e a natureza, que já não mais se falavam.

Todavia, a ciência devia ser conduzida de maneira empírica, para a glória de Deus. A Igreja era o pano de fundo para a pesquisa, para os descobrimentos. A observação da natureza era, no período medieval, direcionada para as manifestações de verdades espirituais e não para o estudo científico em si mesmo. Boa parte das ideias inovadoras que

⁵ É a presença real de Cristo no Sacramento da Eucaristia. É a transformação de uma substância em outra. Lutero afirma que neste ato existe a união de dois corpos na mesma substância amparado pelo princípio da consubstanciação (WOORTMANN, 1997).

os pensadores tinham, estavam atreladas a uma ordem social-ideológica conservadora. A Reforma valorizou a investigação científica.

A ciência, nesta fase, constituiu-se a partir da religião. Conforme Woortmann (1997, p. 15) “[...] não se deve pensar que os construtores da ciência, de Copérnico ou Kepler a Newton ou Lineu, fossem arreligiosos. Apenas transformaram o pensamento religioso, ao darem independência ao pensamento científico, mesmo que partindo de princípios místicos”.

Entretanto, gradualmente o homem se torna aberto à pesquisa; as dúvidas exigem explicações concretas por meio de provas experimentais. O homem deve formar-se em contato com a matéria, em vista da sua participação nas atividades do mundo. “[...] O homem se torna um ser natural aberto à pesquisa anatômica, uma nova metafísica relativa ao macrocosmo astronômico e geográfico, estendem-se ao microcosmo do corpo humano” (WOORTMANN, 1997, p. 65). O espírito estético e antiquado deve dar lugar ao espírito científico, justificado e consolidado pelo progresso do conhecimento.

Como dar lugar ao espírito científico? Comenius (2006, p. 61), lembrando que ele possui um ponto de vista cristão de concepção de homem, baseando-se nas Sagradas Escrituras, afirma que o homem já possui tudo o que é necessário, e “[...] quem souber produzir a centelha, acolhê-la, acender a luz, poderá ver - belíssimo espetáculo - os maravilhosos tesouros da divina sabedoria, tanto em si mesmo quanto no macrocosmo (ou seja, que todas as coisas estão dispostas segundo número, medida e peso)”. Quem souber por si mesmo ou conseguir por meio de outras pessoas “acender a luz” que já está dentro de si, despertará o poder da consciência e do conhecimento.

Assim, segundo Gasparin (1992, p. 103) “[...] o homem é chamado de microcosmos, isto é, resumo do universo, compreendendo em si todas as coisas do macrocosmos”. Referindo-se à luz, Comenius (2006, p. 61) faz uma ressalva: “[...] Agora, como a luz interna do homem não está acesa, mas fora dele circulam as luzes das opiniões alheias, as coisas não podem ser diferentes, como se a quem estivesse fechado num cárcere completamente escuro [...]”. O homem deve estar preparado, bem formado para receber as informações que o circundam.

Comenius (2006) traz a educação baseada em sua concepção de religião, mas não nega a ciência. Ele reconhece que esse homem deve preparar-se para receber o novo conhecimento. Ele traz Aristóteles, comparando o espírito do homem a uma tábua rasa na qual nada está escrito, mas onde tudo pode ser escrito. Assim, quem não ignora a arte de

ensinar, é fácil gravar o que quiser na mente do homem. Se isso não ocorrer não será por culpa da tábua e sim por ignorância do escritor ou do pintor.

A mente humana, segundo Comenius (1971, p. 264), reflete a realidade, assim como a imagem de Deus que conhece todas as coisas. E o “*que significa conhecer as coisas?*”. Diz Comenius que “significa não ignorar que as coisas existem, o que se consegue vendo, ouvindo, cheirando, gostando, e apalpando as coisas”. Assim, é preciso exercitar as coisas sensíveis logo na primeira idade. Esse é o espírito experimentalista que vem com o Renascimento, com a Reforma, com as novas descobertas.

A Reforma deve ser compreendida como um dos espíritos corajosos do século XVI. “[...] Ela foi parte do contexto de ideias renascentistas, que incluía desde a nova ideologia econômica, o nascente individualismo, os descobrimentos, a nova concepção de ciência, o humanismo e a revisão teológica [...]” (WOORTMANN, 1997, p. 94).

A revisão teológica, a separação entre fé e ciência, impetrava uma revolução conceitual, que iria realizar-se, a partir do século XVI, no interior do próprio campo da teologia.

Green (1984, p. 139) observa que “o Protestantismo era, por si só, uma força divisora. Fomentou, quase contra a sua própria vontade, o individualismo político e econômico; permitiu uma liberdade maior de interpretação da fé e, talvez por causa disso, ajudou a uma mudança gradual do individualismo religioso para o individualismo secular”.

O individualismo interliga-se com a nova ideologia do mercado, e tanto o individualismo como o novo mercado vão se relacionar com a ciência e com a nova concepção da natureza. Woortmann (1997, p. 104) explica que “o surgimento do “econômico” - foi coetâneo com o novo espírito científico, num contexto global de enfrentamento com as ideias tradicionais codificadas na teologia medieval. Não se trata de estabelecer qualquer relação causal entre economia e ciência, mas de contextualizar a ambas”.

Essas percepções instauram uma nova noção de trabalho bem como uma nova educação voltada para o profissional. Tudo estava ligado a um objetivo; a busca pelo conhecimento não era algo sem razão. Os descobrimentos estavam ligados a um propósito. A revolução geográfica estava atrelada ao mercantilismo, que marcou uma ruptura com a visão medieval. “[...] Se as navegações tiveram motivações religiosas tanto quanto mercantis; se a geografia e a teologia eram intimamente ligadas uma à outra, os descobrimentos iriam afetá-las criticamente em conjunto” (WOORTMANN, 1997, p. 62).

Daí a importância da educação universal que Comenius (1971) traz na *Pampaedia*, para que os indivíduos sejam instruídos com o conhecimento da vida futura, tenham o desejo dela e sejam bem orientados pelos caminhos que a ela conduzem; sejam ensinados a englobar dentro dos limites da prudência os negócios da vida presente.

O indivíduo deve preparar-se para lidar com a nova forma de vida, com seu novo modo de trabalho, com a nova forma de relações sociais por conta da transição do período. Tudo isso para que o homem aprenda a:

[...] caminhar pelos caminhos da concórdia que não se percam perigosamente na viagem deste mundo e na da eternidade, mas possam, pelo contrário, reconduzir à concórdia os outros dissidentes; IV. e, finalmente, que os seus pensamentos, palavras e ações sejam animados de tal zelo que estas três coisas se encontrem numa harmonia tão completa quanto possível (COMENIUS, 1971, p.40).

Estes são antídotos, que Comenius apresenta para a felicidade daqueles que não se preocupam com o futuro. São estes que colocam em perigo o presente e lutam com todos e consigo mesmo nos seus pensamentos, palavras e ações, assim perecendo e arruinando-se. O homem deve apoiar-se em seu próprio fundamento ou no fundamento das coisas; não deve seguir o instinto ou opinião dos outros.

É desejo que os homens se tornem pansofos, para que entendam as articulações das coisas, dos pensamentos e das palavras, entendam os fins, os meios e os métodos, que saibam distinguir as coisas essenciais das acidentais (COMENIUS, 1971). O desejo do conhecimento é necessário para ligar as mudanças científicas, culturais, políticas, sociais que o mundo apresenta e que tipo de homem deve ser formado para saber viver em meio a essa nova sociedade.

Um novo saber se faz imprescindível diante das inquietações nascidas de um espírito experimentalista e de um novo modo de produção. Há o avanço das forças produtivas da burguesia gradativamente tendo como base as relações de trabalho e de propriedade. Conforme Gasparin (1992, p.34) “o trabalho material possibilitava que fossem captados e aceitos os novos pensamentos. Começava a instalar-se o observável, o experimental, a dúvida sobre as certezas absolutas [...]”.

Em oposição à percepção medieval, a Reforma reafirma o campo da ciência, pelos próprios valores novos que ela introduziu na percepção do homem e do trabalho.

Woortmann (1997, p. 73) afirma que “A ciência experimental esteve fortemente ligada à valorização ética do trabalho manual [...]” .

Vejamos, a seguir, a relação do trabalho com a ciência, as descobertas, a nova concepção de homem e a educação.

2.3. Do Trabalho

Nesta seção, falaremos sobre o trabalho. Para fundamentarmos, trazemos Abbagnano (1998); Leontiev (1975), Marx (1981, 1985, 1987), Conte (1984), Gasparin (1992), Hill (1981) e Dobb (1977).

Para uma educação que favoreça um conhecimento útil para a realidade, precisamos entender o movimento que impulsiona o cotidiano do indivíduo. Entendemos esse movimento como sendo o novo modo de trabalho incipiente do momento. Vamos partir do trabalho para a educação, um meio de ligar à realidade prática a arte de ensinar.

Trabalho - do latim *labor*. “Atividade cujo fim é utilizar as coisas naturais ou modificar o ambiente e satisfazer às necessidades humanas” (ABBAGNANO, 1998, p. 964). Acreditamos que a vida social se configura pelo modo como os homens estão organizados no processo de trabalho, como eles pensam e se utilizam do seu meio de produção para modificar a natureza a fim de atender a eles mesmos. Conforme Leontiev (1975, p. 80), o trabalho é mediatizado ao mesmo tempo “pelo instrumento (em sentido lato) e pela sociedade”.

O instrumento é um objeto social, é elaborado coletivamente e serve como “meio de ação” isto é, “[...] razão por que dispor de um instrumento não significa simplesmente possuí-lo, mas dominar o meio de ação de que ele é o objeto material de realização” (LEONTIEV, 1975, p. 89). A fabricação de instrumentos especializados que determinam a distinção e a consciência das operações tem como fim uma operação de trabalho, materializado no instrumento.

O trabalho, além de ser uma atividade que leva o homem a agir sobre a natureza, é também uma atividade de grande importância, que leva à cooperação entre os indivíduos. Os homens, ao estabelecerem as relações, agem sobre a natureza. Leontiev (1975, p. 82) explicita-nos que “[...] quando um membro da coletividade realiza a atividade de trabalho, realiza-a também com o fim de satisfazer uma necessidade sua”. O produto da ação global,

que responde a uma necessidade da sociedade, traz ao mesmo tempo a satisfação da necessidade que sente um indivíduo particular.

As relações sociais intensificam-se à medida que as relações de trocas são estabelecidas. Nem todos os grupos produziam o que precisavam, por isso a necessidade de comercializar, trocar, a fim de obter um produto que lhe satisfizessem naquele momento (LEONTIEV, 1975).

O próprio Comenius (2006, p. 19) utiliza-se de termos similares à palavra troca, neste mesmo sentido que Leontiev, e mostra a sua importância, “se alguém tiver encontrado coisas melhores, que faça outro tanto, para que não seja acusado pelo senhor de pôr suas minas no cofre e de escondê-las, pois Ele deseja que seus servos negociem e que a mina de cada um deles, posta no banco, dê como frutos outras minas (Lc 19)”. Ele fala sobre a troca de conhecimentos para que se alastrem como frutos; porém, o que é interessante é como Comenius aborda essa questão com o termo negociar. É a educação permeada pelos novos princípios da economia.

Comenius (1971, p. 269) trata também do comércio, afirmando que este se baseia em trocas honestas. Os mercadores se reúnem em determinado lugar “trazendo cada um do lugar de onde vem um produto que permuta com outras mercadorias que outro trouxe de sua terra [...]”. Diz que se os mercadores não pudessem realizar essas permutas, certamente todas as terras teriam falta de algum produto, já que “nenhuma terra é tão fértil que, por si só, se baste em tudo e a si mesma”. E torna a comparar com o “comércio da sabedoria”.

Trocar, negociar, alterar uma ação, são atitudes que supõem que o sujeito que age tem a possibilidade de pensar a semelhança que existe entre o motivo objetivo da relação e o seu objeto. Senão, a ação seria impraticável, sem sentido para o sujeito. O homem deve refletir as ligações que existem entre o resultado que ele goza antecipadamente da ação que realiza pessoalmente e o resultado final do processo.

O método Geliano que Comenius traz, referente à escola latina (ou de adolescentes), mostra essa prática de troca de conhecimentos, pois, primeiramente, sob a direção do professor, os alunos lerão vários autores, depois cada um em particular e depois será apresentado publicamente com leitura para os outros ou recitar de cor (COMENIUS, 1971). A interação, a troca, deve ser estabelecida no ensino para que não seja em vão.

A transformação da natureza pelo homem fez com que este desenvolvesse a tomada de consciência das interações objetivas, de refletir as ligações como já explicitado, o que é impossível para os animais. Nesse aspecto, Comenius acerca-se das coisas que foram

destinadas ao homem, porém, se não forem adaptadas, não poderão ser utilizadas por ele.

Ele diz:

Por exemplo, as pedras foram-nos dadas para servirem à construção de casas, torres, muros, colunas etc.; no entanto só servirão se forem talhadas, limpas e esquadras pelas nossas mãos. Assim, as pérolas e as gemas, destinadas aos ornamentos humanos, são talhadas, raspadas e polidas pelos homens; os metais, produzidos para importantíssimos usos em nossa vida, devem ser desenterrados, liquefeitos, depurados e de vários modos fundidos e trabalhados, pois do contrário ser-nos-ão menos úteis que o lodo da terra. Das plantas extraímos alimentos, bebidas e remédios, mas é necessário semear, schar, segar, triturar, moer e pilar os cereais e as ervas; plantar, podar e adubar as árvores; colher e secar os frutos etc.; e se alguma coisa tiver de servir à medicina ou fornecer material para a construção, serão necessários ainda outros tratamentos. Os animais podem parecer auto-suficientes porque dotados de vida e movimento, mas para que possam servir ao uso para o qual foram concedidos, será preciso primeiro adestrá-los. De fato, o cavalo nasceu apto para a batalha, o boi para a charrua, o burro para a carga, o cão para a guarda e a caça, o falcão e o gavião para caçar pássaros, todavia pouco valerão se, com o exercício, cada um deles não for avezado à sua função (COMENIUS, 2006, p. 70).

Comenius (1971, p. 54), citando na obra *Pampaedia*, o livro da Pansofia (na qual podem ser instruídos todos os homens), afirma que todas as coisas são destinadas às necessidades humanas. Segundo o autor, ao estudar “*o mundo natural*” compreende-se que “[...] nenhuma coisa serve para o fim para que foi feita a não ser que seja devidamente utilizada [...]”.

Ainda na Pansofia, ao estudar o “*mundo artificial*” “[...] as coisas não podem utilizar a si mesmas, mas devem ser utilizadas pelo homem [...]” para que seja possível libertar o mundo dos horríveis abusos. Por isso, todos os homens, sem exceção, devem ser educados para a perfeição do seu ser.

Comenius (1971, p. 56) afirma que é necessário ensinar “[...] a todos os homens a conhecer e a compreender bem as coisas e eles facilmente aprenderão também a fazer bom uso das coisas [...]”. Compreender as coisas intimamente para que se evitem os erros das coisas observadas superficialmente pelos sentidos somente daquilo que é evidente. Assim, saberá o homem escolher e ordenar, livremente, segundo seu próprio arbítrio:

Para que em parte alguma a imagem divina seja destruída nos homens, e muito menos naquele aspecto onde ela se manifesta com mais esplendor, ou seja, na liberdade de escolha. Se esta liberdade é suprimida, e os homens são obrigados a sujeitar a sua vontade ao arbítrio alheio, a

vontade torna-se coacção e o homem perde a sua dignidade de homem (COMENIUS, 1971, p. 69).

Para que o homem possa realizar a transformação das coisas para suprir suas necessidades é preciso educá-lo, é preciso transformá-lo antes; assim como todas as coisas, é preciso moldá-lo, por meio da educação. Comenius (2006, p. 72), logo em seguida à sua explicação sobre a transformação das coisas pelo homem na *Didática Magna*, afirma: “O homem, por ser dotado de corpo, é feito para trabalhar, e, no entanto, vemos que não tem de nascença nada mais que simples aptidão: Será preciso ensiná-lo aos poucos a sentar-se, a ficar ereto, a andar, a mexer as mãos para realizar uma operação [...]”.

É preciso uma preparação gradual; a mente humana não é perfeita por si só. Comenius (2006, p.73 - 74) assevera que: “é lei para todas as criaturas ter início do nada e desenvolver-se gradualmente [...]”. Ele nos dá exemplo de uma criança de três anos que foi raptada em 1540, numa aldeia de Hessen, por animais ferozes e educada em meio a eles “[...] depois de alguns anos os camponeses viram que, com os lobos, corria um animal de aspecto diferente, quadrúpede, sim, mas com rosto humano [...]”.

Aos poucos, após ser resgatada pelos homens a pedido do príncipe, a criança foi criada em meio aos homens e gradativamente começou a andar com dois pés, a falar de maneira inteligível e a tornar-se homem.

A esse respeito Comenius (2006, p. 75, *itálico no original*) expõe a importância da disciplina por meio das palavras de Platão apresentada em sua obra *Leis*, Livro VI: “[...] *O homem é um animal bastante manso e divino se amansado por uma verdadeira disciplina; se não receber disciplina alguma ou se receber uma disciplina falsa, será o mais feroz dos animais que a terra pode produzir*”.

Comenius (2006, p. 78) *prima* pela educação desde cedo, afirmando que “a natureza de todas as coisas que nascem é tal que elas se plasmam e se moldam com grande facilidade quando ainda são tenras: [...]” assim há facilidade maior para se imprimir as coisas, o que é comprovado por experiência”.

Ele novamente relaciona com o trabalho e admite que “[...] quem quiser tornar-se bom copista, pintor, alfaiate, músico, etc., deverá aplicar-se ao ofício desde os primeiros anos (quando a imaginação ainda é ágil e os dedos flexíveis), pois de outro modo não atingirá seus fins [...]” (COMENIUS, 2006, p. 79).

Ele apresenta a Igreja como um paraíso que é possível alcançar abaixo do céu, uma vez que, em meio a trabalhos e lidas, é necessário o estudo das ciências bem como das

obras divinas; assim se evitará os perigosos ócios da carne e do sangue e o homem aprenderá a viver com alegria esta vida repleta de fadiga.

2.4. Da Transição do Modo de Produção Feudal Para o Capitalista

A relação trabalhador e capitalista tem em sua base o contrato, diferentemente da forma medieval que traz as transações múltiplas de comércio livre de uma sociedade de trocas. A modificação da forma medieval de exploração do trabalho excedente para a moderna trouxe o advento de novos instrumentos de produção, novas técnicas, assim como a divisão do trabalho, a separação do produtor quanto à terra e aos meios de produção e seu aparecimento como um proletário.

A abolição do direito à terra originou os *proletários* e, de acordo com Marx (1981, p. 38), “não é raro ver quatro ou cinco ricos criadores usurparem domínios há pouco tempo fechados que se encontravam antes nas mãos de vinte ou trinta pequenos arrendatários e de muitos pequenos proprietários e aldeões [...]”.

Os trabalhadores precisam do mercado para buscar aquilo de que necessitam para sua subsistência: “[...] a situação das classes inferiores do povo piorou sob todos os aspectos; os pequenos arrendatários e proprietários foram reduzidos à situação de jornaleiros⁶ e mercenários, e ao mesmo tempo, nestas condições, lhes é mais difícil ganhar o sustento” (MARX, 1981, p. 39).

Ao estabelecer uma classe social dominante aliada a um novo modo de produção que reduz a maioria do povo a uma classe inferior, origina-se movimentos transformadores, uma modificação no plano da consciência social:

A posse da riqueza logo se tornou um fim em si mesmo na economia de troca, e essa transformação psicológica afetou não apenas aqueles imediatamente envolvidos mas (ainda que em grau menor, sem dúvida) também os que entravam em contato com a economia de troca. Conseqüentemente, não apenas mercadores e comerciantes mas também membros da antiga sociedade feudal adquiriram o que hoje se chamaria de atitude de homens de negócio em relação a assuntos econômicos (SWEEZY, 1977, p. 42).

As “Transformações psicológicas”, de que Sweezy fala, podem acarretar uma revolução política, isto é uma das consequências da mudança, que dá momentos tais como

⁶ O jornaleiro era apenas um assalariado, fonte direta de mais-valia para o empregador (Rodney Hilton, 1977, p. 21).

a revolução inglesa do século XVII entre outras. A Revolução Inglesa de 1640-1660 foi um grande movimento social, uma Guerra Civil de classes, conforme Hill (1981, p. 11): “[...] o poder do Estado que protegia uma velha ordem essencialmente feudal foi derrubado, passando o poder para as mãos de uma nova classe, e tornando-se possível o livre desenvolvimento do capitalismo [...]”.

Compreendemos que a realidade social determina a consciência dos homens, assim a necessidade de aumentar a renda do capital levou o indivíduo a trabalhar mais, o tempo dedicado seria “[...] à custa do tempo dedicado pelo produtor ao cultivo de sua própria e modesta terra, levando logo a sobrecarregar sua força além de limites humanos, ou então reduzir sua subsistência abaixo do nível de uma existência animal” (DOBB, 1977, p. 60).

Marx (1981, p. 41) afirma que “os atos de rapina, as atrocidades, os sofrimentos que, desde o último terço do século XV até fins do XVIII, formam o cortejo da expropriação violenta dos cultivadores, o levam simplesmente a esta reconfortante conclusão: Devia-se estabelecer uma justa proporção (*due proportion*) entre as terras de plantio e as terras pastoris”.

Mas esta “justa proporção” estaria longe de acontecer; a divisão social passou a ter uma camada de agricultores de alto poder aquisitivo e uma camada de pequenos agricultores arruinados. Essa polarização social preparou o caminho para uma produção assalariada e, em decorrência, para as relações burguesas de produção, surgindo, assim, o princípio das relações burguesas de produção no seio da sociedade feudal.

Para que o sistema capitalista pudesse se estabelecer era necessário, antes, separar o produtor de seus meios de produção. Para Marx (1981, p. 15, *italico no original*): “o *movimento* histórico que separa o trabalho de suas condições exteriores indispensáveis, eis a causa da acumulação chamada “primitiva”.

Marx (1981, p.15) escreve que “a ordem econômica capitalista saiu das entranhas da ordem econômica feudal. A dissolução de uma produziu os elementos constitutivos da outra”.

Como sistema antigo havia o modo de produção artesanal independente, em que o artesão possuía seus próprios e modestos implementos de produção e empreendia a venda de seus próprios artigos. Conte (1984, p. 7) relata que o trabalho do indivíduo “tem como pressuposto a inserção num conjunto comunitário que se constitui por vínculos de estirpe, linguagem, costumes, etc. [...]”.

Os interesses do capitalista vão adaptando os agricultores em assalariados e seus meios de subsistência e de trabalho em elementos materiais do capital. “Antigamente, a mesma família camponesa primeiro confeccionava e depois consumia diretamente - pelo menos em grande parte - os víveres e as matérias brutas, frutos de seu trabalho. Reduzidos, agora, a mercadorias, são vendidos por atacado ao arrendatário [...]” (MARX, 1981, p. 86).

Produtos tais como fios, tecidos, lãs comuns, cujas matérias-primas se encontravam ao alcance de toda a família de camponeses, pois eram produzidos no campo, passaram a ser artigos de manufatura transformando o campo em mercado. A classe trabalhadora, é assim explorada para alimentar a fábrica que é composta por uma minoria - classe de comerciantes e a um sistema que vai abalar todo o modo de vida dos trabalhadores/camponeses. Veremos a seguir como foi a passagem para a manufatura.

2.5. Indústria Doméstica

Marx (1981, p. 87) expõe que o período manufatureiro tem por base as oficinas das cidades e a indústria doméstica dos campos; assim se apodera de maneira fragmentária, esporádica, da indústria nacional. “[...] Se a manufatura destruía a indústria doméstica dos campos sob certas formas, em certos ramos particulares e sob certos aspectos, as fazia nascer sob outros aspectos, pois a manufatura não podia passar sem a indústria doméstica para as primeiras modificações das matérias brutas.”

Por meio das máquinas, a grande indústria faz expropriar radicalmente a grande maioria da população rural e assim determina a separação entre a agricultura e a indústria doméstica dos campos, arrancando as procedências desta. Marx (1981, p. 89) explica com um exemplo - a fiação e o tecido: “[...] Das manufaturas propriamente ditas e da destruição das manufaturas rurais ou domésticas saiu, com o advento das máquinas, a grande indústria lanífera”.

A separação entre a agricultura e a indústria doméstica dos campos é motivada pela indústria mecânica, a qual leva a ampliação necessária dos poderes do trabalho e a transformação da produção parcelada, rotineira, em produção combinada, científica (MARX, 1981).

A pequena produção parcelar camponesa vai se instalando; é um modo de produção em que o produtor vive e se alimenta de uma pequena parcela de terra de que é rendeiro ou proprietário. A relação do trabalho domiciliário com o mercado é ligada a princípio com a

venda dos produtos da terra; porém com o aumento das trocas é utilizada uma parte do tempo de trabalho excedente do camponês para produção doméstica de manufaturas, sobretudo as têxteis.

[...] Isto é possível, em primeiro lugar, devido ao carácter ainda muito tradicional da produção manufatureira, que tem como único requisito a habilidade manual do trabalhador, adquirida pela experiência do trabalho familiar das mulheres na habitação rural. A simplicidade - relacionada com o seu carácter doméstico - dos métodos de produção permite que sejam implantadas nas casas pequenas produções de artigos manufacturados em que é ocupado o tempo da unidade económica familiar que sobra da produção agrícola [...] (CONTE, 1984, p. 83).

A partir do pequeno artesanato houve a ampliação do empresário capitalista, nesse momento a função do mercador é apenas aumentar a produção e não tem interesse de inserir inovações tecnológicas. O mercador estimula os camponeses com adiantamentos de dinheiro ou fornecimento de matérias-primas necessárias. Ele mantém as técnicas de trabalho e a fragmentação dos centros de produção.

No momento em que há “[...] a transformação industrial da produção agrícola, com ela desaparece também necessariamente esta forma de trabalho domiciliário [...]” (CONTE, 1984, p. 88). Também há outra forma, além da transformação industrial, que leva à desagregação do trabalho domiciliário. Neste caso é uma desagregação nascida no seio do trabalho domiciliário com causas autónomas, quando o artesão não tem condições de comprar as matérias-primas de que necessita.

Para garantir um empréstimo por meio do comerciante “[...] historicamente, os artesãos eram obrigados nestes casos a hipotecar o tear ou outro meio de produção que possuíssem a favor do comerciante, como garantia do empréstimo obtido [...]” (CONTE, 1984, p. 89).

A partir do século XVII há um processo de concentração dos meios de produção nas mãos do mercador, que anula totalmente a autonomia do trabalhador. Este trabalhador não passa de assalariado, que, ao reunir-se em grandes massas de operários, originará o agrupamento dos meios de produção nas oficinas, sob o controle direto do capitalista; assim, realizar-se-á “a passagem do modo de produção feudal de duas formas. O produtor torna-se comerciante e capitalista; opõe-se à economia agrícola natural e ao trabalho manual estrito em corporações da indústria medieval urbana [...]” (CONTE, 1984, p. 91).

O trabalho repartido outrora entre uma multidão de pequenos produtores, que cultivavam eles mesmos e fiavam em família por pequenas frações, está hoje concentrado nas mãos de um capitalista para quem outros fiam e tecem.

A ruptura do antigo sistema de produção para o novo ocorreu de forma e amplitude diferentes e em diversos lugares, o que ocasiona pensamento e atitudes também diferenciadas dos indivíduos.

Um modo de produção que se enreda no outro e vai modificando as relações dos indivíduos bem como a relação entre os países e as cidades, até a extinção do modo mais antigo, tudo lentamente. O comércio atua nesta transição sobre a estrutura do feudalismo com intensidades diferentes em diversas partes. Conforme Dobb (1977, p. 57) “[...] foi no sudeste do país onde se registrou a maior proporção de serviço⁷ nessa data e no norte e oeste da Inglaterra a menor”.

O movimento de transição ocorreu de modo mais radical na Inglaterra: “este país representará, pois, necessariamente, o primeiro papel em nosso esquema” (MARX, 1981, p. 18). Os outros países da Europa ocidental seguiram também o passo dessa transição, porém cada lugar a seu modo e a seu tempo.

Trazemos também os exemplos dos Estados bálticos - Polônia e Boêmia - onde as ocasiões crescentes para exportação de cereais induziram não à eliminação, “[...] mas ao aumento ou revivescimento das obrigações servis por parte do campesinato, e ao cultivo arável para o mercado nas grandes propriedades, numa base de trabalho servil” (DOBB, 1977, p. 57).

Segundo Gasparin (1992, p. 65) “subjacente a essa dimensão de universalidade crescente, que Comênio vai conferindo à sua obra, existe a constituição gradativa da universalidade social, material que ele, por limites históricos, não podia perceber em toda a extensão, mas que intuía e expressava em seus escritos”.

Instaura-se uma nova concepção de trabalho que além da nova concepção de indivíduo traz uma nova concepção de tempo e espaço.

2.6. Concepção de Tempo e Espaço

O trabalhador que antes executava diferentes operações levava mais tempo até concluir seu artefato, agora seus movimentos se tornaram automáticos e especializados,

⁷ Em pagamento de dinheiro e ocorrida na Inglaterra, por volta do século XIV (DOBB, 1977, p. 57).

assim produz-se em menos tempo uma mercadoria com o mínimo esforço. “[...] Já que o modo de ser quantitativo do movimento é o tempo, assim o modo de ser quantitativo do trabalho é o *tempo de trabalho* [...]” (MARX 1987, p. 37, itálico no original).

Para medirmos o tempo utilizamos medidas em horas, dias, semanas; assim, a produção de mercadorias é mensurada pelo tempo, o qual deve estar agregado à ordem, à confiabilidade e empenho do trabalhador. “Tempo de trabalho é o modo vivo de ser do trabalho, indiferente à sua forma, ao seu conteúdo, à sua individualidade; é o seu modo vivo de ser como quantidade, ao mesmo tempo que é sua medida imanente” (MARX 1987, p. 37).

O uso restrito do espaço levou ao aumento de tempo. O espaço que antes o trabalhador tinha de empreender ao mudar de lugar, ou em busca de suas ferramentas para concluir determinada tarefa, não será mais necessário, já que este indivíduo desempenhará uma única função, o que se compreende que utilizará apenas as ferramentas necessárias para tal papel, e estas estão ao seu alcance, delimitando drasticamente seu movimento e seu espaço. Reduzem-se o tempo e o espaço; diminui o tempo do movimento que o trabalhador leva entre uma troca e outra de ferramentas e, conseqüentemente, aumenta a produtividade.

Marx, do século XIX, caracteriza este novo homem produto da manufatura, que perderá a possibilidade de vigorar suas forças que antes eram readquiridas e estimuladas com a mudança de atividade, com a mudança de espaço. É importante que se saiba que tudo isso estava acontecendo gradativamente, o homem ainda não tinha consciência plena do trabalho parcelar.

Comenius, em determinados momentos de suas obras, começa a introduzir esse novo tempo de produção para a escola, mas entende o quanto é importante o repouso para revigorar as forças após o trabalho como as férias, as recreações e ainda lança uma correção que nos chama a atenção quando inicia sua colocação expondo que “falta dizer como administrar com prudência o tempo que resta, dedicado ao trabalho [...]”.

Quando discorre a respeito de utilizar com cautela o tempo que resta dedicado ao trabalho, ele fala do tempo para o trabalho intelectual que, pouco a pouco, progride muito. Como na organização do trabalho do operário, Comenius também organiza em horários as ocupações do indivíduo em um dia; a divisão que ele faz é em prol das necessidades da vida, ou seja, para o bem do homem, não objetivando o lucro em dinheiro, mas o lucro em conhecimento, a necessidade de aprender o mais rápido possível todas as coisas.

Um dia tem 24 horas, que são divididas por três, segundo as necessidades da vida: 8 para dormir, outras oito para ocupações diversas (como cuidar-se, comer, vestir-se, desvestir-se, recrear-se honestamente, falar com os amigos etc.); sobram ainda 8, que podem ser dedicadas a ocupações sérias e empregadas com prazer e sem aborrecimento. Em uma semana, se reservarmos o sétimo dia inteiro ao repouso, haverá 48 horas para o trabalho; em um ano, 2.495: o que não será possível em dez, vinte, trinta anos? (COMENIUS, 2006, p.143).

Comenius luta para organizar o tempo para que o indivíduo viva mais, com qualidade, e sua produtividade almeja o conhecimento, a preparação para o trabalho, para a prática, não somente com conteúdos escolares que se encerram muitas vezes na própria instituição, mas ele quer preparar o indivíduo para o mundo, para a nova concepção do tempo que a ciência traz juntamente com novos valores.

A escola de Comenius (1971, p. 181) traz as características do novo modo de produção, a qual pode denominar-se oficina de homens e deve acostumá-los não à ociosidade, mas ao trabalho, e que exercitem numa atividade contínua e realizem as tarefas que lhes forem confiadas.

O homem foi feito para agir, o que significa, segundo Comenius (1971), saber traduzir aquilo que foi conhecido, compreendido e utilizado nas coisas, tudo isso em ações de modo que a própria pessoa seja beneficiada, bem como tudo que é de ordem alheia, privada e pública.

A mão é um dos meios para realizar a ação; ela “é o instrumento dos instrumentos, produtora de obras infinitas, feita à imagem da mão direita de Deus, construtora de todas as coisas”. Devemos fazer o que deve ser feito e “superar com a nossa operosidade as deficiências das coisas”. Ela é feita para que o homem possa dominar as coisas, que possa transformar e adaptar as coisas para seu uso e para o uso de toda a comunidade. COMENIUS (1971, p. 264).

Conforme Gasparin (1992, p. 71), Comenius “[...] chega, então, aos fundamentos de sua proposta, que são tirados da própria natureza das coisas [...]”; a verdade dos fundamentos “é demonstrada com exemplos paralelos das artes mecânicas”, a sequência de estudos é distribuída “por anos, meses, dias e horas”; finalmente, “é indicado um caminho fácil e seguro” de executar tudo isso com bom resultado.

Comenius (2006, p. 144) tem como objeto de estudo - saber utilizar bem a vida. Ele traz as palavras de Sêneca: “Se soubermos utilizar a vida, ela será suficientemente longa; e bastante para levar a termo coisas importantes, se toda ela for bem empregada [...]”.

Gasparin (1992, p. 68) expõe que “jamais a arte de ensinar ocupara posição social tão destacada. Por outro lado, ele se colocara no campo popular, o que com certeza lhe valeria muitas críticas, deveria enfrentar muitas polêmicas, pois equivalia a romper com o monopólio de uma elite e com uma determinada linha de ensino e de conteúdo [...]”. A arte universal de ensinar tudo a todos seria a proposta para unir o trabalho manual ao trabalho intelectual.

Porém é importante que se entenda e Narodowsky (2006, p. 61) explica bem, que Comenius delimita a questão do conhecimento de todas as coisas quando menciona que se devem ensinar somente as coisas úteis e essenciais à vida, valendo-se da divisão social do trabalho na sua versão capitalista. “[...] Limites esses que serão herdados em grande parte pela Pedagogia Moderna - implica, no caso dos conteúdos a serem transmitidos, uma astúcia premonitória quanto à massa de conhecimentos produzidos pela sociedade moderna [...]”.

Para Kulesza (1992, p. 122), Comenius fez de suas obras uma reflexão para os críticos da alienação do trabalho no mundo moderno, ao estabelecer uma escola pansófica com um currículo de caráter enciclopédico e também voltado para as necessidades sociais. Segundo o autor, esta escola é uma verdadeira *officina hominum*, que “produziram jovens homens ágeis, capazes de tudo fazer, destros e industriais, aos quais se poderá confiar, no devido tempo, não importa que assunto ou tarefa”. A escola que Comenius propunha era um movimento contra a preguiça, o ócio, a indiferença, a pobreza e a mediocridade.

A imobilidade do velho mundo deixava de ser imóvel no tempo, como deixava de ser imóvel no espaço cósmico depois de Copérnico. Com a reavaliação do passado, há uma reavaliação da verdade; existe uma pluralidade de verdades. “[...] O imobilismo ontológico medieval, onde se fundiam passado, presente e futuro, foi substituído por uma nova consciência do tempo, um tempo humano” (WOORTMANN, 1997, p. 25).

O novo pensamento emergente tinha a consciência do valor do tempo e o que ele implicava na produção material. Todas as coisas, a educação, a igreja, a política traziam novas maneiras de lidar com o tempo. Segundo Gasparin (1992, p. 91):

O tempo para os antigos não tinha valor, portanto, não tinha preço. Vivia-se no ócio. A vida passava lentamente ao ritmo dos fenômenos e ciclos da natureza. Não havia competição, pois todo o necessário era produzido pelos escravos ou pelos servos. Mas agora as coisas estavam mudando. O próprio protestantismo, para aumentar o número de dias úteis, abolira a infinidade de festas do catolicismo medieval que

representavam o ócio e a despreocupação com a produção de coisas materiais. A burguesia capitalista manufatureira, bem antes já tinha consciência bastante clara do valor do tempo na produção de bens materiais para a troca, para o comércio. Do ócio passara ao não-ócio, isto é, ao negócio, à ação, à produção para a troca. O tempo valia dinheiro.

O tempo humano e o espaço humano são limitados cada vez mais pelo trabalho, e era preciso aprender rápido os novos ofícios. Embora a burguesia não necessitasse “[...] da escola para sua sobrevivência e desenvolvimento [...]”, Comenius expressava a “necessidade de escolas em toda a parte, e que tivessem as mesmas características do modo de produção: universais, onde se aprendesse com rapidez, segurança, facilidade, solidamente e com bons resultados” (GASPARIN, 1992, p. 92).

Para Comenius (2006, p. 59), o tempo e o espaço são infinitos e sem limites para a mente humana: “na verdade nossa mente não apreende só as coisas próximas, mas também aproxima de si as distantes (em lugar e tempo), alça-se às mais difíceis, indaga as ocultas, descobre as veladas, esforça-se por investigar também as imperscrutáveis; é algo infinito e sem limites”. Ele apresenta um tempo sem fronteira para o conhecimento.

O novo entendimento da passagem do tempo é uma qualidade expressiva do Renascimento. “Na Idade Média gastavam-se décadas na construção duma catedral. Agora, a pressão dos negócios e da política veio dar um valor novo ao tempo” (GREEN, 1984, p. 59).

As pessoas estavam envolvidas em trabalho a todo o momento, o tempo não permitia que se parasse. Para muitas dessas pessoas, pais de família, o tempo era escasso para educar seus filhos. Comenius percebia, diante da situação que o mercado exigia, que para cada coisa necessitada pelo indivíduo existe alguém especializado ou algum lugar para disponibilizar, já que não se produz mais para sua própria subsistência como em outros tempos. “[...] Quando precisa de farinha, vai ao moleiro; de carne, ao magarefe; de bebidas, ao taberneiro; de roupas, ao alfaiate; de sapatos, ao sapateiro; quando precisa de uma construção, de uma charrua, de um prego, vai ao carpinteiro, ao construtor, ao ferreiro, e assim por diante” (COMENIUS, 2006, p. 85).

[...] Mal poderia ele supor que as primeiras experiências na utilização de suas idéias sobre a educação das crianças fossem feitas anos mais tarde em Gotha, mas não pelas razões que ele apresenta: foi a mortandade de pais durante a Guerra dos Trinta Anos que exigiu essa providência (KULESZA, 1992, p. 99).

Desta forma, Comenius (2006, p. 85) assinala que para os pais que não conseguem instruir seus filhos com utilidade e que têm pouco tempo para tal fim, “[...] segue-se que deve haver pessoas que exerçam apenas essa profissão, e desse modo toda (SIC) se provê a toda a comunidade”.

O tempo realmente muda a vida dos indivíduos nesta época, inclusive a demanda das profissões já existentes bem como de novas profissões. A necessidade de se economizar o tempo leva as pessoas a buscar aquilo que já está pronto. Não há mais tempo para coser as próprias roupas, é preciso buscá-las acabadas. Da mesma forma, os profissionais devem buscar a eficiência no trabalho que desempenham para suprir as necessidades daqueles que os buscam, assim como se destacar em meio àqueles que estão no mesmo ramo de atividade e, conseqüentemente, tendo maior lucratividade.

À medida que se firma o capitalismo exige-se uma nova forma de ensinar voltada mais para a produção, cujo centro está a eficiência no trabalho e o controle social. As atividades antes artesanais se unem em associações profissionais formando as corporações, que vão agrupar aqueles indivíduos que se dedicam a tipos diferentes de ofícios: “[...] sob o comando do mesmo capitalista, trabalhadores de ofícios diversos e independentes, por cujas mãos têm de passar um produto até seu acabamento final [...]” (MARX, 1985, p. 386).

Aos poucos, os trabalhadores anulam a habilidade de desempenhar seu antigo ofício em toda sua extensão e se tornam trabalhadores parciais. A manufatura também traz outro modo de trabalho: “[...] o mesmo capital reúne ao mesmo tempo na mesma oficina muitos trabalhadores que fazem a mesma coisa ou a mesma espécie de trabalho [...]” (MARX, 1985, p. 388). Há a necessidade de cooperação, porém há também a divisão do trabalho, o indivíduo terá seus papéis e tarefas específicas e delimitadas mesmo que reunidos em um mesmo ambiente.

Conforme Gasparin (1992, p. 36), a realidade que estava nascendo exigia a cooperação de todos: “À cela isolada do monge ou ao solitário gabinete do humanista contrapunham-se a oficina, o arsenal, o atelier, onde os homens trabalhavam juntos cooperativamente”.

Uma nova configuração de trabalho e um novo entendimento e conhecimento das coisas era necessário. Comenius (2006, p. 92) apresenta uma questão em sua obra que faz refletir sobre trabalho e educação:

Se alguém perguntasse: O que acontecerá se os operários, os camponeses, os almocreves e até as jovens mulheres adquirirem cultura? Eu responderia: acontecerá que, instituída com meios apropriados essa educação universal da juventude, a ninguém faltará matéria para refletir, para propor-se e perseguir fins, e para agir. Cada um saberá para onde dirigir todas as ações e os desejos da vida, que caminhos trilhar e como conservar o seu próprio lugar. Todos se dedicarão de bom grado, mesmo em meio a trabalhos e lidas, à meditação sobre as palavras e as obras divinas, evitando os perigosos ócios da carne e do sangue pela assídua leitura da Bíblia e dos outros bons livros (doce prazer que atrai os que já o experimentaram). E digo uma vez por todas: deverão aprender a ver, a louvar, a abraçar Deus em toda a parte; por esse motivo, aprenderão a viver com mais alegria esta vida cheia de afãs e a aguardar com maior desejo e esperança a vida eterna. E porventura não é verdade que tal condição da Igreja representa para nós o Paraíso que é possível obter abaixo do céu?

A percepção de Comenius é a que era necessária a educação de todos, dos operários, das mulheres e principalmente dos jovens, preparando-os para enfrentar esta nova vida cheia de fadigas, a partir da bíblia e de outros bons livros.

Em *Pampaedia*, Comenius (1971, p. 44) explica que “a necessidade da educação de todos os homens tornar-se-á evidente, se atendermos a que é esse o interesse de Deus, dos homens e das próprias coisas”. Porque é desejo de Deus que o homem domine as coisas na Terra, saiba gozar de seus direitos e dirija-se a si mesmo, para que seu plano para o homem dê certo. É de interesse dos homens uma educação de todos para que ninguém que participe da natureza humana se afaste do objetivo que lhe foi determinado, a felicidade. E é interesse das coisas que o homem saiba como utilizá-las tornando-as úteis, pois de nada adiantaria, por exemplo, existir o campo se não houvesse quem o cultivasse.

Porque é uma atitude vã caminhar para qualquer parte e não chegar lá, aspirar a qualquer coisa e não a conseguir, procurar e não encontrar, querer e não obter, para quê então estar no mundo e não conhecer, nem fazer, nem conseguir aquelas coisas por causa das quais estamos cá? Teria sido melhor não ter nascido. Mas, uma vez que todos nascemos, devemos agir de modo que nenhum acabe por lamentar o facto de ter nascido (COMENIUS, 1971, p. 45).

Segundo Comenius (1971, p. 46), nem todos sabem utilizar aquilo que tem, a sua natureza racional; portanto, devem ser ensinados, devem ser educados para o uso da razão. Para que não se tornem brutos, principalmente por serem feitos à imagem e semelhança de Deus.

Naradowski (2006, p. 26) enfatiza o que Comenius traz em sua obra a respeito de que a formação do homem deve ocorrer “se é que ele deve pertencer ao Gênero Humano”.

Sabemos que o indivíduo ainda não tinha a consciência de fato do que o novo trabalho lhe guardava. Porém Comenius já fazia conexão entre a arte de ensinar e a realidade do trabalho, à realidade da prática; percebia a necessidade de preparar este indivíduo para viver em meio a ela.

Segundo Gasparin (1992, p. 35), “[...] estes eram os sinais do novo tempo, das novas necessidades que os homens estavam criando a partir do novo modo de produzir suas vidas”. “[...] Aproximavam-se as grandes descobertas geográficas e as grandes invenções técnicas. A compreensão dos negócios do mundo dependia, cada vez mais, da junção dessas duas dimensões [...]”.

Assim, a revisão dos programas tradicionais nas escolas fez-se necessária e um novo método de estudo precisava encontrar seu espaço no programa educacional, por conta do novo trabalho que se configurava, por conta dos novos descobrimentos, da nova política, das novas necessidades e que junto traziam também as opressões, as explorações e as guerras.

Comenius (2006, p. 25) questiona se “de fato, em nós e naquilo que a nós pertence existe algo que se encontra na devida forma e lugar?” e responde “nada”. Ele fala que tudo está revirado e confuso e percebe-se o afastamento de Deus: “[...] em lugar do amor recíproco e da candura, ódios recíprocos, inimizades, guerras e morticínios. Em lugar da justiça, iniquidade, injúrias, opressão, furtos e assaltos [...]”.

Da mesma forma, na *Pampaedia* diz que o “mundo tornou-se o teatro da vaidade”, que os homens trazem uma máscara e que ninguém pode confiar em ninguém, pois tudo está cheio de armadilhas e astúcias. Tudo está cheio de guerras e violências (COMENIUS, 1971, p. 92).

Portanto, é preciso, como Comenius (1971, p. 46) coloca na *Pampaedia*, dirigir a “capacidade volitiva” para as coisas legitimamente boas, para que nenhum homem “degenere em não-homem”. Deve-se cuidar para que “não haja ninguém que não seja instruído”, para que seja dirigida a capacidade de agir, caso contrário, “[...] se não é dirigida para onde o deve ser, aplica-se a coisas a que não deve: e, ou não tira utilidade alguma dessas coisas para si, ou até provoca danos a si e aos outros [...]”. Assim resultarão em guerras, inimizades, assassínios e todos os males que disseminam quando a capacidade de agir não está focada sobre as coisas verdadeiras e úteis.

Comenius (1971, p. 55) afirma que nenhuma arte especial é necessária para dirigir o homem, basta apenas que os obstáculos que impedem sua inclinação natural de desenvolver sejam retirados. “[...] Não é necessário, por exemplo, obrigar as coisas redondas a moverem-se, as coisas angulosas a manterem-se em repouso, as coisas pesadas a caírem, etc., pois elas apressam-se a fazê-lo espontaneamente, logo que os obstáculos sejam suprimidos”. Assim, ao homem é necessária apenas uma direção prudente e santa, e isso a própria experiência mostrará.

2.7. A Desordem e a Ordem das Coisas

Tanto a ciência quanto a religião tendiam a ordenar o mundo. A ciência, ainda muito atrelada aos preceitos da igreja, procurava comprovar a perfeição da Criação. Mas como observa Woortmann (1977, p. 51) “para os aristotélicos o sistema copernicano levaria ao mundo à desordem “[...] seria melhor deixar a Terra em repouso no centro do mundo, seu “lugar natural [...]”. Essa desordem mundial levará a questionar o modelo de vida e de crescimento econômico. Não é possível separar reformas econômicas de reformas sociais.

Quem ignora o seu próprio mal dele não cuida; quem não sente a dor não geme; quem não percebe o perigo não estremece nem quando está sobre o abismo ou o precipício; assim, não espanta que não se preocupe aquele que não nota as desordens que afligem o gênero humano e a Igreja (COMENIUS, 2006, p. 25).

Ora, se um novo modo de vida, um novo modo de produção vai se apresentando ao povo da época, quem dirá uma nova maneira de ensinar, uma “Arte de Ensinar”. Para entendermos no que consiste esta “Arte” nos remetemos a Gasparin (1992, p. 81), que detalhou de forma brilhante o conceito desta palavra no texto comeniano:

Para os artesãos e manufactureiros, arte significava capacidade que o homem tinha de concretizar uma idéia, valendo-se da faculdade de dominar a matéria. Expressava, outrossim, o processo de utilização desta capacidade, natural ou adquirida, de por em prática os meios necessários para obter um resultado. A mesma palavra exprimia também os preceitos, os princípios exigidos para a execução de qualquer trabalho, mas ao mesmo tempo encerrava as idéias de atividade, procedimento, ação, exercício, conhecimento, saber, dom, jeito, artifício, engenho, maneira, modo, meio, forma. Traduzia igualmente a idéia de profissão, ofício em que se enquadravam os carpinteiros, relojoeiros, sapateiros,

marinheiros, fabricantes de tecidos, enfim, artesãos de todo o tipo e manufatureiros que traduziam, naquele momento histórico, a nova forma de trabalho do homem.

O mesmo autor, antes, relacionou o artesanato à manufatura, pois Comenius “[...] elevou a arte de ensinar ao nível das demais artes manual-mecânicas, equiparando o processo de produção intelectual escolar ao processo de produção material dos artesãos e manufatureiros, os conceitos de arte empregados, no fundo, têm a mesma significação”.

Toda mudança despertará novos caminhos a partir do declínio da consciência humana imediata do Céu e do Inferno e a diminuição do sentimento da responsabilidade do homem pelos pecados do mundo: “[...] o conforto material, na sensualidade declarada, nas representações seculares da arte, na escultura e na literatura e, talvez acima de tudo, na convicção de que o homem poderia realizar aquilo que quisesse neste mundo sem a assistência divina [...]” (GREEN, 1984, p. 30).

A verdadeira desordem do mundo não está nas mudanças que ocorriam na época devido às descobertas, as novas religiões, mas na falta da razão, da inteligência, da educação. Comenius (1971, p. 197) fala que “Lamentamo-nos da perversidade do mundo e das crescentes desordens em todos os estados, sexos e idades. Tentamos também reformar-nos uns aos outros por meio de casas, das escolas, de igrejas, de Estados, todos, por toda a parte, como modos vários, a maioria das vezes violentos”.

Os pais tentam corrigir com pancadas, os governantes com os “cárceres, com a espada, com a força e com a roda”. Os reis enganam seus próprios súditos, os quais vingam-se com rebeliões, “daí que todo o mundo esteja cheio de guerras, de violências e de calamidades” (COMENIUS, 1971, p. 198). Porém a razão e a ordem deveriam dominar os homens e não a violência.

Assim Comenius fala das deficiências e dos obstáculos na educação e apresenta os remédios contra essas desordens, “[...] se, pois, quisermos igrejas e estados e famílias bem organizadas e florescentes, antes de mais nada ponhamos em ordem as escolas, fazendo-as florescer, para que se tornem realmente forjas de homens e viveiros de homens de igreja, estado e família; só assim alcançaremos nossos fins, e não de outro modo” (COMENIUS, 2006, p. 34).

Da mesma forma, Comenius (1971, p. 33) volta a citar a ordem como medida de todas as coisas:

[...] desejamos que seja descoberto um método pelo qual, assim como as coisas já estão colocadas em ordem por força da Luz, assim também as mentes possam subordinar-se às coisas, por força da Ordem, para que, na medida em que todas as coisas estão entre si ordenadas e unidas pelas leis eternas da Verdade (o que vimos na *Pansophia*), nessa mesma medida possam os homens participar dessa luz, dessa ordem e dessa verdade das coisas, reconduzidos, cada um deles, dentro de si, e todos, entre si, a uma harmonia semelhante; e isto realmente.

Comenius compara o homem ao relógio de duas maneiras, uma com a ordem, com a harmonia, e outra com a complexidade mecânica que como qualquer outro objeto representa. Como ordem, o relógio com todas suas engrenagens conduz os movimentos harmônicos propagados em todas as peças, “assim é o homem”.

Como complexidade, Comenius (1971, p. 96), em *Pampaedia*, admite que uma educação perfeita para os homens não se consegue sem dificuldades. Ele traz quatro causas, sendo que na primeira delas compara o homem aos instrumentos mecânicos, utilizando como modelo também o relógio. O homem é a criatura mais complexa e exige, para ser preservado da corrupção, muitos cuidados. Como o relógio, quanto mais partes complexas e delicadas, mas estão sujeitos a defeitos e conforme os defeitos mais difíceis de serem reparados.

O relógio representa a harmonia, mas quanto mais peças contém exige mais cuidados e mais facilmente erra na conservação do todo. O homem, da mesma forma, contém muitas partes como os minerais, os vegetais, animais e os anjos, e cada uma das partes compostas em outras estão sujeitas, por natureza, à corrupção uma vez permitida (COMENIUS, 1971, p. 97).

Em 1544, foram promulgados os primeiros estatutos dos relojoeiros parisienses, em cartas patentes onde se sublinha que os relógios, segundo Lefranc (19-- , p. 94), “[...] foram inventados para se viver e proceder segundo as regras e a ordem da virtude”. E o que podemos dizer sobre os homens? Os indivíduos nasceram também para proceder segundo as regras e a ordem da virtude, porém há necessidade de existirem maneiras de instaurar as regras e a ordem.

Assim como os relógios, os homens necessitam de regras e da ordem para não se corromperem, como os relógios necessitam de ajustes para que não se estraguem facilmente. E que nos fique claro que a regra deve ser ensinada por meio dos exemplos: “[...] maior é a alegria quando uns têm o exemplo e o estímulo de outros. É natural fazer o

que os outros fazem, ir aonde os outros vão, seguir quem nos precede e ir à frente de quem nos segue [...]” (COMENIUS, 2006, p. 85).

O exemplo pode ser utilizado para o bem da educação ou pode se tornar mais um obstáculo. Os maus exemplos também estão entre os jovens e os conduzem para o mau caminho. Como existem inatas as sementes da virtude e se elas se desenvolvessem por si só “[...] a própria natureza nos conduziria para uma vida feliz”. Mas como o homem está muitas vezes fadado a beber “o erro com o leite materno”, é preciso que existam bons exemplos de pais e de professores (COMENIUS, 1971, p. 99).

Segundo Comenius (2006), a mente humana é desejosa de conhecer as coisas, está sempre aberta, deseja explorar, compreende e apreende tudo; é incansável, desde que não seja confundida por grande quantidade de coisas, mas que tudo seja apresentado à sua observação na ordem devida. A harmonia dos costumes é natural aos homens, assim como as sementes da virtude e da religião, mas é preciso despertar o homem para que reconheça em si essas raízes.

O nosso corpo foi preparado para receber e desfrutar das coisas alegres e prazerosas da vida, como Comenius (2006, p.65) aponta: “[...] de fato, a quem não agrada um homem de belas formas, um cavalo de raça, uma bela estátua, uma pintura bonita? De onde nasce isso se não do fato de que proporção das partes e das cores dá alegria? Esse deleite aos olhos é naturalíssimo [...]”. Mas tudo isso deve ser apresentado ao homem. Conforme Gasparin (1992, p. 104):

Se o homem ao nascer traz em germe a inteligência das coisas, a harmonia dos costumes e o amor de Deus e se, por outro lado, esses três elementos constituem a totalidade das coisas que ele deve conhecer e viver entende-se claramente que o “tudo” que deve ser ensinado e aprendido por “todos” já está em cada um. A universalidade, neste sentido, encontra-se em cada indivíduo, bastando apenas criar as condições favoráveis para que ela se manifeste. É necessário, portanto, que o homem seja formado, educado, para que se torne aquilo que é.

Como o relógio é moldado, é consertado pelas mãos dos relojoeiros, assim o indivíduo por meios oportunos poderá ser reparado, poderá ser formado. “[...] Ademais, assim como o relógio ou de um instrumento musical, construído pelas mãos de hábil artista, quando se estraga ou não toca bem, não dizemos imediatamente que não pode mais ser usado pode ser consertado e temperado?” (COMENIUS, 2006, p.66).

Como as oficinas organizam e distribuem os produtos fabricados, “[...] os templos a religião, os tribunais a justiça, também as escolas não devem preparar, purificar,

multiplicar a luz do saber e distribuí-la por todo o corpo da comunidade humana?” (COMENIUS, 2006, p. 86).

A escola deve ser preparada para os jovens e, conforme Comenius apresenta como título do Capítulo XIII - “*A base de toda reforma escolar é a ordem exata em tudo*” - assim como o que mantém “[...] o universo em seu ser com todas as suas particulares individualidades, descobriremos que não é nada mais que a ordem, a disposição de todas as coisas [...]”.

Com relação à “ordem em tudo”, Narodowski (2006, p. 31) assevera que “nada é deixado ao azar, ao caos ou ao livre arbítrio dos inexperientes. São os caminhos marcados e os passos calculados que farão com que a ordem impere nos corpos.” O autor chama a atenção que “ensinar tudo a todos” não é o único objetivo de Comenius, mas também a procura do equilíbrio e da harmonia. “O que faz o tempo ser marcado, através dos séculos, segundo intervalos fixos de anos, meses e dias, de modo tão ordenado e sem confusão? Apenas a imutável ordem do firmamento” (COMENIUS, 2006, p. 123).

A perfeita ordenação da didática é de interesse do Céu - e de incumbência dos Pais, Preceptores, Estudantes, Escolas, Estados e a Igreja. A responsabilidade de uma boa educação é de todos. Qualquer alteração em uma dessas partes motivaria um conflito e não se atingiria o fim desejado. Porém, a escola deve estar preparada caso uma das partes não esteja alinhada com o objetivo comum “[...] É de interesse do CÉU que as escolas sejam reformadas para promover a educação idônea e universal das almas [...]” (COMENIUS, 2006, p. 38).

A ordem é que conserva o universo, e a ordem é nada mais que arrumação de todas as coisas: “as primeiras e as últimas, as superiores e as inferiores, as maiores e as menores, as semelhantes e as dessemelhantes, segundo o lugar; o tempo, o número, a medida e o peso devido e congruente de cada uma” (COMENIUS, 2006, p. 123).

O tempo é organizado porque é marcado pelos séculos, meses e dias, enfim pela imutável ordem do firmamento. Comenius traz os exemplos da aranha, da formiga, da abelha, que trazem inatas a aptidão para a ordem, para o número, para certa medida. O corpo humano possui membros em perfeita proporção, ordenados perfeitamente sob o comando da mente.

Da mesma maneira temos o exemplo de um único homem governar povos inteiros. Isto é capaz porque um homem comanda outros, estes comandam outros tantos e assim, sucessivamente, estão unidos por elos de obediência e de ordem. De modo que

“movimentando-se o primeiro, todos se movimentam; parando o primeiro, todos param” (COMENIUS, 2006, p. 125).

E assim é com a tipografia, com a mecânica, com o relógio, tudo depende de uma perfeita coordenação. Portanto, conforme Comenius, a arte de ensinar “não exige mais que uma disposição tecnicamente bem feita do tempo, das coisas e do método”. Tudo isso não será impossível, assim como não é impossível imprimir “mil páginas por dia com bela escrita em caracteres tipográficos, transportar casas, torres e qualquer peso com a máquina de Arquimedes, ou navegar sobre o oceano e ir para o Novo Mundo” (COMENIUS, 2006, p. 127).

Toda a ordem deve ter como exemplo a escola da natureza, assim, ao seguir as coisas naturais as artificiais se tornarão perfeitas. Assim como a construção do navio, que teve como exemplo as barbatanas dos peixes, assim como o som das gaitas de foles e todos os instrumentos de sopro imitam a traqueia (COMENIUS, 2006).

A organização das escolas por Comenius, por idade, por classe, por dias, por horas, é uma disposição tecnicamente bem feita do ensino, com o objetivo do aluno aprender mais rapidamente, para que aprenda do modo certo, na ocasião certa, para que a inteligência seja facilmente aguçada e para que aprenda com solidez.

Que a ordem das coisas seja apresentada ao homem desde o primeiro momento da sua formação, “uma disposição tal dos assuntos que os estudos futuros pareçam ser apenas um desenvolvimento pormenorizado dos que os precederam” (COMENIUS, 2006, p.158).

Toda ordem que Comenius apresenta deve ser concretizada principalmente na escola da idade adulta, afinal o adulto deve saber aplicar na prática tudo que foi aprendido; a prática é o trabalho. Diz Comenius (1971, p. 302):

Vinde, pois, ó jovens que deixastes de frequentar as escolas, e aprendei agora a ser navegantes no próprio mar da vida e das actividades humanas! Aprendei a agir como homens e a administrar por vós mesmos as vossas coisas com vontade decidida, mas com prudência. Às crianças que ainda não têm dentes, dá-se leite; às que estão a deitar os dentes, dá-se um alimento previamente mastigado e amolecido; as crianças mais crescidas comem pela sua mão; os adultos são obrigados a procurar, com o seu trabalho, o alimento para si e para os seus. Assim, ó criancinhas, ó adolescentes e ó jovens, à vossa idade tudo era dado já preparado; agora, a vós já adultos, dotados de uma sabedoria adulta, é confiada a tarefa de acumular, com a vossa habilidade, para vós e para os vossos. Doravante, vós próprios sereis para vós mestres e discípulos.

Este é o nível em que se encontram os professores, eles já exercem uma profissão. Eles fazem parte da Escola da Idade Adulta. O adulto é o homem que atingiu o ponto máximo do seu desenvolvimento e das suas forças, está apto para conduzir as suas tarefas e começa já a praticar o gênero de vida para a qual se preparou. Esta é a escola central da vida, as outras antes dessa eram degraus para se chegar a esta. Nesta escola deve-se aprender mediante ações sérias. Este será o assunto para nossa próxima seção.

3. A VIDA COMO PROFISSÃO

No Capítulo XIII da *Pampaedia* com o título “A Escola da Vida Adulta” percebemos a importância de um ofício na vida humana quando Comenius (1971, p. 309) afirma que: “[...] seja qual for a profissão que escolhas, que ela seja para ti a principal actividade da vida, e tudo o resto seja secundário”.

O exemplo de educação e perfeição será posto em prática, mais do que em outras escolas, na escola da vida adulta, que possui em seu ápice a vida como profissão. O objetivo desta escola é que este adulto saiba administrar a vida, que não perca tudo o que foi aprendido nas escolas anteriores (a escola da formação pré-natal, da infância, da puerícia, da adolescência e da juventude) a respeito da cultura, dos bons costumes e da piedade, mas que saiba aplicar tudo isso na vida prática, que se vive intensamente na escola da vida adulta e que tudo isso consista “no emprego prudente da vida”, para que viva bem na escola da velhice e na escola da morte, com vistas à vida eterna (COMENIUS, 1971, p. 303).

Os meios utilizados são que, cada adulto, que já atua nos negócios da vida, leia por si mesmo os três livros de Deus (O livro da mente, do mundo e da Revelação Divina) e dedique-se a Deus e à sua profissão. Os livros são para que saiba todas as coisas da vida. Ler autores clássicos a fim de aprender mais, isso quando encontrar neles algo verdadeiramente proveitoso. Utilize como método a prática séria e em ordem à sua utilização para que tudo o que faça, leia ou diga não deixe de ser colocado em prática (COMENIUS, 1971).

Em *Pampaedia* todas as coisas que podem tornar o homem sábio já foram dadas a todos. Foram oferecidos os Livros Divinos e, juntamente com eles, foram apresentados os instrumentos para que esses livros possam ser lidos. Os instrumentos são os sentidos, a razão e a fé. Os livros são: o Livro do Mundo, que é o livro aberto todo dia pelo homem, é o seu cotidiano, a sua prática; o Livro do Espírito Humano é o livro lido por todos e cada um, quer pelos sábios, quer pelos estudos; e o Livro da Revelação, que é a Sagrada Escritura. A todos deve ser ensinado a ler esses livros, para que:

[...] todos bebam a sabedoria, tanto mais que, quanto aos instrumentos, não pode haver dúvida. Com efeito, são dados a todos, não só *sentidos* para conhecer tudo o que o mundo contém, mas também *razão* para

examinar tudo o que a sabedoria humana infere das coisas e ainda *fé* para admitir tudo o que testemunhas dignas de credibilidade anunciam, etc. Portanto, a todos são concedidos abundantemente os meios (COMENIUS, 1971, p. 52).

Como meios Comenius (1971, p. 52) apresenta “os instrumentos de cultura”, que são os sentidos externos e internos do homem, a sua mente, o seu coração, a sua língua e as suas mãos. Podemos dizer que são instrumentos da natureza do homem e que foram dados a “[...] todos indivíduos de cada povo, dada a identidade universal da natureza humana”. Assim, todos os homens são iguais e possuem a mesma capacidade humana “[...] tudo o que um dos homens é, tem, quer, sabe e pode por natureza, todos os outros o são, têm, querem, sabem e podem [...]”.

Aos sentidos podem ser apresentadas, ensinadas, todas as coisas que convém saber, e que seja evitado ensinar para os homens as coisas que serão prejudiciais à sua mente. Pois, uma vez apresentadas aos sentidos, as coisas serão aprendidas e as coisas que não forem apresentadas não serão aprendidas. Portanto, devem ser abolidos os livros maus, as pinturas escandalosas e todas as outras ocasiões do mal (COMENIUS, 1971).

Porém, se acaso o jovem venha a saber as coisas inconvenientes, então que haja um antídoto para ser aplicado. Comenius (1971) exemplifica: se acaso for ensinado na bíblia a passagem em que ocorre o homicídio de Caim, a bigamia de Lamec, o incesto de Lot, entre outras coisas, também deverá ser mostrado como foram punidos. Saber qual foi a punição, esse será o antídoto.

Comenius ensina como escolher os livros, para que não se distraia com muitas coisas, pois não há necessidade se muitos livros possuem a mesma fonte de pensamento que já é conhecida. Os livros devem ser escolhidos conforme a profissão de cada um.

É preciso também buscar o conhecimento na História do próprio povo e de povos diferentes, pois o mundo se tornou acessível. Ele diz: “[...] é bom que se leiam as histórias antigas, mas é preferível ler a história da própria época, quer os factos acontecidos recentemente [...], quer os fatos contemporâneos, quer os factos que se prevê possam acontecer”. A preocupação deve acontecer acerca dos acontecimentos da própria pátria antes dos acontecimentos de pátrias alheias (COMENIUS 1971, p. 307-308).

A respeito de teoria e prática Comenius (1971, p. 302) evidencia que na idade adulta cada um deve ser o seu próprio educador “na Escola, na Igreja, no Estado ou mesmo em casa”. “[...] O verdadeiro método escolar (*methodus scholastica*) opera operando, isto é, torna os alunos peritos nas várias actividades mediante a contínua tradução da teoria na

prática”, pois “[...] só edificando, nos edificamos e só operando, nos tornamos artífices das obras”.

Manifesta a diferença dessa escola prática, em que o adulto aplica tudo aquilo que aprendeu, com as escolas anteriores que ocorriam de fato dentro da instituição. Segundo o pedagogo, na própria escola-instituição a prática é realizada por meio de exercícios que têm aspecto de jogos, brincadeiras, mas que não “chegam a produzir progressos tão verdadeiros e sérios, como quando o vigor dos anos se exercita em coisas sérias e seriamente” (COMENIUS, 1971, p. 302).

O que o homem julga ter realizado antes da prática de fato, das ações sérias, segundo Comenius (1971, p. 302), não passa de uma ilusão. Ele cita as palavras de Galeno:

Um teórico sem prática é como um navegador que foi buscar a sua arte apenas aos livros e, sentado tranquilamente na areia, distingue com perfeição os portos, os escolhos, os promontórios, as Cilas e as Caríbdis; em suma, sabe conduzir òptimamente o navio através da cozinha ou em cima da mesa. Se afronta, porém, o mar, e se lhe confia o leme de um navio com três ordens de remos, chocará contra os escolhos que tão bem conhecia antes.

Comenius chama a profissão como “a principal atividade” da vida. Essa é a Escola da Idade Adulta, é a escola da vida prática; nela é preciso aprender mediante ações sérias, “portanto, ao entrar nesta escola, deve escolher-se um determinado gênero da vida, no qual se passe os dias da existência mortal a servir a Deus e à sociedade humana útilmente e, se possível, com alegria” (COMENIUS, 1971, p. 309).

Essa é a escola que ensina da forma que nenhuma outra ensinou, pois “[...] consiste no contacto directo com as coisas e nas múltiplas relações com os homens durante todo o resto da vida” (COMENIUS, 1971, p. 302).

O autor revela que qualquer profissão escolhida deve servir primeiramente a Deus e que seja útil para a sociedade e, mais ainda, que mesmo com todas as dificuldades, a profissão seja desempenhada com alegria.

Todas as escolas que antecedem à escola da idade adulta, que Comenius apresenta em *Didática Magna* (a escola materna, a vernácula, a latina e a academia) e depois em *Pampaedia* (a escola da formação pré-natal, da infância, da puerícia, da adolescência e da juventude), preparam o aluno com o objetivo de que toda a vida seja um trabalho contínuo (COMENIUS, 1971).

Essa vida de trabalho, de atividade incessante, pede, além da utilidade, os meios seguros, os processos mais fáceis; solicita aproveitar as oportunidades que são oferecidas por Deus; isso é “próprio de uma pessoa inteligente”: e apoiar-se somente em si e em Deus são regras que Comenius apresenta para seguir com diligência na profissão.

Para o educador, a prudência deve ser orientadora do trabalho: sem ela é em vão a atividade e o esforço. É preciso que o homem tenha em mente o objetivo da sua vida e de cada uma das suas partes (intelecto, mente, língua, mãos, etc.); e para chegar à finalidade escolhida deve-se ter bem claros os meios juntamente com a prudência para que não ultrapasse os limites. Assim, as coisas ordenadas produzirão os resultados almejados.

Um símbolo do trabalho contínuo é mencionado por Comenius (1971, p. 313). Ele cita o arquitipógrafo Cristófero Plantino⁸, que “[...] colocava em seus livros, como símbolo, um compasso com um pé fixo e que, com o outro pé, traçava uma circunferência com a seguinte inscrição: *Labore et constantia* [...]”. Segundo Comenius, era preciso acrescentar neste símbolo somente a figura de um olho, símbolo da prudência, “[...] com efeito, se a prudência não for a orientadora do trabalho e da constância, a actividade e o esforço não só serão inúteis, mas poderão até ser perniciosos”.



⁸ CHRISTOPHERUS PLANTINUS (1520-1589), fundador de uma tipografia em Antuérpia, foi nomeado, por Decreto Real de 1570, *Prototypographus* da Holanda (COMENIUS, 1971, P. 313)

Comenius (1971, p. 322) repete mais uma vez, como Primeira Regra da Prudência eterna: “[...] é próprio de um homem sábio olhar sempre o fim, os meios e, finalmente, o modo de empregar os meios, ou seja, uma prática segura. Portanto, nunca faça nada se não conheces o fim, os meios e o modo daquilo que deves fazer. Deves querer o fim por si mesmo; os meios só em ordem ao fim”.

Na *Didática Magna* podemos observar que ele põe em prática aquilo que fala a respeito de empregar os meios e ter um olhar para o fim do que almejamos como acima citado em *Pampaedia*. Comenius (2006, p. 17) afirma que se empenhou “[...] em estudar diretamente o assunto em si e a investigar as causas, as razões, os modos, os meios e os fins daquilo que, como Tertuliano, podemos chamar de arte de aprender”.

Ora, para saber seguir com diligência a profissão, nada melhor do que a Educação que, segundo Gasparin (1992, p. 144), tem o conceito de “[...] ação, de conduzir, guiar, marchar à frente de, comandar”. Independente da profissão escolhida, em virtude das condições históricas e das mudanças ocasionadas, é preciso desenvolver várias potencialidades humanas.

Todavia, Comenius (1971, p. 314) afirma que “é prudente não se dispersar em demasiadas iniciativas, quer sejam pensamentos, ou palavras, ou acções, ou empreendimentos. Com efeito, a virtude dispersa debilita-se, pois a força está na unidade”. Porém, caso não escape aos muitos propósitos, que eles “sejam bons e que os saibas levar a bom termo”, que sejam “bem formulados e estabelecidos”. As decisões devem ser tomadas, leve o tempo que precisar, mas devem ser postas em prática com grande agilidade.

Até mesmo em relação à brevidade da vida Comenius (1971, p. 317) trata do trabalho como o caminho que deve ser percorrido até a chegada da eternidade junto ao Pai, propósito este de todas as Escolas. O autor representa esta brevidade por meio do título: “A Vida é como um Rio ou como o Vento” (*Pampaedia*); portanto, é preciso andar depressa, não é permitido ser “negligente ou relaxado em trabalhar para ganhar a vida”. Aos ociosos eram estabelecidas leis contra a indolência e a preguiça.

O novo homem já era percebido por Comenius; é o desenvolvimento do trabalho produtivo que permeia a nova sociedade: “[...] a nova maneira de os homens ganharem a vida faz surgir uma nova natureza que conduz, que guia o homem em sua realização” (GASPARIN, 1992, p. 169).

Comenius traz a compreensão da educação paralela à nova sociedade, ao novo sistema social, em meio à crise sistêmica que a transição do momento revelava. Então, cabe ressaltar as três classes da Escola da Idade Adulta, que ele apresenta para exemplificar as necessidades e a importância da profissão: a classe daqueles que escolhem e começam uma profissão, a classe daqueles que continuam no exercício da sua profissão e a classe daqueles que se aproximam do fim e que esperam a velhice (COMENIUS, 1971).

Dada a especialização que o novo período trazia, é interessante notarmos o que estabelecia a classe “Da escolha da profissão”. O autor revela nesta primeira classe que é tempo de escolher um gênero de vida, mas logo em seguida indaga: “[...] Como escolher e que gênero de vida escolher? E uma vez feita a escolha, que deve fazer-se?” (COMENIUS, 1971, p. 320)

Ele responde para escolher a profissão em que possa dizer: “és o único que me agradas”, diz ele. O gênero da vida de que ele fala é a escolha de uma única profissão, mas que contraditoriamente traz em si uma objeção: “Para quê então adquirir uma sabedoria pansófica, se uma só coisa é necessária?”. Comenius explica que se nós homens entendermos de tudo, também entenderemos cada coisa em particular, assim não será perturbada a harmonia das outras coisas. A esse respeito Gasparin (1992, p. 156) cita que:

Ainda que o argumento aduzido por Comênio para demonstrar a necessidade da educação do homem como totalidade seja de ordem espiritual, a essência desta necessidade se sustenta nas condições objetivas sociais e materiais que o homem estava produzindo. Estas não mais permitiam que o homem se desenvolvesse parcialmente, ou numa única dimensão como ocorria na Idade Média, quando a parte espiritual dominava absolutamente sobre as demais, a tal ponto de gerar, por exemplo, um desprezo total pelo corpo considerado a prisão da alma, um obstáculo no caminho para Deus [...].

Comenius (1971, p. 320) trata da totalidade da vida. Diz ele: “[...] olha o fim desde o princípio e examina os meios em ordem ao fim”. Esta frase desvenda a organização necessária para qualquer trabalho que deve ser desempenhado. Devemos ter em mente o objetivo a ser alcançado e quais são os meios que nos ajudarão a chegar até o fim almejado. Mas prestemos atenção, a palavra “meios” é seguida de “ordem”, os meios devem estar organizados; não podemos utilizá-los aleatoriamente, é preciso buscar a harmonia.

A busca do equilíbrio, da harmonia, é condição necessária para chegar ao todo, pois se “[...] o homem se aperfeiçoasse apenas em uma dimensão, ou desenvolvesse apenas uma de suas diversas possibilidades, não poderia, evidentemente, dizer que aprendera todas as coisas. Ter-se-ia desenvolvido, então, imperfeita e incompletamente” (GASPARIN, 1992, p. 155).

Comenius (1971, p. 92) aspira à busca do equilíbrio do novo homem. Ele fala em transformar os estudos dos homens desde seus fundamentos, segundo os métodos que a *Pansófia* apresenta, ou seja, que o ensino não seja dividido ou parcial, mas íntegro e total; que não seja superficial, mas profundo; que não seja amargo ou forçado, mas doce e agradável para que seja duradouro. Segundo Gasparin (1992, p. 159), o novo homem,

[...] como expressão de sua época, luta contra o fracionamento do homem do período feudal propondo a educação integral dele. É, porém, um processo contraditório, pois, enquanto em muitas passagens de sua obra aponta para a incipiente divisão do trabalho que secciona o homem, que o especializa numa função em detrimento das demais, em outras tantas assinala que é necessário satisfazer ao mesmo tempo todos os desejos humanos, de modo que eles se harmonizem, se integrem e se encadeiem mutuamente [...].

Entendemos que existe a contraditoriedade, porque o novo modo de produção e as novas técnicas de trabalho aos poucos se instalam, e Comenius tem reconhecimento disso, mesmo que indiretamente. Portanto, como ele mesmo nos fala, para tudo existe um remédio, então que o antídoto seja apresentado. Se o trabalho secciona, já a educação é íntegra, é total. Se o trabalho se torna superficial, a educação pode ser profunda e real. Se o trabalho é penoso, a educação pode ser agradável. Ele entende o momento e oferece a solução. As novas características apresentadas por ele para a educação, como a divisão por idades, um ensino coletivo e que seja rápido entre outras coisas acompanha as incipientes necessidades advindas do novo modo de trabalho, mas o conhecimento deve ser conciso e útil à vida.

A harmonização é necessária, pois se alguns homens apenas possuem o objeto do saber, outros do querer e outros do agir, possuem por um lado abundância de coisas supérfluas e por outro falta de coisas necessárias. Comenius (1971, p. 93) exemplifica dizendo que “[...] aqueles que desejam em excesso dominar os outros homens, e se obstinam nesse sentido, esquecidos de todo o resto, se acontece que consigam realizar o seu desejo, facilmente se tornam tiranos, para a perda sua e dos outros [...]”. Podemos dizer

também que isso tem a ver com supervisão na escola, que se bem empregada é uma ferramenta de domínio aliada ao ensino, mas que exige bom juízo de quem aplica.

Na obra *Pampaedia*, Comenius (1971, p. 37) afirma que “[...] pretende-se, portanto, que (*Omnes, Omnia, Omnino*) sejam educados, isto é, que todos sejam educados em todas as coisas e totalmente”. Ao homem apresenta uma educação que o torne pansofo. Ele deseja que “[...] cada homem seja rectamente formado e integralmente educado, não apenas em uma coisa, ou em poucas, ou em muitas, mas em todas as coisas (*omnibus*) que aperfeiçoam a natureza humana [...]”. Por isso compreende-se que este homem deve conhecer a verdade, amar o bem, fazer o que deve fazer, falar sabiamente, agir com prudência e não se afastar do objetivo de alcançar a felicidade que é a vida eterna.

O ‘totalmente’ que Comenius emprega significa uma educação para a verdade, uma educação que possa ser utilizada na vida real e quotidiana e para a eternidade que é a vida futura. Que este homem educado totalmente seja capaz de terminar um trabalho que empreendeu.

O gênero da vida escolhido deve ser seguro, honesto e útil, porém, segurança não quer dizer que esteja isento de perigos, mas deve salvar a própria alma e a dos outros. Honesto, pelo zelo do nome, e útil, porque “[...] não somos anjos; precisamos do necessário”. Comenius entende que é preciso das coisas materiais, é preciso do trabalho para o sustento de cada um, mas a profissão escolhida deve ser agradável e tranquila (COMENIUS, 1971).

Qualquer que seja a profissão: médico, magistrado, subalterno, operário ou comerciante, deve servir aos homens e a Deus. Assim, quem agir de modo contrário não entende sua vocação e prejudica-se a si mesmo (COMENIUS, 1971).

Contudo, segundo Comenius, o trabalhador deve fazer daquilo que desempenha um esforço para servir a Deus com zelo e este certamente será recompensado aqui na terra e na eternidade e a profissão será o caminho para Deus. Por ter como base a palavra de Deus, Comenius traz citações bíblicas constantemente para confirmar seu pensamento, como em *Cols.*, 3, 24 - “*certos de que recebereis, como recompensa, a herança das mãos do senhor. Servi a Cristo, Senhor*”. Assim:

Isto é e deve ser de grande conforto para todos os que exercem qualquer profissão, mesmo para aqueles que se dedicam às mais humildes de todas elas. Com efeito, é tão grande a glória do eterno Pai de família que, na sua casa, nenhuma vocação é tão insignificante e tão desprezível que

lhe não agrade e não mereça a coroa da vida (COMENIUS, 1971, p. 321).

Portanto, a profissão escolhida deve agradar a cada um em particular, mas ainda mais à comunidade, pois o homem não nasceu para si só, mas para servir e viver na sociedade.

Comenius (1971, p. 321) é tão sensível na leitura do mundo que não deixa escapar as minúcias, e já que a profissão deve ser agradável, se acaso alguma coisa proceder de maneira errada, ou que não esteja prosperando, ele diz por meio da palavra da bíblia para não se desesperar. Esta é a sua resposta para o homem comportar-se na profissão escolhida, “no e com o temor de Deus [...]”, “[...] em caso contrário, não desespere (*Isaías*, 49, 4), como não desesperou Pedro (*Lucas*, 5,5).

Não se desesperar, mas levar tudo com seriedade, pois esta é a grande aliada do tempo; não é permitido perder tempo com coisas secundárias, deve-se ocupar de coisas sérias, é claro, como diz Comenius (1971, p. 322) “[...] não lhe negando as necessárias distrações”.

A respeito da Terceira Regra da prudência eterna: “*Vive como se fosse em público e ao serviço do público*, para que também se possa dizer de ti: *um homem bom é um bem comum*”. Comenius diz que é preciso ter em mente a família a sustentar e, portanto, deve-se escolher cedo a profissão que mais lhe parece favorável para tal finalidade. Ele cita três profissões que podem garantir o sustento da família: a Agricultura, a Indústria e o Comércio. A Agricultura pelo motivo de ser a mais natural, que permite o acesso a Deus e o regresso à vida dos Patriarcas, além de ser, segundo ele, mais agradável. A Indústria porque também há necessidade de se ter operários e artesãos trabalhando e o Comércio porque nem todos produzem todas as coisas, por isso deve “florescer” e que seja exercido por profissionais justos e conscientes “destinados a isso pelo magistrado” (COMENIUS, 1971, p. 323).

É nítido o entendimento de Comenius quando diz que é necessário ter operários e artesãos e que o comércio deve florescer, pois isso interessa à sociedade humana. Havia necessidade da importação e da exportação naquele momento.

Comenius entende as novas profissões capazes de sustentar uma família; entende as transações indispensáveis para suprir a necessidade do povo. Diferentemente do camponês que fabricava suas próprias roupas, que plantava para seu sustento e de sua família, agora a

sociedade precisava da colaboração de serviços alheios específicos que dessem conta de suas necessidades.

A desocupação e o ócio não são permitidos; para aprender a trabalhar, Comenius fala aos pais de família para seguirem as formigas, as abelhas; com elas não existe ócio e tudo está perfeitamente ordenado. Assim, a Escola da Idade Adulta é a escola da vida prática. Conforme Gasparin (1992, p. 179), “podemos dizer que o processo comeniano de ensino-aprendizagem se inicia com a prática das coisas materiais, físicas, passa em seguida à teoria, aos livros e chega novamente à prática [...]”.

É na Idade Adulta que a prática deve encontrar todo o seu vigor. Segundo Gasparin (1992, p. 179), “as demais escolas eram degraus preparatórios para esta [...]”. Nesta escola deve ser colocado em prática tudo o que se aprendeu nas precedentes “[...] quanto à cultura, aos costumes e à piedade. Como toda escola, esta também requer exemplos, preceitos e exercícios. Ela não está presa às diretrizes das anteriores, mas segue uma nova dinâmica, cujo centro é a profissão [...]”.

A preocupação de aliar a educação com a profissão é o valor social da preparação de todas as escolas. É o ensino paralelo ao novo sistema social, eis uma das apreensões deste educador e não a menos importante em meio à universalidade de seu pensamento. É a educação como fim para o conhecimento e para a vida eterna e não somente como meio de se tornar um profissional, pois na Escola da Idade Adulta também se exige a educação integral do indivíduo.

A relação entre educação e trabalho, quando Comenius compara a escola à oficina, no dizer de Gasparin (1992, p. 186), “[...] é a expressão mais precisa e feliz que Comênio utilizou para captar a nova realidade do mundo burguês que estava nascendo do velho mundo feudal [...]”.

Segundo Narodowski (2006, p. 61), será a “oficina dos homens” que formará indivíduos para agir no “mundo terreno e, em consequência, os deixará prontos para entrar, futuramente, na esfera celestial [...]”.

Como a Escola da Idade Adulta ensina na escolha da profissão, na execução de coisas sérias, como atividade incessante, como prática social ao ser útil aos homens e a Deus, ela ensina também aos que são sábios que se dediquem à vida prática, mas que reservem um tempo para o revigoramento da alma.

As fadigas, as dificuldades, devem ser suportadas “sem murmuração”. No exercício da profissão, comporte-se com seriedade, invocando a ajuda de Deus; no entanto, procure

não se afligir demasiado. Como escola que antecede a Escola da Velhice, ao homem é exigido que desempenhe sua atividade da melhor maneira possível, “[...] porque na sepultura, para onde te precipitas, não haverá nem obra, nem razão, nem sabedoria, nem ciências, como diz o *Eclesiastes*, 9, 10”.

Não é obrigação do homem querer mais do que aquilo que pode realizar, mas não é admitido demonstrar-se homem inútil para que não viva no sofrimento e na vergonha, mas ceda o lugar aos que são melhores. Deste modo, é preciso que o homem esteja sempre em atividade, “o homem sensato” (COMENIUS, 1971, p. 327).

Na Escola da Idade Adulta é o momento para trabalhar, para suprir as próprias necessidades, as dos outros e para deixar como herança aos filhos. Por fim, Comenius (1971, p. 329) apresenta uma oração quotidiana do homem adulto, a qual finaliza referindo-se ao trabalho e a toda espécie de profissão:

Pai nosso, que estás no Céu, concede-nos que não sejamos ingratos, tu que nos escolheste para teus filhos e herdeiros do Céu.

1. Seja santificado o teu nome, também em nós, por nós e através de nós, enquanto estamos na terra, assim como o será quando estivermos no Céu.

2. Venha o teu Reino a nós e em nós, e nós a ele.

3. Tu que nos revelastes a tua vontade, concede-nos que façamos toda a tua vontade, como a fazem os teus santos anjos no Céu.

4. Tu que nos deste a vida, dá-nos também as coisas necessárias à vida; e todas as vezes que acrescentas um dia à vida, dá-nos as forças para as nossas fadigas quotidianas e a tua bênção.

5. Tu que nos deste o mandamento do amor, amor de ti acima de todas as coisas, mas também do próximo como de nós mesmos, concede-nos que caminhemos na caridade, em nada ofendendo nem a ti, ó Deus, que estás acima de todas as coisas, nem a qualquer dos nossos irmãos (o nosso próximo), o mais importante ou o mais humilde, nem à nossa consciência. Mas se acontecer que as ofendamos, perdoa-nos benignamente, como nós fazemos ao nosso próximo, segundo o teu mandamento e o teu exemplo.

6. Tu que queres que estejamos no mundo como numa escola, numa palestra, numa milícia e que permites que, para nosso bem, sejamos muitas vezes tentados, pedimos-te que não nos abandones em nenhuma luta ou perigo.

7. Finalmente, concede-nos que trabalhemos, não para esta vida que passa, mas para a vida futura que permanecerá; e que, enquanto estamos sobre a terra, não procuremos para nós o domínio, a potência ou a glória, mas só para ti, a quem somente essas coisas são devidas.

[Aqui, poderia ainda mostrar-se, para cada espécie de profissão, como devem comportar-se os homens:

1. que levam uma vida privada e que se dedicam apenas a si mesmos (de modo que se esforcem, tanto quanto possível, por ser úteis aos outros).

2. que estão ocupados em funções públicas.

3. Em suma: cada um deve respeitar e desempenhar com honestidade o papel que assumiu na cena do mundo.

Ou poderia ainda mostrar-se o que deve fazer cada homem na profissão que exerce:

1. para si e para os seus: alimentar-se com o pão ganho com o suor do seu rosto.

2. para com o próximo indigente: ajudá-lo com o trabalho das suas mãos.

3. para com Deus: oferecer-se a si mesmo inteiramente, corpo e alma; dos seus bens, oferecer a décima parte. Do seu tempo, a sétima parte.

Baste ter esboçado estas coisas. Se o que acabamos de dizer for observado por todos, tudo se salvará].

Aos que estão para sair da Escola da Idade Adulta para entrar na Escola da Velhice é condição necessária fugir da ociosidade e realizar sempre trabalhos úteis e direcionados para as coisas necessárias para atingir o objetivo desejado.

Tudo o que começar a fazer deve ter objetivo prático, tendo como suporte os meios seguros e os processos fáceis. A respeito daquilo que não tenha conhecimento pleno, não decida, diga ou faça. Antes de realizar uma ação deve-se avaliar maduramente. Devem-se observar as coisas totalmente e concretamente antes de pronunciá-las e agir.

Eis a apresentação das bases da sabedoria da Idade Adulta: sua perfeição consiste no entendimento das coisas, saber definir o que é bom do que é mau e fazer a escolha certa. A esse respeito podemos dizer que Comenius apresenta uma educação que tem o poder sobre o livre-arbítrio permitido por Deus, pois se Ele permitiu o livre-arbítrio é porque também permitiu a educação para guiar a escolha dos homens. Digamos que a educação pode levar à perfeição da mente, que consiste na clara compreensão das coisas, na vontade boa e na atividade operosa.

Apesar do discurso sobre a profissão de modo geral na Escola da Idade Adulta, é com grande domínio que Comenius fala sobre a profissão do professor especificamente em suas obras. Assim, se a Escola da Idade Adulta é a escola da vida prática, o que inclui as profissões, então a profissão de professor, sobre a qual Comenius mais escreve em suas duas obras e com propriedade, possui uma escola para seguir em sua formação e em sua prática. Apresentaremos primeiramente os exemplos a serem seguidos nessa profissão.

3.1. A Arte que Imita a Natureza

Na *Didática* comeniana, segundo Gasparin (1992, p. 47), já se encontravam os princípios gerais de uma nova forma de ensino, de imitação da natureza, de observação e

de experimentação, dos processos das artes mecânicas, dos métodos da nova forma de trabalho e da ciência.

A *Didática Magna* traz exemplos de como se deve conduzir a aprendizagem para que ela ocorra com alegria e de modo consistente, não superficialmente. As bases para tal finalidade é buscar o caminho que seja fácil, seguro e eficaz.

Que a proa e a popa da nossa didática sejam: buscar e encontrar um método para que os docentes ensinem menos e os discentes aprendam mais; que nas escolas haja menos conversa, menos enfado e trabalhos inúteis, mais tempo livre, mais alegria e mais proveito; que na república cristã haja menos trevas, menos confusão, menos discensões, mais luz, mais ordem, mais paz e tranqüilidade (COMENIUS, 2006, p. 12).

Como base, Comenius utiliza-se da natureza, mas o professor não a imita diretamente, e sim o artesão. Para Gasparin (1992, p. 112), “A didática tem sua origem fora da escola, isto é, na natureza e nas diversas artes. O que se faz nesses dois campos deve ser seguido pela escola. A didática, portanto, não é reprodução direta da natureza, mas uma imitação mediada pelas artes”.

Comenius (2006, p. 108) apresenta a arte de ensinar e mostra os erros cometidos pelos professores para que sejam evitados. Ele diz: “[...] só nos resta uma coisa, de uma só coisa somos capazes, que é ajudar nossos pósteros na medida do possível; assim demonstrando os erros em que nossos preceptores nos lançaram, mostraremos o caminho para evitá-los [...]”.

Conforme Narodowski (2006, p. 17), a preocupação de Comenius pela educação deve-se ao fato de que a sua própria educação havia sido ruim, “[...] parece que o que mais incomodava Comenius era o fato de sentir-se condenado a dedicar os melhores e longos anos de sua vida ao estudo das línguas, sem um livro de texto apropriado, ao mesmo tempo em que devia memorizar ininteligíveis regras gramaticais”.

Como os homens já possuem naturalmente as sementes da ciência, da moral e da piedade, é necessário aos professores, ou a todos aqueles que educam, que estimulem e que orientem sabiamente. Segundo Comenius, as coisas próprias da mente devem ter a facilidade do corpo como, por exemplo de como comer, beber, pular, fazer trabalhos manuais, e quando não ocorre essa facilidade com a mente, é por culpa da instrução que não foi adequada. “[...] E o homem não poderá ser educado sem dificuldades nas coisas para as quais a natureza não apenas o impele e conduz, mas o arrasta e atrai? Deveríamos

ter vergonha de dizer coisa semelhante, pois podemos ser motivo de chacota para todos aqueles domadores de animais” (COMENIUS, 2006, p. 114).

Ora, se os domadores são capazes de disciplinar animais que não são dotados da inteligência humana, como podem os professores não conseguirem tal intento com seus alunos?

Assim, é preciso um método que seja íntegro, bem feito e sólido. Não há coisas inacessíveis à inteligência humana, mas “[...] apenas degraus mal dispostos, curtos, gastos, desastrosos, ou seja, um método intrincado. Outrossim, é certo que se pode conduzir qualquer pessoa a qualquer altura, dispondo de degraus bem feitos, íntegros, sólidos, seguros” (COMENIUS, 2006, p. 115).

Contudo, antes de receber a educação é preciso preparar os jovens, é preciso refiná-los para que possam apoderar-se do conhecimento; são como uma tábua que esteja áspera, é preciso antes lixá-la para trabalhar sobre ela.

Ele menciona Aristóteles para dizer que o desejo de saber é inato ao homem, porém esse desejo pode ser arruinado pela indulgência de alguns pais entregando seus filhos às futilidades, afastando-os dos prazeres inatos do espírito. O autor ainda indaga se por acaso fossem os preceptores a causa do desgosto desses jovens em relação aos estudos? Os professores também devem assumir o papel de educar a juventude, porém por falta de planejamento não a preparam, não pensam em torná-la apta a receber a educação. Ele diz ainda que:

[...] no mais das vezes, tomam o discípulo tal qual o encontram e logo o torneiam, forjam, cardam, tecem, aplicam seus próprios moldes e o querem subitamente educado e reluzente; e se nem tudo ocorre segundo seus desejos (e como poderia?), demonstram indignação, irritação, furor. E ainda nos surpreendemos por haver quem despreze tal educação e dela fuja? Deveria, sim, causar espanto que alguém ainda a suporte (COMENIUS, 2006, p. 117).

A prática educativa do professor já era uma preocupação em Comenius, pois se os pais não conduzem os filhos para o desejo do conhecimento, cabe ao professor despertar esse espírito, formando o jovem, e para isso é preciso entender as diversas inteligências.

Na *Didática Magna* estão relacionados seis tipos de engenhos: os agudos, ávidos de saber; os agudos mas lentos; agudos, sequiosos de saber, mas orgulhosos e obstinados; os condescendentes e sequiosos de saber; os obtusos indolentes e preguiçosos; e, por último, os

idiotas. Mas o que está em pauta é que todas as mentes são desejosas de saber, desde que preparadas para receber o conhecimento.

Há jovens que possuem inteligência aguda, e são desejosos de saber, mas muitas vezes por motivo de serem orgulhosos e teimosos “[...] costumam ser muito odiados na escola, e a maioria os considera irrecuperáveis; no entanto, transformam-se em grandes homens se educados corretamente” (COMENIUS, 2006, p. 118).

O autor assevera que todos são capazes de seguir exemplos dos que vão à frente. Para com os mais obtusos é necessário ter paciência com sua fraqueza, sem exigir nada com severidade, é preciso dar apoio, confiança, entusiasmando-os para que não percam o ânimo. Não cabe afastá-los da escola.

Como natureza “deformada e má”, Comenius fala dos idiotas; para ele, a maior parte destes se perde. Porém, como a natureza é perfeita, esta tem um antídoto para corrigir esse “mal”. Ele exemplifica, ao comparar a inteligência fraca com uma madeira nodosa e torcida que com um enxerto apropriado poderá se tornar uma árvore frutífera. Se mesmo com os cuidados necessários essa árvore não der frutos, “[...] então que se abandone essa madeira nodosa e torcida, da qual será em vão tentar obter um Mercúrio [...]” (COMENIUS, 2006, p. 119, grifo nosso).

É necessário refletir a respeito desse abandono. Se sua obra é grandiosa e não permite a exclusão, então porque ele fala em abandonar aqueles que por natureza são dotados de inteligência fraca quando não for possível educá-los?

Encontramos a resposta na obra *Pampaedia*, quando escreve que é necessário localizar algum acesso que a educação possa aprofundar-se até a “alma racional”. “[...] É necessário fazer penetrar nela a luz pela via por onde isso é possível”. Se isso não for possível, se não for encontrada nenhuma via de acesso neste indivíduo, e isso ele não acredita, “[...] então, e só nesse caso, deverá abandonar-se essa criatura ao seu Criador [...]” (COMENIUS, 1971, p. 60).

Comenius (1971, p. 48) escreve que, “em resumo, onde Deus não fez discriminação, ninguém a deve fazer, para que não procure parecer mais sábio que o próprio Deus [...]”, por isso, a todos deve ser dada a oportunidade de saber o que são as coisas, para que existem e como foram feitas. O caminho do céu deve ser ensinado a todos.

Por isso a observação da ordem, da formação, da harmonia das coisas da natureza descrita minuciosamente por Comenius. É a inspiração primeira da arte. Ele (2006, p. 129)

escreve que “[...] os remédios que apresentarmos contra os defeitos de natureza deverão ser buscados na própria natureza, pois é verdade que a arte nada pode se não imita a natureza”.

Kulesza (1992, p. 107) propõe que “tal como todo conhecimento, a pedagogia deve ser construída pela observação da natureza, pois só assim ela refletirá as leis internas de seu funcionamento, expressão da vontade divina. É neste sentido que devemos tomar sua concepção de “método natural””. Veremos como funciona o método.

4. A ARTE DO MÉTODO E DO MANUAL DIDÁTICO

O método que Comenius propõe é único. É um método que deve mexer com os sentidos, deve ser agradável, fácil, seguro. Busca a harmonia entre as diversas inteligências, pondo em equilíbrio os excessos e as carências.

O homem possui o desejo natural de conhecer e é pelos sentidos (tato, olfato, audição, visão, paladar) que ocorre a impressão das coisas; cabe ao professor ordenar e compreender as coisas sentidas naturalmente, para que sejam aprendidas com segurança e de modo conciso.

O fundamento do método parte do princípio de que qualquer ser se deixa conduzir para aquilo que o agrada por natureza, e quando isso acontece este homem se dirige à coisa que lhe está diante dos olhos com grande satisfação.

Para essa espontaneidade agradável, em relação ao objeto de conhecimento das ciências, das artes e das línguas, é preciso antes despertar a atenção. Comenius (2006, p. 231) aponta que “[...] a luz é a devida atenção [...]”. É preciso a observação interna das coisas, para tanto são necessários os olhos, o objeto e a luz. Segundo ele, o olho da observação interna é a mente; o objeto se refere a todas as coisas que estão fora ou dentro do intelecto e a luz é a devida atenção.

Para o conhecimento das coisas da ciência, são necessárias quatro condições: 1) que o olho da mente seja puro; 2) que os objetos se apresentem de fato, que eles estejam próximos do indivíduo; 3) que a atenção seja desperta; 4) que todas as coisas oferecidas à observação estejam interligadas (idem, p. 232).

Para ele, os homens têm o poder de não deixar ofuscar sua mente com o pó, que são as ocupações ociosas, inúteis e vãs da mente. Portanto, deve-se acostumar os jovens a ocupações honestas e úteis, afastando-os das inúteis. Por isso ele diz que a mente deve estar pura.

Os objetos devem ser apresentados aos sentidos do aluno da mesma forma que comparado ao espelho o objeto deve estar a sua frente, caso contrário não refletirá. Portanto, as coisas que os jovens devem aprender devem ser mostradas elas próprias e não suas sombras; devem ser apresentadas “coisas sólidas, verdadeiras, úteis, que se imprimam fortemente nos sentidos e na faculdade imaginativa, a ponto de poder aniquilá-los, caso se aproximassem demais” (COMENIUS, 2006, p. 232).

Comenius (2006, p. 233) dirige sua atenção para as coisas palpáveis, para as coisas reais. Ele indica a regra áurea dos que ensinam: “todas as coisas, na medida do possível, devem ser postas diante dos sentidos”. Os sentidos devem ser despertados para que tudo seja aprendido mais facilmente e de modo agradável. Para ele, o conhecimento parte dos sentidos. A instrução deve partir da observação direta das coisas para posteriormente oferecer a explicação verbal.

São os sentidos que inquietam o homem e imprimem, nele, o desejo por conhecer. O desejo natural de conhecer é uma noção dentro do discurso comeniano que está vinculada diretamente com o conhecimento racional, uma vez que esse é o conhecimento regido pela ordem, o que demanda o entendimento e o que sacia o desejo e a tendência natural do homem: a harmonia (NARODOWSKI, 2006, p. 77).

Primeiro a coisa, depois a palavra: “[...] primeiro e imediatamente, imprimem-se nos sentidos, para depois, graças aos sentidos, se imprimirem no intelecto [...]”. Ainda salienta que “na verdade não acreditamos na razão, a não ser no que é possível provar com uma indução específica de exemplos (cuja veracidade será comprovada através dos sentidos)” (COMENIUS, 2006, p. 234).

Mas ele também sinaliza que, em casos que não seja possível apresentar diretamente o objeto, deve-se lançar mão de “meios substitutivos”, que são as imagens, ou seja, as figuras, os desenhos. Ele complementa que as ciências da natureza bem como outras poderiam utilizar essa técnica. Por exemplo, para ensinar sobre o corpo humano, pode-se trabalhar com o esqueleto humano feito com materiais como a madeira. Poderia acrescentar músculos, tendões, nervos, veias, artérias, vísceras, entre outras coisas, tudo feito de pele e forrado de algodão em rama.

Trabalhando dessa forma, a aula se torna divertida e se torna fácil a aprendizagem do aluno de medicina sobre a estrutura do corpo. E quando não puder dispor dessa técnica, que sejam utilizadas as imagens das coisas das quais não é possível dispor ao vivo. Todos esses instrumentos devem ficar à disposição da escola. Porém, mesmo com a apresentação das coisas diretamente ao aluno, é preciso que este esteja preparado para receber o conhecimento, o aprendizado, por meio dos sentidos.

Para isso é necessária a atenção; essa é a luz do aprendizado. Para apresentar as coisas aos sentidos é preciso utilizar um método para que o aprendizado seja duradouro. O objeto deve estar a um justo alcance dos olhos, ser apresentado perpendicularmente e não

lateralmente, apresentar-se de modo direto e não torto, para que os olhos alcancem de modo completo o objeto em seu conjunto; apresentar com certa ordem, do início ao fim, conhecer as partes e suas diferenças. Sobre conhecer as diferenças Comenius (2006, p. 242) enfatiza que “quem distingue bem ensina bem [...]”, que significa distinguir as partes das outras partes, das partes e do todo e do todo com outros todos iguais ou semelhantes, para que o aluno não seja sobrecarregado com coisas inúteis, para que não se confunda. Todo o processo exige harmonia.

Na obra *Pampaedia*, ao tratar da educação do homem em todas as coisas, afirma que para fazer com que elas sejam entendidas é preciso que sejam explicadas claramente, mostradas o que são, de onde provêm e de que maneira existem.

O método natural é o método das coisas apresentadas de modo que o aluno saiba aquilo que precisa saber e saiba aplicar aquilo que aprendeu em sua vida. As coisas devem ser apresentadas de modo direto, sem rodeios. Os objetos devem ser conhecidos como realmente são, pois todas as coisas provêm de suas causas, e por isso “[...] explicar suas causas é ensinar a verdadeira ciência das coisas [...]” (COMENIUS, 2006, p. 239).

A essência de cada coisa é explicada por meio de perguntas como: *O quê? Qual? Por quê?* A pergunta “*O quê?*” se refere ao nome, ao gênero, à função e ao fim da coisa. “*Qual?*” corresponde à forma do objeto ou o modo pelo qual ela se torna idônea para seu fim, e “*Por quê?*” indica a causa eficiente. Exemplo:

[...] direi que o homem é: 1) a criatura mais perfeita de Deus, destinada a ser senhora das outras; 2) dotada de livre arbítrio para escolher e fazer; 3) por isso provida da luz da razão para orientar-se com prudência em suas escolhas e ações [...] (COMENIUS, 2006, p. 240).

A primeira resposta é para a pergunta “*O quê?*”; a segunda para a pergunta “*Qual?*”; e a terceira para a pergunta “*Por quê?*”.

O objeto deve ser conhecido em todas suas partes, sem esquecer de nenhuma, pois todas têm a sua função e a sua importância, assim como o relógio, que depende de um pequeno pino para funcionar corretamente. As coisas devem ser ensinadas gradativamente. Tudo deve ser bem aprendido.

Todas as disciplinas deverão ser ensinadas conforme as regras metodológicas apresentadas. Do mesmo modo que nos falou sobre o método para ensinar as ciências, Comenius (2006, p. 243) traz em capítulo separado o método para ensino das artes, salientando a importância da teoria e da prática ao citar Vives: “a teoria é fácil e breve, e

proporciona apenas deleite; a prática, ao contrário, é árdua e demorada, mas de grande utilidade”. E a prática das coisas está contida nas artes. O ensino perfeito da arte consiste na síntese e na análise.

É na arte que o aluno poderá exercitar aquilo que conheceu em contato com o ensino das ciências. Por meio do objeto e todas as suas partes, conheceu seu nome, sua função, sua forma e para que serve. A arte se refere ao ofício; é no trabalho que o homem colocará em prática aquilo que aprendeu em sala de aula.

Assim, com vistas para a prática, Comenius apresenta o método para ensinar as línguas. Este método deve levar o aluno a aprender o necessário para que possa conhecer a cultura de outros povos, para poder se comunicar, para ler e entender os livros e saber expressar o conhecimento adquirido. O ensino das línguas deve ser paralelo às coisas.

Comenius (2006, p. 255) apresenta o método em oito regras, para que seja possível aprender rapidamente e facilmente várias línguas: 1. Aprenda-se uma língua por vez; 2. Cada língua deve ser aprendida em dado tempo, para que não se torne principal o que é secundário; 3. Cada língua deve ser aprendida mais com a prática que pelas regras; 4. As regras ajudam a prática e a consolidam; 5. As regras das línguas devem ser gramaticais, e não filosóficas; 6. Ao escrever as regras de uma nova língua, deve-se fazer referência a uma já conhecida; 7. Os primeiros exercícios de uma nova língua devem ser acerca de temas já conhecidos; 8. Todas as línguas podem ser aprendidas com um mesmo método.

O método para o ensino da moral deve levar aos homens tornarem-se criaturas mais elevadas e próximas de Deus, para que assim possam de fato ser chamadas “oficinas de homens”. As virtudes principais devem ser ensinadas, que são: a prudência, a temperança e a justiça.

A prudência, para que as coisas sejam avaliadas de modo correto. Cada coisa tem seu valor e não deve ser julgada nem mais nem menos do que aquilo que realmente vale. A temperança, pois tudo tem sua medida certa, “nada em excesso”. A fortaleza, para frear a vontade de se divertir além do necessário ou ficar ocioso. E a justiça, para que todos tenham aquilo que lhes pertencem (COMENIUS, 2006).

O método para o ensino da piedade deve ser de forma que leve os homens a procurarem Deus em todas as coisas. Os pais, os professores e os sacerdotes podem ensinar metodicamente o espírito da piedade como uma arte, mas para isso devem saber a razão de seus ofícios (COMENIUS, 2006).

São três as fontes para que esse sentimento possa ser extraído dos homens: as sagradas escrituras, o mundo e nós mesmos. A maneira de beber nessas três fontes são a meditação, a prece e a tentação.

O método da piedade está escrito em vinte e um cânones, que têm por finalidade reconduzir para Deus todas as coisas de que se ocupa a mente humana. A vontade de Comenius era de que esse método fosse capaz de ser “uma espécie de escada sagrada que nos fizesse subir sem obstáculos rumo ao cume excelso e eterno de todas as coisas [...]” (COMENIUS, 2006, p. 282).

Tudo o que afirmamos a respeito do método da ciência, das artes, das línguas, da moral, da piedade está contido num único método, o natural. Mas “não significa, portanto, que o método seja o mesmo para todas as coisas, mas para cada coisa há um método próprio, segundo a natureza dessa coisa [...]” (GASPARIN 1994, p. 146).

O método natural é composto pela *análise*, a *síntese* e a *síncrise*. O conjunto desses processos propiciará ao professor atento dirigir e distinguir as coisas. As coisas primeiro devem ser analisadas e articuladas para uma verdadeira compreensão, por isso Comenius cita a afirmação de Sócrates, que diz “quem distingue bem, ensina bem” (COMENIUS, 1971, p. 155)

Por meio do exemplo do relógio, o pai da didática moderna (1971) explica como a análise, a síntese e a síncrise devem ocorrer. Para que alguém possa conhecer profundamente a composição do relógio, deve desmontá-lo. Ao desmontar deve prestar atenção em suas mínimas partes, saber de quantas ele é composto e quais as funções de cada uma delas, isso é, analisar, conforme exemplo da figura 01.

A análise, conforme Lopez (2003, p. 108), significa decompor as partes de um todo e distingui-las entre si para um verdadeiro conhecimento das coisas. A síntese significa recompor as partes no seu todo; é “necessariamente, integradora e globalizante e torna-se imensamente vantajosa para consolidar o conhecimento das coisas”.

A síntese é a recomposição das partes no seu todo. As partes sozinhas não têm utilidade, mas unidas no todo, em sua ordem, cada uma tem sua devida importância, conforme figura 02. Uma vez divididas e compreendidas, suas partes podem ser reconstituídas e se tornam mais evidentes no entendimento.

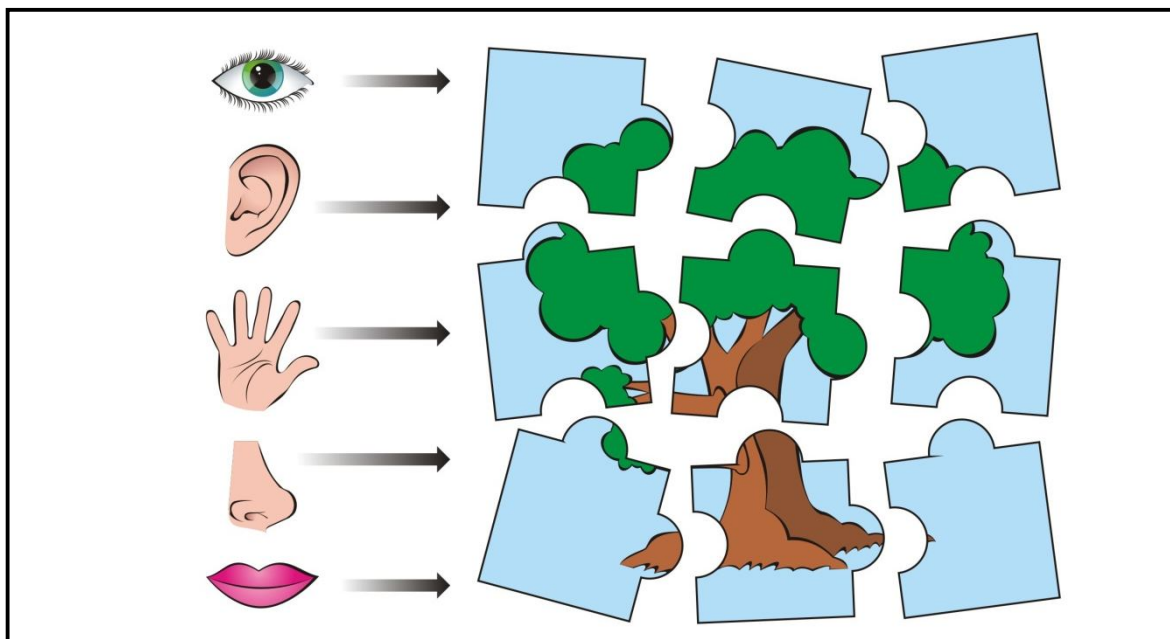


Figura 01 - Análise

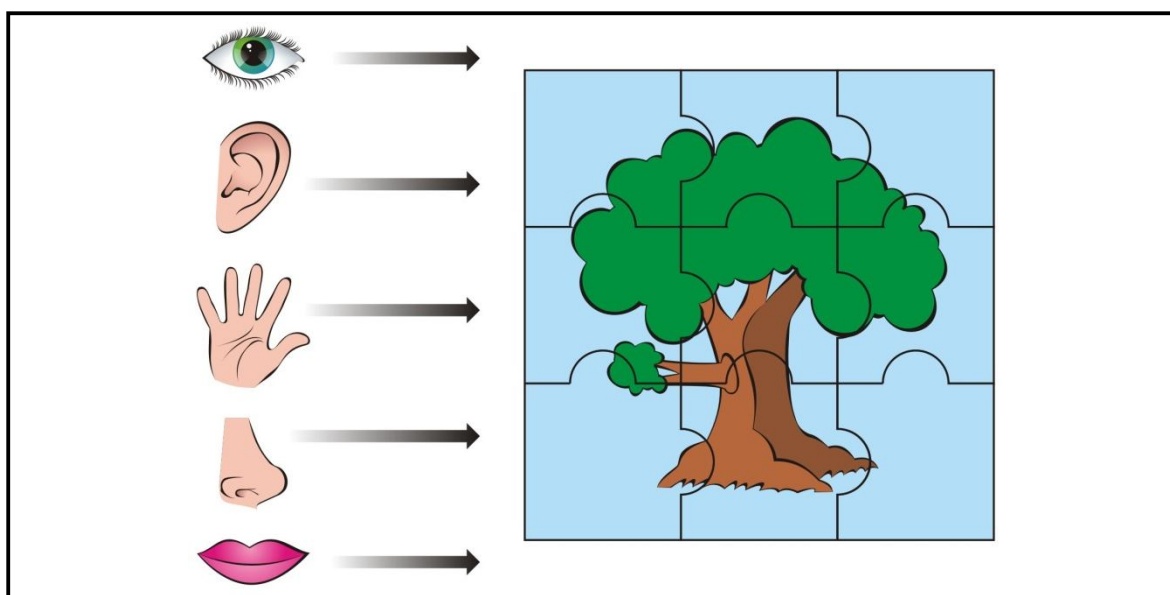


Figura 02 - Síntese

Na *Pampaedia*, Comenius (1971) demonstra por meio do exemplo do relógio a sequência do funcionamento do conjunto da análise, da síntese e da síncrise. Essa sequência faz parte da gradação das coisas, mas é o conjunto delas o que fará com que se chegue ao conhecimento.

Comenius (1971, p. 156) afirma que “[...] não há utilidade alguma nas partes consideradas em si mesmas e não se entende facilmente para que sirvam [...]”, por isso a

necessidade de recompor as partes no todo. Mas a análise é importante para se chegar à síntese e posteriormente à síncrise. Todas as fases são necessárias.

A síncrise compara as partes com as partes, as partes com o todo, e o todo com outro todo. Conforme a figura 03, um todo, ou seja, uma árvore sem frutos, é comparada a outra árvore com frutos que é outro todo, bem como suas partes são comparadas entre si e as partes com os todos. Ela mostra como “conhecer as harmonias das coisas e as relações comuns de todas as coisas com tudo, é precisamente o que traz às mentes luz pura que se difunde por todas as coisas” (COMENIUS, 1971, p. 156).

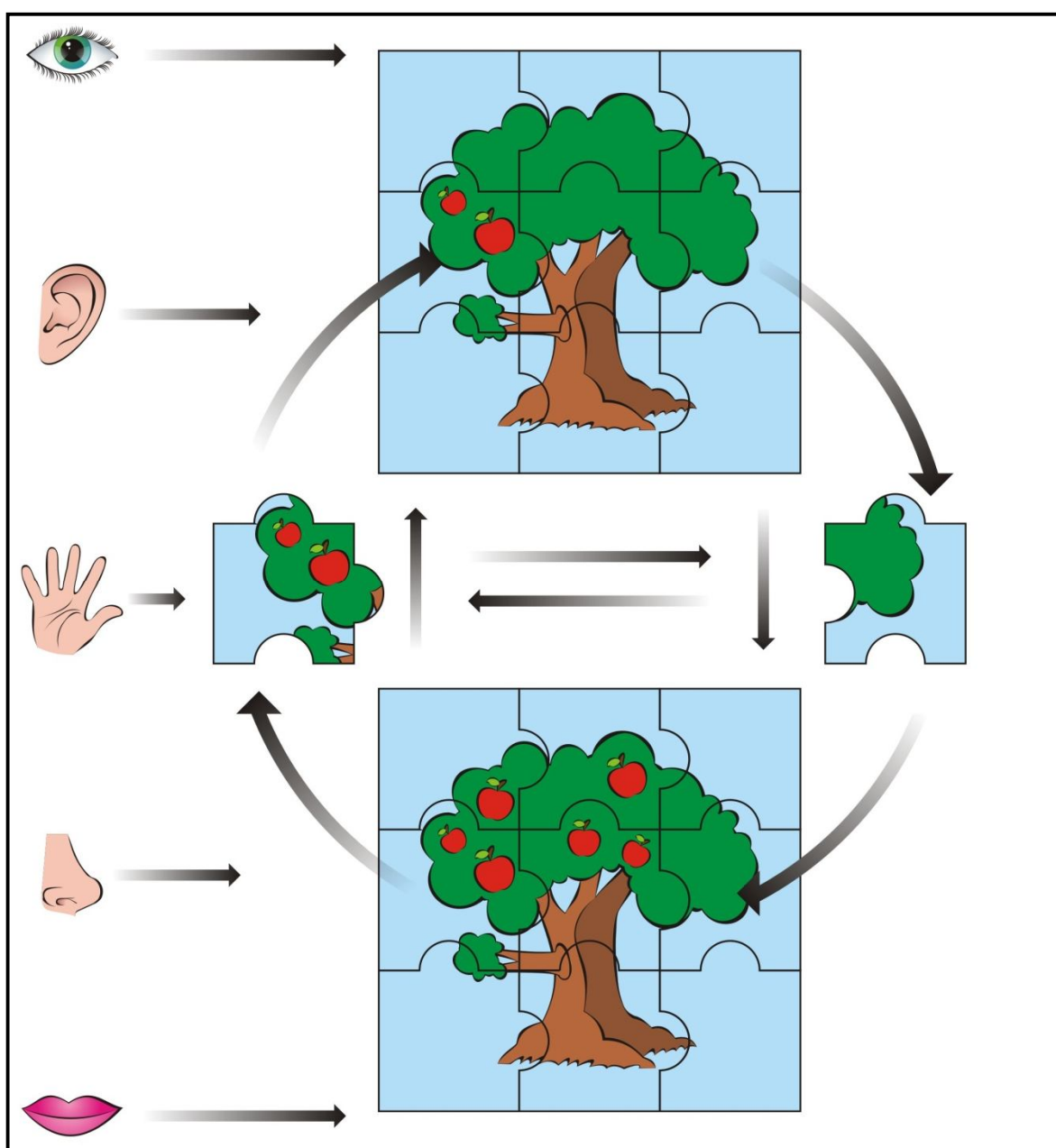


Figura 03 - Síncrise

Concordamos com o autor Lopez (2003, p. 110) quando afirma que “[...] o método sincrítico é de extrema utilidade no processo de obtenção do conhecimento perfeito [...]”. Comenius não menciona na obra *Didática Magna* a síncri-se, mas ela “está presente, tornando-se a base fundamental do método natural, cujo princípio norteador é a natureza, ou a comparação por meio da observação [...]”.

Para Kulezsa (1992, p. 92), o método sincrítico consiste em conhecer um determinado ramo do saber, contribuindo para enriquecer os outros e vice-versa.

Conforme Gasparin (1994, p.154), “é, pois, um modo particular no processo do pensamento humano que põe em confronto duas ou mais idéias, duas ou mais realidades, buscando compreendê-las dentro de uma totalidade [...]”.

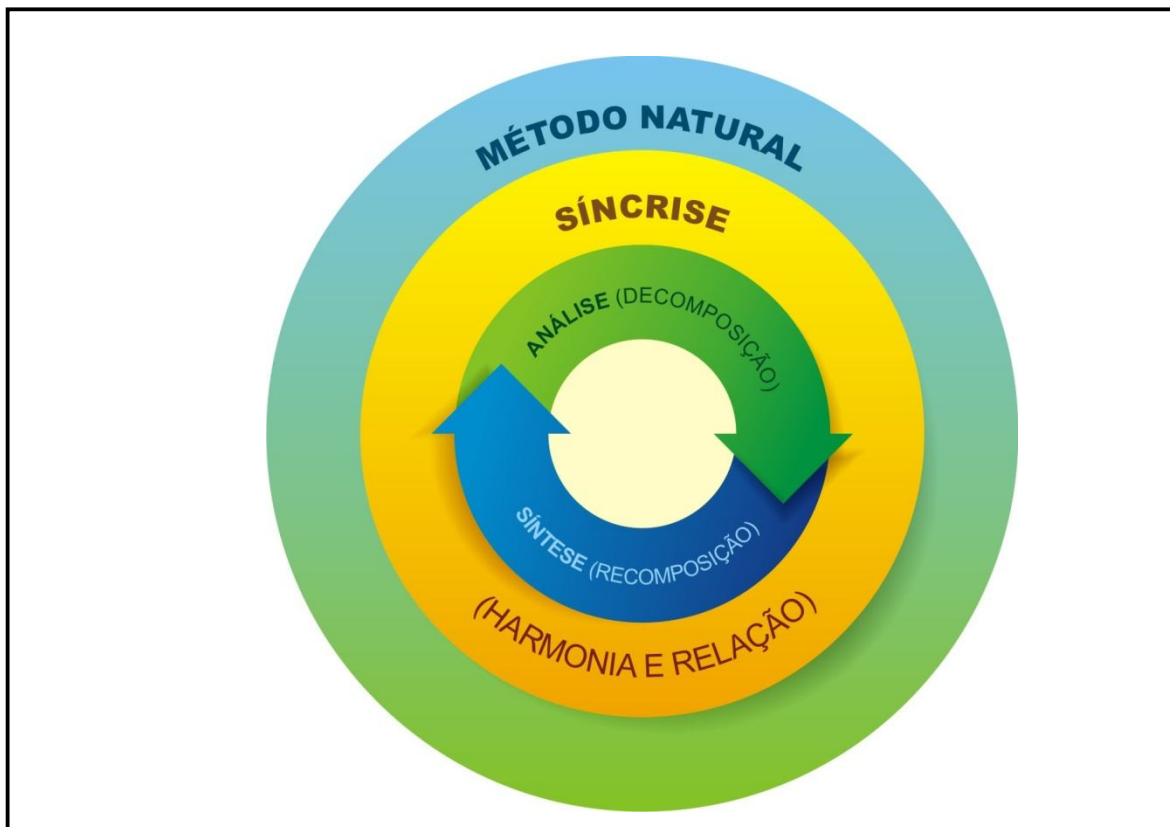


Figura 04 - Método Natural

Representamos, conforme a figura 04, a totalidade do método natural. Este desenho circular traz a ideia de movimento contínuo. O método traz etapas sucessivas, porém poderá haver superposição entre elas, o que caracteriza a dinamicidade da educação comeniana ao conduzir todas as coisas para a perfeição do todo.

Para Araújo (1996, p. 114), “a interação do método sincrítico comeniano é pôr em harmonia o pensamento, a fala e a ação e, baseado na conformidade entre o signo (palavra)

e a coisa (realidade), introduzir a harmonia universal entre os diversos níveis da realidade, desde o microcosmo até o macrocosmo”. Ver a figura 05, que compomos para exemplificar o que a autora trouxe.

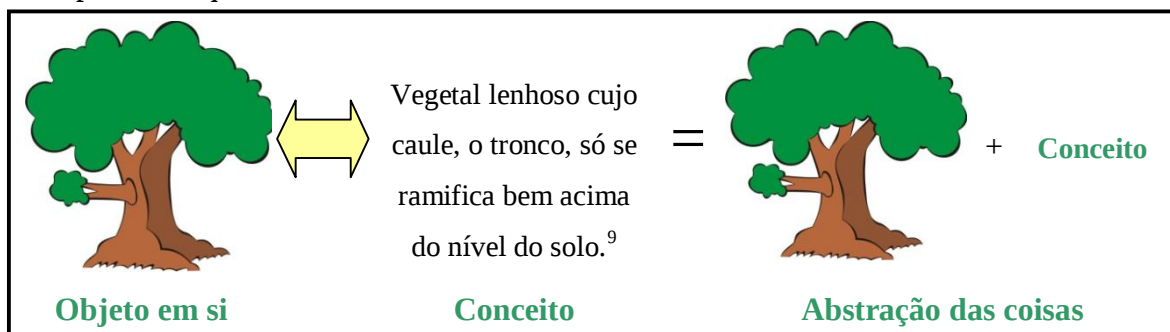


Figura 05 - Método Sincrítico

Entendemos que no processo da análise, da síntese e da síncri-se estão contidos os graus do conhecimento das coisas em que o professor universal - o pandidáscalo - deve ter, pois, “quem distingue bem, ensina bem”. Comenius (1971, p. 183) apresenta os seguintes graus: o Intuitivo, o Comparativo e o Ideativo.

O Intuitivo “quando a coisa a conhecer, apresentada imediatamente aos sentidos, imprime a sua imagem no intelecto”. O processo da Análise ao empregar o grau Intuitivo fará com que o indivíduo chegue a conhecer o objeto apresentado a ele, pois este objeto será decomposto em todas suas partes e será examinado de maneiras diversas entre si e entre as outras partes diferentes do todo. Assim imprime-se no intelecto mais facilmente.

No grau Comparativo, “uma coisa já antes conhecida se compara consigo mesma, ao ocorrer de novo, ou com outra semelhante a ela, e então, se examina se é a mesma ou uma outra”. Este grau, ao complementar a síntese, faz com que o indivíduo entenda que determinada parte sozinha não terá proveito, mas unida ao todo de um objeto e na sua devida ordem completará o funcionamento daquela peça.

Por fim, temos o grau Ideativo “quando, de uma ideia das coisas perfeitamente conhecidas, se conhecem ao mesmo tempo todas as que, mais ou menos, dela participam, e se julga quanto distem da perfeição”. Segundo Comenius (1971), este método é considerado pansófico, o mais perfeito. Ele subdivide-se em três elementos: a ideia, uma ou mais coisas pensadas, a mente que as confronta e as conhece.

⁹ Dicionário eletrônico Aurélio.

Ora, o processo da síncri-se ao ser complementado com o grau Ideativo confere às relações de todas as partes com o todo, e o todo deste objeto comparado com outros é precisamente o que traz às mentes luz pura que se difunde por todas as coisas.

Comenius (1971, p. 184) explica que o primeiro grau, o Intuitivo, corresponde à primeira idade, à infância e à puerícia; o segundo, o Comparativo, à adolescência e à juventude; o terceiro, o Ideativo, à juventude, à idade adulta e, finalmente, à velhice. No “terceiro grau, forma-se um juízo perfeito acerca das coisas, quer este seja expresso claramente, quer por meio de parábolas e de apólogos”.

Assim, na infância devemos “ensinar às crianças as palavras com a ajuda das coisas” (1971, p. 211). “É fácil pôr diante delas as coisas, mostrar-lhas e depois chamar-lhes pelo seu nome. Isto é: porque ainda lhes não podemos falar, que lhes fale a própria natureza, imprimindo-se-lhes nos olhos, nos ouvidos, nos narizes, nos palatos e nas mãos” (COMENIUS, 1971, p. 215). São estes processos que fazem parte de um método que ajudará o indivíduo a ter conhecimento das coisas e, principalmente, dele mesmo em relação aos outros e à sociedade.

Comenius (1971, p. 171) comenta sobre como motivar o aprendizado, como torná-lo agradável e apresenta os meios denominados: autopsia, autolexia, autopraxia e autocresia. Em Autopsia os alunos devem ver com os próprios olhos “(e perceber com os outros sentidos) todas as coisas”. Autolexia, que saibam designar as coisas pelo próprio nome. Autopraxia - realizar as coisas, imitar. Autocresia - colocar pessoalmente em prática. “Como é sempre eficaz contra o tédio este antídoto: ser sempre activo!”.

Vê-se, dessa forma, que o método único é o que segue as leis da natureza, tanto da natureza natural, quanto da natureza artificial em seus processos gerais ou específicos. A escola da natureza é, pois, quem nos fornece as normas perfeitas de tudo ensinar e de tudo aprender. Obedecendo-as jamais erraremos (GASPARIN 1994, p. 147).

Ao lermos as obras *Didática Magna* e *Pampaedia* e pinçarmos a respeito do método, temos a impressão de que Comenius fala de muitos métodos: o método natural, o método analítico, o método sintético e o sincrítico, e ainda o método indutivo, o intuitivo e o ideativo, depois, autopsia, autolexia, autopraxia e autocresia e, ao final de sua *Didática*, encontramos também a didacografia.

Entretanto, o fundamento do método único é o método natural que consiste em iniciar a educação na mais tenra idade, respeitar cada etapa da vida do aluno, ter um único

professor para muitos alunos, partir a instrução do geral para o particular, do fácil para o difícil, tudo com vistas à utilidade imediata, seguindo a ordem presente na natureza, realizando movimentos constantes por meio de exercícios, repetições, entre outras coisas que caracterizam a base do método natural. Todavia, a partir do momento em que, segundo Gasparin (1994, p. 86) “a arte avança e se aperfeiçoa à medida que abandona a natureza como modelo e passa a obedecer à ação social do homem no domínio e na superação da própria natureza”, temos um novo método, uma nova didática, a didacografia, a qual será o modelo capaz de seguir a elegância, a segurança e a rapidez da arte tipográfica.

4.1. O Método da Didacografia ou *Panmétodo*

Como ocorreu e ainda ocorre quanto aos objetos físicos, os homens, de acordo com as necessidades produzidas no próprio movimento do trabalho, criam e aperfeiçoam, a cada dia, novos instrumentos. Temos, assim, como um novo instrumento de trabalho, a tipografia, que Comenius tomou como exemplo.

Aos poucos o espírito mecanicista estava se estabelecendo. Conforme Gasparin (1992), os aspectos mecânicos da tecnologia começam a se impor a partir do século XII; depois abrem espaço para o novo momento que exige um professor que imite a tipografia.

O novo método deve seguir a elegância, a segurança, a rapidez da arte tipográfica. Com essa nova arte será possível instruir um maior número de alunos do que até o momento era feito. Antes, ao escrever com penas, os textos se diferenciavam uns dos outros quanto ao número de páginas, à forma e à disposição das folhas das páginas e das linhas, além do tempo empregado, para tal tarefa, ser bem maior. Os livros impressos, ao contrário, são sempre iguais; com uma única técnica, resultam em muitos livros de grande clareza e elegância em curto tempo (COMENIUS, 2006).

O significado de rapidez atribuído ao método da didacografia tem uma conotação diferente do atribuído ao método que imita a natureza. Quando se trata de imitar a arte tipográfica significa economizar o tempo e a fadiga e quando se trata de imitar a natureza é preciso ter rapidez, pois a vida é breve diante de tantas coisas a serem aprendidas. Podemos dizer que a didacografia carrega elementos que compõem uma ideia produtivista e por isso com vistas para a produção e a uniformidade de saberes.

As bases para o método da didacografia são as mesmas do método natural, como já mencionado: que os alunos sejam ensinados com os mesmos preceitos, gradualmente, que

o ensino tenha um início e um fim, que os alunos aprendam tudo sem lacunas nem interrupções, que o método didático tenha ordem, de maneira que tudo o que precede deve servir de fundamento a tudo o que se segue, entre outras coisas.

Entretanto, o método da didacografia toma proporções universais em relação ao método natural, porque ele é pensado com vistas à multiplicação dos jovens instruídos, com a facilidade de educar uniformemente.

Na didacografia devem existir períodos de trabalho e períodos de repouso; os programas são desenvolvidos de forma que os conteúdos sejam apresentados em um ano, em um mês, um dia e uma hora e que esta programação não ultrapasse quatro horas por dia.

Comenius observa a arte tipográfica e a divide em objetos e operações. Os objetos mais importantes são: o papel, os caracteres tipográficos, a tinta e a prensa. As operações são: preparação do papel, composição dos caracteres segundo o protótipo, entintamento, correção, impressão e secagem. Tudo feito segundo métodos bem determinados (COMENIUS, 2006).

Tudo é comparado com a tipografia. O papel significa os alunos, pois em suas mentes serão impressas as ciências. Os caracteres tipográficos são como os livros escolares e outros instrumentos didáticos, “por meio dos quais as matérias que devem ser aprendidas são impressas com facilidade nas mentes”. A tinta é comparada à voz do professor, que, a partir dos livros, transmite o sentido das coisas para as mentes dos alunos. Por fim, a prensa é a disciplina escolar, “que predispõe e obriga todos a absorver os ensinamentos” (COMENIUS, 2006, p. 364).

A voz do professor se materializa quando comparada com a tinta, à medida que deve “imprimir” o conhecimento no aluno. Parece que todo o processo do método toma corpo, é palpável.

Assim como o papel pode ser de qualquer tipo, a didacografia aceita alunos com engenhos diferentes. Porém, é claro, como o papel mais limpo reflete melhor os caracteres impressos, igualmente as mentes mais ágeis progridem mais facilmente.

Por ora é suficiente ter demonstrado que, assim como a descoberta da arte tipográfica possibilitou a multiplicação dos livros, veículos de instrução, também com a descoberta da *didacografia* ou *panmétodo* é possível multiplicar as pessoas instruídas para grande proveito da humanidade, segundo a máxima *A multidão dos sábios é salvação do*

mundo inteiro (Sb VI, 26) (COMENIUS, 2006, p. 370, itálico no original).

Conforme a citação acima, “todos poderão constatar que aprenderam tudo o que deveriam” e “é possível multiplicar as pessoas instruídas para grande proveito da humanidade”. Todavia, isso somente é plausível se o método também estiver presente no manual didático, pois, ao seguir um manual, o professor não corre o risco de errar ou de esquecer algum conteúdo, além de que esse manual, que Comenius almeja, deve conter todas as coisas úteis e assim assegurar que seus alunos “aprenderam tudo o que deveriam”. Os manuais devem ser elaborados em quantidade para que atendam a todas as classes, assim é possível multiplicar as pessoas com conhecimentos suficientes e úteis para aplicar em sua vida e na vida da sociedade em que vivem. É o saber aplicado na prática.

Uma coisa é de “extraordinária importância”, diz Comenius (2006, p. 372), a providência suficiente de livros “panmetodológicos”, pois se estes faltarem, poderão inutilizar totalmente a máquina, e se estiverem presentes, a colocarão em movimento.

4.2. O Manual Didático

Gilberto Luiz Alves, em seu artigo **“Formação de professores: uma necessidade de nosso tempo?”** (2008, p. 03), levanta a questão de que Comenius pensou “[...] o trabalho didático sob a perspectiva da manufatura [...]” e pela divisão de classes, níveis de ensino, o que lançou “um profissional original, distinto do preceptor”. O professor de Comenius transformou-se, assim, em uma expressão do novo modo de trabalho, um “trabalhador especializado”. Porém, como não havia professores suficientes para instruir o maior número de pessoas para cumprir a proposta de levar a educação a todos, Comenius desenvolveu também o instrumento que tornasse isso possível, o manual didático.

O manual didático, para Comenius, assegura o conhecimento mesmo frente às dificuldades derivadas do desconhecimento do professor. O manual deve ainda apresentar todas as coisas que não podem ser transportadas para a escola. Os livros didáticos, que Comenius denomina como Pambíblia, devem ser destinados “[...] à cultura universal e elaborados segundo as leis de um método universal” (COMENIUS, 1971, p. 123).

Segundo Narodowski (2006, p. 23), “Comenius produziu o livro-texto *Orbis Pictus* (O mundo em imagens), no qual se encontra a recompilação de todas as coisas que fundamentam o universo e todas as atividades fundamentais da vida em representações

visuais”. O autor comenta que foi o primeiro livro de texto e também o único livro escolar ilustrado por muito tempo.

Como um instrumento para infundir nos jovens uma instrução já preparada, as coisas estarão prontas, contudo resta ao professor dirigir e aplicar. Lembrem-se: a voz do professor é como tinta (comparando a tipografia e misturado a ela a Didacografia), “que a partir dos livros transmite o sentido das coisas para as mentes dos alunos” (COMENIUS, 2006, p. 364).

Em analogia com a tipografia, os livros preparados “com grande maestria” não terão possibilidade de erro e apresentarão uniformemente os conteúdos a serem estudados conforme as divisões de classes e idades (COMENIUS, 2006, p. 362).

É necessário que o livro seja bem elaborado, que seja universal, como um instrumento para o uso do professor. Portanto, a ação do professor deve levar os alunos a manter a sabedoria não nos livros, mas em suas mentes e que, a partir do conhecimento, saibam exprimir em ações, em suas práticas cotidianas; para tanto é fundamental a orientação de pandidáscalos.

Comenius (2006, p. 365), na *Didática Magna*, cita dois tipos de livros didáticos: os direcionados para os estudantes e os direcionados para os professores. Aos professores são necessários livros informativos que mostrem de que modo e quando eles devem agir para não errar. Já para os estudantes, o livro didático deve ser relativo “às coisas (reais)”. Assim, os livros informativos devem dar subsídios aos professores para que eles consigam usar o livro dos alunos de forma rápida e sem erros. Além desses dois, Comenius (2006, p. 332, *itálico no original*) admite que até mesmo para os pais é interessante que tenham um manual de conselhos, a fim de torná-los conscientes em suas tarefas. Ele expõe sua preocupação e se propõe a “[...] escrever um pequeno manual desse tipo, com o título de *Guia para o ensino na escola materna*”.

Os livros didáticos devem ser úteis para os professores e para os alunos. Devem mostrar as artes nas coisas práticas. Ensinar o aluno a fazer, com o exemplo do professor; que ele estimule a imitação em seu aluno. Assim “[...] quando o aluno imita bem parabeniza-o, quando o imita mal o corrige, mas sem cólera [...]” (COMENIUS, 2006, p. 179).

Na *Pampaedia* cita a necessidade de três livros que são suficientes para tudo: o livro do mundo, da mente e da Revelação, os quais já abordamos no Capítulo “A vida como profissão”. Estes três livros são a verdadeira e completa biblioteca, “[...] a norma

completíssima de todas aquelas coisas que, neste mundo e para a eternidade, o homem tem necessidade de saber e de crer, de fazer e de esperar, mas só aqueles que chegaram já à perfeita sabedoria [...]”(COMENIUS, 1971, p. 124).

Esses livros devem servir para a “verdadeira educação humana”, com método atraente, e em que todas as coisas expostas sejam claras e sólidas. Para Comenius, os livros devem ser poucos, ou seja, livros que tenham as coisas principais a serem ensinadas, mas afirma que devem ser muitos, quer dizer, em quantidade necessária para atender a todos e ainda que sejam diferentes, ou seja, deve atender “os diferentes graus da idade”.

Comênio nos mostra que a vida do homem se constitui de oito escolas, cada uma das quais tem seus livros próprios. Livros neste caso não são apenas as obras escritas, mas todos os meios que auxiliam a realização humana em cada uma de suas fases (GASPARIN, 1994, p. 129).

Comenius afirma que numa mesma classe de alunos existem três graus: dos principiantes, dos adiantados e dos mais adiantados. Um mesmo livro destinado a uma mesma classe deve respeitar essas três variações. Assim, ele exemplifica que cada conteúdo, dependendo do degrau, deve ser escrito com letras diferenciadas. As letras maiúsculas para as coisas que devem ser aprendidas de cor pelos principiantes, as letras com caracteres antigos para aquelas coisas que se destinam aos adiantados e em letra itálica aos alunos mais adiantados:

DEUS, *o princípio sem princípio e a fonte de todos os seres*, querendo tornar manifesta a sua majestade de infinito poder, sabedoria e bondade, CRIOU do nada *e decorou com belíssimas formas de infinita variedade* este MUNDO visível, *como espectáculo ameníssimo da sua eterna beleza, riqueza e suavidade*. Mande-se, aqui, ao principiante, ler apenas aquelas coisas que estão expressas em letras maiúsculas e ele terá o fundamento de todo o pensamento expresso em três palavras: DEUS CRIOU O MUNDO. Mande-se ao adiantado ler as mesmas palavras e acrescentar aquelas que estão expressas em caracteres antigos, e ele encontrará um pensamento mais completo de treze palavras: DEUS, querendo tornar manifesta a sua majestade, criou do nada este mundo visível. Finalmente, lendo por ordem, encontrar-se-á um período mais completo, de quarenta e duas palavras (COMENIUS, 1971, p. 127).

Assim, o livro, em primeiro lugar, apresenta uma informação geral que antecede a sua completa explicação; tudo isso deve ser constituído por meio de um método claro, a tal ponto que sirvam também aos autodidatas, que são pessoas que não puderam frequentar a

escola pública, mas conseguem aprender por esforço próprio para compensar os danos causados pela ausência de educação.

Além dessa estrutura apresentada, Comenius (1971) afirma que o livro em forma de diálogo facilita o trabalho tanto do professor quanto do aluno: “[...] por este processo, todos se habituem a interrogar inteligentemente acerca de todas as coisas e a responder inteligentemente às coisas perguntadas inteligentemente”, tarefa esta desempenhada ora pelos professores e ora pelos alunos, assim invertendo os papéis, quando necessário, possibilitando a todos se tornarem sábios.

Em resumo, Comenius (1971) propõe que todo livro de seu tempo “(sobretudo o escolar)” deve ser: pansófico, isto é, que contenha a sabedoria plena; pampédico: que sirva para todos os espíritos em tudo; panglótico: que sirva para todas as línguas de todos os povos; e panortótico: que sirva para precaver ou para corrigir as coisas erradas.

Assim, conforme Gasparin (1994, p. 131), “os livros devem ter essas características universais absolutas porque eles, por meio da educação, são os instrumentos da reforma do mundo, servindo nas escolas universais para que tudo seja ensinado a todos, e todos sejam educados universalmente”.

Contudo, os livros, com exceção para um autodidata, como instrumentos, precisam de alguém para manuseá-los, para orientar o conteúdo neles impresso; alguém que saiba quando, onde e como empregar aquela informação, para que seja útil para todos; esse alguém é o professor.

Para o professor utilizar o manual didático é preciso que tenha conhecimento dos fundamentos, que são as bases para sua arte de ensinar. Assim como o artesão, ele deve saber manusear esse instrumento de cultura que moldará sua arte maior, o aluno.

5. PRINCÍPIOS EM QUE SE FUNDA A ARTE COMENIANA DE ENSINAR

Nesta seção, empenhamo-nos em apresentar alguns dos princípios da *Didática Magna* que Comenius utiliza como base para a educação. Eles são fundamentados por analogias com as coisas da natureza, como as plantas, os animais, e com profissionais que imitam a natureza, como o arboricultor, o arquiteto, o pintor.

Em primeiro momento apresentaremos os três passos dos princípios: a natureza, a imitação e a aberração no ensino. A correção que Comenius propõe ao professor será apresentada no próximo Capítulo, quando tratarmos dos modelos de professor.

Conforme Narodowski (2006, p. 34), Comenius resume, na *Didática Magna*, as principais falhas da educação do seu tempo e posiciona-se “contra os aparatos escolares aos quais se atribuía, tradicionalmente, a função de formar a juventude”. A obra traz um perfeito “diagnóstico”, que descreve as deficiências e os obstáculos da educação da sua época.

Na primeira classe de fundamentos, Comenius destaca o sujeito da aprendizagem; trata do momento certo para os estudos; propõe que os conteúdos sejam equivalentes a cada etapa da vida dos alunos; que sejam respeitadas suas idades e sua preparação para receber o conhecimento correspondente ao seu entendimento.

5.1. Requisitos Gerais Para Ensinar e Aprender

Como primeira necessidade e exigência, Comenius é bem enfático quanto a seguir a natureza. São nove princípios; todos apontam sequencialmente o exemplo da natureza, depois os profissionais que imitam a natureza; em seguida os erros que a escola ou os professores cometem; e, por fim, como deveriam proceder na profissão docente. Trataremos aqui dos exemplos que deveriam ser seguidos e, posteriormente, dos erros cometidos pela educação.

Como **Primeiro Princípio**, “*A natureza aguarda o momento propício*”. Comenius (2006, p. 147) aponta o momento certo de como a natureza se reproduz; logo em seguida, de como os profissionais - o jardineiro, o arquiteto - atentos a essa natureza, vão proceder.

A perfeição da natureza está em aguardar o “momento propício”, a exemplo do pássaro que inicia sua formação na primavera. Segue a natureza o jardineiro que aguarda

os períodos oportunos para semear e o arquiteto experiente que sabe quando levantar as paredes.

Contudo, na comparação entre a natureza e os profissionais que seguem a natureza, a escola, segundo Comenius, contraria os dois exemplos de duas formas: não aproveita o momento certo para exercitar as inteligências e muito menos organiza os exercícios de modo que tudo avance gradualmente e sem erros.

A organização por idade e a divisão dos conteúdos que cada idade deve se apropriar são a base para o **Segundo Princípio**, em que Comenius (2006, p. 149) mostra que “*a natureza prepara a matéria antes de começar a introduzir-lhe a forma*”. É o que o pássaro faz para que dele nasça uma criatura semelhante. Inicia-se a formação primeiro por uma gota de seu sangue. Os profissionais, como o arquiteto experiente, o pintor, o arboricultor utilizam-se do mesmo processo de organização da natureza para começar seus trabalhos. Todos eles têm em comum a organização e a preparação de seus materiais.

Relativamente à importância da organização em qualquer profissão, apresentamos o poema *La Farce du Couturier* (Farsa do Costureiro), de Lefranc (19-- , p. 229) em que explicita uma recomendação do alfaiate ao seu aprendiz, para o caso de algum cliente solicitar que o trabalho seja feito em casa dele:

Põe sobre a minha bancada
Tesouras, linha e dedal,
Para que, se eu for chamado
A ir um fato talhar,
Não possa nada faltar.

Segundo Comenius (2006, p. 149), a escola não procede com organização; ela contraria esse princípio quando deixa de organizar seus materiais, procurando-os somente quando necessário; só esta desorganização já traz perdas para o ensino, ainda mais quando esse imprevisto será realizado por um professor inexperiente “[...] ou negligente (e essa raça é sempre a mais numerosa); é como se um médico, precisando administrar um remédio, saísse pelos campos e bosques à cata de ervas e raízes, pondo-se a cozê-las e destilá-las, ao passo que seria mais prático ter os remédios já prontos para todos os casos”.

Conforme Kuleza (1992, p. 106), dado o exemplo sobre a “ordem exata em tudo”, a arte se sobrepõe à ciência, “não são as leis da mecânica que presidem o funcionamento do relógio, mas a arte do relojoeiro em dispor suas peças numa determinada ordem”. O profissional é que dispõe as peças em ordem para o perfeito funcionamento do relógio.

Comenius (2006, p. 150) dá exemplos das negligências dos livros escolares: quando “na escola ensinam as palavras antes das coisas”. Com relação ao estudo das línguas, apresenta-se primeiro a gramática e depois o autor. A ordem também é contrariada quando “[...] em todo o universo das disciplinas, ou nas enciclopédias, as artes vêm em primeiro lugar, e as ciências e as aplicações seguem a certa distância [...]” e, finalmente, são apresentadas as regras antes dos exemplos.

Percebe-se a distância entre a teoria e a prática. Comenius mostra a necessidade das coisas antes das palavras. Na vida concreta, o material é que alicerça toda e qualquer forma de pensamento.

Terceiro Princípio: “*Ao obrar a natureza toma um indivíduo apto e prepara-o antes, oportunamente*”. Trata de preparar o indivíduo para receber o conhecimento, da mesma forma que os profissionais preparam, lixam e alisam seus materiais. Este princípio segue a mesma linha do Segundo Princípio: a organização e a preparação do material, com a diferença que neste caso o próprio aluno deve ser preparado. Mas, em contradição ao Terceiro Princípio, segundo Comenius (2006, p. 152), consiste em que as escolas não aceitam crianças “cretinas ou estultas (segundo nosso princípio, todas devem ser aceitas)”, mas, segundo o autor, nem tanto por esse motivo, mas principalmente por não terem o cuidado que esses indivíduos não saiam da escola sem que antes a educação se complete. Causa descontentamento quando a escola tenta imprimir primeiramente a ciência, os costumes e a piedade antes de “[...] estimular o amor pelo estudo naqueles que a isso não foram estimulados pela própria natureza”.

Sem confusão: é disto que trata o **Quarto Princípio** - “*Em suas obras, a natureza não procede confusamente, mas de modo claro*”. Não há confusão na formação do pássaro, nem na construção do arquiteto, nem nas telas do pintor que pinta uma de cada vez, nem no enxerto feito por um arboricultor.

Porém, com grande confusão, as escolas da época enchem as mentes dos alunos com muitas coisas ao mesmo tempo. Comenius (2006, p. 154) exemplifica:

Gramática latina e grega, talvez também retórica, poesia e mais ainda. Quem não sabe que nas escolas de letras quase a cada hora muda-se a matéria das lições e dos exercícios, durante todo o dia? Pergunto então: o que é isso, senão confusão? É como se um sapateiro resolvesse fazer seis ou sete sapatos, pegando-os e pondo-os de lado, um após o outro. Ou como se um padeiro enforasse e desenforasse continuamente diversos pães, de tal modo que fosse necessário pôr cada um deles várias vezes dentro e fora do forno. Mas quem é tão louco assim? O sapateiro

certamente não pega um sapato antes de terminar outro, e o padeiro não põe outros pães no forno antes que os já enfiados estejam assados.

Para Narodowski (2006, p. 36), as escolas não estavam harmonizadas em seu funcionamento interno e essa desordem aos olhos de Comenius era “o reflexo de uma escola governada ao azar e de modo caótico”. Não havia planejamento que indicasse um processo gradual do desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

O estudo deve iniciar pela raiz, pelas partes internas, é o **Quinto Princípio**. “*A natureza começa todas as operações pelas partes mais internas*” (COMENIUS, 2006, p. 155). O que remete à memória, ao aprendizado de fato, que não seja superficial nem que seja decorado sem explicação, sem fundamento. Apresenta o exemplo dos pássaros que são formados primeiro pelas vísceras e do arboricultor que realiza o enxerto diretamente no miolo da planta.

Neste momento, Comenius (2006, p. 156) fala especificamente do professor, dizendo que: “[...] erram os instrutores que querem levar a cabo a formação da juventude ditando muitas coisas e obrigando decorá-las, sem uma cuidadosa explicação”. Erram, também, aqueles que querem explicar, mas desconhecem os métodos. Comenius adverte que antes deve ser formado o entendimento das coisas, depois a memória, e, por último, a língua e as mãos “[...] para o uso fluente da língua e a prática das coisas”.

Depois de cuidar da memória, preparando-a para receber o conhecimento das coisas, conforme o **Sexto Princípio**, “*A natureza inicia todas as suas formações pelas coisas mais gerais e acaba pelas mais particulares*”. A natureza segue esse princípio quando aquece o ovo primeiramente até que todas as partes internas estejam formadas. O arquiteto, o pintor, o escultor, o arboricultor procedem de modo que já tenham em mente aquilo que querem realizar, como um projeto, um esboço para depois darem a forma, os detalhes (COMENIUS, 2006).

Por isso Comenius ressalta a importância de relacionar as ciências umas com as outras. Não se deve particularizar a ciência, antes devem-se traçar propostas mais simples e gerais de todo ensinamento.

“*A natureza não procede por saltos, mas gradualmente*” é o que o **Sétimo Princípio** apresenta. Assim como a natureza não dá saltos, os estudos devem seguir da mesma maneira.

O mesmo exemplo segue o arquiteto na construção de uma casa, que não começa pelo teto, mas pelas fundações. O arboricultor segue também gradativamente ao escolher

as vergôntes, depois escava a terra, transplanta, extrai, etc., não negligenciando nenhuma das operações para ter o resultado esperado.

Porém, os mestres não estabelecem os fins e os meios, de tal forma que os estudos se sucedam naturalmente uns aos outros e que “[...] cada matéria seja completada em dado limite de tempo [...]”, por isso é fácil esquecer ou inverter as coisas que são ensinadas, prejudicando o trabalho como um todo (COMENIUS, 2006, p. 160).

“Depois de iniciar uma obra, a natureza não a interrompe, mas conclui. No Oitavo Princípio, como exemplo, temos novamente o pássaro que não para de chocar os ovos até que se abram; o pintor, o arquiteto e o arboricultor ao iniciarem seus trabalhos prosseguem até o fim. Cabe àqueles que se dedicam ao estudo frequentar a escola até se tornarem homens instruídos, dotados de moral e religiosos.

Porém, Comenius afirma que o educador erra quando inicia, com o aluno, ora uma coisa, ora outra, sem nunca se aprofundar em nada com seriedade. Também erra se a cada hora não estabelece nem leva a termo nada definitivo, de tal modo que o progresso seja cada vez mais notável.

A distração pode atrapalhar a conclusão de um trabalho, por isso *“a natureza está sempre atenta para evitar as coisas contrárias e nocivas”*. Este é o **Nono Princípio**. O pássaro enquanto choca, defende os ovos dos ventos, das cobras, das aves de rapina e outros perigos, tudo isso para concluir seu trabalho, que é fazer com que nasçam seus filhotinhos.

O arquiteto, em sua construção, cuida daquilo que já construiu para poder terminar o edifício. O pintor, da mesma forma que o pássaro, defende sua imagem do vento, do calor, da poeira, das mãos de estranhos. O arboricultor cuida da sua planta com pedaços de pau e tapumes, protegendo-a das cabras e lebres.

Por isso, não age com prudência quem apresenta aos jovens, desde o início, controvérsias a respeito de algum assunto, colocando em dúvida coisas que ainda precisam ser aprendidas.

Os princípios de como ensinar e aprender com facilidade apresentados, conforme Narodowski (2006), compõem as ideias principais que orientam a construção do método de instrução. A seguir veremos como se fundamentam esses princípios.

5.2. Princípios em Que se Funda a Facilidade de Ensinar e de Aprender

Segundo Comenius (2006, p. 166), para que todas as coisas fluam de modo suave e agradável convém seguir as pegadas da natureza. O Capítulo XVII, com o título *Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender*, vai explicar como os meios apresentados no capítulo anterior podem ser aplicados às mentes de modo fácil e com alegria. Nestes princípios observamos o caminho a ser percorrido sempre do mais fácil para o mais difícil, do geral para o particular. Deve-se guiar pelos sentidos e utilizar sempre o mesmo método, que as tarefas sigam de preferência sem pressa.

O início da educação deve ocorrer desde a tenra idade, não muito cedo, não muito tarde, mas na infância, preparando os espíritos, organizando as coisas para que estejam sempre ao alcance para quando for necessário.

Para entendermos como as coisas podem ser agradáveis para que colaborem com a facilidade de ensinar e de aprender, falaremos da escola da formação pré-natal, que se encontra na obra *Pampaedia*, Capítulo VIII (p.187), que é um verdadeiro exemplo de planejamento. A escola da formação pré-natal se preocupa com a formação na infância, inclusive antes mesmo do nascimento da criança. Comenius divide essa escola em três classes: na primeira classe o indivíduo deve se preparar para o matrimônio com prudência; na segunda classe, com a realização do matrimônio, já tem ciência de que a prole está mais próxima de acontecer; e a terceira classe cuida da prole desde o ventre materno até o nascimento.

Como podemos compreender, Comenius tem a preocupação com a preparação das crianças mesmo antes delas serem concebidas; e do nascimento até aos seis anos, os pais terão a incumbência da educação delas. São os pais os responsáveis, em primeiro lugar, em criar um espaço educativo, e isso será mais facilmente alcançado se tudo ocorrer gradativamente, desde o planejamento dos noivos, já com pensamentos de sua futura prole e os cuidados necessários até os seis anos. A partir dos seis anos, a educação se realizará em todas as etapas até chegar à escola da vida adulta, em que o indivíduo (homem e mulher) deve ser seu próprio mestre e estará apto para formar sua própria família.

Percebemos como as coisas bem planejadas, organizadas e graduadas predispoem uma educação fácil e agradável; é assim na vida e é assim na educação. Comenius traz sempre a importância das coisas iniciarem das mais gerais para as mais particulares, assim como das mais fáceis para as mais difíceis, porém sem sobrecarregar as mentes, tendo o

cuidado para não misturar coisas supérfluas. Tudo deve proceder lentamente e de modo que empenhe as mentes conforme os interesses naturais das idades, por meio da experiência direta e utilidade imediata bem como com um método único e assíduo.

Ao tratar da facilidade de ensinar e de aprender, Comenius apresenta, em *Didática Magna*, outros princípios, baseados na natureza. O **Primeiro Princípio**, do Capítulo XVII, esclarece que “*A natureza inicia pela privação*”, ou seja, antes é preciso suprimir, limpar, esvaziar, para que o trabalho tenha o resultado desejado.

Assim procede o arquiteto que derruba as fundações anteriores para construir novas. O pintor limpa bem a sua tábua; antes de pintá-la, retira bem as manchas. O arboricultor poda a planta crescida. A ideia é demonstrar que é impraticável dar novo formato à matéria, se a antecedente não for eliminada, extinguida.

Comenius (2006, p. 167) aponta o erro de ensinar os alunos com vários professores ao mesmo tempo “[...] pois é quase impossível que todos tenham o mesmo método, provindo daí a distração dos espíritos ainda tenros e os obstáculos à formação”.

Erram também, neste princípio, aqueles que admitem a tarefa de educar as crianças já crescidas e os adolescentes e não principiam a instrução pela moral. É preciso “domar as paixões”, pois uma vez controlada a mente para coisas supérfluas, para as distrações e outras preocupações, estará predisposta para o estudo. Comenius (2006, p. 167) cita Sêneca: “[...] primeiro aprende a moral e depois o saber, visto que aprende mal quem aprende sem moral”. E Cícero: “A filosofia moral prepara os homens para receber a boa semente, etc.”.

O **Segundo Princípio** revela que “*A natureza predis põe a matéria a desejar a forma*”. Este princípio fala da organização e da preparação do espírito para receber o conhecimento. Apesar de este princípio parecer o mesmo que o segundo, “*a natureza prepara a matéria antes de começar a introduzir-lhe a forma*”, apresentado anteriormente no tópico **Princípios em que se funda a arte de ensinar**, neste caso fala-se em preparar o próprio aluno.

Os professores erram quando obrigam as crianças a estudarem a contragosto: “[...] o que esperam obter? Se o teu estômago não aceitar o alimento com o apetite mas assim mesmo te empanzinares, só terás vômito e náusea, ou pelo menos má digestão e fraqueza [...]” (COMENIUS, 2006, p. 168).

O **Terceiro Princípio**, “*A natureza extrai tudo de princípios pequenos em quantidade, mas válidos pela virtude*”, significa iniciar pelas coisas mais simples. Como a

gota de sangue representa todo o pássaro, da mesma maneira a árvore está contida por inteiro no caroço de seu fruto; se plantar esse caroço na terra, brotará uma árvore inteira.

Contraria esse princípio o mestre que não inicia pelas coisas básicas, pelas coisas mais simples, mas apresenta conclusões diversas e tratados inteiros, o que causa desordem na cabeça do seu aluno.

O **Quarto Princípio** ensina que “*A natureza passa das coisas mais fáceis às mais difíceis*”, assim como a formação do ovo inicia pela parte mole, que é envolvida por uma membrana, para somente depois ser envolvida pela casca, da mesma forma age o carpinteiro que primeiro aprende a cortar a madeira, depois as outras coisas, gradativamente, até saber construir um edifício. Porém, a escola contraria essa ordem porque ensina coisas desconhecidas por meio de coisas também desconhecidas como, por exemplo, quando confia um aluno a um mestre estrangeiro, que não conhece a língua materna do aluno.

“*A natureza nunca excede, mas contenta-se com pouco*”: esse é o **Quinto Princípio**. Segundo ele, nenhum aluno deve ser sobrecarregado com coisas supérfluas. A natureza não determina que de um ovo nasçam dois passarinhos, mas fica contente se desse ovo nascer um passarinho bem formado. Do mesmo jeito, o arboricultor faz no máximo um ou dois enxertos num galho, caso este seja robusto. Mas a educação não segue este princípio, mais uma vez, quando aqueles que ensinam constituem o erro de ministrar várias coisas ao mesmo tempo para os alunos.

O **Sexto Princípio** explica que “*A natureza não se apressa, mas anda com vagar*”. A educação dos jovens se desenvolverá mais facilmente “se em tudo proceder lentamente” (COMENIUS, 2006, p. 165 e 175).

Para seguir das coisas gerais para as particulares, é preciso andar sem pressa e de forma gradativa. Ora, o pássaro não coloca os seus ovos no fogo para que os passarinhos nasçam logo, mas esquentá-os de maneira natural.

O arquiteto, também, ao seguir os passos da natureza, mesmo que não tenha consciência direta sobre isso, procede igualmente bem ao entender que o processo da construção do prédio não pode ser apressado, mas tudo feito no tempo adequado para que o edifício não caia. O arboricultor não exige que a planta cresça depressa no primeiro mês, deixa mais a contento do céu para regá-la e ao sol para aquecê-la.

E a educação? Mais uma vez peca ao torturar os jovens com muitas horas de estudos, com ditados, exercícios e em fazer aprender de cor o maior número possível de

coisas. O professor demonstra ser inexperiente e imprudente quando ensina o que lhe agrada e não o que os alunos entendem, “[...] pois as forças devem ser ajudadas, e não oprimidas, e o educador, assim como o médico, é apenas um ministro, e não senhor da cultura” (COMENIUS, 2006, p. 176).

Tudo a seu tempo, é o que trata o **Sétimo Princípio**: “*A natureza só pare o que, tendo amadurecido em seu seio, deseja vir à luz*”. A natureza não impele para voar o pássaro que não está coberto de penas, porém, na condução da educação, os alunos são forçados a um ensino superior à sua idade e à sua capacidade; quando têm que decorar conteúdos ou realizar tarefas que não foram explicadas, que não estão claras o suficiente (COMENIUS, 2006).

Como as coisas inatas ao homem, das quais já falamos, e que isso faz parte da natureza, podemos evidenciar no **Oitavo Princípio** que “*A natureza ajuda-se sozinha de todos os modos possíveis*”. Comenius afirma que nunca falta calor natural ao ovo para que o passarinho possa se formar, mas mesmo assim Deus ainda fornece o calor do sol, bem como as penas do pássaro que o choca. Depois que o passarinho nasce, a mãe continua seus cuidados até que seu filhote esteja fortalecido para as necessidades da vida.

As crianças ao nascerem precisam dos cuidados das amas para fortalecer sua cabeça, ajudá-las a ficar sentadas, depois em pé, a dar os primeiros passos, até andar com desenvoltura. “E quando as ensinam a falar, antes pronunciam as palavras, mostram seu significado com gestos, etc.” (COMENIUS, 2006, p. 179).

A natureza ensina que é preciso aceitar a fraqueza enquanto o vigor não chega, mas o professor contraria esse princípio quando confere uma tarefa aos alunos e não esclarece do que se trata e muito menos de que modo deve ser realizada. Isso é uma tortura para os jovens; é como se a ama forçasse a chicotadas a criancinha a andar sem que ela ainda conseguisse sustentar-se em suas pernas com segurança. Se o aluno não aprende é por culpa do preceptor (COMENIUS 2006, p. 179).

Que as coisas aprendidas tenham uso imediato é o que Comenius (2006, p. 180) traz no **Nono Princípio**: “*A natureza só produz aquilo cujo uso logo se manifesta*. Tudo tem uma função, “[...] quando a natureza forma um passarinho, logo fica claro que lhe dá asas para voar, patas para correr, etc.”. Assim acontece com a planta, tudo que nela cresce tem uma função, como a pele e a penugem dos frutos.

A importância de aliar aquilo que se ensina com a vida real do aluno já era uma preocupação de Comenius. Para ele nada deve ser ensinado que não tenha uso imediato. Faltam ao professor de sua época a perspicácia e a organização para atingir esse princípio.

A uniformidade das coisas que a natureza manifesta é um princípio em que o professor deve se basear. O **Décimo Princípio** afirma que “*A natureza faz tudo com uniformidade*”. Comenius (2006, p. 181) exemplifica dizendo que a geração de um pássaro é a mesma para todos os pássaros. A maneira de como se planta uma árvore e de como ela germina e floresce é igual para todas as outras ervas e plantas, “sempre e em todos os lugares”. Os professores erram ao utilizar métodos didáticos diferentes para cada matéria, um método para a gramática e outro para a dialética, fugindo da uniformidade.

Depois dos nove princípios referentes aos requisitos gerais para ensinar e aprender, verificamos os dez princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. A seguir apresentamos os dez princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender.

5.3. Para Uma Instrução Sólida

Segundo Comenius (2006), as pessoas reclamam de poucos alunos saírem da escola com instrução sólida. E, para esse problema, aponta duas causas: uma delas é que a escola preocupa-se com as coisas superficiais ou que os alunos esquecem o que aprenderam por terem contato rápido com muitas matérias, sem nelas se deter.

Para ele, o remédio contra esses problemas é seguir a escola da natureza, pois esta gera criaturas duradouras. Portanto, é certo que percorrendo o caminho da natureza encontraremos “[...] o modo de saber não só o que foi aprendido, mas muito mais, não só repetindo com habilidade os juízos hauridos dos preceptores e dos autores, mas também formulando pessoalmente sólidos juízos a respeito das coisas” (COMENIUS, 2006, p. 183).

Os *Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender*, Capítulo XVIII da *Didática Magna*, traz especificamente o conteúdo do ensino: que este seja voltado para a utilidade prática do aluno. Conforme Narodowski (2006, p. 67), estes princípios tratam da “Integração entre as atividades, porém separação meticulosa entre o que é diferente; sequenciação e coerência das ações e exercício constante do aprendido”.

Tudo deve se relacionar, as coisas devem estar conexas e dirigidas para as coisas úteis. Esse será o **Primeiro Princípio** para ensinar com solidez: “*A natureza não inicia nada que seja inútil*”.

A natureza, que não inicia nada que seja inútil, ao formar o passarinho não dá a ele escamas, barbatanas, brânquias ou chifres, mas cabeça, coração, asas. Assim procede o arquiteto que para construir edifícios não junta palha, lama, mas sim pedras, tijolos cozidos e madeira de carvalho, todos materiais que sejam sólidos e maciços.

Comenius percebe que a Escola e o professor contrariam esse princípio ao ensinar coisas supérfluas: “[...] nossa breve vida é tão cheia de compromissos que é possível ficarmos totalmente ocupados sem perder nem mesmo um minuto em bisbilhotices” (COMENIUS, 2006, p.185).

Comenius (2006, p. 186) explica, no **Segundo Princípio**, que “*A natureza não deixa de lado nada do que sabe ser útil ao corpo em formação*. A natureza não esquece nada que seja importante na constituição do passarinho. A escola deveria seguir esse princípio ao formar o homem, fazendo-o de maneira completa “[...] para torná-lo apto aos compromissos desta vida e à eternidade para a qual tendem todas as coisas deste mundo”. Assim, é pertinente que sejam ensinados as letras, a moral e a piedade. Tudo deve ser “coerente em todas as suas partes”.

Que tudo seja útil e que tenha fundamento. O **Terceiro Princípio** afirma: “*A natureza nada faz que seja desprovido de fundamento ou raiz*. Temos o exemplo do arboricultor que não planta em definitivo nada que antes não tenha criado raízes, do arquiteto que não constrói o edifício sem antes colocar fundações bem sólidas e do pintor que coloca um fundo sob as cores para que estas não desbotem.

Contudo, os professores “não se preocupam com esse fundamento [...]”, pois “não se empenham em, antes de mais nada, tornar os estudantes atentos e obedientes; não lhes dão antes uma idéia geral do ensino que pretendem encetar, para que os alunos entendam claramente o que deverá ser feito e o que se está fazendo [...]” (COMENIUS, 2006, p. 187).

Ora, a preocupação da aplicação na vida daquilo que se aprende é fato mencionado por Comenius diversas vezes. Que as coisas devem estar ligadas umas às outras, voltadas para a utilidade e que o aluno seja preparado, assim como os outros profissionais: o pintor, o arboricultor, o arquiteto, que preparam seus materiais para receberem a forma desejada.

É a educação ao lado do trabalho, é a aplicação prática na Escola da Vida Adulta; é nesta escola que o aluno vai ser seu próprio mestre.

Entendemos que, em complemento ao terceiro princípio, Comenius traz o **Quarto Princípio**: “*A natureza põe as raízes em lugar profundo*”. No animal, os órgãos vitais estão na parte mais interna do corpo, assim como a árvore deve ter suas raízes o mais profundo possível para sua firmeza.

A ideia deve estar bem enraizada na mente do educando, para que ela seja bem entendida, caso contrário “[...] ninguém poderá dominar completamente o sistema de uma arte ou uma língua se antes não tiver concebido a idéia com clareza” (COMENIUS, 2006, p. 188).

O **Quinto Princípio** também fala sobre as raízes e de que “*A natureza produz tudo a partir da raiz, nada a partir de outro lugar*”. É a raiz que leva os nutrientes para as outras partes da planta, mesmo que as chuvas caiam do alto. O arboricultor atento sabe que deve enxertar a muda de modo que leve nutrientes a toda a árvore. Da mesma forma as penas dos pássaros nascem das partes mais internas de seu corpo.

O arquiteto segue o princípio quando constrói seu edifício sobre fundações e que este se sustente sobre suas bases. O trabalhador que constrói um viveiro ou um poço “[...] abre veios de uma nascente viva e conduz a água até seu reservatório através de canais ou tubos subterrâneos” (COMENIUS, 2006, p. 189).

A escola, que deveria ajudar o professor a trabalhar com base nesse princípio, segundo Comenius (2006, p. 189), nada faz para que “as mentes se habituassem a robustecer-se sobre suas próprias raízes, como o fazem as árvores novas [...]”. A escola, sempre fundamentada no que os outros dizem, no que os autores escrevem e pensam, não se preocupa em mostrar “[...] as coisas como são por si e em si [...]”.

O planejamento é necessário para um conhecimento “enraizado”, que faça com que o indivíduo pense por si só a respeito das coisas diretamente e não por vias indiretas. Kulesza (1992, p. 109) diz que Comenius extrai a necessidade básica de se fazer um projeto, um plano de estudos, sem o qual não tem sentido o estabelecimento de alicerces sólidos sobre os quais se construirá o conhecimento. Igualmente, “ninguém pode ser perfeitamente instruído numa ciência particular se não tem uma visão geral das outras ciências”.

O que Comenius quer dizer é que sempre se buscam opiniões diferentes a respeito de uma determinada coisa. Não se procura conhecer a própria coisa, assim segue-se um ou

outro autor e seus tropeços, seus erros. Ele diz para correr “em direção à meta! Se ela está bem fixa e clara para nós, por que não ir ao seu encontro por vias diretas? Por que gostamos mais de usar os olhos alheios que os nossos?” (COMENIUS, 2006, p. 190).

Entendemos que ele fala sobre a teoria e a prática, que o método empregado até então ensina a ver com os olhos dos outros e não estimula descobrir as coisas por elas mesmas.

Como exemplo disso, Comenius (2006, p. 191) cita a gramática que não ensina a compor discursos, “mas só a analisá-los; nenhuma fraseologia mostra como compor e variar as frases com arte, mas apresenta apenas um confuso amontoado de frases”. Na física ninguém ensina com “experimentos e demonstrações”, mas por meio de textos de autores. Até mesmo para formar a moral de que tanto ele fala deveria utilizar a “reforma interna dos sentimentos” e não somente apresentar a “definição externa e a classificação das virtudes”.

O que é preciso atentar é que a velha instrução se restringe apenas a saber de cor as regras, os termos de cada conteúdo, mas não como fazer o uso adequado deles e saber para que servem.

As coisas que são ensinadas não trazem nexo algum. Por isso Comenius (2006, p. 192) afirma que “o homem instruído com fundamento é como uma árvore que se sustenta com as próprias raízes e a própria linfa; por isso, estará sempre vigoroso [...]”.

Portanto, Comenius conclui que “o saber não deve ser procurado nos livros, mas no céu, na terra, nos carvalhos, nas faias, ou seja, é preciso conhecer e observar as coisas em si, e não só as observações e o testemunho de outras pessoas sobre elas”. Portanto, não devemos somente nos basear nos livros, mas como aplicar as coisas na vida cotidiana. Por isso ele fala que “nada deve ser ensinado apenas pelo método analítico, mas pelo sintético” (COMENIUS, 2006, p. 193).

O **Sexto Princípio** informa que “*Quanto maior o número de usos para os quais a natureza prepara alguma coisa, mais claramente ela os distingue*”. Esse princípio orienta o professor a instruir de maneira que mostre claramente a distinção das coisas, para que não cause confusão alguma entre docente e discente, para que ambos saibam onde estão e o que estão fazendo.

“*A natureza está em progresso contínuo, e nunca pára nem inicia coisas novas abandonando as antigas, mas continua, desenvolve e conclui apenas as já iniciadas*”. O **Sétimo Princípio** aborda a organização das coisas bem como a conexão entre elas. Os

estudos futuros devem sempre se basear nos estudos anteriores e que estes sejam bem fundamentados para que deem subsídios aos próximos. E tudo isso deve ser memorizado (COMENIUS, 2006, p. 194).

A natureza procede de maneira que uma coisa esteja ligada a outra para sempre. O **Oitavo Princípio** exemplifica que “*A natureza liga tudo com vínculos perpétuos*” (COMENIUS, 2006, p. 195). Como na formação do passarinho, estão ligados osso a osso, nervo a nervo. Como na planta que faz emergir da raiz o tronco, os galhos do tronco, os ramos dos galhos, os brotos dos ramos, as gemas dos brotos, e das gemas as folhas, as flores, os frutos e, finalmente, novos brotos, e tudo isso está em uma única planta. Assim como na construção de uma casa, todas as coisas devem estar bem interligadas, como o teto e o telhado devem estar firmes às paredes.

- I. Os estudos de toda a vida devem estar dispostos de tal modo que formem uma única enciclopédia, em que tudo nasça de uma raiz comum e fique em seu devido lugar.
- II. Tudo o que se ensina deve ser consolidado por razões que não permitam dúvidas nem esquecimentos (COMENIUS, 2006, p. 196).

As coisas devem ser apresentadas na justa proporção, assim como na natureza, voltadas para a utilidade e para a prática. O **Nono Princípio** explicita que “*A natureza conserva a justa proporção entre a raiz e os galhos, no que respeita à quantidade e à qualidade*”. A árvore, se crescer só para o alto, não terá sustentação, pois precisa da raiz para dar firmeza. Se crescer só para baixo será inútil, pois precisa crescer e dar frutos.

Para instruir o aluno, este, além de aprender de forma consistente internamente, deve saber conduzir para o exterior, “[...], ou seja, tudo o que for ensinado para ser entendido deverá ser ensinado também para ser expresso e feito, vale dizer, utilizado na prática e vice-versa”. Vale citar o ditado: “Teu saber nada é se outra pessoa não souber que tu sabes”. Que nenhuma nascente de saber seja aberta sem que dela logo brotem arroios [...]” (COMENIUS, 2006, p. 198). Busca-se a utilidade das coisas bem como a sua aplicação.

O **Décimo Princípio** registra que “*A natureza se revigora e fortalece com o movimento contínuo*”. A raiz da planta fica mais profunda à medida que a planta é sacudida pelo vento, por isso a planta deve ficar onde houver vento, granizo, trovão e relâmpago. O ferreiro, para tornar o ferro duro e resistente, coloca várias vezes no frio e no calor, na água e no fogo, para que a matéria se habitue às duas temperaturas e se torne mais

resistente. Da mesma maneira a instrução para ser sólida, para ser resistente, precisa ser submetida a exercícios assíduos, bem feitos e contínuos (COMENIUS, 2006, p. 199).

Enfim, ninguém deve deixar de ensinar ou de aprender, todos devem aproveitar o momento, é o que Comenius propõe. O ensino não precisa ser demorado, trabalhoso: “quem não sabe, porém, que mesmo as coisas longas podem ser abreviadas e as trabalhosas, resumidas?” É o que veremos em “*Princípios de um ensino rápido e conciso*”.

5.4. Para um Ensino Rápido e Conciso

O Capítulo XIX da *Didática Magna* trata, problematicamente, dos princípios de um ensino rápido e conciso. Por meio de oito questionamentos, Comenius responde como será possível seguir os princípios apresentados anteriormente. Porém, apresentaremos essas perguntas no item *Problemas a serem enfrentados pelo professor*.

Na dinâmica da aceleração do trabalho, outras necessidades são geradas. Exige-se esforço do homem e novas operações mentais para supri-las. Os princípios de um ensino rápido e conciso estão baseados na ordem da natureza, porém já com alguns exemplos de coisas artificiais. Percebemos sutilmente elementos que comprovam a introdução para um novo pensamento no modo de ensinar, que não estão baseados diretamente na natureza, ou como o próprio Comenius diz, são exemplos de coisas artificiais.

Os elementos artificiais voltados para a produção do saber observados são: a arte; a competição; a supervisão; a divisão do tempo em horas, dias, mês e ano; com uma única atividade desenvolver dois ou três trabalhos; ensinar a leitura e a escrita ao mesmo tempo, ensinar o alfabeto enquanto as crianças escrevem; utilizar a brincadeira para simular as coisas sérias da vida, para que se economize tempo e trabalho no ensino e no aprendizado.

Para Comenius (2006), a ordem como ideia universal da arte de ensinar e de aprender tudo só pode ser extraída da escola da natureza. Feito isto, as coisas artificiais ocorrerão com facilidade e espontaneidade, assim como ocorrerão com facilidade e espontaneidade as coisas naturais.

Comenius (2006, p. 129) oferece uma série de exemplos em que o homem baseou suas invenções na natureza, como quando cita a construção do navio observando os movimentos do peixe “[...] em lugar das barbatanas, os remos ou as velas; em lugar da cauda, o timão [...]”. A gaita de foles, o pífar e outros instrumentos de sopro são feitos a partir da observação e imitação do órgão dos animais do qual saem os sons, que é a

traqueia. Até mesmo a pólvora é imitação do que produz “[...] fragor que vem das nuvens e lança fogo e pedras, isto é, o nitro inflamado com enxofre [...]”.

O relógio, da mesma forma, foi elaborado a partir de observações do firmamento, o qual gira eternamente, e por meio de rotações dos astros possibilita a sequência das estações. “O relógio representa o movimento diário do céu e mede as horas” (COMENIUS, 2006, p. 130).

É desejo de Comenius que entre a velha forma de instrução e a nova forma de instrução que ele expõe “[...] haja diferença idêntica à que se observa entre a técnica usada antigamente para transcrever livros à mão e a arte tipográfica depois descoberta e agora em uso [...]” (COMENIUS, 2006, p. 361).

Narodowski (2006, p. 68) diz que “[...] Comenius esclarece que o plano de ação que guiará o ensino será complementado pela economia de tempo [...]”. O conhecimento terá um tempo determinado de modo que haja rapidez no ensino; a “instrução simultânea” será a solução para a desordem e a irracionalidade com a qual trabalhavam os professores até então.

O ensino rápido é consequência do que Comenius (2006, p. 132) apresenta ao falar da arte que imita a natureza. Ele cita Hipócrates: “[...] A vida é breve, a arte é longa, as ocasiões se desvanecem rapidamente, os experimentos são incertos e é difícil o juízo das coisas [...]”.

Comenius (2006, p. 132) enumera cinco obstáculos que dificultam a rapidez do ensino e aprendizagem: a brevidade da vida; a quantidade enorme de coisas que devemos aprender; a falta de ocasião para aprendermos as artes e as ciências; a obtusidade do nosso engenho; observações e experimentações exageradamente longos.

Num primeiro momento é perceptível porque o ensino deve ser rápido, pois, ao analisar a natureza, Comenius identifica a brevidade da vida em comparação com a quantidade de coisas a serem aprendidas. Depois, se considerarmos a dinâmica da vida moderna, quando menciona o aprender a respeito de alguma ciência assinala que esta muda rapidamente e já não pode ser apresentada da mesma forma. Percebemos aí um novo movimento na vida do homem.

Conforme Comenius, para todos esses obstáculos existem remédios e é por isso que ele ousa prometer um método de estudo universal, certo, fácil e sólido. O que apresenta como limitação pode ser convertido para o bem. Deste modo, a vida é breve porque nos

perdemos facilmente com coisas supérfluas e com vaidades, mas é suficientemente longa para a preparação de uma vida melhor, se souber como utilizá-la.

A quantidade de coisas para aprender bem como a diversidade é para que possamos exercitar nossa mente e nos instruímos. Com relação aos experimentos, Deus permitiu que fossem incertos, pois somente assim nos sentiríamos obrigados a nos aprofundar no entendimento das coisas. Comenius (2006, p. 134) cita Santo Agostinho como reflexão: “[...] se compreendêssemos com demasiada facilidade todas as coisas, não mais procuraríamos a verdade com empenho nem a encontraríamos com prazer”.

Mediante as invenções, as descobertas, as novas ciências, as novas artes, é necessário um ensino que permita ao indivíduo viver em meio a toda essa dinâmica que a vida atribui. Assim Comenius escreve no Capítulo XIX da *Didática Magna, Princípios de um ensino rápido e conciso*.

É preciso reduzir tempo e trabalho; a arte pode ser “longa, ampla, profunda”, mas mesmo as coisas longas podem ser resumidas. A exemplo dos tecelões que tecem rapidamente milhares de fios, os moleiros que amassam ligeiramente milhares de grãos e peneiram o farelo do trigo puro sem fadiga alguma, os técnicos com pequenas máquinas conseguem “deslocar massas enormes”. Todas essas profissões não necessitam de grande força, mas de arte (COMENIUS, 2006, p. 203).

Comenius indaga, em comparação com os profissionais já citados: “Só aos literatos faltará arte para agir de modo engenhoso? Que pelo menos a vergonha nos obrigue a emular a diligência daqueles e a procurar remédios para eliminar os obstáculos que até agora pesaram sobre a escola” (COMENIUS, 2006, p. 203).

Por se tratarem de coisas novas, como tudo o que é novo a princípio gera insegurança, gera desconforto, por isso são chamadas de obstáculos, mas Comenius trata de forma que tudo se converta para o bem. Para isso é preciso encontrar o mal que retarda o progresso da escola “a tal ponto que a maioria dos que passaram a vida sentados em seus bancos não tem sido capaz de penetrar a fundo nas ciências e nas artes [...]” (COMENIUS, 2006, p. 204).

Encontrar o mal para encontrar o remédio. É isso que ele aponta em sua obra: apresenta os exemplos a serem seguidos, depois aponta as aberrações das escolas e dos professores e lança logo em seguida a correção, os remédios contra o mal.

Assim, “o mal” é a ausência de método e a ausência de metas que causam incertezas. Por falta de caminhos estabelecidos, que conduzam às metas, muitos

professores desenvolvem trabalhos diferentes a cada momento, o que causa grande confusão na mente dos alunos. As coisas são ensinadas separadamente, sem seus nexos, como exemplifica Comenius (2006, p. 204):

[...] na escola latina, os alunos deviam lutar durante anos com as palavras, sem as coisas, e assim os anos da adolescência passavam-se no estudo da gramática, enquanto os estudos filosóficos ficavam reservados para a idade mais madura. Além disso, ordenava-se aos jovens que aprendessem, nunca que ensinassem, enquanto todas essas coisas (ler e escrever, palavras e coisas, aprender e ensinar) devem ser simultâneas, assim como a corrida, levantar e abaixar os pés, na conversação perguntar e responder, no jogo de bola pegá-la e jogá-la, como foi dito.

Narodowski (2006, p. 40) também levanta a questão da ausência de um planejamento nas escolas, que Comenius reclama. Ele destaca que “a falta de coerência interna dentro da instituição escolar era moeda corrente e era até mesmo freqüente que vários professores ensinassem a um mesmo grupo de alunos [...]”, ou que o professor ensinasse para poucos e que os alunos fossem mantidos separados.

Se a arte e a ciência forem ensinadas de modo desconexo, cada aluno capta o conceito que melhor entende, sem estar bem fundamentado de forma universal. Outro mal que Comenius (2006, p. 206) apresenta é com relação ao grande número de livros que os alunos deveriam ler na escola e fora dela: “[...] pensava-se que, quanto maior o número de autores lidos, maiores seriam os progressos feitos; na realidade, porém, eram maiores as distrações do espírito [...]”. É preciso direcionar para a meta “[...] sem usar muitos meios quando bastarem poucos para atingir o objetivo”. A natureza novamente é posta como exemplo primeiro para todos os males da educação. O sol tem a função de espalhar seus raios sobre toda a face terrestre e de dar a luz, o calor, vida e força para tudo; é uma função trabalhosa e perfeita.

Comenius (2006, p. 207) chega a mostrar de que modo o sol realiza sua obra e faz uma comparação com os modos usados nas escolas. Ele menciona que o sol desempenha sua função para toda a terra, que não se preocupa com “[...] objetos em particular [...]”, faz tudo de modo gradual e conexo, “para que uma coisa abra caminho para a outra e elas se interliguem”, e que não faz nada inutilmente, porém se “algo inútil nascer, queima-o e mata-o”.

Os princípios apresentados emanam da natureza e significam o caminho e a base para a construção dos modelos de professor que verificamos nas obras *Didática Magna* e

Pampaedia. São esses os fundamentos que respondem aos modelos de professor que trataremos a seguir. São homens dotados de virtudes, bons, belos, morais e úteis à sociedade e que são o próprio exemplo daquilo que devem tornar seus alunos.

O professor que toma esses princípios como exemplo sabe realmente que modelo deve ser em sua profissão. Apoiado, assim, em fundamentos sólidos, conduzirá seu aluno ao progresso intelectual.

6. O NOVO PROFESSOR: MODELO DE PERFEIÇÃO

6.1. Modelos de Professor

Na *Didática Magna* encontramos em evidência os seguintes modelos de professor: o modelo da natureza e o modelo das artes mecânicas que imitam a natureza, a tipografia. Para Comênio (1965, pp. 88-92) “os preceptores deverão ser homens pios, honestos, ativos, diligentes, exemplos vivos daquelas virtudes que devem inculcar nos jovens...” [...].

A tipografia, na educação, recebe o nome de didacografia e vem para atender as necessidades de um novo tempo, um novo modo de trabalho. É o predomínio da máquina sobre a natureza, de maneira que torne hábeis para ensinar até mesmo aqueles que não possuem muita habilidade. Da tipografia vem o novo conceito de professor, que se valerá dos instrumentos já preparados.

Contudo, esses modelos se desmembram em muitos outros que mostraremos a seguir. É o conjunto de todos eles que dará forma a um terceiro modelo de professor, o modelo universal, ou seja, o **Pandidáscalo**. A visão de Comenius para o professor **Pandidáscalo**, na obra *Pampaedia*, é de que esse profissional desempenhe sua função para uma educação total, uma educação que integra, que traz um conhecimento sólido com vistas para a utilidade na sociedade, uma educação para todos sem distinção e, não menos importante, uma educação que promova a paz dentro e fora da escola.

O **Pandidáscalo** é parte integrante da verdadeira oficina de homens, homens que são parte integrante do universo. É o profissional que reúne muitos modelos dotados de muitas qualidades, senão todas. Antes do professor ensinar tudo o que os alunos devem saber, ele mesmo deve ser modelo em sua profissão. Assim, se ele quer ensinar o respeito, primeiro deve ser modelo de respeito, se quer ensinar a disciplina, antes deve ser modelo de disciplina, se quer ensinar a igualdade deve reconhecer as diferenças e acolhê-las.

A amplitude que ele dá à função do mestre evidencia-se na medida em que este profissional atua em conjunto com os alunos, os pais, a escola, a Igreja, o Estado. Aos pais cabe a tarefa de preparar seus filhos para uma cultura universal, e aos educadores, transformar os alunos em pessoas úteis aos outros.

Pandidascália, é assim que Comenius (1971, p. 147, itálico no original) denomina os “*cultores universais dos engenhos, dos mestres pampédicos, que saibam ensinar a todos todas as coisas totalmente[...]*”. O professor deve ser fiel à sua vocação e agir de tal modo que os outros o imitem.

Na obra *Pampaedia*, o ensinar toma proporções universais, quando deve atingir *Omnes, Omnia, Omnimode* - Todos, Todas as coisas, Totalmente. Ensinar todas as coisas que aperfeiçoam a natureza humana, para que o homem conheça todas as coisas boas e verdadeiras. Por fim, a palavra “totalmente”, para que o ensino seja sólido e seguro, que seja agradável e prazeroso, que seja rápido e prudente, pois a prudência deve ser orientadora do trabalho (COMENIUS, 1971, p. 150).

Comenius (1971, p. 147) explica que pandidáscalo “é um professor pampédico que sabe formar todos os homens em todas as coisas que aperfeiçoam a natureza humana, para tornar os homens totalmente perfeitos”.

Os requisitos exigidos desse professor universal são: o exemplo, o método e a prudência: “1. que cada um seja tal como deve tornar os outros; 2. que conheça os métodos de tornar os outros tais como eles devem ser; 3. finalmente, que, no seu trabalho, seja cheio de zelo” (idem, ibidem, 1971, p. 148).

A partir do diagnóstico realizado por Comenius de uma educação que não segue os princípios apresentados, ele aponta as correções para as imperfeições e exemplos a serem seguidos. Destacamos em cada modelo de professor aquilo que ele deve ser diante dos princípios que têm como base a natureza e a tipografia. Esta, com sua nova técnica, traz a elegância, a segurança e a rapidez, bem como a uniformidade que contribui para a multiplicação dos saberes universais. Comparativamente às novas técnicas de trabalho, encontramos uma nova organização, bem como uma nova divisão da educação.

Já vimos que o professor em sua ação é um artesão que executa por inteiro sua obra. Todavia, ao inserir-se no contexto da escola, no qual não está mais sozinho, mas encontra centenas de alunos que deve ensinar ao mesmo tempo [...] sua tarefa começa a assumir outra feição, pois há divisão de trabalhos a serem executados em cooperação, como ocorria nas manufaturas (GASPARIN, 1994, p. 138).

As divisões de tarefas começam a aparecer, mas o professor, nesse princípio, para se tornar um Pandidáscalo, deve ser detentor de todas as qualidades, mesmo diante de muitos alunos e mesmo diante das divisões de classes. Conforme ainda Gasparin (1994), a

manufatura não exerceu uma influência direta nas escolas, mas o autor destaca que Comenius não estava alheio à sua época e sabia identificar os sinais da transição e aplicar em suas obras.

Apresentamos, a seguir, os modelos de professor que encontramos nas obras *Didática Magna* e *Pampaedia*. Percebemos que o professor deve buscar sua perfeição e ser exemplo para seus alunos, tanto no que diz respeito à imitação da natureza quanto na utilização da didacografia. Para tornar mais claro esses dois modelos, procuramos, na medida do possível, relacioná-los aos princípios já estudados anteriormente, mencionando a correção que Comenius propõe ao professor para que de fato seja modelo perfeito.

A partir destes dois modelos amplos serão explicitados os modelos específicos de virtudes e os predicados que um professor deve possuir. Todavia, como nenhum ser humano é perfeito, mas está a caminho da perfeição, assim o professor, ainda que deva ser modelo de perfeição, nem sempre segue a natureza ou a tipografia. Em função disso, após cada modelo específico é apresentada a correção necessária ao professor, para que se torne um perfeito ideal de educador.

Professor: modelo de perfeição

Na *Didática Magna*, Comenius (2006), logo no início do Capítulo XVI dos *Requisitos gerais para ensinar e aprender*, indaga: “Quem não sabe, porém, que para semear e plantar é preciso ter alguma arte e habilidade?”. Ao professor cabe a experiência, e mesmo aqueles que possuem experiência às vezes não obtêm resultados, pois é difícil seguir todos os passos do ensino sem que escape algum erro, é impossível seguir tudo com precisão.

Com a tipografia será possível chegar à perfeição, pois o professor encontrará os instrumentos para utilizar. Ele vai seguir um manual já preparado com todas as coisas que devem ser ensinadas e o modo de fazer isso.

Contudo Comenius, na obra *Pampaedia*, não abre mão de que os professores necessitam ser “os mais selectos dos homens, piedosos, honestos, dignos, diligentes, trabalhadores, prudentes” para que tornem o povo “iluminado, pacífico, religioso e santo”. Devem ter Deus como cooperador, devem ser honestos, dignos e cuidadosos, para que nunca desacreditem em seu ofício. Não podem deixar se abater pelas fadigas e devem ser prudentes (COMENIUS, 1971, p. 148).

Conforme Comenius (1965, p. 98) em seu texto *Norme per um buon ordinamento delle scuole*, aqueles que dirigem a escola, como o diretor, precisam prestar atenção ao selecionar os professores. Eles devem ser os melhores em “[...] piedade, em cultura, marcados pela capacidade demonstrada nos seus atos [...]”. É importante que esses professores se identifiquem por meio de um “[...] dom natural, a este gênero de vida [...]”.

Portanto, é de responsabilidade dos educadores saber muito bem todos os fins da sua profissão, todos os meios e toda a variedade que apresenta um único método. Devem conhecer o objetivo específico do que é educar, que é reconstituir o homem à imagem perdida de Deus ou à perda perfeição do livre arbítrio:

Lembrem-se, portanto, os educadores dos homens que o seu dever é ensinar aos homens todas aquelas coisas que dizem respeito à reparação da imagem divina em nós (e, por conseguinte, tornar familiares, a todos, os três livros de Deus), para tornar todos: 1. sabedores ou sábios, possuindo conhecimentos acerca de si próprios, do mundo e de Deus; 2. capazes de se governarem a si mesmos, ao mundo e a Deus; 3. e, finalmente, bons, isto é, piedosos, misericordiosos e justos (COMENIUS, 1971, p. 149).

Comenius revela que o educador tem a função de fazer com que o aluno conheça a si mesmo e o outro e como é essa relação. Essa é a base para uma educação perfeita. Por isso a importância dos três livros a que Comenius se refere, que são: os do *mundo* “para que se tornem conhecedores de si próprios, do mundo e de Deus”, da *mente* “para que governem a si mesmos” e da *Revelação Divina* para que se tornem “piedosos, misericordiosos e justos”.

Para tanto o professor deve ter a sabedoria dos Pastores de Igrejas e dos chefes do Governo, pois são estes que devem restaurar a imagem divina nos homens, por isso é importante honrá-los e premiá-los.

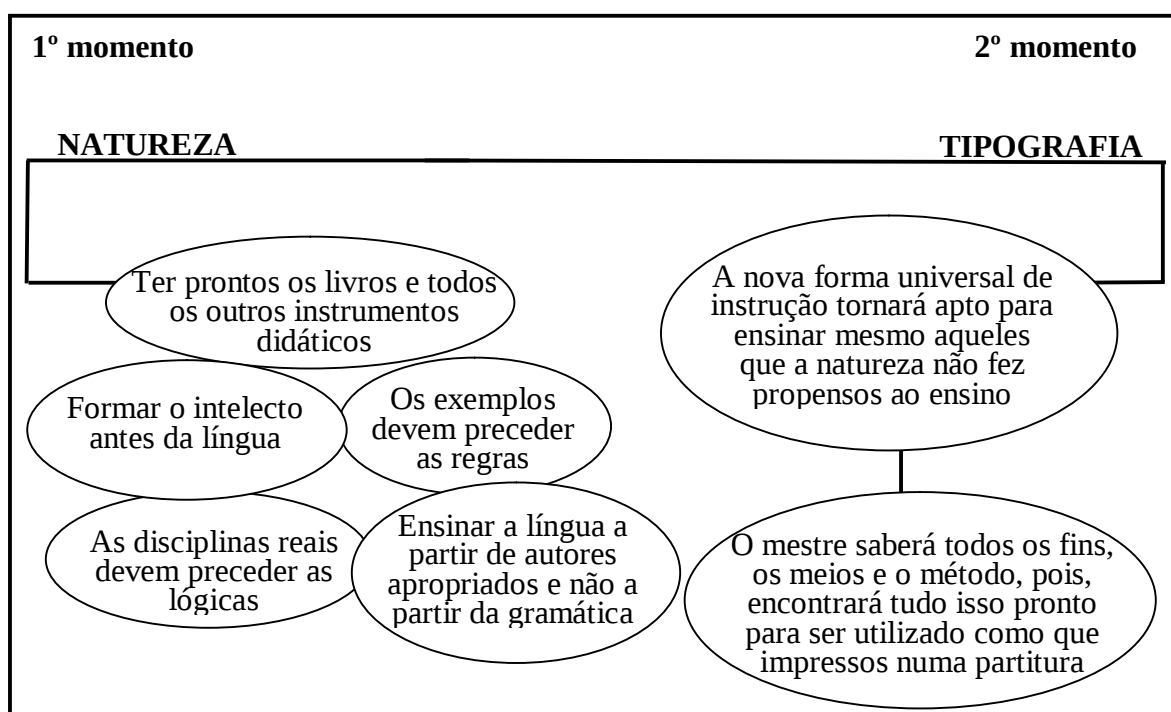
O professor universal, o pandidáscalo, deve possuir um “tríplice objetivo à sua Didática”: a Universalidade, a Simplicidade e a Espontaneidade. A Universalidade, porque todos devem ser ensinados em todas as coisas. Simplicidade para utilizar os meios seguros para atingir a certeza. Espontaneidade, pois o ensino deve ser agradável como num jogo, “de modo que todo o processo da educação do homem possa chamar-se *escola-jogo*” (COMENIUS, 1971, p. 150).

Todas as correções propostas pelo princípio que segue a natureza estarão presentes no livro didático e, com o método, a didacografia.

Comenius revela o comprometimento do professor para com sua profissão. Os professores devem ser os mais seletos, os melhores alunos, para se tornarem os melhores professores. Ele valoriza a profissão docente. A este profissional devem ser oferecidas honras e premiações e uma justa remuneração, segundo ele, principalmente para os professores da escola primária, que deve ser mais “sabedor” e ter “um salário maior” que os outros (COMENIUS, p. 231, 1971).

Como é de responsabilidade do professor restituir no homem a imagem perdida de Deus, como ele fará isso? Sendo o próprio modelo de Deus, ou seja, cristão.

Professor modelo de Perfeição: correção necessária.¹⁰



Professor: Modelo de Cristão

O professor deve ser modelo de Cristão, primeiro porque Deus deseja ser “[...] conhecido, amado e louvado por todos aqueles nos quais imprimiu sua imagem. Porque todos devem ser reformados à imagem de Deus e devem se preparar para os ofícios a que foram destinados [...]” (COMENIUS, 2006, p. 89). Cristo é o modelo absoluto de todas as perfeições que o professor deve incutir em seus alunos.

¹⁰ 2º Princípio referente aos Requisitos gerais para ensinar e aprender: Como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. (Didática Magna, 2006, p. 149).

Para Comenius (2006, p. 290), os alunos “[...] devem receber a formação de cidadãos do céu [...]” e isso deve ter preferência em relação às outras coisas. Assim como Deus ensina só o que é útil e é o guia, o professor deve cuidar com os excessos de coisas a serem ensinadas e também com coisas supérfluas; tudo deve ter sua utilidade.

O professor também deve ter em mente até que ponto deseja conduzir seu aluno e deixá-lo instruído “dessa ou daquela maneira” (GASPARIN, 1994, p. 148).

O professor deve atentar para as aptidões de seu aluno e prepará-lo para seu ofício; ensinar a palavra de Deus, ensinar a ler a Bíblia com vistas para a o fim último, que é a vida eterna. Ele também precisa ensinar aos seus alunos, por meio da leitura da palavra de Deus, passar essa vida cheia de trabalhos e fadiga com mais alegria e “[...] aguardar com maior desejo e esperança a vida eterna” (COMENIUS, 2006, p. 93).

“[...] Não se escolhem parasitas, vigaristas e bufões como pedagogos dos filhos dos reis e dos príncipes, mas homens sábios e piedosos”. Comenius afirma, em primeiro momento, que não se deve permitir pagãos como “[...] o comediante Plauto, o lascivo Catulo, o impuro Ovídio [...]” educando cristãos. “[...] Cristo, eterna sabedoria de Deus, abriu para os filhos de Deus uma escola em sua casa, cujo reitor e guia supremo é o Espírito Santo, cujos professores e mestres são os Profetas, os Apóstolos, homens santos, todos dotados de verdadeira sabedoria, que mostram com a palavra e com o exemplo o caminho da verdade e da salvação [...]” (COMENIUS, 2006, p. 294-295).

Comenius observa que quando os pagãos querem ensinar a piedade, ensinam a superstição, pois não possuem conhecimento verdadeiro de Deus nem de seu valor. Mesmo que mais adiante na *Didática Magna* admita um valor nos livros pagãos e alguns pagãos nas escolas cristãs e cita “[...] quais sejam Sêneca, Epicteto, Platão e semelhantes mestres de virtude e honestidade, nos quais são menores o erro e a superstição [...]”, aceitação que provém do Renascimento, deixa bem claro que é preciso ter muito cuidado para não deixar que os filhos de Deus que ainda não tenham segurança em sua fé sejam expostos a estes homens e a estas obras, ou seja, somente os adultos podem ter contato com esses autores (COMENIUS, 2006, p. 300-307).

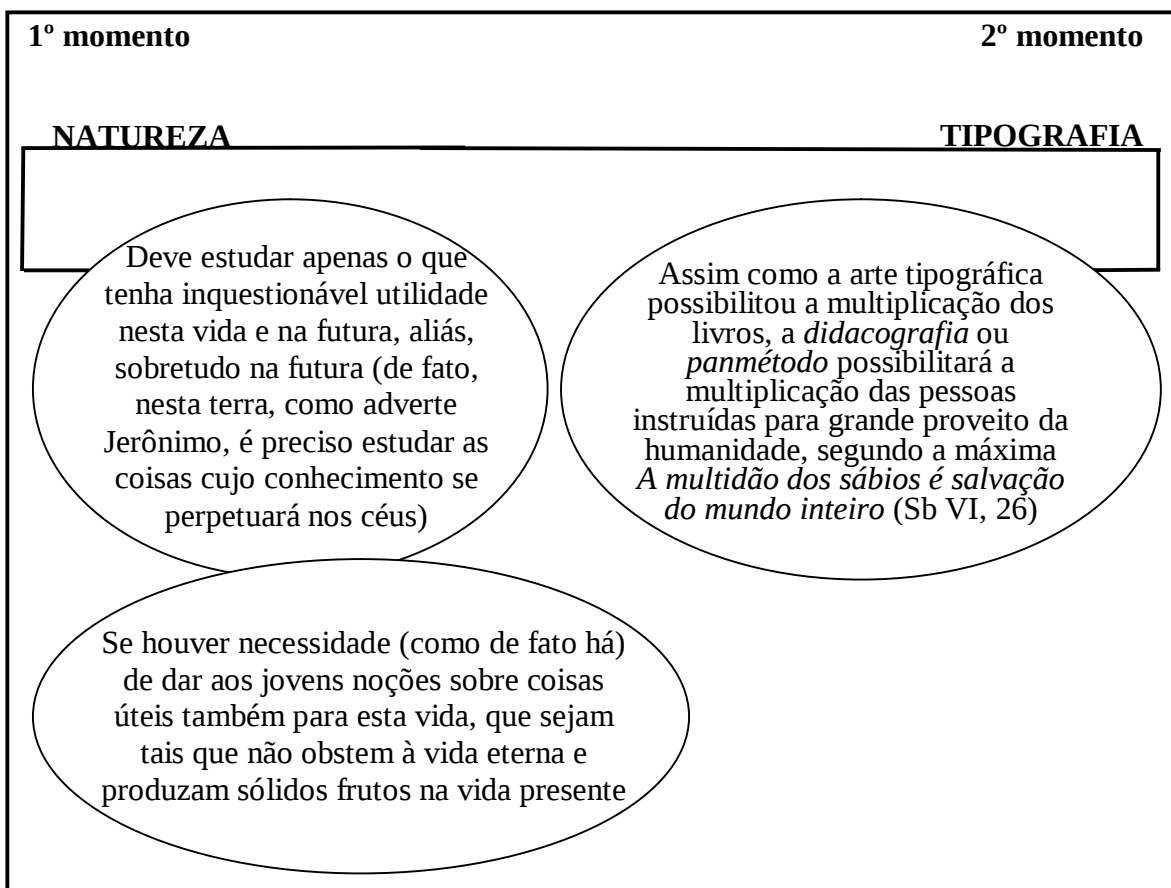
Os professores, como cristãos, devem promover a libertação da humanidade. Refere-se aos professores como “homens cultos”, os quais devem refletir nas palavras de Cristo: *Vim lançar fogo à terra, e o que quero, senão que a labareda já ardesse!* (Lc. XII, 49). O professor deve utilizar a sua sabedoria para julgar as coisas e melhorá-las com seu prudente conselho. Comenius pede para que eles não tardem a contribuir com suas

“centelhas, com vossos fachos, ou melhor, com vossos flabelos, para tornar mais candente esse santo fogo” (COMENIUS, 2006, p. 374).

Conforme Kulesza (1992, p. 88), “o pastor de almas transmuta-se em professor”, o que é bem característica do movimento da reforma de sua época, as coisas estão ainda sob direção divina e a salvação do mundo, para Comenius, está nas mãos da educação. Como está nas mãos do cristão promover a libertação, está nas mãos do professor formar para a vida eterna.

O professor, para que seja fiel à sua vocação, deverá não somente ter a preocupação em servir a Deus, à Igreja ou ao Estado, mas para além, deve agir para que outros possam fazer o mesmo. Comenius (2006, p. 375) cita Sócrates e diz que este foi admirado porque, apesar de ser capaz de ocupar cargos públicos, escolheu dedicar-se na instrução dos jovens, “pois sempre repetia que muito mais útil ao Estado é capacitar pessoas para governá-lo do que fazê-lo pessoalmente”.

Professor modelo de Cristão: correção necessária.¹¹



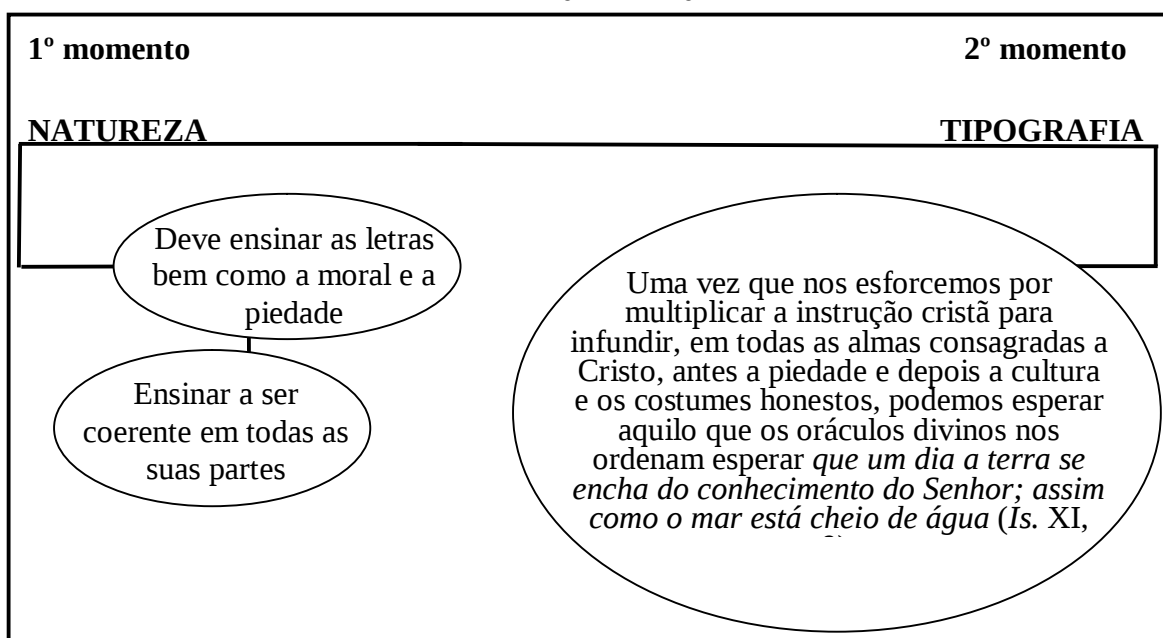
¹¹ 1º Princípio referente aos princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender. (Didática Magna, 2006, p. 184).

Professor: modelo de honestidade e justiça

O professor deve ensinar seu aluno a viver honestamente. Em crítica às escolas de seu tempo Comenius (2006, p. 105) afirma que elas priorizaram a “árvore da ciência”. E o que é a ciência sem a moral, a piedade, a honestidade? Comenius ensina de que nada adianta ter a ciência se não tiver todas essas outras coisas.

Ensinar aos alunos a serem laboriosos e amáveis. Ensinar que não se deve prejudicar ninguém, muito menos mentir e enganar.

Professor modelo de Honestidade e Justiça: correção necessária.¹²

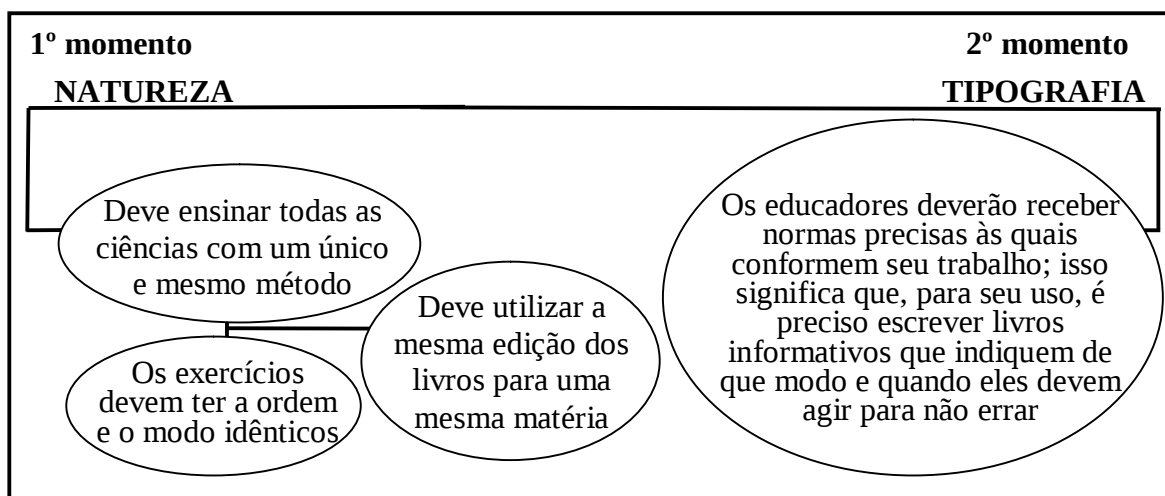


Professor: modelo contrário do professor que teve

O professor deve lembrar dos erros que cometeram seus preceptores a fim de evitá-los. “[...] só nos resta uma coisa, de uma só coisa somos capazes, que é ajudar nossos pósteros na medida do possível; assim, demonstrando os erros em que nossos preceptores nos lançaram, mostraremos o caminho para evitá-los [...]” (COMENIUS, 2006, p. 108).

¹² 2º Princípio referente aos Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender. (Didática Magna, 2006, p. 186).

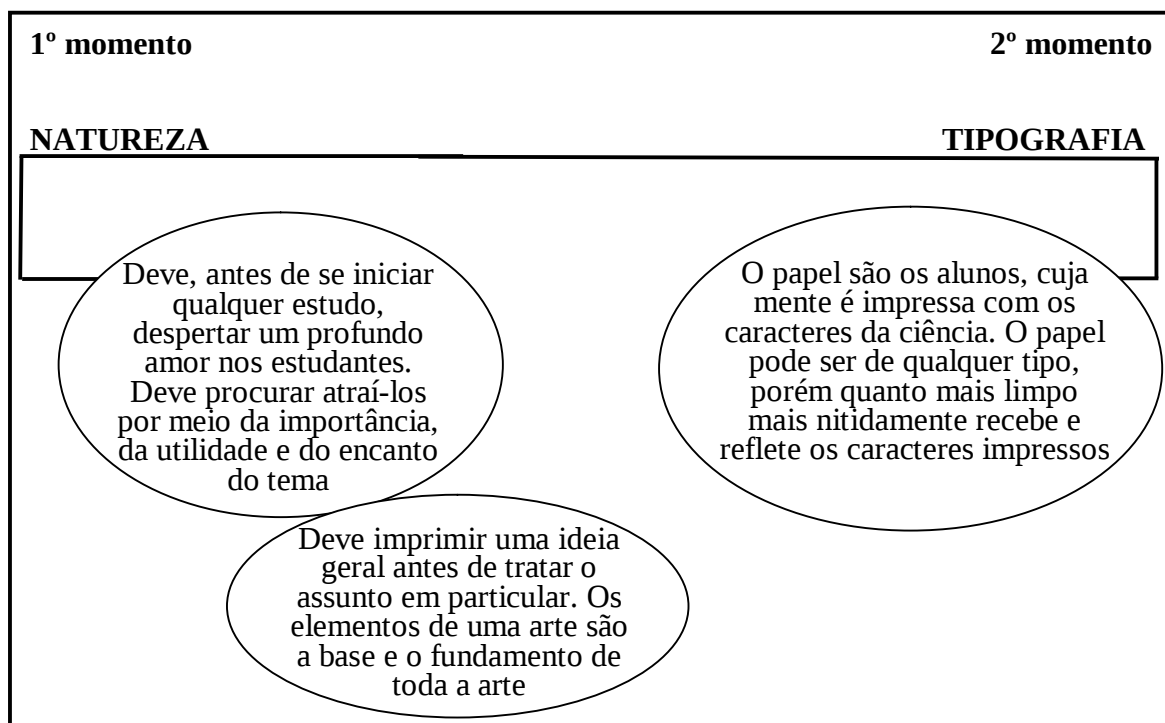
Professor modelo contrário do professor que teve: correção necessária.¹³



Professor: modelo do artista-artesão

Assim como o torneiro prepara a madeira para torneá-la, o ferreiro aquece o ferro, o professor deve tornar a mente do aluno ávida para receber o conhecimento (COMENIUS, 2006, p. 116).

Professor modelo do Artista-Artesão: correção necessária.¹⁴



¹³ 10º Princípio referente aos Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. (Didática Magna, 2006, p. 181).

¹⁴ 3º Princípio referente aos Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender. (Didática Magna, 2006, p. 186).

Professor: modelo de respeito

Como a natureza não dá saltos, segue a formação das coisas gradativamente, sem apressar, sem pular as etapas, assim o professor deve respeitar a idade dos alunos, não forçá-los; que este respeite a idade de cada aluno, para ensinar de forma que seja compreendido o conteúdo. Assim, a proposta de divisão do ensino por idades, das horas do dia e que principalmente a instrução tenha início durante a infância. O aluno precisa estar apto ao processo de aprendizagem que, conforme Kulezsa (1992, p. 109), é a ideia “elaborada pela moderna psicologia”.

Igualmente à natureza, os professores devem respeitar a idade e a capacidade de seus alunos, bem como o que estão interessados em apreender. Com relação a fazer decorar um conteúdo, deve ser permitido somente se o aluno já dominou o assunto, se tiver certeza de que ele compreendeu bem.

Em analogia com o incipiente modo de produção e a divisão do trabalho nas manufaturas, Comenius trata da importância de se determinar períodos para a aprendizagem, bem como da divisão das classes segundo a idade. Ele escreve no Capítulo XXVII da *Didática Magna* a esse respeito e traz exemplos dos artesãos, que dividem o tempo para que seus discípulos aprendam.

Os artesãos estabelecem para seus discípulos determinados períodos, dentro dos quais deverão aprender toda a matéria (dois, três ou sete anos, segundo a dificuldade ou a complexidade das várias artes), para que, depois de aprendido tudo o que é próprio de uma arte, cada um deles deixe de ser discípulo e passe a ser aprendiz e logo depois mestre (COMENIUS, 2006, p. 319).

A escola deve estabelecer períodos precisos para cada arte, ciência e língua. Assim, também, é preciso dividir em períodos determinados os engenhos da juventude, da infância e da idade viril (cerca de vinte e quatro anos). Sempre tendo a natureza como guia.

Já na obra *Pampaedia*, pelo caráter universal, Comenius não delimita a educação até aos vinte e quatro anos, mas apresenta as escolas da pré-natalidade, da infância, da puerícia, da adolescência, da juventude, da idade adulta, da velhice e da morte. Portanto, toda a vida é uma escola.

Na obra *Didática Magna* o autor fala que para cada idade há uma escola: para infância, a escola do regaço materno; para a meninice, o exercício literário, ou seja, a

escola vernácula pública; para a adolescência, a escola latina; o ginásio, para a juventude; para a vida adulta, a academia e as viagens.

Comenius (2006, p. 320) assevera que as várias disciplinas devem ser sempre transmitidas em conjunto, e não separadamente. Assim, conforme Gasparin (1994, p. 137), “o professor é alguém que auxilia, que orienta o aluno em seu processo natural de crescimento [...]” e também aquele que deve ensinar coletivamente, diferentemente do ensino individual dado até então.

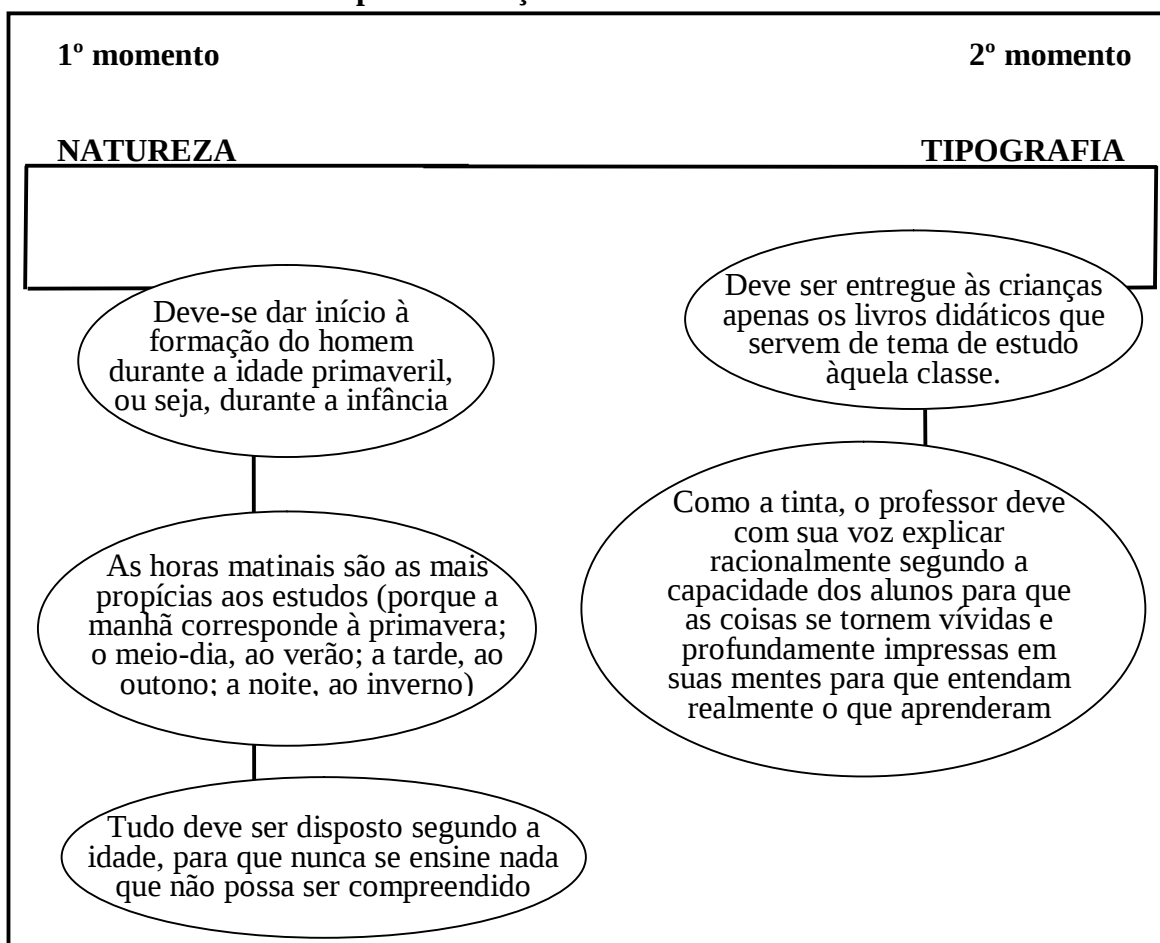
Para as crianças, é necessário ensinar tudo de maneira geral. Na escola materna, é preciso exercitar os sentidos externos para que as crianças se habituem a usá-los para o conhecimento dos objetos. Elas devem habituar-se a estar sempre ocupadas, para que não saibam o que significa o ócio. Elas devem aprender a ter paciência, que é tão necessária para toda a vida. Devem aprender a gentileza e a presteza. Devem aprender a religião e a piedade.

Na escola vernácula, é preciso exercitar os sentidos internos “[...] que são a imaginação e a memória, e seus órgãos respectivos, que são a mão e a língua: lendo, escrevendo, pintando, cantando, contando, medindo, pesando, aprendendo de cor, etc. [...]” (COMENIUS, 2006, p. 321).

A escola é para jovens de ambos os sexos e eles devem frequentar a escola pública, porém Comenius adverte que todos, antes de mais nada, devem ir à escola da língua materna. Ele (2006, p. 333) diz que muitos são de opiniões contrárias, como “Zepper (no Livro I da *Politia Ecclesiastica*) e Alsted (*Scholasticae*, Cap. IV)”. Estes afirmam que somente os que possuem aptidões mecânicas devem seguir a escola vernácula, os outros, deverão seguir diretamente para a escola latina.

Comenius (2006, p. 333) discorda da postura dos amigos e relata uma série de motivos, entre eles, diz, ser precoce saber apontar em uma criança de seis anos se ela está apta ao estudo ou ao trabalho, pois, “[...] nesta idade o vigor da mente ou as inclinações do espírito ainda não estão bem delineados como poderão estar mais tarde”.

Por isso, erram os pais que querem fazer de seus filhos apressadamente doutores ou filósofos. A natureza é o melhor guia, enfatiza Comenius (1971). Para saber se a criança está apta ao estudo, para aprender uma profissão por meio de brincadeiras, podem-se colocar diante dela outros que despertem o desejo de imitar. Se elas prestarem atenção e quiserem imitar, deixe que imitem. Se não quiserem, deixe que a própria natureza cuidará, basta que se ensine e corrija.

Professor modelo de Respeito: correção necessária.¹⁵

Professor: modelo de igualdade

Comenius diz não ser justo receber na escola latina somente os filhos dos ricos, dos nobres e dos que exercem cargos públicos e excluir todos os outros, como se somente aqueles privilegiados pudessem almejar certos cargos, enquanto aos outros não sobraria esperança alguma.

Conforme Kulesza (1992, p. 13), a ideia de Comenius é regenerar o homem por meio da educação. Para isso todos os jovens devem ser educados e não somente “[...] os filhos das camadas privilegiadas da sociedade”, como incidia em períodos anteriores. Ao homem, deve ser dada a condição de uma educação dirigida para a igualdade, para o individual, “o talento é posterior”. Por isso, não se deve “deixar ninguém pelo caminho, pois quem nasceu como ser humano tem o direito de aprender a viver como tal”.

¹⁵ 1º Princípio referente aos Requisitos gerais para ensinar e aprender: Como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. (Didática Magna, 2006, p. 147).

Depois, em comparação com a natureza, o professor se iguala ao sol celeste, que ilumina, aquece e vivifica toda a terra (COMENIUS, 2006). Como condição de igualdade, Comenius também insere os diferentes tipos de engenho. A nova forma universal de instrução é comparada à arte tipográfica. Um único professor para um maior número de alunos. Que possam participar dessa educação até mesmo os mais fracos de engenho e os mais lentos de sentidos. Que os professores sejam capazes de ensinar com habilidade até mesmo “[...] aqueles que a natureza não fez propensos ao ensino [...]”, visto que o professor já terá uma instrução, um manual preparado, com meios prontos e ao seu alcance (COMENIUS, 2006, p. 363).

Para que o professor possa ensinar, o aluno deve estar preparado para receber a informação, mais especificamente para receber toda a sabedoria de Deus, que é o objetivo de Comenius, no que se entende todas as coisas. Segundo Comenius (1971, p. 151), “há uma tríplice via” para que o professor atinja seu objetivo: que o aluno deve ser submetido à educação desde a infância; que sua mente esteja conservada em bons estudos, “até ao princípio de sua vida profissional” e que, durante esse tempo, a mente seja exercitada “continuamente, carinhosamente e cuidadosamente”.

Os exemplos e a prática sob o controle ininterrupto dos mestres servem para purificar “o gosto de todo homem encaminhado para a conquista do saber”, capaz de tornar qualquer madeira em Mercúrio. Entenda-se por madeira “um engenho vulgar e, por Mercúrio, um engenho finamente trabalhado, embora não deixem de existir diferenças e graus de refinamento” (COMENIUS, 1971, p. 151).

A exemplo dos profissionais como o arboricultor, Comenius (2006, p. 120) expõe que este “faz crescer uma árvore de qualquer chantão, utilizando sempre a mesma arte no plantio e no cultivo” e que esta mesma maneira está ao alcance do professor. Este tem o poder de semear o conhecimento em qualquer aluno, cada um com a sua inteligência, sendo ela mais fraca, mais obtusa, média ou mais rápida, desde que com um mesmo método, o que veremos posteriormente.

Podemos perceber a figura do professor como semeador, não das coisas que já são inatas ao homem, pois estas devem ser somente desenvolvidas, mas semeador das coisas que possam estimular o desejo de conhecimento. Para esse despertar, Comenius (2006, p. 120) apresenta que deve ser seguido um único método, por mais que existam jovens de

diversas índoles. Segundo o autor, a própria diversidade dos engenhos¹⁶ pode ser excesso ou deficiência de harmonia natural, por isso “[...] será remédio muito adequado um método tal que equilibre os excessos e os defeitos dos engenhos, reconduzindo tudo a uma espécie de harmonia e de suave concerto [...]”. É o método que permite o equilíbrio entre os contrários.

O método é adequado, segundo ele, aos engenhos medianos, por serem em número maior; porém, aos engenhos mais sutis é preciso usar o método de tal forma que não falem freios, e aos de engenhos mais vagarosos, usar o mesmo método, porém com maior estímulo (COMENIUS, 2006). Há um único método, porém com as variações necessárias, dependendo do engenho a ser trabalhado. Comenius entende as diferentes formas de inteligência e que é preciso saber lidar com cada uma delas.

Quanto mais cedo, ou seja, em idade tenra, as deficiências e os excessos forem corrigidos, será mais fácil. Se houver a necessidade da correção, os engenhos podem ser corrigidos, como Comenius (2006, p. 121) apresenta: misturando os alunos fortes com os fracos, os preguiçosos com os diligentes, porém que seja utilizada “[...] a mesma insígnia, recebendo as mesmas ordens [...]”.

Todos os engenhos devem ser misturados; uns devem ensinar aos outros, ao professor cabe a orientação de como tornar também os alunos educadores uns dos outros. A ele não cabe apenas transmitir o conhecimento, mas instigar esse desejo de aprender e transmitir. É a convivência entre os diferentes, é o caminho fácil para educar a todos de forma mais rápida. Desta forma, o aluno participa no processo do conhecimento juntamente com o professor; assim, todos são responsáveis na educação.

Quando digo misturar não me refiro ao lugar, mas muito mais à ajuda recíproca, de tal modo que, ao notar um menino de grande engenho, o preceptor lhe confie dois ou três mais lerdos para que os instrua; ou ao notar um de boa índole, lhe confie outros de índole indócil, para que deles cuide e os instrua. De tal modo se proverá perfeitamente a todos, sob a supervisão do preceptor, para que tudo ocorra de modo racional [...] (COMENIUS, 2006, p. 122).

De certa forma, podemos dizer que este ato de fazer com que um aluno ensine ao outro faz com que todos se sintam pertencentes ao meio, que se sintam incluídos no mesmo universo. Neste contato com o outro dotado de maior habilidade, é possível fazer com que

¹⁶ inteligência

aquele que possui dificuldades em alguma área se desenvolva naquilo que tem maior aptidão; assim adquire novas características em razão desse contato. É o resultado do trabalho coletivo. Comenius parte de que é necessário respeitar a idade dos alunos devido à compreensão de cada um nas diversas fases da vida, porém também trabalha com o potencial do indivíduo por meio de interações na mesma faixa etária.

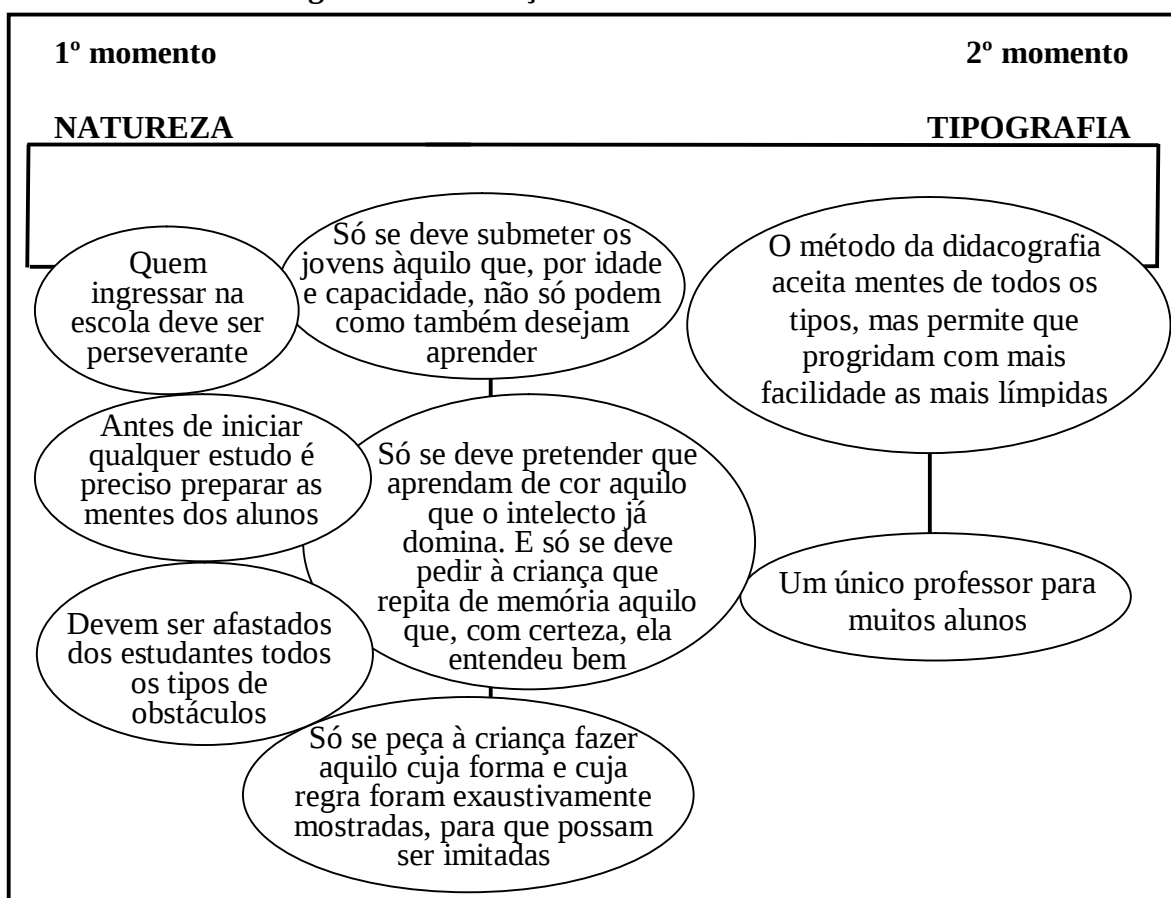
Kulesza (1992, p. 113) ressalta que Comenius é precursor da chamada “educação dialógica”, que é o movimento do aluno também participar da instrução de outro aluno, do aluno também se sentir professor; ainda que Comenius “reconheça a diversidade entre professor e aluno, nivela-os frente à complexidade do objeto de conhecimento”.

Comenius (1971, p. 264) fala sempre de coisas inatas ao homem e, ao mesmo tempo, tem plena consciência que, por meio do trabalho educativo, é possível revigorar aquilo que é bom e que já nasce com o indivíduo, bem como prepará-lo para o recebimento de coisas novas, para que este não se corrompa. Portanto, ele define engenho como “aptidão inata do homem para aquelas coisas para que pode ser educado à imagem de Deus. Para isso, foi-lhe dada a mente, a mão e a língua”.

Reconhece Comenius (1971, p. 53) que uns possuem inteligência mais aguda que outros e que isso não determina que um indivíduo seja ou não homem, mas compreende que uns são mais rápidos para aprender do que outros. “[...] Ninguém é inteiramente bronco; e aqueles que são mais tardos de inteligência são geralmente mais fortes de corpo e, por isso, mais aptos para suportar as fadigas; portanto, não devem ser privados de ajuda”.

O método deve trazer a ordem exata de tudo. É a ordem que, segundo Comenius, faz o mundo ser mundo, quando todos os seres vivos se mantêm dentro de seus limites; obedecendo à ordem dada pela natureza, cada criatura mantém a ordem de todo o universo.

Professor modelo de Igualdade: correção necessária. ¹⁷ e ¹⁸.



Professor: modelo de prudência e temperança

O professor deve ensinar as verdadeiras diferenças das coisas e o seu valor para que o aluno adquira a prudência. A prudência é tão necessária ao trabalho do professor para que sejam apresentadas as coisas ao aluno na medida certa, nem de mais, nem de menos. Como na arte tipográfica somente os caracteres que serão utilizados são postos à disposição e por isso o instrumento, o manual didático, está já preparado contendo todas as coisas necessárias. O modo de apresentar as coisas pode ser com clareza de *forma popular*, ou seja, por meio de sugestões, de persuasões, de exortações. Desta forma, o professor não precisa utilizar o *rigor filosófico* que “é comunicar as coisas segundo normas rígidas”; este último modo “faz, ou ameaça fazer, uma certa violência aos espíritos, e, por isso,

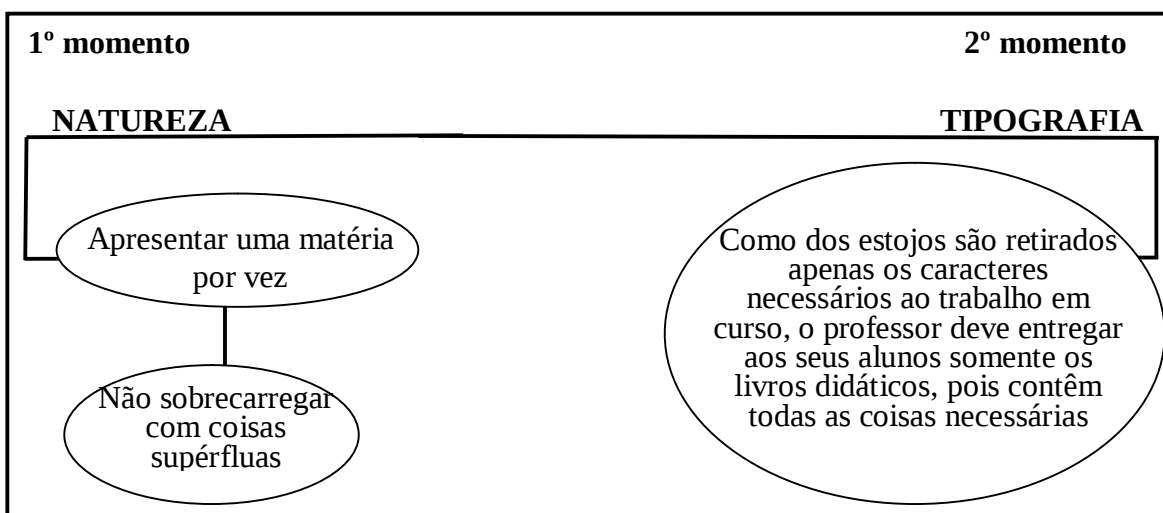
¹⁷ 3º Princípio referente aos Requisitos gerais para ensinar e aprender: Como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. (Didática Magna, 2006, p. 151).

¹⁸ 7º Princípio referente aos Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. (Didática Magna, 2006, p. 177).

atemoriza-os [...]. Enquanto utilizando-se da *forma popular* estimula a “luz inata” do homem (COMENIUS, 1971, P. 164).

O professor deve ensinar constantemente aos alunos, que devem parar antes de atingirem a saciedade. A ordem é “Nada em excesso!”. Por isso deve ser modelo de todas as medidas, devem ter a temperança ao ensinar de modo conciso sem ser supérfluo (COMENIUS, 2006, p. 264).

Professor modelo de Prudência: correção necessária.¹⁹



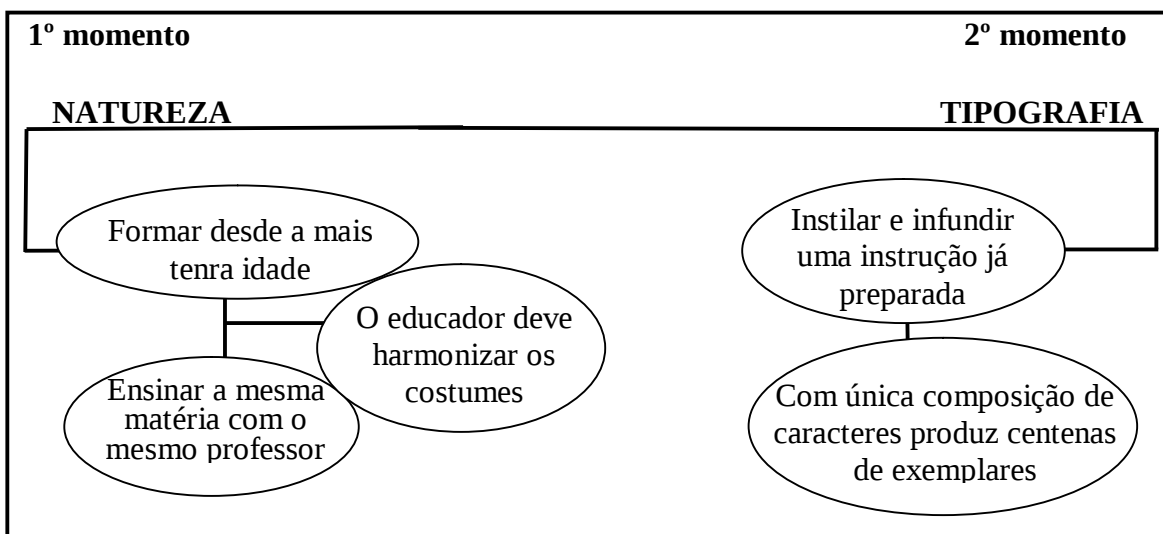
Professor: modelo de fortaleza

Ao professor cabe ensinar aos alunos a agirem conforme a razão e não conforme as paixões. Deve-se ensinar ao aluno perguntar sempre ao agir, o que, por que e como fazer corretamente as coisas. Como as crianças ainda não possuem o juízo formado, propõe que elas devem ser habituadas a obedecer mais à vontade dos outros do que sua própria e a obedecer aos superiores em todas as coisas (COMENIUS, 2006).

Como na tipografia existem as operações como a composição dos caracteres segundo o protótipo, assim o professor deve ensinar as tarefas por meio de uma instrução já preparada, a qual com um único método formará centenas de alunos. Essa a importância de se domar as paixões e de respeitar o comando dos superiores, até que tenham o juízo formado.

¹⁹ 5º Princípio referente aos Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. (Didática Magna, 2006, p. 175).

Professor modelo de Fortaleza: correção necessária.²⁰



Professor: Modelo de Caridade

Para Comenius (1965, p. 55), se o aluno tiver que imitar algo que seja imaterial, como a virtude, o professor deverá se oferecer “a si mesmo como exemplo vivo para levar as crianças à meditação e à imitação”.

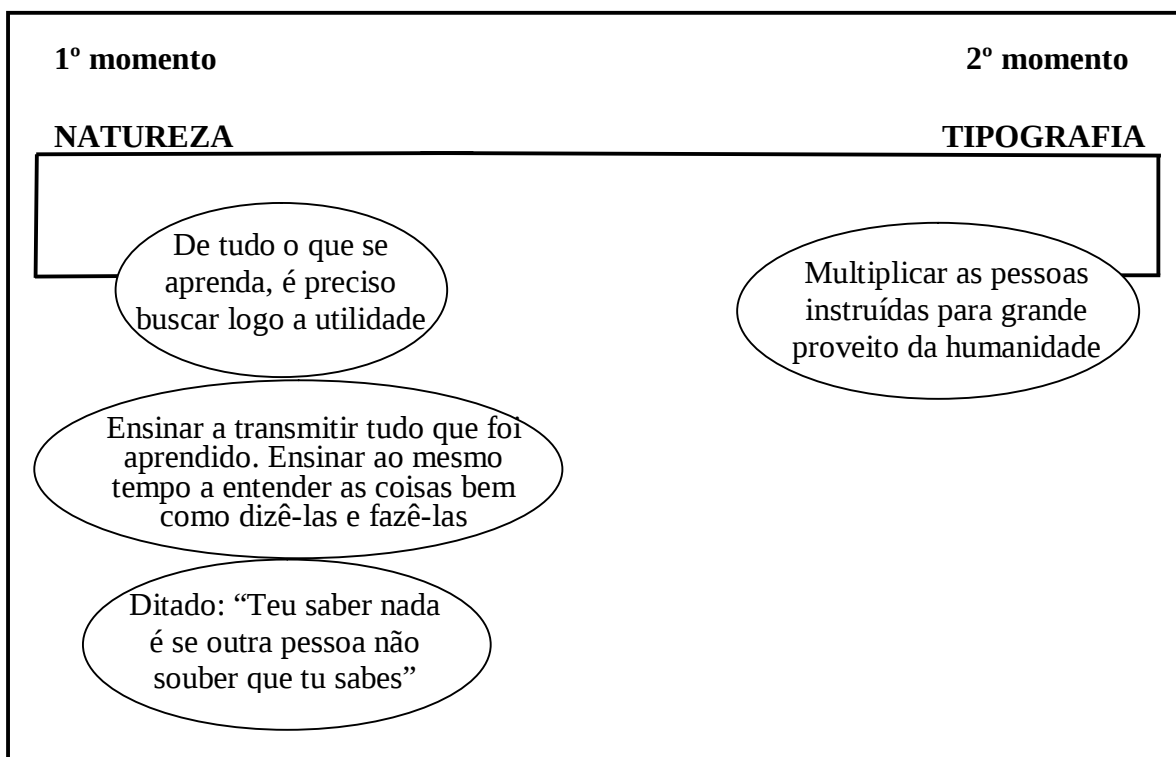
A ciência deve estar ligada sempre à virtude e quando as duas juntam-se à piedade chega-se à perfeição. “[...] Quem se aprimora na sabedoria mas carece de virtude (é ditado antigo) mais regride que progride [...]” (COMENIUS, 2006, p. 100).

É de incumbência dos professores serem exemplos vivos admiráveis pelos seus costumes e homens de eleição, assim “[...] teremos o meio maravilhoso de impelir fortemente os alunos para uma vida honesta” (COMENIUS, 1976, p. 349).

A caridade é um exemplo de virtude que quando praticada ensina aos jovens a finalidade de suas vidas, que não se nasce para si mesmo, “mas para Deus e para o próximo, isto é, para a sociedade humana” (COMENIUS, 2006, p. 267). Com a didacografia será fácil multiplicar as pessoas instruídas, assim todos cooperariam com interesses comuns e se ajudariam mutuamente; deve ser do interesse para o próprio Estado que todos sejam voltados para a humanidade.

²⁰ 1º princípio referente aos Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. (Didática Magna, 2006, p. 166).

Professor modelo de Caridade: correção necessária. ²¹



Professor: modelo de planejamento

Todo o ensino deve ser planejado para que se chegue ao fim proposto com vistas para a igualdade, para que atinja todas as idades, toda a etapa escolar. Como bem salienta Narodowski (2006, p. 27), “formar” é uma referência à ação educadora por meio de ações lógicas especificamente planejadas para tal fim. Comenius não considera, de modo algum, que essa ação deva ser resolvida por iniciativas espontâneas ou carentes de qualquer componente de planejamento.

Quando se fala em planejamento, Comenius explica desde a divisão das horas para as escolas. A escola pública deverá seguir não mais que quatro horas, divididas em duas horas pela manhã e duas horas à tarde. O restante do tempo poderá ser utilizado em trabalhos domésticos, quando se trata de famílias pobres, ou com diversões sérias e honestas (COMENIUS, 2006).

A manhã deve ser reservada para estimular a memória e a tarde para as tarefas manuais e de língua. Assim, pela manhã o professor deve:

²¹ 9º Princípio referente aos Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender. (Didática Magna, 2006, p. 197).

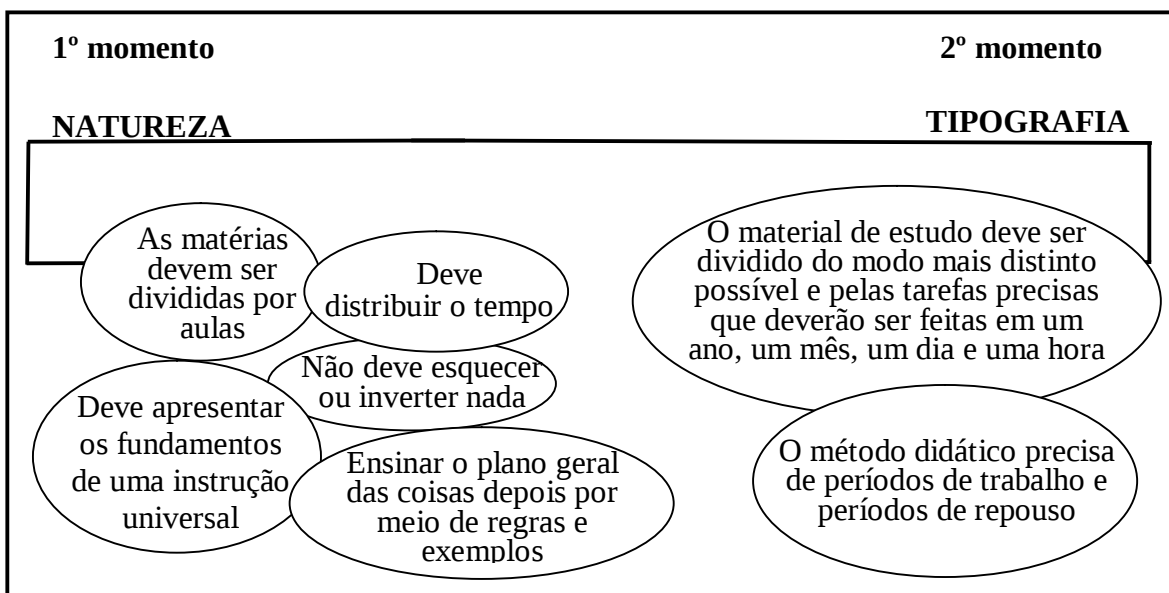
[...] ler e reler o assunto, com atenção de todos, e explicar o que for necessário de modo muito simples, para que todos entendam; depois, pedirá aos alunos que releiam em ordem, para que, enquanto um lê de modo claro e distinto, os outros o acompanhem silenciosamente em seus próprios livros [...] (COMENIUS, 2006, p. 340).

Ao agir dessa maneira, o professor, instigará os mais dotados a repetir aquilo que foi estudado na parte da manhã, quando se tratará do mesmo assunto na parte da tarde, estimulando competições, realizando cópias, escrita, incitar a fazer contas e a cantar.

Devem ser apresentadas para as crianças as bases de uma instrução universal. O ensino deve estar disposto de maneira que os estudos futuros pareçam ser apenas um desenvolvimento pormenorizado dos que os precederam.

Tudo gradativamente, as matérias devem ser divididas por aulas e que estas sirvam também de esclarecimentos para as aulas posteriores. Como a tipografia divide a hora para trabalho e descanso e as tarefas de modo preciso, assim o tempo na escola deve ser bem administrado em ano, mês, dia, hora para cada tarefa em particular e por fim o professor deve observar rigidamente a medida do tempo e dos trabalhos para que “[...] nada seja esquecido ou invertido”.

Professor modelo de Planejamento: correção necessária. ²² e ²³



²² 6º Princípio referente aos Requisitos gerais para ensinar e aprender: Como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. (Didática Magna, 2006, p. 156).

²³ 7º Princípio referente aos Requisitos gerais para ensinar e aprender: como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. (Didática Magna, 2006, p. 159).

Professor: modelo de preparação e ordem

Faz parte do planejamento do professor preparar seu aluno para receber o conhecimento, pois as mentes precisam antes ser libertadas das coisas supérfluas e serem submetidas à ordem. As coisas devem ser apresentadas antes, bem como que os exemplos precedam as regras. Também devem estar em ordem as coisas utilizadas pelo professor, como o manual ou outros instrumentos didáticos; eles devem sempre estar à mão.

Como na tipografia é necessário fundir, lixar e adaptar os tipos dos caracteres de chumbo ao uso antes de começar a imprimir os livros, assim deve ocorrer com o professor; é necessário que ele prepare os instrumentos do novo método, a didacografia, antes de colocá-la em prática.

Da mesma forma, os caracteres devem ser suficientes para que nenhuma letra falte na impressão dos livros; o mesmo deve ocorrer com o professor, o qual deve deixar preparados seus livros e seus instrumentos didáticos; tudo deve estar ao seu alcance para que possa concluir sua aula com êxito.

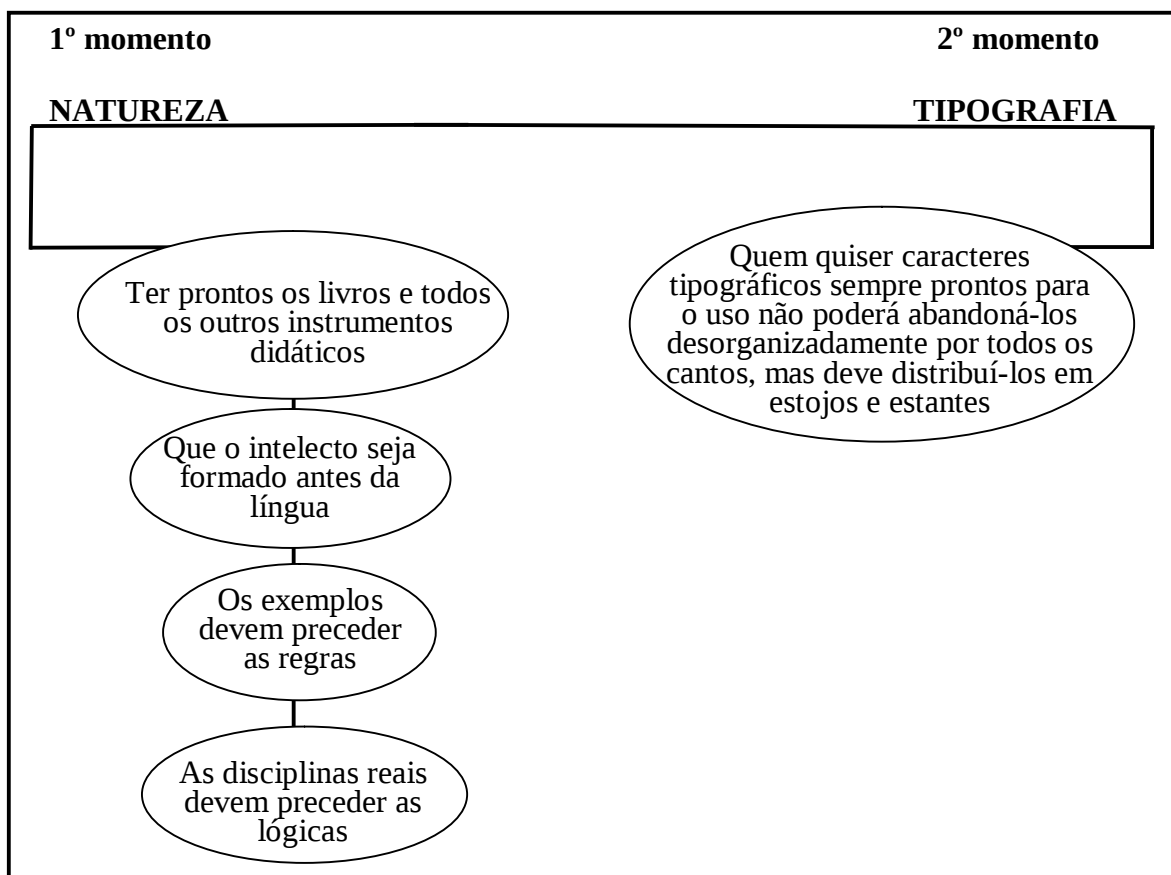
A organização dos caracteres tipográficos sempre se faz necessária para que estejam sempre prontos para o uso, divididos em estojos ou estantes. Da mesma maneira, os manuais devem oferecer o material de estudo organizadamente. Desta forma, basta ao professor seguir o manual.

Como devem ser retirados dos estojos somente os caracteres a serem utilizados, do mesmo modo deverão ser oferecidos às crianças somente os livros didáticos, para que seja evitada a distração e a confusão.

O papel deve ser preparado para receber a impressão, deve ser umedecido e amolecido. Na escola, o professor deve preparar os alunos para receber a instrução, estimulando sempre a atenção dos mesmos.

Assim como na tipografia, depois de paginar a obra que vai ser impressa com o preparo dos caracteres, as folhas de papel são estendidas abertas e prontas para que nada possa atrasar o trabalho. O professor deve ter os alunos diante de si, para que possa ver o aluno e o aluno possa ver o professor. Assim mantém-se a atenção e a disciplina.

Professor modelo de Preparação e Ordem: correção necessária. ²⁴



Professor: modelo de disciplina

Quando Comenius nos traz a questão de preparar o aluno para receber o conhecimento, entendemos que o professor deve tornar o aluno ávido para tal finalidade; assim, a disciplina é de fundamental importância.

Comenius (2006, p. 311) propõe uma nova escola sem gritos, pancadas, cóleras, mas de vigilância e de atenção. Uma escola com disciplina caracteriza-se como um provérbio boêmio: “Escola sem disciplina é como moinho sem água”. A disciplina é um método seguro para que os alunos se tornem alunos de fato.

Que o professor não tenha necessidade de aplicar a disciplina e o castigo. Que ministre sabiamente sua aula, não se enfureça, mostre amor no ato de castigar, que não inflija uma punição por causa da incapacidade de aprender.

O tédio e a agitação devem ser eliminados do ensino pelo professor, tornar as coisas claras e espontâneas, e introduzir em todas as coisas motivos de interesse é sua função.

²⁴ 2º Princípio referente aos Requisitos gerais para ensinar e aprender: Como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. (Didática Magna, 2006, p. 149).

Para tanto, o professor deve saber o porquê, quando e como convém ser severo com o aluno, por isso tem a obrigação de conhecer o fim, a matéria e a forma da disciplina. A disciplina deve ser aplicada não porque o aluno errou, mas, sobretudo, para que não venha a cometer erros ou não errar mais. E tudo isso deve ser realizado sem ira, sem ódio, sem paixões, ou seja, sem que a emoção tome conta do professor que aplica a correção. Deve-se ter a simplicidade e a sinceridade para que o aluno perceba que é para o seu próprio bem.

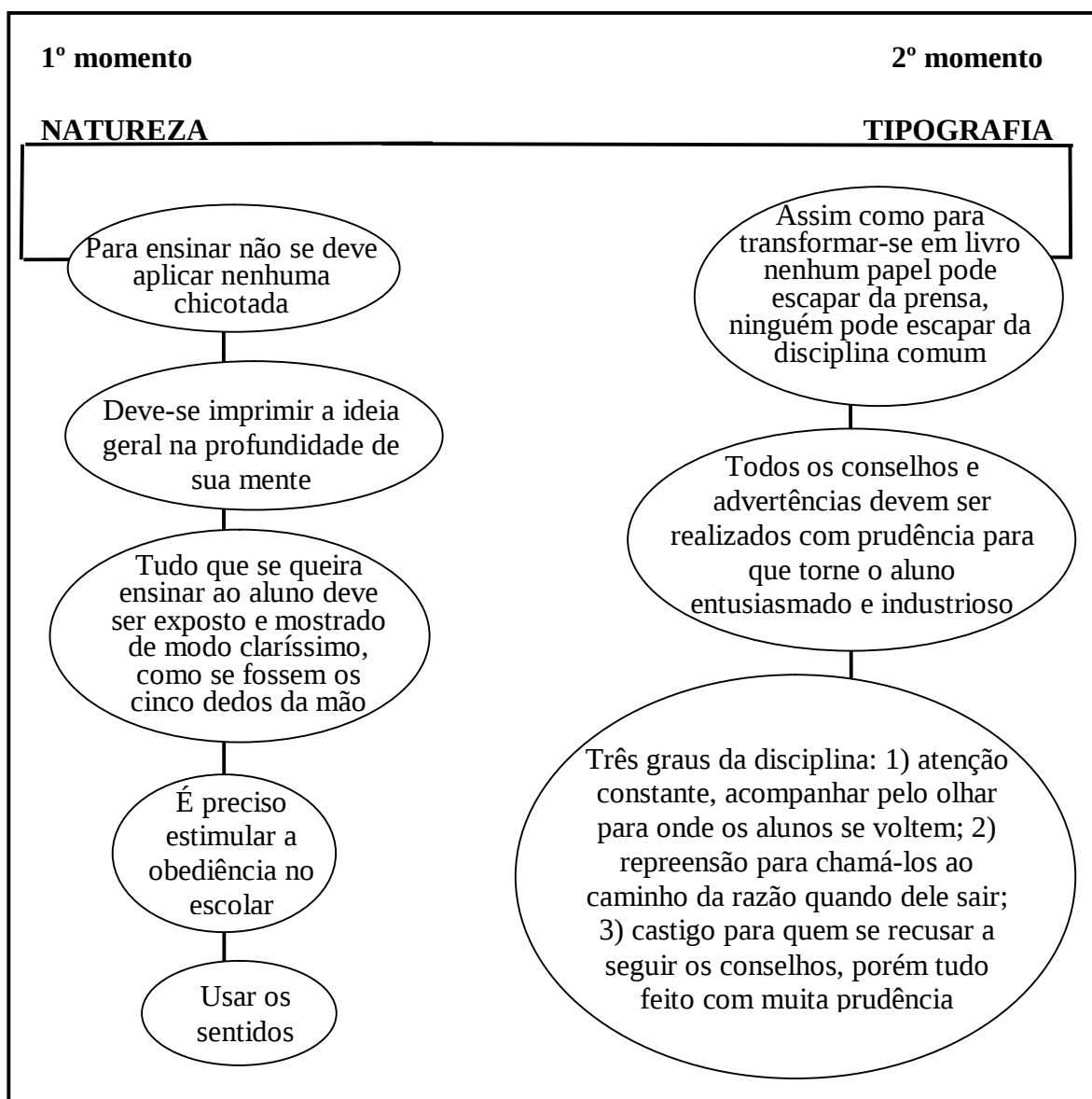
Na didacografia a disciplina significa um dos objetos da tipografia, a prensa, a qual predispõe e obriga todos os alunos a absorver os ensinamentos.

No entanto, em “caso especial”, na obra *Pampaedia*, Comenius (1971, p. 184) indaga o que fazer quando o aluno é rebelde a ouvir os conselhos e boas repreensões? Ele compara com domadores de cavalos. Ele diz que existem cavalos tão selvagens, que até permitem serem apanhados pelos homens, serem conduzidos e até montados, mas não se deixam colocar num estábulo. Para que o homem consiga colocá-los no estábulo, utiliza o artifício de vendar os olhos dos cavalos, e estes seguem o condutor, sem saber para onde.

Assim, se existem pessoas rebeldes em aceitarem instrução melhor, “por que não haveria de imitar-se este estratagema?”, porém, Comenius apresenta três questões: “De que modo pode ser “apanhado” o homem intratável e incapaz de educação? Como se lhe podem vendar os olhos, para que não recalcitre? Como deve depois ser guiado até onde o queremos conduzir?” (COMENIUS, 1971, p. 184).

À primeira questão ele responde que o homem não pode ser “conquistado” a não ser pelo próprio coração. A segunda questão resolve-se tirando as influências externas que essa pessoa receba de outras, e que passe a julgar por si mesmo todas as coisas. A terceira questão se resolve caso as duas primeiras forem seguidas, assim o aluno será conduzido “[...] gradualmente, lentamente, placidamente, para que não vacile se encontra algum barranco e não tropece e nem volte para trás [...]” (COMENIUS, 1971, p. 185).

Professor modelo de Disciplina: correção necessária. ²⁵ e ²⁶



Professor: modelo de como obter atenção dos alunos

Comenius (2006, p. 236) assegura que “[...] o professor, se quiser iluminar com o conhecimento das coisas o aluno imerso nas trevas da ignorância, deverá, antes de mais nada, estimular sua atenção para que ele receba o ensinamento com mente aberta e ávida de aprender”.

²⁵ 8º Princípio referente aos Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. (Didática Magna, 2006, p. 178).

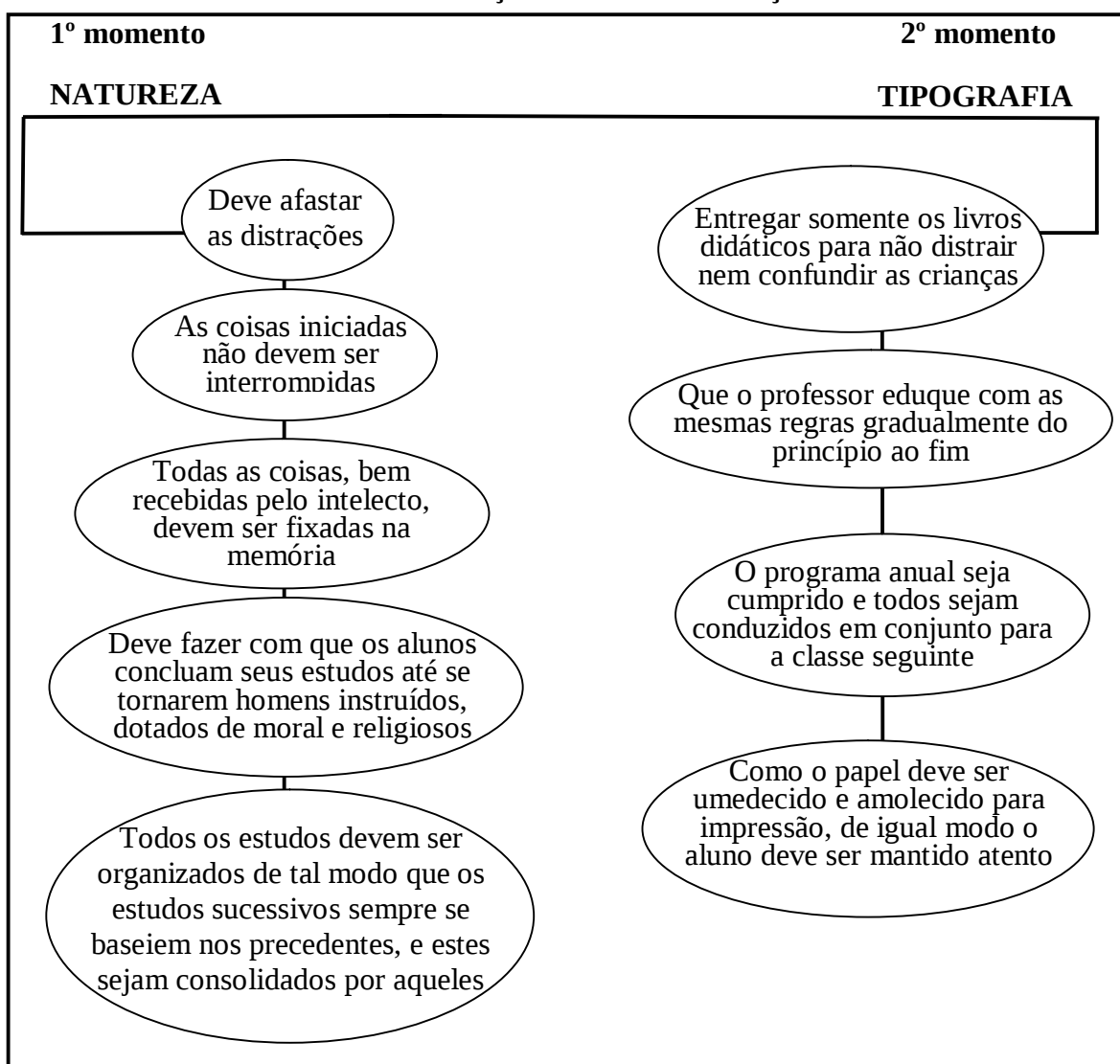
²⁶ 4º Princípio referente aos Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender. (Didática Magna, 2006, p. 188).

Todas as coisas iniciadas pelo professor precisam ser realizadas sem interrupção e sem distração. Segundo Comenius (2006, p. 163), deve-se afastar os jovens dos livros ruins e das más companhias. Os livros devem inspirar sabedoria, virtude e piedade. Se todos esses cuidados forem observados “[...] é impossível que as escolas não atinjam seu fim”.

Os professores devem ensinar uma mesma matéria com um mesmo método para evitar a distração, para que todo trabalho iniciado seja concluído, por isso é preciso proteger os alunos de coisas que possam prejudicar o andamento do estudo. É preciso iniciar a instrução pela moral e “domar as paixões”.

Na ação da tipografia, como o papel deve ser preparado para receber a impressão, assim os alunos devem ser constantemente estimulados nas coisas que os mantenham atentos e afastados das coisas que os distraiam, por isso a máxima “a ordem exata em tudo” é a base para que não se dispersem. Como a máquina termina a primeira cópia dos exemplares para somente depois passar para a segunda cópia, terceira cópia e assim por diante, assim os alunos devem seguir as regras gradualmente, para que se cumpra o programa anual e sejam conduzidos todos juntos para a classe seguinte.

Professor modelo de como obter atenção dos alunos: correção necessária. ²⁷ e ²⁸



Professor: modelo de defesa e proteção

O professor deve manter as crianças longe de coisas que podem corrompê-las, por isso cabe a ele selecionar livros úteis e mantê-las ocupadas com atividades sérias ou divertidas para que não fiquem ociosas (COMENIUS, 2006, p. 269). Por isso o professor ao selecionar as leituras deve conduzir as atividades e aplicar a disciplina adequadamente para criar uma barreira para os maus costumes.

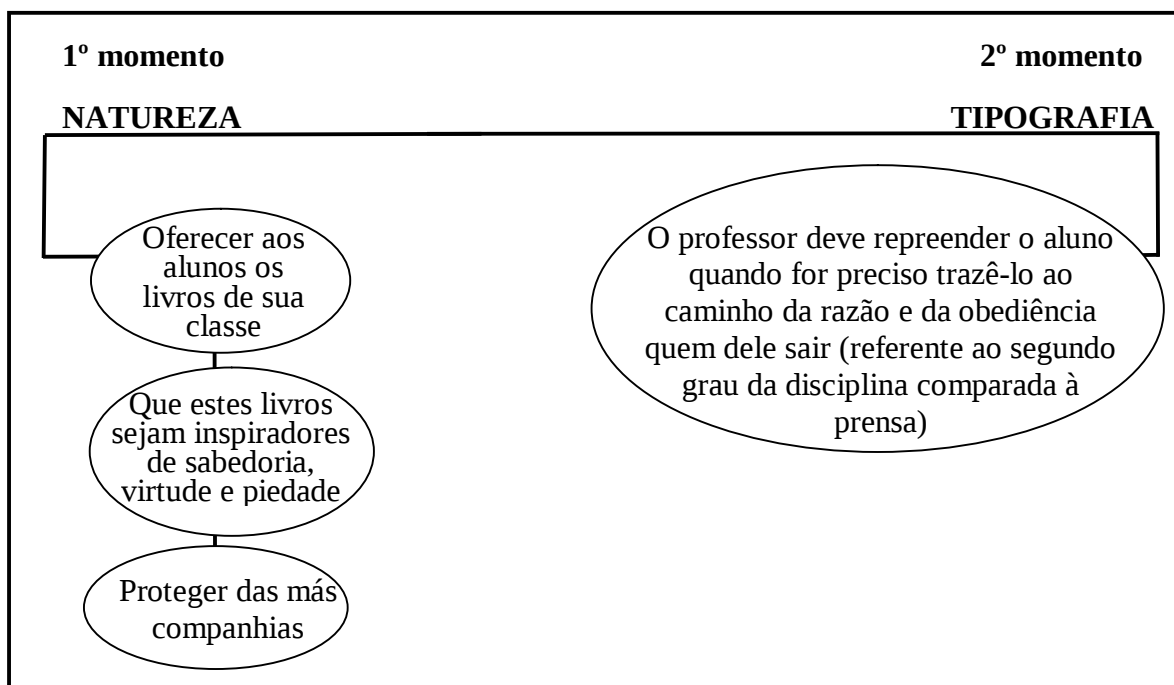
A prensa na tipografia é comparada à disciplina, mas podemos dizer que também faz o trabalho de defesa e proteção do aluno quando o professor utilizar a repreensão para

²⁷ 7º Princípio referente aos Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender. (Didática Magna, 2006, p. 193).

²⁸ 8º Princípio referente aos Requisitos gerais para ensinar e aprender: Como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. (Didática Magna, 2006, p. 161).

chamar o aluno de volta à razão quando este estiver voltado para coisas inúteis que o distraia.

Professor modelo de Defesa e Proteção: correção necessária.²⁹



Professor: modelo de afeto

Comenius propõe que o amor pelo saber e pelo aprender seja despertado nas crianças; para tanto, que seja utilizado um bom método de ensino que diminua o cansaço do aprendizado e para que nada seja obstáculo aos alunos.

A preparação, o amor pelo estudo, deve ser aceso tanto pelos pais como pelos professores, pela escola, pelas próprias coisas, pelo método, pelas autoridades. Os pais conseguirão esse objetivo do amor pelo estudo e pelos mestres “[...] se diante deles louvarem freqüentemente a cultura e as pessoas cultas [...]”; se prometerem livros gratiosos, roupas ou outra coisa que seja de seu agrado; se elogiarem o mestre e de vez em quando mandarem algum recado ou algum presente a este (COMENIUS, 2006, p. 169).

Conforme Araújo (1996), Comenius se refere aos presentes porque o salário do professor era complementado com esses mimos. Mas, percebemos que receber um presente faz com que a pessoa presenteada tenha um sentimento recíproco; assim, quando os pais

²⁹ 9º Princípio referente aos Requisitos gerais para ensinar e aprender: Como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. (Didática Magna, 2006, p. 162).

gostam do professor, o respeitam, o agradam, é mais fácil despertar o afeto do aluno pelo professor, pois isso vem de casa. Por isso também ao professor cabe cativar com elogios e recompensas seu aluno.

Os professores, da mesma forma que os pais, para conquistar as crianças, ao ponto que elas desejem ficar mais tempo na escola do que em casa, devem proceder de maneira acolhedora, atraindo-as com amizade, com “[...] gestos e palavras paternais; se exaltarem os estudos que estejam fazendo, por sua importância, por sua facilidade e pelo prazer que proporcionam [...]”. Os professores conquistarão seus alunos se enaltecerem os mais esforçados, e recompensá-los com “maças, nozes e docinhos” (COMENIUS, 2006, p. 169). Assim, entendemos que fazem parte do ensino agradável essas “recompensas”, sejam elas materiais, gestuais ou verbais.

Comenius (2006, p. 169) expõe que os professores devem mostrar as coisas que as crianças aprenderão no futuro, como “pinturas, instrumentos ópticos, geométricos, globos celestes e semelhantes [...]” para despertar interesse, admiração e, assim como os pais, também mandarem de vez em quando recados que tratem de coisas boas e de incentivo.

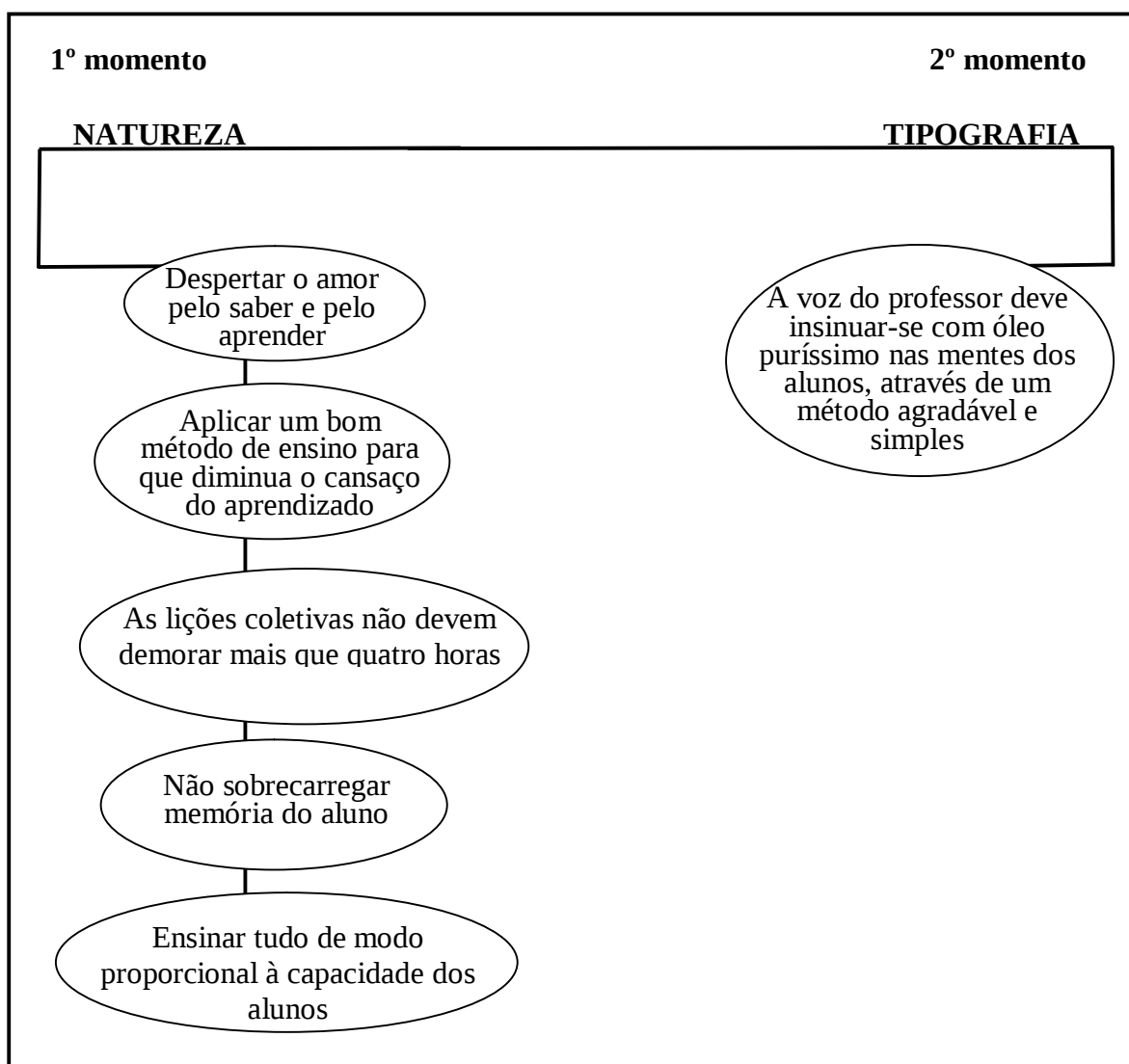
O professor necessita agir, a exemplo dos profissionais como o ourives; este artesão é cuidadoso com o metal, o qual não será lapidado com golpes de martelo. O pescador não usa chumbo numa rede maior, mas coloca cortiça leve num dos lados da rede para que esse lado fique na superfície. Assim deve proceder o professor:

[...] quem quer pesar virtudes nos jovens deve incitá-los com severidade ao temor e à dócil obediência, e por outro lado, com afeto, elevá-los ao amor e à jubilosa alacridade. Felizes são os artífices de tal equilíbrio! Feliz é o jovem que tem semelhantes mestres” (COMENIUS, 2006, p. 316).

O ambiente da escola deve ser agradável, iluminado, limpo, que exista um jardim para deliciar os olhos com as árvores, flores, relva. Se procedem os pais, os professores e as escolas de maneira prazerosa, incentivadora, Comenius (2006, p. 170) supõe “[...] que para lá as crianças não irão com menos alegria do que sentem quando vão ao mercado, onde sempre esperam ver ou ouvir algo de novo”. A estética do ambiente escolar é importante para conquistar o aluno e também o professor. Não agrada aos olhos um lugar feio.

Como o óleo puríssimo e o melhor negro-de-fumo utilizado na tinta tipográfica, assim deve ser a voz do professor para que tudo seja feito com “método agradável e simples” (COMENIUS, 2006, p. 366).

Professor modelo de Afeto: correção necessária. ³⁰ e ³¹



Professor: modelo de clareza

Para evitar a confusão de conhecimento, Comenius convida, primeiramente na *Didática Magna*, a imitar a profissão de sapateiro e de padeiro: da mesma forma que eles, os professores devem dedicar um dado período a uma única matéria de estudo e que tomem cuidado para não sobrecarregar os alunos com coisas supérfluas.

Há que se ter uma cuidadosa explicação das coisas por meio de métodos que o professor deve dominar e que o conteúdo apresentado não seja superficial. Entender as coisas em seus fundamentos permite que o próprio indivíduo tenha propriedade do assunto

³⁰ 2º Princípio referente aos Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. (Didática Magna, 2006, p. 167).

³¹ 6º Princípio referente aos Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. (Didática Magna, 2006, p. 175).

e que possa fazer seus comentários a respeito do que foi estudado. Essa é a verdadeira compreensão das coisas. Tudo deve ser precedido de uma ideia geral para somente depois virem as regras, os exemplos, os sistemas completos e suas irregularidades.

O professor deve proceder de modo claro, sem confusão. Dado o exemplo do ensino das línguas, Comenius (2006) afirma que é o correto ensinar por meio da língua materna que os alunos já conhecem. É preciso que o professor e o aluno falem a mesma língua materna, assim todas as explicações devem ser dadas pelo idioma já conhecido. O ensino deve ser gradual, para que o aluno se acostume a entender, para depois escrever e por fim falar de modo espontâneo.

Portanto, se as coisas procederem de forma que sejam apresentadas partindo das mais simples para as mais complexas, sempre ao exemplo de coisas que fazem parte do uso diário do aluno, tudo será entendido mais facilmente.

Após o exemplo da clareza com que trabalham o sapateiro e o padeiro, Comenius, adiante admite um novo exemplo de profissão a ser seguido, a tipografia. Explicita que, assim como os caracteres precisam ser entintados para imprimirem com clareza, “o professor sempre deverá ilustrar com palavras a tarefa que está sendo desenvolvida em determinado momento, lendo, relendo e explicando de tal modo que tudo seja entendido com clareza” (COMENIUS, 2006, p. 369).

O professor precisa ser claro o suficiente e mostrar como é fácil imitá-lo; deve pedir para que cada aluno faça o mesmo e explique a mesma matéria e que acompanhe sempre suas explicações, assim como na tipografia as folhas são colocadas uma após a outra sob a prensa, “para que os caracteres tipográficos imprimam sua imagem sobre cada folha” (COMENIUS, 2006, p. 369).

Para Comenius (2006, p. 170), significa unir o útil ao agradável quando, ao ensinar, as explicações forem claras e intercaladas com alguns assuntos menos sérios e, principalmente, que sejam respeitadas as coisas adequadas a cada idade. Tudo deve fluir naturalmente, por isso o método deve ser natural, assim tudo progride fluentemente.

Na natureza, não é preciso pedir ao pássaro que voe; se abrir a gaiola ele saberá o que fazer. Assim como para uma pintura e uma música harmoniosa é fácil voltar os olhos e os ouvidos, assim deve proceder a educação, utilizar um método agradável e familiar “[...] em forma de colóquio ou de adivinhações, ou mesmo sob a forma de parábolas e apólogos [...]” (COMENIUS, 2006, p.171).

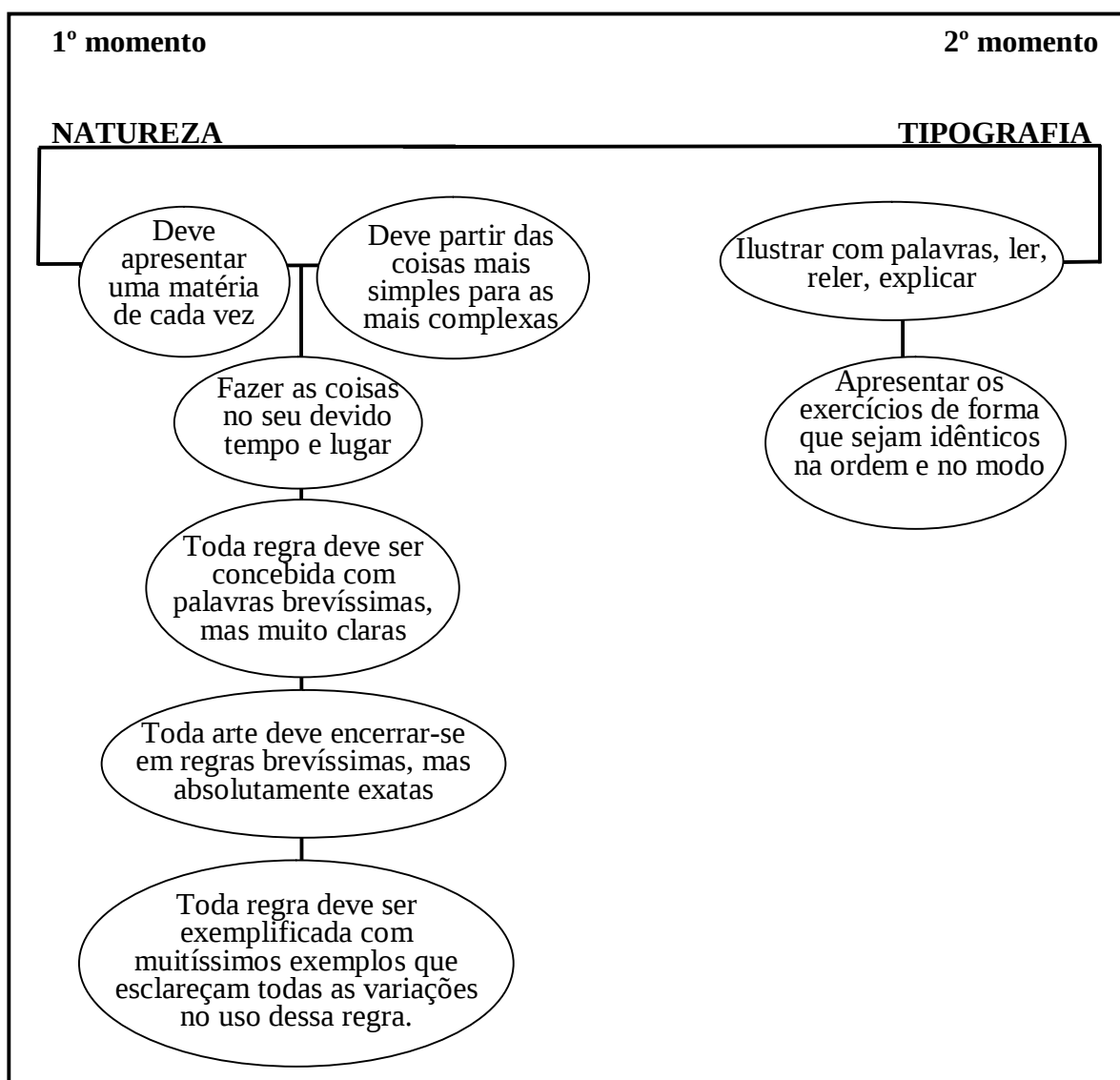
Para compreender a harmonia universal e a relação que há entre as coisas e as palavras, o professor deve se basear em um único método em “todas as artes e todas as línguas”; que “numa mesma escola a ordem e o modo sejam idênticos para todos os exercícios” e “que as edições dos livros para uma mesma matéria sejam, na medida do possível, as mesmas”. Desta forma, tudo procederá com facilidade e sem confusão (COMENIUS, 2006, p. 181).

O objetivo de uma instrução sólida será atingido:

1. Se só forem estudados assuntos de inquestionável utilidade.
2. E todos juntos, sem separação entre eles.
3. Se a tudo forem atribuídos sólidos princípios.
4. Se esses princípios forem muito aprofundados.
5. Se tudo se apoiar nesses fundamentos.
6. Se tudo o que precisar ser distinguido, for distinguido de modo bem claro.
7. Se tudo o que é posterior se fundamentar no que for anterior.
8. Se tudo o que tiver relação for relacionado para sempre.
9. Se a tudo for dada uma ordem que tenha relação com o intelecto, a memória e a língua.
10. Se tudo for consolidado com exercícios constantes (COMENIUS, 2006, p. 184).

Ora, a utilidade é a primeira da lista, já que uma das funções do professor é transformar os alunos em pessoas úteis aos outros e à sociedade. Cada coisa ensinada deve ser muito bem amarrada com as outras para que tenha fundamento na prática. Nada existe por si só na natureza, na profissão dos artesãos e na nova invenção, a tipografia. Cada ação depende de uma outra para que o trabalho seja completo. Nestes tópicos se faz presente o método natural composto pela análise, pela síntese e pela síncrize, métodos que já abordamos.

Professor modelo de Clareza: correção necessária. ³² e ³³



Professor: modelo de comerciante

O professor deve mostrar que aquilo que ensina tem utilidade na vida cotidiana do aluno. A utilidade deve ser anunciada e explicada claramente em todas as matérias, para que a criança perceba, pois, caso contrário “[...] tudo o que for ensinado parecerá um monstro de um novo mundo, e a criança que não se perguntar se e como existe na natureza, aprenderá por fé, e não por ciência. Mas se esclareceres a finalidade de cada coisa e, se

³² 3º Princípio referente aos Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. (Didática Magna, 2006, p. 171).

³³ 4º Princípio referente aos Requisitos gerais para ensinar e aprender: Como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. (Didática Magna, 2006, p. 153).

possível, puseres tal coisa nas mãos da criança, esta sentirá que a conhece e desejará utilizá-la” (COMENIUS, 2006, p. 180).

O método que deve ser usado pelo professor para que se conheça profundamente determinado assunto se dá por meio de sua explanação, “esclarecido distintamente o significado das palavras e mostrada a todos a utilidade das coisas [...]”; pede-se ao aluno que vá até a frente da sala e repita aquilo que aprendeu com o professor, e mostre com os mesmos exemplos e as mesmas regras (COMENIUS, 2006, p. 201).

O professor intervém quando necessário. E assim segue com vários outros alunos, até que perceba que aquilo que ensinou está bem entendido e que os alunos são capazes de repetir e de ensinar. Comenius aconselha que esse exercício deva ser solicitado primeiro aos mais inteligentes, para que os “mais tardos” possam fortalecer seu conhecimento ao ouvir outros repetirem ao professor a respeito do mesmo assunto, assim quando chegar sua vez vão repetir e praticar facilmente (COMENIUS, 2006, p. 201).

Deste exercício, serão obtidos cinco resultados importantes: 1) O professor conseguirá a atenção de seus alunos, visto que após a explicação terão de ir à frente falar. Inclusive sendo proveitoso para que torne o aluno atento em todos os deveres de sua vida. 2) Em contrapartida, o professor terá a certeza de que o aluno aprendeu, e aquilo que não foi aprendido poderá intervir para o completo entendimento. 3) Como o processo é de repetição, até mesmo os mais atrasados poderão progredir e os mais inteligentes se tornarão mais seguros e satisfeitos. 4) Os alunos estarão tão familiarizados com a lição que bastará apenas uma “releitura noturna ou matutina” para que estejam certos de ter fixado a matéria. 5) Por fim, o aluno se sente entusiasmado em quase substituir seu mestre e “[...] adquire confiança para, em público, discorrer com desenvoltura sobre assuntos honrosos, o que é muito útil na vida” (COMENIUS, 2006, p.202).

Reafirmamos o que Comenius trouxe na obra *Pampaedia, Labore et constantia* do arquitépografo Cristófero Plantino. O trabalho do professor precisa ser uma constante busca da tomada de consciência dos homens, do que realmente significa ser homem.

Tudo o que acontece, acontece graças ao movimento e isso provoca um ciclo, “[...] portanto, é preciso demorar-se com o aluno em qualquer assunto de uma ciência até que ele a tenha entendido bem e esteja ciente de que sabe” (COMENIUS, 2006, p. 241). Assim, é ensinando, examinando, exercitando, que significa movimentar-se continuamente para fixar o que se deve aprender.

Como na tipografia, depois de impressas as folhas são expostas ao vento para secar, na escola, os alunos devem realizar repetições, exames e competições, até que provem que tudo está perfeitamente entendido em suas mentes.

Os exames públicos são exemplos de atividade que mantêm os alunos em constante exercício, em constante estudo, assim como na tipografia quando é concluída a impressão do livro, tudo é recolhido e colocado em ordem para que não falte nenhuma folha dos exemplares, para que fiquem prontos para serem vendidos, colecionados e usados. Os exames públicos terão o mesmo papel, o de verificar o aproveitamento de cada aluno, “[...] bem como a solidez e a coerência do conjunto: assim, todos poderão constatar que aprenderam tudo o que deveriam” (COMENIUS, 2006, p. 369).

O professor, ao ensinar aos outros, “[...] os próprios conceitos se tornam mais firmes, como também porque surge a oportunidade de aprofundar mais os problemas”. Comenius (2006) cita o exemplo e conselho do mestre Joachim Fortius que, para se exercitar, o estudioso deverá procurar alunos para ensinar nem que não receba nada por isso.

Passar adiante o que foi ensinado é importante para a fixação do conteúdo, além de fazer com que o aluno se sinta útil neste caso; o aluno pode até superar o seu mestre, quando pergunta muitas coisas, quando retém essas coisas e as ensina.

Segundo Comenius (2006, p. 200), o aluno pode consultar o seu mestre, o condiscípulo ou os livros sobre algo que não conheça. No segundo passo, partindo do conhecimento obtido por meio das perguntas e consultas, o aluno conseguirá reter as informações, enviar o que foi aprendido para a memória ou, mais confiável, escrever a respeito, caso não possua a segurança de entregar tudo a sua memória.

Por fim, quando se ensina os conceitos, eles se tornam mais firmes, conseqüentemente, é possível que se conheça mais profundamente o assunto. Assim, a repetição, o exercício contínuo das coisas entendidas para os condiscípulos, ou para qualquer outra pessoa, deve ser praticada para melhor instruir a si próprio.

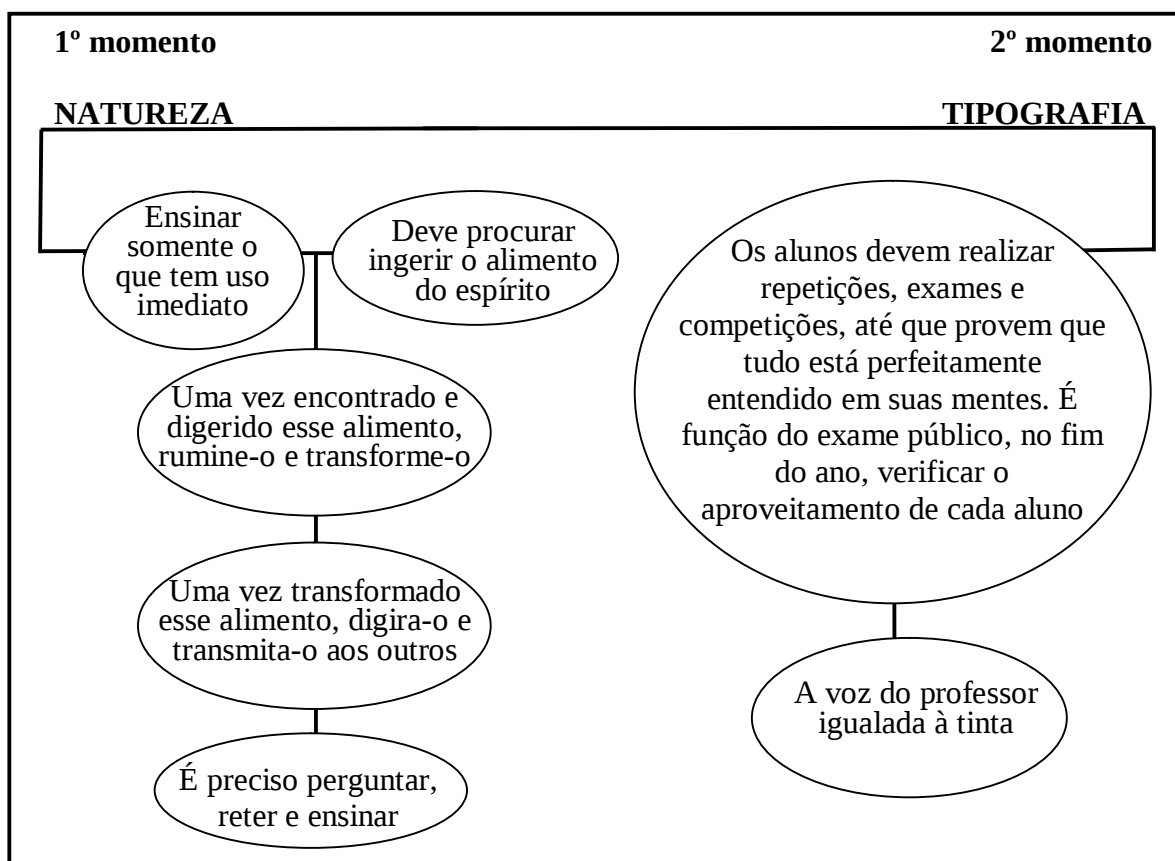
Assim como o comerciante exercita a troca, a negociação de mercadorias, o conhecimento para ser sólido deve possuir repetições e exercícios.

Uma arte foi descoberta, a “tipográfica viva, a qual imprime a sabedoria, não em papéis, mas nos espíritos”. O professor imprime com a sua voz o conhecimento no seu aluno. E uma vez esse aluno dotado de conhecimento, poderá ser um professor para o outro

e o outro para um outro, assim será “multiplicável até ao infinito” (COMENIUS, 1971, p. 354).

Por isso, entendemos que comparado aos dons de um comerciante, o professor fará com que sua aula seja lugar de troca e prática de conhecimento. E comparada à tipografia, a voz do professor se materializa quando igualada à tinta. Neste caso, se torna uma ferramenta que imprime o conhecimento em seu aluno e o faz levar a outro aluno que ainda não tenha aquela informação e esse passa a um outro, e assim por diante, como de fato em um mercado.

Professor modelo de Comerciante: correção necessária.³⁴ e ³⁵



³⁴ 9º Princípio referente aos Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. (Didática Magna, 2006, p. 180).

³⁵ 10º Princípio referente aos Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender. (Didática Magna, 2006, p. 198).

Professor: modelo de prática - a mente, a língua e a mão

Como os artesãos que colocam os instrumentos nas mãos de seus aprendizes para que se ponham logo a imitá-los, os professores devem por seus alunos a praticar.

Os exemplos devem ser belos, bons e agradáveis. Que as coisas ensinadas façam com que os sentidos, a mente e a mão do aluno aprendam rapidamente todas as coisas. As coisas são ensinadas rapidamente quando se fixam os pontos essenciais e colocam as menos úteis de lado (COMENIUS, 2006).

Os educadores devem voltar “os sentidos e as mentes de todos os homens para as coisas, para si e para Deus [...]” utilizando os três livros de Deus: o do Mundo, da Mente e da Revelação Divina, para que esse aluno tenha o conhecimento da ciência, da prudência e da piedade constante. Ao professor cabe ocupar sempre as “forças externas e internas do homem” para que não entorpeçam e façam desaparecer a ociosidade; que essas forças estejam sempre direcionadas para os seus objetivos (COMENIUS, 1971, p. 152).

Para que os alunos aprendam nos livros de Deus, já mencionados, o professor precisa iniciar gradativamente, mostrar as coisas sensíveis aos alunos e por meio das coisas inteligíveis chegarem às coisas reveladas. O próprio Deus utilizou esse método, pois “criou este mundo sensível, depois criou o homem dotado de razão e, finalmente acrescentou (falando ao homem) a sua Palavra”. Assim se deve proceder: na infância, os sentidos; na adolescência, o raciocínio; e, posteriormente, a fé divina (COMENIUS, 1971, p. 152).

Há três coisas que devem ser ensinadas e exercitadas - a *mente*, a *língua* e a *mão*, porque, segundo Comenius (1971, p. 153), dessas três coisas dependem todas as outras:

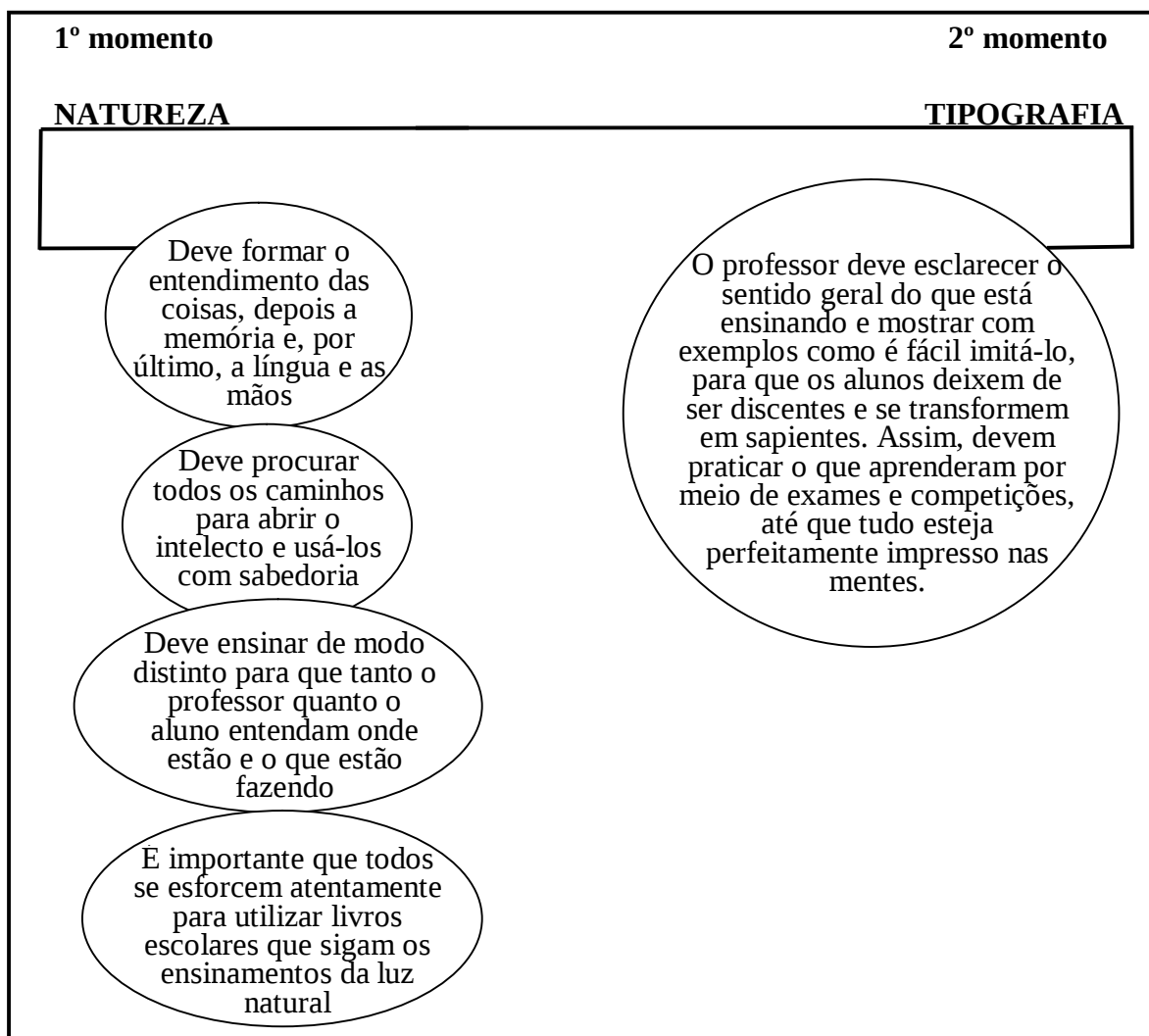
Com efeito, ninguém será potente nas obras se não for potente no conhecimento das coisas, nem será potente na eloquência se não for potente no conhecimento e nas obras. Portanto, quis ensinar-nos o método da graduação e a ordem a observar no uso dos dons de Deus. Ou seja, em primeiro lugar, a mente deve ser imersa na luz, a fim de que entendamos o que e de que modo se deve agir, deve agir-se durante toda a vida; para podermos chegar finalmente, cheios de inteligência e fortes pelas obras, a ensinar os outros.

Para ensinar é necessário apresentar as coisas com exemplos, preceitos e exercícios. Os exemplos para aprender facilmente, os preceitos para aprender racionalmente e os exercícios para aprender solidamente. Os exemplos conduzem os sentidos; é por eles que o aluno vai diretamente às coisas, o seu ouvido e os seus olhos ficam atentos e aguçados e

assim penetram na inteligência para formar preceitos bem elaborados. E com o conhecimento adquirido com exemplos e formado pelos preceitos, está na hora do aluno utilizar aquilo que aprendeu por meio de exercícios e a prática contínua (COMENIUS, 1971).

Na tipografia as folhas são postas uma após a outra sob a prensa para que os caracteres tipográficos imprimam sua imagem sobre cada folha, assim deve proceder o professor e esclarecer o sentido geral das coisas e mostrar os exemplos e de como é fácil imitá-lo. Os alunos devem acompanhar as explicações do professor para que deixem de ser “discentes” e transformem-se em “sapientes” e coloquem em prática tudo que aprenderam por meio de exames e competições, até tudo ficar perfeitamente impresso em suas mentes (COMENIUS, 2006, p. 369).

Professor modelo de Prática - a mente, a língua e as mãos: correção necessária. ³⁶ e ³⁷



Professor: modelo de estímulo aos sentidos

Com relação a despertar, a desenvolver as coisas inatas ao homem, o professor deve saber utilizar todos os sentidos. Comenius (2006, p. 179) cita que os ouvidos devem estar unidos aos olhos, e a língua às mãos. Para que o aluno aprenda o conteúdo, deve impressionar não só o ouvido, mas também deve ser pintado para que se fixe na imaginação. “Os alunos, por sua vez, devem aprender logo a expor as idéias com a palavra e a expressá-las com os gestos [...]”. Assim o professor não deve deixar um assunto enquanto não estiver bem impresso nos ouvidos, nos olhos, na mente e na memória. A

³⁶ 5º Princípio referente aos Requisitos gerais para ensinar e aprender: Como se deve ensinar e aprender com a certeza de atingir o objetivo. (Didática Magna, 2006, p. 155).

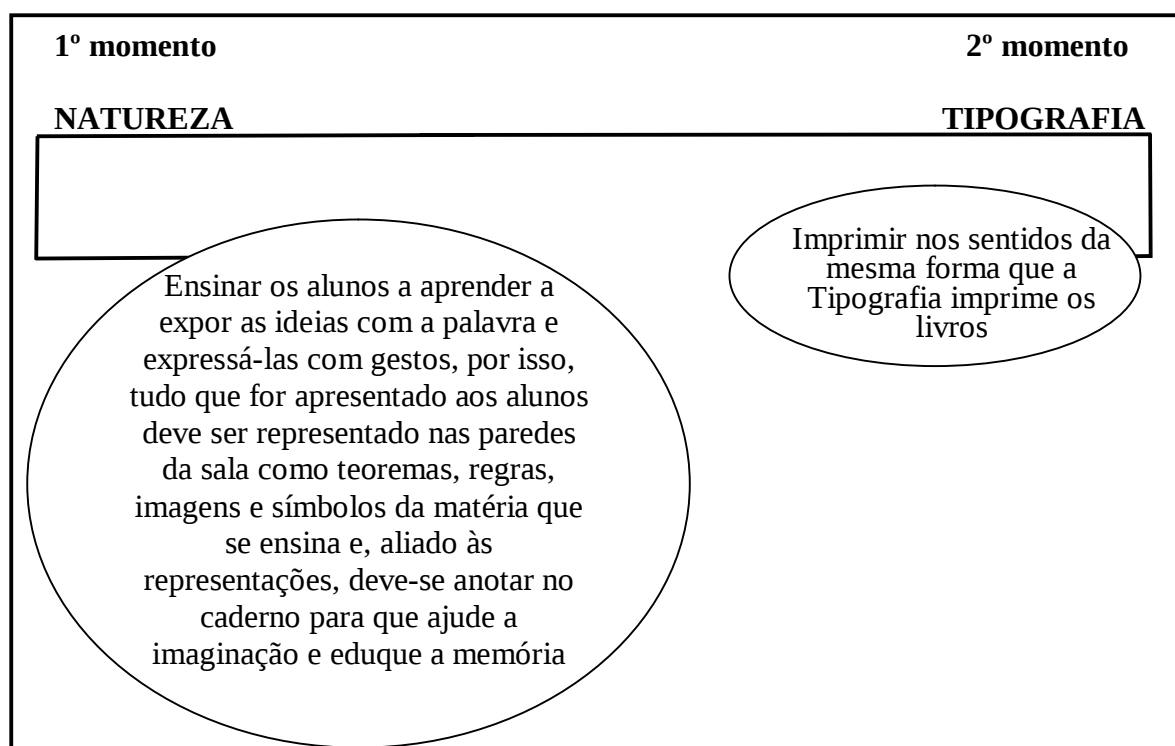
³⁷ 6º Princípio referente aos Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender. (Didática Magna, 2006, p. 193).

palavra - impresso - é empregada para representar a ação que a tipografia realiza nos livros; ela imprime.

Para o despertar dos sentidos, o professor deve representar o conteúdo ministrado nas paredes da sala de aula, por meio de teoremas, de regras, de imagens, de símbolos. Isso é de grande auxílio ao aprendizado. Deve-se ter em conjunto o hábito de transcrever nos cadernos “pessoais ou de classe” tudo que foi discutido em aula para ajudar a imaginação e educar a memória. O professor deve expor tudo de maneira clara e fazer uso ao máximo dos sentidos do aluno para que as coisas sejam aprendidas, “[...] sejam impressas mais facilmente” (COMENIUS, 2006, p. 180).

Comenius pensa em estimular todos os sentidos e dá exemplos de como o professor vai realizar esta tarefa. Ele trabalha com imagens, desenhos, conforme é ilustrado no livro *orbis pictus*.

Professor modelo de Estímulo aos sentidos: correção necessária. ³⁸



³⁸ 8º Princípio referente aos Princípios em que se funda a facilidade de ensinar e de aprender. (Didática Magna, 2006, p. 178).

Professor: modelo de competência

Comenius (1971, p. 157) entende a natureza dos homens, percebe que é importante saber para que foram feitos. Então como fazer para “[...] que cada homem saiba, queira e possa verdadeiramente tudo o que verdadeiramente deve saber, querer e poder? [...]”.

Deus já plantou as raízes da ciência de todas as coisas cognoscíveis nos homens, porém “os homens sabem muitas coisas que não sabem que sabem, e querem coisas que se não apercebem de quererem e podem coisas que julgam que não podem”. Deste modo, é responsabilidade dos professores fazer com que seus alunos conheçam a si mesmos, entendam para que foram feitos, quais meios possuem para atingirem seus objetivos.

Como a natureza produz tudo a partir da raiz, que os professores saibam “[...] desenvolver o entendimento das coisas, de tal modo que dele brotem, como fonte viva, tantos ribeiros quantas são as folhas, as flores e as frutas que brotam de uma árvore [...]” (COMENIUS, 2006, p. 189).

Comenius ressalta a importância do professor saber utilizar o livro escolar, bem como seguir os “ensinamentos da luz natural”.

Os professores devem ensinar tudo de forma que não haja dúvidas nem esquecimentos, por isso tudo deve estar bem sólido. Com os conteúdos bem dispostos e com único fundamento (o método), tudo ficará no seu devido lugar de modo “que formem uma única enciclopédia”.

Deve-se ensinar as coisas segundo as causas, apontar não só como uma coisa é, mas também por que não pode ser de outro modo. A maneira de como o professor explica é determinante no entendimento e fixação do aluno. Por exemplo:

Se alguém pergunta se o certo é dizer *totus populus* ou *cunctus populus* sem dar exemplificação alguma, o aluno logo esquecerá. Mas se, ao contrário, ele explicar bem que *cunctus* deriva de *conjunctus* e que, portanto, é mais correto usar *totus* para coisas sólidas, e *cunctus* para coletividades, não vejo de que modo uma criança poderá esquecer isso, a não ser que seja muito estulta (COMENIUS, 2006, p. 196).

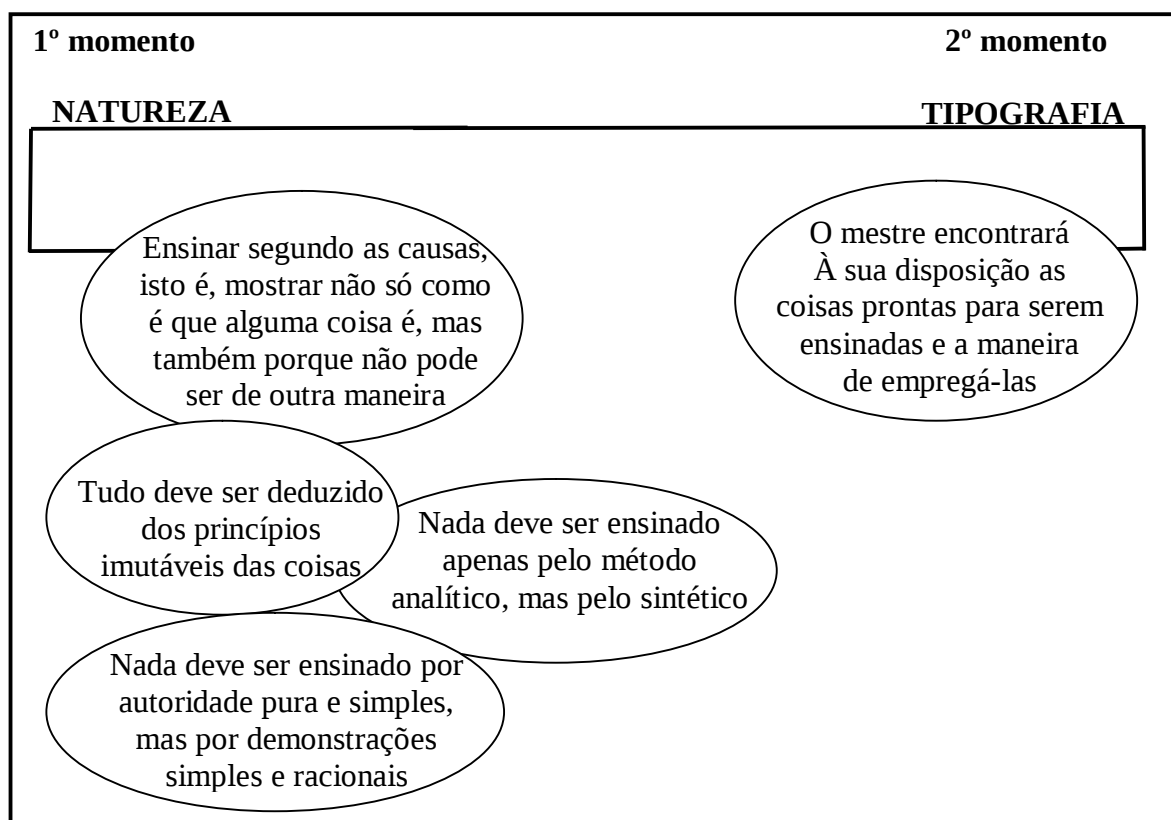
Os professores devem ensinar seus alunos a conhecer de modo distinto e rápido as origens de todos os vocábulos; é necessário estimular a atenção de todos os alunos. Desta forma, os discentes aprenderão algumas coisas que lhes forem apresentadas e outras coisas aprenderão sozinhos e com facilidade.

Na didacografia, o mestre encontrará à sua disposição as coisas prontas para serem ensinadas e a maneira de empregá-las. Assim será possível imprimir na mente dos alunos aquilo que deve ser aprendido, da mesma forma que na arte tipográfica é possível imprimir as letras no papel (COMENIUS, 2006, p. 363).

E tão entusiasmado mostra-se Comênio com a mecânica, que pergunta: “E que razão haverá para que se não possa forjar um nome suscetível de convir à nossa nova didática, como o termo ‘didacografia’ modelado sobre a palavra tipografia?” (GASPARIN, 1992, p. 118).

O novo nome da didática - didacografia - expressa um novo tempo, um novo passo adiante dado pelo homem, que já não imita a natureza natural, mas sim a natureza modificada por seu trabalho. Mas, tanto no modelo da natureza natural, bem como na artificial, o que importa não são as naturezas em si mesmas, mas o conhecimento que o novo homem tem delas e o respectivo uso na nova sociedade que emergia.

Professor modelo de Competência: correção necessária. ³⁹ e ⁴⁰



³⁹ 5º Princípio referente aos Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender. (Didática Magna, 2006, p. 188).

⁴⁰ 8º Princípio referente aos Princípios em que se fundamenta a solidez no ensinar e no aprender. (Didática Magna, 2006, p. 195).

6.2. Problemas a Serem Enfrentados Pelo Professor

Conforme mencionado anteriormente, os problemas apresentados a seguir são referentes aos princípios de um ensino rápido e conciso, que responde uma questão levantada por nós: Como o professor será modelo das aptidões mencionadas? É o que Comenius (2006, p. 208) expõe na *Didática Magna* em forma de oito problemas a serem enfrentados para que realmente os conselhos sejam praticados. Esses problemas nortearão o trabalho da ação docente. São questões que ditam como devem ser os “formadores da juventude” e que estes devem seguir ao lado do novo modo de trabalho.

1º problema - *De que modo um único mestre pode ser suficiente para qualquer número de alunos?* O Primeiro Problema é colocado a fim de resolver a questão de um professor para muitos alunos. Para muitos, em sua época seria impossível. Na resposta encontramos a solução também para a atenção e a disciplina. Comenius (2006, p.208) responde: que o professor se sentirá mais estimulado se estiver diante de muitos alunos, assim como os alunos se sentirão mais entusiasmados por que gostam de ficar reunidos, gostam de competir, bem como também poderão se ajudar reciprocamente.

Também é ponto favorável para esse problema a questão de quanto maior número de alunos ouvindo cada um entenderá como puder sobre o assunto estudado, mas com repetições sucessivas tudo será bem entendido. Ao passo que quanto menor o número de pessoas ouvindo, é mais fácil esquecer das coisas.

Quando o número de alunos é maior, o professor deve utilizar a técnica de um ajudar ao outro; assim, “dividir os alunos em grupos, por exemplo, de dez pessoas, encabeçados por responsáveis que serão controlados por outros, e assim por diante até o último responsável”. Ao dividir em grupos e colocar em cada grupo um responsável, este também poderá ajudar a despertar a atenção pelo professor e pela aula (COMENIUS, 2006, p. 210).

Profissões são trazidas como exemplos também a serem seguidos, pois estas seguem a mesma regra de um único profissional dar conta do trabalho que deve desempenhar. Assim, o padeiro assa muitos pães, o oleiro faz muitos tijolos, o tipógrafo com uma única composição de caracteres produz centenas e milhares de exemplares de livros; também o mestre, sem nenhum esforço, pode ensinar, ao mesmo tempo, os mesmos exercícios a um grande número de alunos (COMENIUS, 2006).

Percebemos que a nova forma de trabalho coletivo que estava se instituindo na sociedade se torna exemplo para o profissional da educação, em meio a outros profissionais, como o padeiro, o oleiro, agora temos o tipógrafo que se utiliza de uma máquina recém descoberta.

Comenius faz uso de exemplos como a natureza e de profissões que imitam a natureza, mas aos poucos é visível a introdução da mecanização e também a importância de imitar seu processo.

Para que a atenção dos alunos se volte ao professor, é importante, como já mencionado, a ajuda dos “supervisores” de cada equipe, porém o próprio professor também poderá despertar a atenção se sempre procurar unir o útil ao agradável, se tornar os espíritos mais receptivos ao falar com entusiasmo sobre a matéria de estudo ou ao propor problemas a serem resolvidos. O professor ao utilizar sua cátedra consegue atenção, pois é um lugar de onde ele tudo pode ver e não permitir que ninguém faça outra coisa a não ser prestar atenção em sua aula. O professor deve estimular a atenção ao mostrar todas as coisas aos sentidos do aluno.

São inúmeras as coisas que o professor pode fazer para propiciar o aprendizado e a atenção do seu aluno. Além das maneiras já citadas, o professor deve, durante a aula, interromper para perguntar ao aluno se ele entendeu e pedir para que ele repita o que disse; assim, toda a classe vai prestar atenção na expectativa de ser chamado também para responder alguma pergunta.

Segundo Comenius (2006), se algum aluno não souber responder ao solicitado, deve ser repreendido imediatamente. Também a pergunta não deve ser repetida caso a pessoa interrogada fique calada, pois é obrigação do aluno estar atento para tirar algum proveito da aula. Da mesma forma que repreende aquele que não responde, deve louvar aquele que está interessado e responde da melhor forma ou em primeiro lugar, pois será exemplo para os demais.

Notamos a rigidez com que Comenius trata a atenção que os alunos devem dispensar, bem como a organização do professor para que isso aconteça. As duas partes devem estar em sintonia.

Para Comenius (2006, p. 212), ao terminar a lição, o professor deve dar total liberdade para que os alunos perguntem a ele o que quiserem, “sejam dúvidas quanto à lição daquele dia ou de dias anteriores [...]”, porém, a consulta deverá ser diante de todos

os outros alunos, nunca feita em particular. Assim, o que é dúvida para um, poderá ser para outro, desta forma sendo útil para todos.

O estímulo da atenção deve ser um exercício diário “[...] habituados a comportar-se assim constantemente durante alguns anos, farão sempre tudo com o espírito atento, sem necessidade de advertências ou estímulos dos outros” (COMENIUS, 2006, p. 213).

Com relação a dar suporte para muitos alunos e, ao mesmo tempo, para saber se escrevem corretamente as lições, se aprendem bem a lição de cor, entre outras coisas, o professor não precisa interrogar a todos ao mesmo tempo, se tiver delegado esse trabalho aos “chefes de grupo”; estes supervisionarão e cuidarão para que aqueles que estão sob suas responsabilidades façam bem todas as coisas (COMENIUS, 2006, p. 213).

A nosso ver, o professor deve ter organização máxima, saber conduzir todas as coisas, saber coordenar os supervisores responsáveis, bem como os seus grupos. Deve ter essa aptidão, e ter o conhecimento do seu conteúdo.

Na correção dos cadernos, pode pedir ao aluno que leia o que escreveu, em voz alta, lendo claramente inclusive as pontuações, assim os outros corrigirão seus próprios cadernos. O professor poderá, de vez em quando, pegar um caderno ou outro aleatoriamente para corrigir e punir a quem tiver sido descuidado.

É interessante citar na íntegra um trecho em que Comenius (2006, p. 214) fala sobre a correção dos exercícios, para apreciarmos a habilidade deste educador em lidar com coisas que parecem ser impossíveis, e fazer com que os empecilhos se tornem elementos favoráveis ao trabalho do professor. Assim ele diz:

Mesmo a correção dos exercícios parece demandar grande trabalho, mas até neste caso não faltará um conselho para os que seguem o caminho que traçamos. Por exemplo, nos exercícios de tradução, aja-se da seguinte maneira: uma vez que todos os grupos de dez tenham acabado a tarefa, manda-se alguém ficar de pé e escolher o antagonista que quiser. Quando este estiver pronto, o primeiro lerá a sua tarefa por trechos, enquanto todos os outros se mantêm atentos, e o professor (ou pelo menos o chefe do grupo) fica ao lado, controlando a ortografia. Depois de ler um período, deverá parar, e o adversário deverá indicar os eventuais erros; depois, o professor permite que todos os outros daquela equipe e finalmente toda a classe corrijam aquele período, e por fim ele mesmo, se houver necessidade, fará suas observações. Entrementes, todos estarão verificando seus cadernos e corrigindo seus erros, exceto o adversário, que deverá manter sua versão intacta para a correção. Terminado e corrigido um período, passa-se para outro, até o fim. O adversário começará a ler sua versão segundo as mesmas modalidades, enquanto o desafiante ficará atento para que ele não leia as frases já corrigidas em lugar das que devem ser corrigidas: depois a correção

prosseguirá como antes para cada palavra, frase ou período. A seguir, chama-se outra dupla de jovens, do mesmo modo, e assim por diante enquanto o tempo o permitir.

É explícita a competição como ferramenta para motivar o aluno. É um grande estímulo entre os jovens; se utilizada adequadamente pode trabalhar a motivação, o espírito de equipe, a liderança e fazer com que cada parte competidora desempenhe suas tarefas da melhor maneira. Portanto, comprova-se que um só professor basta para muitos alunos “sem mais trabalho do que se estivesse de ocupar-se com um ou dois apenas” (COMENIUS, 2006, p. 215).

Gasparin (1992) relata que não havia competição no tempo marcado pelos ciclos da natureza. Porém, as mudanças do mercado trouxeram a competição e daí a importância do aluno aprendê-la em sala de aula.

Para estimular o aluno, Comenius (2006, p. 313) indica a competição, que pode ser semanal ou mensal. A orientação do professor é fundamental para que essa técnica não se torne apenas uma brincadeira; que o professor se comporte “com seriedade e sem afetação, que repreenda e faça corar quem achar mais negligente, elogiando em público os mais capazes”. A intenção de toda severidade, quando necessária, deve ser uma revelação de amor.

2º problema - *“Como é possível que todos aprendam com os mesmos livros?”*

Resposta: é sabido que muitas coisas, muitos objetos distraem a mente, distraem os sentidos, portanto, para que a atenção seja favorecida, é necessário que se utilize os livros didáticos da classe. Se essa regra for seguida, o professor terá economia de tempo, assim como preparar todos os materiais que venham a utilizar em sua aula.

Segundo Comenius, o livro deve ser escrito em forma de diálogo e deve ser escrito o resumo dos livros nas paredes, com ilustrações pintadas para aguçar todos os sentidos. Em *Pampaedia*, ele (1971, p. 129) afirma que os livros escritos em forma de diálogo tornam mais fácil o trabalho dos professores e também dos alunos, pois este processo faz com que todos tenham o hábito de se interrogar; desta forma, o aluno pode se tornar o mestre e o mestre pode se tornar o aluno: “[...] se todos forem ensinados a interrogar e a responder assim, prudentemente, acerca de todas as coisas, todos se tornarão sábios”.

Acrescentamos ao Segundo Problema uma outra questão: *É possível um só professor ensinar dezenas de alunos ao mesmo tempo, no mesmo lugar sem o manual didático?* Para responder a essa pergunta buscamos o fundamento na própria *Didática*

Magna, em que Comenius afirma que a falta de livros panmetodológicos “poderá inutilizar totalmente a máquina [...]”, ou seja, sem o manual didático o sistema educacional não funcionaria. Não funciona, pois está dito, segundo sua didática, que o professor não vai tirar de sua cabeça o que ensinar e como ensinar, mas impor aos jovens “[...] uma instrução já preparada, com meios prontos ao seu alcance” (COMENIUS, 2006, p. 363 e 372).

A exemplo da tipografia, o professor, na didacografia, não efetuará o trabalho com as próprias mãos, mas com os caracteres preparados para esse fim e sem possibilidades de erros. Os professores necessitam receber normas precisas que uniformizem seu trabalho, por isso eles próprios devem também ter o seu manual.

Com relação à perfeição, ao imitar a tipografia, o manual didático terá todas as coisas prontas para serem ensinadas para que seja evitado o erro do professor. A única menção do autor com relação ao professor ser ativo perante o manual é quando este utiliza sua voz, igualada à tinta do tipógrafo. Já na obra *Pampaedia*, admite que os livros pampédicos devem ser bem elaborados, mas que não será, portanto, suficiente que se tenham livros bons, mas o professor deve ensinar os alunos a ler, a entender, a imprimir e a exprimir as coisas contidas no livro, e que ensinem os alunos a servirem-se dos livros para chegar depressa e com urgência à sabedoria (COMENIUS, 1971). Outro ponto importante é que como não havia professores suficientes na época para cumprir com o objetivo de levar a educação em todos os lugares, era necessário o livro didático, assim qualquer um poderia se tornar docente, aumentando assim a demanda de profissionais.

3º problema - Mas “*como é possível que todos façam, ao mesmo tempo, as mesmas coisas na escola?*” É o que aborda o Terceiro Problema. A resposta é de que primeiro a mente deve estar atenta, deve estar empenhada num mesmo assunto e para isso nada melhor do que se utilizar, como Comenius já citou, da orientação do professor para que os alunos se ajudem mutuamente, se estimulem. Um deve ficar atento ao outro, pois todos vão chegar à condição de docente na aula e, para tanto, todos devem saber sobre o assunto.

O Terceiro Problema fala também do empenho da própria escola, a qual deve “[...] dispor tudo de tal modo que a cada ano, mês, semana, dia e mesmo a cada hora corresponda uma tarefa determinada, de tal sorte que todos avancem sem obstáculos, e juntos atinjam a meta” (COMENIUS, 2006, p. 220).

Conforme Narodowski (2006, p. 38), “o fator tempo, para Comenius, é sinal de boa ordem; é o eixo e o corolário da harmonia e do equilíbrio na ordem natural do Universo”.

A gradação é um dos elementos essenciais para conduzir a educação à excelência, gradação que inexistia nas escolas no tempo de Comenius.

4º problema - “*Como é possível ensinar tudo com um mesmo método?*”. A resposta de Comenius (2006, p. 220) para esse problema é a de que para todas as ciências existe um único método natural com pequenas variações dependendo do engenho a ser ensinado, como já assinalamos. Porém, Comenius esclarece que o método depende da experiência do mestre e dos livros didáticos. Por isso a facilidade de se manter os princípios gerais e comuns do método.

5º problema - “*De que modo é possível explicar muitas coisas com poucas palavras?* Para responder, Comenius (2006, p. 221) remete-nos ao Capítulo V da *Didática Magna*. Segundo ele, como ao homem são inerentes todas as coisas, basta lançar algumas sementes, não muitas. Algumas regras, alguns “[...] livros que ponham diante dos olhos as coisas fundamentais para os escolares tais quais são, com poucos teoremas e poucas regras, mas bem escolhidos e fáceis, de tal sorte que as outras coisas sejam depois facilmente entendidas”. Cita Sêneca para exemplificar a respeito das regras: “[...] que é preciso lançá-las como se lançam sementes: não é preciso que sejam muitas, mas que sejam boas”.

6º problema - “*Como se organizar para que com uma única atividade sejam feitos dois ou três trabalhos?* É perceptível o espírito do novo modo de trabalhar que surge e necessita aproveitar o tempo para produzir mais. Para exemplificar, conforme Heers (1965, p. 89):

os tempos de espera, no decurso da fabricação, parecem claramente reduzidos ao mínimo; o chefe de empresa encetava com frequência cada operação, para uma parte da lã ou dos fios, quando a precedente ainda mal estava terminada; assim, podiam ser conduzidos conjuntamente dois trabalhos diferentes, e mesmo três, para um único lote.

Comenius (2006, p. 222) traz a natureza primeiramente para explicar como é possível que com uma atividade sejam feitos dois ou três trabalhos. A árvore cresce concomitantemente: o tronco, a cortiça, as folhas e os frutos. A exemplo também das coisas artificiais, Comenius cita, entre outras, o carro que com um único timão tanto serve para fazer com que o carro fique reto, quanto o faça virar e diminuir a velocidade. “Assim, um orador ou um poeta, se habilidosos, conseguem numa mesma obra ensinar, comover e deleitar, mesmo que essas três atividades sejam muito diferentes uma das outras” (COMENIUS, 2006, p. 222).

Notamos o movimento das coisas naturais para as artificiais. A obra mescla esses exemplos, ora traz a natureza, ora traz a mecanização, o que de fato caracteriza o momento da transição, das descobertas e da aplicação destas em prol da praticidade no cotidiano.

A regra geral para que cada atividade possa oferecer maiores resultados se deve ao fato de correlacionar “as palavras às coisas, a leitura à escrita, o exercício do engenho ao do estilo, o aprendizado ao ensino, as coisas sérias às agradáveis, e assim por diante” (COMENIUS, 2006, p. 223).

Essa regra trata de unir a Prática à Teoria, de que tanto falamos na educação. É isso que Comenius (2006) explicita quando diz que as palavras deverão ser ensinadas e aprendidas sempre em conjunto com as coisas correspondentes.

Mostrar as coisas indicadas pelas palavras, assim como as palavras acompanhadas daquilo que os alunos veem, ouvem, tocam e degustam. “[...] Portanto, deve ser de regra saber expressar tudo o que é compreendido, e reciprocamente, aprender a entender tudo o que é dito [...]”. Segundo Comenius, é necessário formar os homens no menor tempo possível (COMENIUS, 2006, p. 223).

O homem deve saber expressar habilmente as suas ideias por meio da palavra, que ele saiba dar o nome apropriado das coisas, saber distingui-las para que seja capaz de organizar um discurso coerente.

Para elucidarmos com a velha e inútil instrução, mencionamos a situação em que Gargântua passou frente a um jovem que estudou por apenas dois anos, diferentemente dele que havia estudado por uma vida inteira e que sabia de cor os livros clássicos.

O seu pai verificou que êle estudava, realmente, muito bem, dedicando ao estudo todo o seu tempo, sem, todavia, aproveitar coisa alguma e, o que é pior, ia-se tornando maluco, apalermado, sonhador e louco apaixonado. Queixou-se disso a dom Filippe dês Marais, que lhe disse que valia muito mais não aprender coisa alguma do que com semelhantes livros e com tais professores, pois o saber dêles não passava de tolice e a sua sabedoria eram apenas frioleiras, que abastardam os bons e nobres espíritos e corrompem toda a flor da mocidade. (RABELAIS, 1961, p.37).

Na obra de Rabelais, Gargântua não consegue se expressar, ele chora e esconde o rosto com o gorro, frente ao discurso ao jovem Eudémon que tão rapidamente estudou, mas que tinha melhores palavras, propósitos, boa conversação e boa conduta do que o próprio Gargântua.

Por isso, para Comenius (2006, p. 223), devem ser eliminados das escolas todos que ensinam só palavras e não ensinam nada útil. É preciso se preocupar com as coisas importantes. Ele cita “é preciso agir (como diz Sêneca em sua nona epístola) para servir aos sentidos, e não às palavras”.

Ensinar a leitura e a escrita concomitante, ensinar o alfabeto enquanto as crianças escrevem. Como para as crianças o desejo de pintar lhe é natural, elas aprenderão de modo divertido. Comenius (2006, p. 224) exemplifica: “[...] quando souberem ler com facilidade, poderão ser exercitadas nos assuntos que deverão forçosamente estudar mais tarde: por exemplo, em tudo que infunde princípios da ciência, da moral, da piedade [...]”.

A maneira de ensinar exercícios de estilo deve ser feita sobre o assunto de ciência ou arte: “[...] o professor proporá então aos alunos temas históricos (quem são os inventores de uma arte, onde e quando viveram, e coisas semelhantes) [...]”. Assim, poderão exercitar comentários, exercícios de imitação, escrita, língua, ao pedir para que os alunos repitam em voz alta as coisas que escreveram (COMENIUS, 2006, p. 225).

Segundo COVELLO (1992), Comenius apresentou as ideias pedagógicas mais arrojadas de seu tempo. Apresentou o método natural, a graduação do ensino, o uso dos sentidos, o emprego do brinquedo como instrumento pedagógico, a educação pré-escolar, o método ídeo-visual e o aprender fazendo.

Com relação ao aprender fazendo no trabalho, temos o exemplo dos mecânicos: estes não detêm os aprendizes das suas artes com especulações teóricas, mas põem-nos imediatamente a trabalhar, para que aprendam a fabricar fabricando, a esculpir esculpindo, a pintar pintando, a dançar dançando. Portanto, o “aprender fazendo”, nas escolas, consiste em aprender escrever escrevendo, a falar falando, a cantar cantando, a raciocinar raciocinando.

[...] muito embora Comenius não conceba o trabalho em termos modernos, ele lhe dá o caráter de atividade social, frisando a sua utilidade. O *fabricando, fabricamur* comeniano, traduzido por Joaquim Ferreira Gomes como “fazendo aprendemos a fazer” na *Didática magna* e como “edificando, nos edificamos” na *Pampaedia*, não significa somente a necessidade da prática para a efetiva aprendizagem como, por exemplo, é expresso pela frase “é nadando que aprendemos a nadar”, mas a construção do indivíduo através de suas realizações, ou como preferiria Comenius, através de suas obras neste mundo (KULESZA, 1992, p. 92).

Para Comenius (2006, p. 225), a brincadeira, a imaginação são ferramentas que contribuem para o aprendizado com economia de tempo, além de ser agradável. As brincadeiras podem simular ao vivo ocupações sérias da vida, assim pode-se formar um tipo de comportamento. Ele traz como exemplo, para despertar o interesse dos alunos pela medicina, levá-los, durante a primavera, ao campo, ou a uma horta para mostrar-lhes as ervas; pode-se até organizar competições “[...] para saber quem as conhece em maior número”. Alguns alunos demonstrarão maior aptidão por botânica, assim o professor poderá estimular algum interesse pelo assunto. Utilizar títulos para que a brincadeira tenha maior progresso também é uma forma divertida, ao chamar alguns alunos de doutor, outros de bacharel e ainda estudantes de medicina.

Tudo isso para que se faça presente o lema de Martin Lutero “ocupar a juventude em estudos sérios, para que ela tenha tanto prazer com eles quanto em passar o dia brincando com nozes” (COMENIUS, 2006, p. 226).

7º problema - Já foi tratado anteriormente por Comenius quando o mesmo ensina por meio dos princípios o modo de avançar gradualmente em tudo.

8º problema - “*Como remover e evitar obstáculos?*” na educação. Comenius (2006, p. 227) responde que é preciso deixar de lado as coisas desnecessárias, que não sejam pertinentes ou específicas demais. Para ele, é inútil aprender muitas coisas e conhecer muitas coisas, pois o tempo é escasso. “Que estultícia, diz Sêneca, aprender coisas supérfluas, quando o tempo é tão curto! Portanto, que nada se aprenda apenas para a escola, mas para a vida, de tal sorte que, deixada a escola, não seja tudo levado pelo vento”.

Aprender para a vida é um pensamento constante em sua obra *Didática Magna*; aprender tudo que seja útil para a vida, tudo voltado para a prática, para o cotidiano. Volta a mencionar que tudo deve ser ensinado conforme o engenho de cada indivíduo.

Assim, como a natureza possui variadas espécies de animais, vegetais, etc., e “[...] em virtude do que um ser deve ser tratado de um modo e outro de modo diferente, e assim como nem todos os seres se prestam aos mesmos usos, também assim acontece com os engenhos humanos [...]” (COMENIUS, 2006, p. 227). O professor não deve forçar o aluno para aquilo que não tenha aptidão; os alunos que possuem deficiência em algumas matérias sempre compensam em outras.

Para que se economize tempo e trabalho no ensino e no aprendizado “[...] basta ensinar de modo completo e sólido apenas os gêneros das coisas [...]”; as outras coisas

serão mais facilmente introduzidas e conhecidas quando a ocasião favorecer (COMENIUS, 2006, p.228).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo consistiu em captar o modelo de professor que Comenius apresenta em suas obras. Buscou-se, outrossim, constatar o amadurecimento de ideias e atitudes que o docente deveria ter em relação ao mundo, pois o mundo estava se tornando a sala de aula. Procurou-se, ainda, verificar a passagem do professor artesão para o professor manufatureiro; a uniformidade desse profissional em relação à forma de trabalho coletivo; a ordem na realização das tarefas; o sistema de cooperação das diversas inteligências; o trabalho em conjunto; o tempo determinado pelo relógio; a repetição; o movimento contínuo.

O Renascimento assinala o fim da Idade Média e indica o início da Idade Moderna. O humanismo, no Renascimento, traz o uso da razão para a observação do mundo, uma vez que, gradativamente, as coisas não se baseiam na intuição ou na fé somente, mas trazem em seu bojo a ciência, a experimentação, a comprovação. É o momento em que o homem deve aprender a tirar conclusões próprias de coisas concretas vividas.

O exemplo da natureza natural dirigida por suas próprias leis é o modelo para a natureza artificial criada pelo homem no processo de criação mecânica e transformação social. Neste caso, o homem já não segue diretamente a natureza, mas a criação de sua própria mente, a obra de suas mãos, como um novo criador, deixando o modelo criado por Deus para seguir o modelo criado pelo próprio homem. É o momento em que se passa gradativamente do teocentrismo para o antropocentrismo.

O homem desfaz seu laço com Deus gradativamente. As leis divinas já não bastavam. Aos poucos o domínio do homem sobre a natureza desvendava um outro caminho: a própria natureza tinha suas leis e poderia ser a orientação para todas as coisas. Tem em suas características a paciência, a lentidão, a regularidade. Comenius vive este momento em que os ofícios ainda tinham dependência do tempo imposto pela natureza, o ritmo da natureza determinava o trabalho.

Contudo, em meados do século XIV, começam os indícios da necessidade de mudanças motivadas pelos movimentos urbanos, os progressos da burguesia mercantil e dos empregadores; o tempo agora é medido pelo relógio. O educador morávio não fica estagnado na Idade Média e consegue captar o novo momento que transita para a Idade

Moderna e traz consigo o incipiente capitalismo. O homem percebe que agora poderia seguir suas próprias leis.

Há um novo método para o trabalho, um novo método para a educação, as coisas precisam ser comprovadas, experimentadas; um “Mundo Novo” foi descoberto e com ele novas espécies de animais, de plantas, diferentes povos. É necessário trocar, negociar e comercializar, pois nem tudo era produzido no mesmo lugar para suprir as necessidades.

As grandes descobertas, as grandes viagens, unem o mundo da prática ao mundo dos intelectuais. O trabalho desenvolve-se ao lado da educação.

A invenção da imprensa tipográfica atribui ao homem o seu primeiro grande meio de comunicação. Impressos de qualidade e de baixo custo proporcionam a preservação e a divulgação em larga escala do conhecimento humano, até então limitado a um número restrito de privilegiados; contribui para a disseminação do conhecimento. A difusão dos clássicos e a proposta do livro didático, que vimos durante as duas obras estudadas, neste momento são possíveis porque essa máquina multiplica aos milhares os livros com perfeição e elegância. O homem está aberto à pesquisa e por isso mesmo deve ser formado para que tenha suas próprias opiniões e que não viva somente de ideias alheias.

O manual didático é um instrumento fabricado e pensado para determinar uma operação de trabalho. Assim como na oficina um instrumento serve como meio de ação, na afirmação recente de Leontiev (1975) “[...] dispor de um instrumento não significa simplesmente possuí-lo, mas dominar o meio de ação de que ele é o objeto material de realização”; assim entendemos que o professor de Comenius domina o manual, pois é o instrumento que auxiliará na realização de sua arte.

Da indústria doméstica à manufatura, a passagem do artesão para o trabalhador assalariado, a reunião de grupos de operários numa mesma oficina sob o olhar atento do supervisor, os movimentos repetitivos, a divisão do tempo, a produtividade, a rapidez, a uniformidade, tudo isso se configurou na educação que Comenius pregava. Vinte e quatro horas: oito para dormir, oito para ocupações diversas e oito para ocupações sérias, mas é importante que os estudos nunca ultrapassem quatro horas.

A desordem do mundo para Comenius não estava nas mudanças do momento, nem nas descobertas, nas invenções, mas na violência e na falta de razão da escola, da igreja, do Estado e dos pais.

Para contrapor essa desordem, temos a ordem comparada com o relógio, uma invenção do próprio homem. O Homem é um ser perfeito, mas complexo. Ele precisa de

muitos cuidados para se preservar da corrupção. Assim como o relógio, deve ser regido por regras e ordem para o bem de um movimento harmônico: A ordem exata em tudo!

Todas as regras, os exemplos, a ordem, a harmonia das coisas são degraus para a Escola da Idade Adulta, que possui em seu auge a vida como profissão. Cada adulto deve saber por si mesmo os três livros de Deus: da mente, do mundo e da Revelação Divina. Para isso, os instrumentos sentidos, razão e fé foram postos à disposição. O homem adulto deve dedicar-se a Deus e à sua profissão. O mundo ainda não se desvencilhou totalmente do divino. Comenius explica sua didática com exemplos da Bíblia, primeiro para que o homem sirva a Deus e depois a sociedade com trabalho contínuo e com prudência.

Como adulto e profissional, o professor deve ser seu guia na Escola da vida adulta. Como toda escola tem suas regras, o professor deve seguir a regra da prudência: saber e deter os fins, os meios e o modo de empregar os meios através da prática segura na educação. Com atos planejados e úteis na aplicação da vida.

Para saber os fins, os meios e os modos, ao professor cabe a Arte de ensinar. Para tornar-se artista-artesão o professor precisa de instrumentos como o método e o manual didático, que por sua vez já possuem a própria arte em si. Essas artes possibilitam ao professor “concretizar uma ideia”, ou seja, concretizar o ato de ensinar, não esquecendo que nos remetemos ao significado de arte dos artesãos e manufactureiros, bem como ideia de “[...] atividade, procedimento, ação, exercício, conhecimento [...]” que o autor Gasparin (1992, p.81) traz.

Comenius propunha uma organização do trabalho didático de caráter manufactureiro. O educador morávio respondeu a uma necessidade social de sua época, quando era escasso o acesso aos livros clássicos, por serem poucos e de custo elevado. O recurso do manual didático, com a facilidade que trouxe a invenção da tipografia, veio favorecer e tornar possível o exercício do magistério quando era insuficiente o número de profissionais para levar o conhecimento a todos e em todos os lugares. O manual ajudou a promover maior número de professores.

Nesse processo de universalidade, o manual didático, que é o livro universal, será um instrumento fundamental para uso do professor. O manual acaba uniformizando os conteúdos a serem transmitidos, o que impede que o professor falhe ou esqueça as coisas que devem ensinar.

Na *Didática Magna*, Comenius (2006, p. 363) menciona que o livro didático não exige do professor genialidade, pois ao professor cabe “instilar e infundir” uma instrução

pronta, “com meios que encontrará prontos, ao seu alcance”. Assim os professores se tornam iguais em suas possibilidades de ensinar.

Porém, Comenius, na obra *Pampaedia*, apresenta o professor *Pandidáscalo* como aquele que dará a direção aos livros didáticos. E os professores devem ser “[...] os mais selectos dos homens, piedosos, honestos, dignos, diligentes, trabalhadores, prudentes: precisamente tais como desejamos que se torne todo o povo dos últimos tempos - iluminado, pacífico, religioso e santo [...]” (COMENIUS, 1971, p. 148). Aqui percebemos um professor ativo perante o livro universal.

Mas mesmo que existissem professores desta procedência, fala Comenius (2006, p. 372), seria difícil tê-los em todas as cidades e aldeias, por isso o manual didático é o auxílio fundamental para os professores que não tenham experiência e nem mesmo todas as qualidades já mencionadas; assim é possível a qualquer um ensinar com rapidez, segurança e de maneira concisa.

Mesmo que o manual traga preparadas todas as coisas a serem ensinadas, ao professor cabe transmitir com sua voz e imprimir o conhecimento, com exceção para os autodidatas, pois, para estes, que não conseguiram frequentar a escola, o livro terá todas as coisas que devem ser aprendidas.

É preciso ter vocação ao ensino. Para Comenius (1965, p. 98), é uma aptidão santa e peculiar, e este é o modelo de professor que se busca. Estes professores dotados dessa habilidade devem dedicar os seus dias para a escola e devem ser aceitos com grande reconhecimento. São comparados com o próprio Deus, “[...] e é necessário chamá-los para nós, e atraí-los com o nosso pedido e com a oferta de uma justa remuneração e é necessário cuidar deles e amá-los [...]”.

Justa remuneração, pagamento justo ao professor, pois ele é o próprio modelo da piedade, da cultura e da competência de ratificar seus conhecimentos por meio de seus atos. Um profissional competente, organizado, diligente, que segue um método, que conhece a gradação das coisas.

Comenius resume em cinco elementos as vantagens da natureza humana: ser capaz de pensar, falar, agir, ter bons costumes, ser piedoso. Tudo o que o homem faz resume-se em três coisas: “*pensamentos, palavras e acções*”. Por isso em todas as escolas é preciso procurar o “[...] SAL⁴¹ da sabedoria [...]”. O anagrama SAL significa o saber, o agir e o falar, o que se confirma biblicamente: “para que assim se realize finalmente o que Cristo

⁴¹ SAL seria o anagrama de Sapere (saber), Agere (agir) e Loqui (falar). (COMENIUS, 1971, p. 64)

disse: “[...] Todo o homem será salgado como o sal (MARCOS, 9,49)” (COMENIUS, 1971, p. 64).

Com pensamentos, palavras e ações, o professor tem por função conhecer o método, procurar todos os caminhos para abrir o intelecto e usá-los com sabedoria.

Percebemos que Comenius incita os professores a saberem exatamente o que pretendem com o encaminhamento da sua prática pedagógica, para que promovam uma formação além dos limites de um aprendizado que se resume na adaptação do homem às demandas sociais. Essa é a referência de Kulesza (1992), mencionada na introdução desse trabalho, que o pensamento de Comenius refletido em muitos momentos de suas obras representa a esperança de superação do ideal da burguesia.

Cabe ao professor seguir a arte de ensinar que Comenius propõe, para despertar no aluno sua atenção, sua disciplina, a motivação, a competitividade. Digamos que o manual nivela o conhecimento dos alunos, mas o professor com sua arte deve atentar para as diversas inteligências e misturá-las numa mesma classe, colocar um mais adiantado com um menos adiantado, saber escolher os supervisores, estimular por meio de jogos, brincadeiras, ter habilidade para identificar por qual via o aluno poderá aprender.

A arte de ensinar está no movimento contínuo, está em fazer que todas as coisas apresentadas aos alunos cresçam viçosamente. Vimos os professores como modelo da natureza, como modelo das artes mecânicas, como a tipografia. Esses modelos desmembram-se em muitos outros e em todos eles o professor deve ser a própria transformação que quer do seu aluno.

O professor deve dominar o método, dominar os instrumentos. Pela universalidade do ensino que Comenius propõe, o professor não existe sem o manual, como o manual não existe sem o professor e ambos não funcionam sem o método.

Em algumas passagens das obras analisadas, Comenius propõe que o aluno faça o papel do professor e o professor o do aluno. Uma delas é quando o manual didático é utilizado em forma de diálogo, o que permite essa troca. Ambos ocupam no processo formativo a mesma importância, mas entendemos que o professor supera o aluno à medida que deve ser exemplo para ele.

O método, bem como o manual didático, uniformiza o conhecimento, mas como Comenius (1971, p. 158) afirma:

Não interessa, a quem aprende, o ponto de partida da aprendizagem, desde que comece pelas coisas mais conhecidas, a fim de que possa chegar, através das coisas desconhecidas próximas, a conhecer, com a sua ajuda, outras coisas mais afastadas; e, partindo das coisas mínimas, possa chegar, através das coisas cada vez maiores, às máximas. Por exemplo, o principiante conseguirá aprender o alfabeto e a arte de ler, quer começando pela letra *a*, quer começando pela letra *z*, quer começando por qualquer outra letra, desde que aprenda primeiro a conhecê-las todas, depois a juntá-las em sílabas, depois em palavras e as palavras em frases, etc. O mesmo deverá ser o juízo acerca de todas as outras coisas. Com efeito, assim como, em todo o mundo, não existe nenhuma fonte tão exígua e da qual nasça um regato que, se tu o seguires, não seja capaz de conduzir-te a uma confluência de mais vastas águas e, finalmente, ao próprio mar, assim também não existe nenhum princípio de conhecer tão pequeno que, junto a outros elementos, não possa aumentar o rio do conhecimento e, finalmente, levar-te até ao abismo da onisciência humana, se até lá o quiseses seguir (COMENIUS, 1971, p. 158).

Neste parágrafo da *Pampaedia*, Comenius revela a responsabilidade do aluno frente ao conhecimento geral das coisas apresentadas, o qual pode se juntar com outros maiores e mais complexos e assim aumentar a sabedoria num processo sem limites, mas bem determina ele, “se até lá o quiseses seguir”. Então depende de cada um, da vontade de aprender e de conhecer.

Comenius não desconsidera as diversas inteligências: uns vão aprender a regra geral, outros, a partir dessa regra geral desenvolverão sozinhos conhecimentos mais profundos. Conforme Kulesza (1992, p. 105), “o esboço de classificação das inteligências evidencia sua preocupação com a diversidade de aptidão e interesse dos alunos [...]”.

Compreendemos que o professor ideal proposto por Comenius deve atentar tanto para as condições biológicas do seu aluno como para o seu desenvolvimento psicológico mediante interações dentro de uma mesma classe, que é um ambiente social à medida que se torna um ensino coletivo, ao propor a relação de um indivíduo mais apto com um menos apto.

Quando o professor sabe o conhecimento que uma criança de uma determinada idade deve ter, seja ao seguir os passos da natureza, seja ao seguir os passos dos instrumentos mecânicos, ele conseguirá ensinar de modo fácil, seguro, conciso, agradável.

Mesmo com o manual e com o método, o professor tem princípios a seguir para se tornar um profissional universal. Como esses princípios foram pensados por Comenius na transição da Idade Média para a Moderna é fácil perceber, porque identificamos vários modelos de professor contidos num único profissional, buscando responder à questão

problematizadora escolhida: Que modelo de professor Comenius apresenta, em suas obras *Didática Magna* e *Pampaedia* para o início da Idade Moderna?

Comenius propõe, de maneira geral, um modelo de professor para romper com o preceptor de um ensino individualizado, de um ensino somente para os nobres, de um ensino só para homens e para os dotados de inteligência. Sua proposta era a de levar o ensino a todos. Salienta que isso será feito pelo professor, que deve ser modelo perfeito espiritualmente, moralmente, intelectualmente.

O primeiro modelo que percebemos na *Didática Magna* é do professor que segue o modelo da natureza, mas não da natureza em si, mas da natureza já conhecida pelo homem; assim o professor imita os artífices que imitam a natureza (GASPARIN, 1994, p. 78).

Num segundo momento, o modelo passa a ser a natureza modificada pelo homem, ou seja, a natureza social. O professor que imita as artes mecânicas a exemplo do relógio, um professor que seja modelo de ordem exata; de repartição do tempo. A exemplo da tipografia, o professor deve ser modelo de organização dos materiais; de clareza, ao apresentar um conteúdo que seja uma prévia para o estudo posterior; do cuidado com o preparo das mentes dos alunos, considerando a atenção e a disciplina; deve saber usar o método que economize tempo e fadiga; deve ensinar de modo seguro, fácil e sólido. Nesse modelo das artes mecânicas o tempo se torna fundamental; aqui a pressa é aliada no processo da edificação das coisas e do conhecimento.

A arte da tipografia, transposta para a didacografia, se eleva perante o modelo da natureza, pois consegue reproduzir em grande quantidade, com rapidez, com perfeição e consegue uniformizar os indivíduos. “A arte avança e se aperfeiçoa à medida que abandona a natureza como modelo e passa a obedecer à ação social do homem no domínio e na superação da própria natureza” (GASPARIN, 1994, p. 86).

A ascensão gradual do professor como modelo inicia-se pela imitação da natureza, passando a seguir a ter as artes mecânicas como guia. Este processo nos dá clareza do pensamento comeniano em uma fase em que se produzia artesanalmente, nas oficinas, depois na manufatura, nas fábricas do incipiente capitalismo.

Na obra *Pampaedia*, a profissão do professor atinge a universalidade quando o professor segue o modelo da natureza e o modelo da tipografia. Entendemos que os princípios apresentados na obra *Didática Magna* sustentam os vinte e cinco problemas na obra *Pampaedia* que explicam como o pandidáscalo deve agir.

Estes problemas não diferem dos princípios apresentados na *Didática Magna*. Eles também falam do estudo iniciar na infância, da graduação das coisas, das coisas partirem das fáceis e agradáveis, da clareza, entre outras que formam a base para a ação do professor.

Contudo, na *Pampaedia* Comenius é mais enfático na atitude do professor reforçar tudo aquilo que ensina com a prática, na importância em chegar à abstração das coisas e pela universalidade da profissão docente, em que se deve em primeiro lugar entender o que e de que modo se deve agir, depois agir toda a vida para que cheios de inteligência e fortes pelas obras possam ensinar os outros. Trabalha o homem trino a *mente, a língua e a mão*, pois, conforme o autor, destas três coisas dependem todas as outras.

Demos nomes aos modelos de professores, os quais surgem da mistura dos três modelos fundamentais de professor: da natureza, da tipografia e do pandidáscalo. Para isso, nos baseamos nos princípios apresentados na obra *Didática Magna*, pois entendemos que os problemas trazidos no Capítulo *Pandidáscalo*, na *Pampaedia*, são desdobramentos dos princípios da *Didática Magna*.

Utilizamos o recurso dos esquemas para apresentar as correções que Comenius propõe para que se torne um modelo perfeito de educador. As correções têm seus fundamentos nos princípios da natureza e da tipografia.

Assim temos, por exemplo, para o **Professor: modelo de clareza**, que ao seguir os passos da **natureza** ele deve apresentar uma matéria de cada vez, fazer as coisas no seu devido tempo e lugar, partir das coisas mais simples para as mais complexas, e este mesmo **Professor: modelo de clareza**, em segundo momento, ao seguir a **tipografia**, deve ilustrar com palavras, ler, reler, explicar. Com o novo modelo não será perdida a raiz do princípio que parte da natureza, ele “[...] incorpora, engloba e supera o modelo natural anterior” (GASPARIN, 1994, p.90).

São adaptações mecanizadas que buscam sempre a repetição das coisas, a uniformidade, tudo com vistas à perfeição, precisão, rapidez, economia de tempo e fadiga. “O novo protótipo da arte de ensinar é uma produção, uma criação puramente humana, social, histórica” (GASPARIN, 1994, p. 83). O professor universal será aquele que englobar esses dois momentos num terceiro momento, formando o pandidáscalo, modelo absolutamente perfeito, que tem a incumbência de tornar os homens totalmente perfeitos.

Assim, o professor poderá assumir todos esses modelos e atingir a perfeição, se seguir o modelo da natureza realizando as correções de cada princípio e imitar as artes

mecânicas, a tipografia, tornando-se assim um pandidáscalo. Um professor perfeito em todas as coisas. Mas como explicar então esse professor que precisa deter todas as qualidades diante da divisão do trabalho? Como se trata de um período de transição, e ainda é incipiente divisão do trabalho, o verdadeiro mestre deve ser considerado em sua totalidade desde a sua formação cristã, a ciência, a prudência e a piedade e assim deve formar seu aluno.

Mas o professor em sua ação começa a aplicar técnicas similares ao novo modo de trabalho, como ensinar para muitos alunos, dividir as matérias, dividir os horários. Sua tarefa começa a adotar novos aspectos, porém, ainda deve ser detentor de todas as qualidades. Assim “o professor continuava executando a totalidade do processo de seu trabalho; não chegava a ser um trabalhador parcelar” (GASPARIN, 1994, p. 139).

8. REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Martins fontes. 2. ed. São Paulo. 1998.
- ARAÚJO, Bohumila Sampaio de. **A atualidade do pensamento pedagógico de Comenius**. Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996.
- AURÉLIO. Dicionário eletrônico, 2009.
- CONTE, Giuliano. **Da crise do feudalismo ao nascimento do capitalismo**. 2. ed. Editorial Presença. 1984.
- COMENIUS. **Didática Magna**. 3. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- COMENIUS. **Didáctica Magna**. 2. ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1976.
- COMENIUS. **Pampaedia**. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971.
- COMENIUS. “Norme per um buon ordinamento delle scuole”. *In*: LIMITI, Giuliana. **Studi e testi comeniani**. Roma, Ateneo, 1965.
- COMENIUS. “Precetti sul comportamento”. *In*: LIMITI, Giuliana. **Studi e testi comeniani**. Roma, Ateneo, 1965.
- COVELLO, Sérgio Carlos, 1947. **Comenius: a construção da pedagogia**. 2. ed. São Paulo - SP. Sociedade Educacional João Amós Comenius, 1992.
- DOBB, Maurice. **A Evolução do capitalismo**. 6. ed. Zahar Editores. 1977.
- GASPARIN, João Luiz. **Comênio ou da arte universal de ensinar tudo a todos totalmente**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.

GASPARIN, João Luiz. **Comênio ou da arte universal de ensinar tudo a todos totalmente**. Campinas, SP. Papirus, 1994.

GREEN, V. H. H. **Renascimento e reforma: a europa entre 1450 e 1660**. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1984.

HEERS, Jacques. **O trabalho na idade média**. 2. ed. Publicações Europa-América, 1965.

HILL, Chistopher. **A revolução inglesa de 1640**. 2. ed. Editorial Presença Ltda., 1981.

KULESZA, Wojciech A. **Comenius: a persistência da utopia em educação**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1992.

LEFRANC, Abel. **A vida quotidiana no tempo do Renascimento**. Edição Livros do Brasil. Lisboa, 19--.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2005.

LEONTIEV, Aléxis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte. 1975.

LIMITI, Giuliana. **Studi e testi comeniani**. In: "Introduzioni ai testi". Roma, Ateneo, 1965.

LOPES, Edson Pereira. **O conceito de teologia e pedagogia na didática magna de Comenius**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

MARX, Karl. A origem do capital. **A acumulação primitiva**. 4. ed. - Global Editora e Distribuidora Ltda., 1981.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 4. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1987.

MARX, Karl. **O Capital - crítica da economia política**. 10. ed. Livro 1, Volume I, 1985.

NARODOWSKI, Mariano. **Comenius & a educação**. 2. ed. 1 reimpressão - Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RABELAIS, François. **O gigante gargântua**. São Paulo. Clube do Livro, 1961.

REVISTA HISTEDBR On line. Disponível em:
<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edições/31/art08_31.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2009. ALVES, Gilberto Luiz. **Formação de professores: uma necessidade de nosso tempo?** Campinas, 2008.

SWEEZY, Paul e outros. **A Transição do feudalismo para o Capitalismo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

WOORTMANN, Klass. **Religião e ciência no renascimento**. Editora Universidade de Brasília, 1997. Brasília-DF.